

MARIA CLÁUDIA DE MESQUITA

**REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA HISTÓRIA BRASILEIRA
DO SÉCULO XIX: estudo comparativo entre os romances
históricos de Márcio Souza e os de Erico Verissimo**

ASSIS

2019

MARIA CLÁUDIA DE MESQUITA

**REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA HISTÓRIA BRASILEIRA
DO SÉCULO XIX: estudo comparativo entre os romances
históricos de Márcio Souza e os de Erico Verissimo**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para obtenção do título de Doutora em Letras. (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientador: Benedito Antunes

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

ASSIS

2019

M582r

Mesquita, Maria Cláudia de

REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA HISTÓRIA
BRASILEIRA DO SÉCULO XIX : estudo comparativo entre
os romances históricos de Márcio Souza e os de Erico
Verissimo / Maria Cláudia de Mesquita. -- Assis, 2019
299 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Assis

Orientador: Benedito Antunes

1. Romance Histórico. 2. Erico Verissimo. 3. Márcio Souza.
4. O tempo e o Vento. 5. Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro. I.

Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências e Letras, Assis. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

TÍTULO DA TESE: REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS DA HISTÓRIA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX:
estudo comparativo entre os romances históricos de Márcio Souza e os de Érico
Veríssimo

AUTORA: MARIA CLAUDIA DE MESQUITA

ORIENTADOR: BENEDITO ANTUNES



Aprovada como parte das exigências para obtenção do Título de Doutora em LETRAS, área:
Literatura e Vida Social pela Comissão Examinadora:

Prof. Dr. BENEDITO ANTUNES
Departamento de Literatura / UNESP/Assis

Profa. Dra. SIMONE DE SOUZA LIMA
Centro de Educação, Letras e Artes / UFAC/Rio Branco

Prof. Dr. IVAN MARCOS RIBEIRO
Instituto de Letras e Linguística / UFU/Uberlândia

Profa. Dra. CLEIDE ANTONIA RAPUCCI
Departamento de Letras Modernas / UNESP/Assis

Prof. Dr. ALVARO SANTOS SIMÕES JUNIOR
Departamento de Literatura / UNESP/Assis

Assis, 07 de fevereiro de 2019

À minha família, por todo apoio, dedico.
Em especial à minha filha, que ainda em meu ventre, é minha inspiração na
elaboração final desta tese.

AGRADECIMENTOS

À CAPES, pois o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao Prof. Benedito Antunes, por ter acolhido este projeto, apoiado minhas ideias e pela constante orientação segura, que resultou nesta tese.

Ao Programa de Doutorado-Sanduíche no Exterior (PDSE/CAPES), pela concessão de bolsa de estudos no exterior, que possibilitou a realização de pesquisas na Universidade de Manchester, Inglaterra.

À Prof. Lúcia Sá, por ter aceitado o projeto de Doutorado Sanduíche, realizado junto à Universidade de Manchester, Inglaterra, sob sua atenta supervisão e importantes direcionamentos.

À Secretaria Estadual de Educação de São Paulo, em especial à Diretoria de Ensino da região de Sumaré, pelo apoio e pela concessão de afastamento não-remunerado para o desenvolvimento desta tese. Aos colegas de trabalho, PCNPs desta Diretoria, pela força e torcida constantes durante a jornada inicial deste Doutorado.

Ao grupo de pesquisa Galabra, na Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, pela recepção e valiosas discussões iniciais da pesquisa, realizadas em 2015.

Aos professores da Graduação e da Pós-Graduação em Letras da Unesp/Assis, por todos os ensinamentos e encaminhamentos que possibilitaram o contato com a pesquisa e toda minha formação profissional. Em especial aos professores Cleide Rapucci e Álvaro Santos Simões Junior, pelas leituras atentas e valiosas contribuições durante o Exame de Qualificação bem como na Banca de Defesa.

Aos professores Simone de Souza Lima e Ivan Ribeiro que contribuíram com seus conhecimentos compondo a banca de Defesa e proporcionaram reflexões para esta e futuras pesquisas.

Aos funcionários da Seção de Pós-Graduação, por sempre auxiliarem prontamente na solução de dúvidas e elaboração de documentos.

À minha família, meus pais Airton e Lúcia, meus irmãos André e Denise e minha sobrinha Yara, por serem meu porto seguro em Assis e me apoiarem em todas as etapas deste trabalho.

Ao meu esposo, Érico, por todo o suporte, apoio, carinho, compreensão e amor necessários.

A todos que auxiliaram direta ou indiretamente a elaboração desta tese, agradeço.

Sozinha no seu quarto, sentada na sua cadeira de balanço, e enrolada no seu xale, a velha Bibiana espera... [...] Mas guerra para ela não é novidade. Tudo isso já aconteceu antes, muitas, muitas vezes. Viu guerras e revoluções sem conta, e sempre ficou esperando. Primeiro, quando menina, esperou o pai; depois, o marido. Criou o filho, e um dia o filho também foi para a guerra. Viu o neto crescer, e agora Licurgo também está na guerra. Houve um tempo em que ela nem mais tirava o luto do corpo. Era morte de parente em cima de morte de parente, guerra sobre guerra, revolução sobre revolução. Como o tempo custa a passar quando a gente espera! Principalmente quando venta. Parece que o vento maneia o tempo.

(VERISSIMO, 2013, p. 33 e 34)

Volto a entregar-me ao arbítrio da memória que, ao tomar-me gentilmente pela mão, deverá conduzir-me ao largo das ilusões e assim regressarei ao passado, ao tempo em que os sonhos de minha geração foram postos à prova, ao instante em que um país entrou em agonia e morreu.

Sim, os países morrem.

(SOUZA, 1997, p. 182)

MESQUITA, Maria Cláudia de. **Representações literárias da história brasileira do século XIX: estudo comparativo entre os romances históricos de Márcio Souza e os de Erico Verissimo**. 2019. 300 f. Tese. (Doutorado em Letras). – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2019.

RESUMO

Os romances históricos apresentam fatos históricos ficcionalizados, ou seja, recriados para a literatura. Neste trabalho foram analisados os três primeiros volumes que compõem a tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, de Márcio Souza, e os livros da primeira parte da trilogia *O Tempo e o vento*, de Erico Verissimo. Tais romances tratam das guerras separatistas ocorridas nas regiões Norte e Sul do Brasil no século XIX, sendo a Cabanagem e a Farroupilha, respectivamente. Márcio Souza dedica sua tetralogia a Erico Verissimo, demonstrando uma afinidade inicial entre suas obras, embora com projetos literários diferentes: enquanto o escritor gaúcho narra a construção e a formação de uma identidade para a região sul do país, o autor amazonense traz uma região despedaçada e desconstruída tanto pela chegada dos estrangeiros como pela negação dos que ali viviam. A crítica social está presente nos dois autores e busca denunciar as desigualdades presentes desde o século XIX no Brasil. Nesta análise destacam-se os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos de cada região naquela época que são apresentados nos romances. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é realizar um estudo comparativo entre esses romances e observar como as características que os compõem se estruturam para traçar um panorama histórico, considerando que o tempo da história (enunciado) é semelhante nos dois universos ficcionais, mas o do discurso (enunciação) é diferente, contando inclusive com diferentes narradores. Os romances apresentam também diferentes posicionamentos quanto ao contexto de produção de cada autor. Enquanto os de Erico Verissimo ainda alimentam uma esperança no futuro, os de Márcio Souza são marcados por um clima de poucas ilusões quanto à luta pela transformação social.

Palavras-chave: Erico Verissimo. Márcio Souza. Romance Histórico. *O tempo e o vento*. *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*.

MESQUITA, Maria Cláudia de. **Literary representations of nineteenth-century Brazilian history: a comparative study between the historical novels of Márcio Souza and Erico Verissimo.** 2019. 300 p. Thesis (PhD in Language and Literature) – São Paulo State University (UNESP), School of Sciences, Humanities and Languages, Assis, São Paulo, Brazil, 2019.

ABSTRACT

Historical novels present fictionalized historical facts, that is, recreated for literature. In this research the first three books that compose the tetralogy “*Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*”, by Márcio Souza and the books of the first part of the trilogy “*O Continente*”, by Erico Verissimo, were analyzed. These novels tell of the separatist wars that took place in the northern and southern regions of Brazil in the nineteenth century, “Cabanagem” and “Farroupilha”, respectively. Márcio Souza dedicates his tetralogy to Erico Verissimo demonstrating an initial affinity between his literary works, although, with different literary projects: while the writer from the south (Erico Verissimo) narrates the construction and the formation of an identity for the southern region of the country, the Amazonian author brings a shattered region and deconstructed both by the arrival of the foreigners and by the denial of those who lived there. Social criticism is present in both authors and seeks to denounce the inequalities present since the nineteenth century in Brazil. This analysis highlights the social, cultural, political and economic aspects of each region at that time, presented in these novels. Thus, the purpose of this research is to carry out a comparative study between these novels and how they are structured to draw a historical panorama, considering that the time of history (statement) is similar in the two fictional universes, but that of the discourse (enunciation) is different, including the narrators. The novels also present different positions regarding the context of each author's production. While those of Erico Verissimo still fuel hope in the future, those of Márcio Souza are marked by a climate of few illusions about the struggle for social transformation.

Keywords: Erico Verissimo. Márcio Souza. Historical novel. *O tempo e o vento*. *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1:	Capa de <i>Lealdade</i> (1997), de Márcio Souza	77
FIGURA 2:	Capa de <i>Desordem</i> (2001), de Márcio Souza	110
FIGURA 3:	Capa de <i>Revolta</i> (2005), de Márcio Souza	146
FIGURA 4:	Capa da edição de 2013 de <i>O tempo e o vento</i> (1949), <i>O Continente</i> , parte I, de Erico Verissimo	184

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	13
1. Tempo Narrativo: enunciação e enunciado	19
1.1 Palavras do Sul: Erico Verissimo – vida e obras	28
1.2 Erico Verissimo e a Imprensa	33
1.3 Palavras do Norte: Márcio Souza – vida e obras	48
1.4 Márcio Souza: Mídia e Crítica	54
1.5 Erico Verissimo: projeto de nação e inspiração?	62
1.6 A questão do Nacional: Nacionalismo ainda sem nação?	70
2. O Corpus selecionado: apresentação e leitura	77
2.1 <i>Lealdade</i> (1997), Márcio Souza	77
2.2 <i>Desordem</i> (2001), Márcio Souza	110
2.3 <i>Revolta</i> (2005), Márcio Souza	146
2.4 <i>O Tempo e o Vento</i> (1949) - <i>O Continente I</i> , Erico Verissimo	183
3. Século XIX no Brasil: Conflitos e contrastes	239
3.1 As mulheres na guerra: <i>Ana Terra</i> e Simone/Anne-Marie	244
3.2 Questões de gênero e preconceitos	262
3.3 Conflitos e contrastes	268
3.4 Da periferia para o Centro: o romance histórico resgatando o século XIX na região Norte brasileira	279
3.5 O centro e a periferia	282
CONSIDERAÇÕES FINAIS	289
REFERÊNCIAS	293

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A Literatura Brasileira tem apresentado grandes nomes que expressam características regionais como Guimarães Rosa, José Lins do Rego, Jorge Amado e Erico Verissimo. Neste âmbito, temos representantes das regiões Nordeste e Sul do Brasil e, nos últimos anos, Márcio Souza trouxe um panorama não apenas regional, mas histórico do Norte do país.

Nesta tese comparamos as escolhas que Erico Verissimo e Márcio Souza realizaram para compor seus romances históricos sobre a formação das regiões periféricas e geograficamente opostas do Brasil (Norte e Sul). As oposições parecem não estar somente geolocalizadas, mas principalmente na escolha de como são apresentadas literariamente sendo: em um a construção e a formação, destacando as famílias e a trajetória de seus descendentes em oposição à desconstrução, ao dismantelamento e à sequência enviesada pela falta de um herdeiro legítimo, sendo continuada por um afilhado avesso às regras e à moralidade, sem constituir família nem descendentes.

Em Erico Verissimo é a família dos Terra que se fixa nas terras do Estado do Rio Grande do Sul vindos do interior de São Paulo - Sorocaba – para a terra dos sonhos, idealizada pelo avô de Ana Terra que era um bandeirante paulista. Já no Grão-Pará a família do protagonista não desejava morar na colônia e o narrador-protagonista nasce durante uma viagem de pesquisa botânica relacionada ao trabalho de seu pai. Os pais do narrador são portugueses e este se identifica com a terra de origem de seus antepassados. Em Verissimo também há o desejo de retornar à terra onde nasceram, mas por uma crítica ao duro cotidiano da vida isolada no campo em oposição às possibilidades de casamento para uma moça que vivesse na cidade.

A gravidez de Ana Terra (personagem de *O tempo e o Vento*, de Erico Verissimo) causada pelo desejo a Pedro Missioneiro - índio mestiço – se contrapõe à de Anne-Marie (personagem de *Desordem*, de Márcio Souza) na medida em que ambas engravidam de homens nascidos naquele território. No entanto, o desfecho é completamente diferente, pois Ana decide ter seu filho, mesmo solteira e tendo seu amado assassinado por seus irmãos e por seu pai enquanto Anne-Marie decide sozinha realizar um aborto – daquele que seria o

primeiro filho de Pedro Barata. A coincidência dos nomes dos casais revela um diálogo explícito entre as obras apresentando de forma singular o resultado das decisões de cada uma das Anas (Ana e Anne).

Ana e Anne-Marie são duas mulheres fortes que resistem a diferentes abusos e violências e buscam comandar suas próprias vidas enfrentando as dificuldades, amando e se expressando de acordo com seus princípios. Ambas vivem no século XIX em períodos de guerras e revoluções com postura de liderança e comando.

Da trilogia de Erico Verissimo foi analisada apenas a primeira parte, *O Continente I*, por apresentar a narrativa referente ao século XIX, quando ocorreram as guerras com objetivos separatistas na região Sul do Brasil. Paralelamente a este período, houve as lutas que visavam também à independência do Norte brasileiro retratadas na tetralogia de Márcio Souza. Foi estabelecido, desta forma, um recorte tanto temporal quanto pela temática desenvolvida nestes romances históricos selecionados. Além disto, há também a forma como os autores abordam a temática histórica e o gênero escolhido que busca a valorização da região em relação ao restante do país.

Na tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, de Márcio Souza e na trilogia *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo, são apresentadas, ficcionalmente, as representações literárias da história brasileira do século XIX. O constante diálogo entre os referidos autores explicita-se já na dedicatória que Márcio Souza faz no primeiro volume de sua tetralogia a Erico Verissimo.

Esta tese se divide em três partes: a apresentação dos autores e a questão do tempo da enunciação e do enunciado; a apresentação do *corpus* selecionado; e os conflitos e contrastes entre as obras que encaminham este estudo comparativo. Na primeira parte, há a apresentação dos autores e suas relações com a imprensa, além do projeto de nação apresentado literariamente tanto por Erico Verissimo quanto por Márcio Souza e a questão do tempo do enunciado que os aproxima e o tempo da enunciação que os afasta, resultando em diferentes realizações. A segunda parte traz a apresentação e as leituras de cada um dos romances (*Lealdade* (1997), *Desordem* (2001) e *Revolta* (2005), de Márcio Souza; *O Continente I* (1949), de Erico Verissimo) relacionados aos projetos de cada autor, destacando os pontos de vista dos narradores em cada volume. Na terceira parte destacam-se os conflitos e contrastes em que são

abordadas as questões relacionadas ao gênero, os preconceitos e a narrativa das mulheres durante as guerras, com foco nas personagens Ana Terra (Erico Verissimo) e Anne-Marie (Márcio Souza). As relações entre centro e periferia, os regastes de memórias, bem como a dialética da ordem e da desordem, de Antonio Candido (1970), que se estabelecem nestes romances também são discutidos. Além disso, abordamos o contexto de produção de cada autor e como isso determinou seus projetos literários, sendo Erico com um panorama de construção da história da região Sul do país, quando ainda havia esperança em um futuro diferente a ser conquistado, enquanto Márcio apresenta uma narrativa fragmentada, marcada pela desilusão frente às possibilidades que poderiam ter surgido com a independência definitiva da região Norte.

O romance histórico é um gênero híbrido que apresenta uma releitura ficcional do passado, sem ter, desta forma, um compromisso com a historiografia tradicional. Assim, a ficção pode dar voz aos que supostamente vivenciaram os acontecimentos, ou poderiam ter sido agentes da história. Desta maneira, nos romances históricos de Márcio Souza e Erico Verissimo são protagonistas aqueles homens comuns, criados na ficção e para a ficção, que poderiam ter lutado até perderem as suas vidas para conseguirem que seu território fosse uma nação livre e independente.

Algumas características apresentadas por Seymour Menton (1993) sobre o que ele chamou na época de “novo romance histórico” coincidem com as que Linda Hutcheon classifica como metaficção historiográfica. Dentre estas características pode-se destacar a distorção consciente da história, que faz uso de anacronismos, omissões ou exageros; a ficcionalização de personagens históricos conhecidos; a utilização da metaficção ou comentários do narrador sobre o processo de criação e a intertextualidade. Tais características são observadas no *corpus* que compõe este trabalho e para tornar a definição mais clara, tanto os romances da trilogia de Erico Verissimo quanto os da tetralogia de Márcio Souza, serão denominados romances históricos.

O narrador, no romance histórico, é apenas aquele que une, a seu modo, as diferentes, e por vezes contraditórias, ideias dos personagens. O narrador é o veículo, pois a obra que une todas essas vozes só se realiza verdadeiramente na leitura, pois o leitor, a partir de suas leituras anteriores, é quem deverá dar

um sentido àquelas vozes todas, que ele reconhece como parte de discursos anteriores. O texto, assim, é constituído a partir dos outros discursos.

Para Frederic Jameson (2007, p. 188), um dos aspectos que qualificam um romance histórico é o fato de ele ter em seu centro um evento histórico paradigmático como, por exemplo, uma revolução ou uma guerra. Na tetralogia de Márcio Souza, o que se observa é a criação dos romances históricos tendo como elo o período da história do Norte do Brasil que vai da invasão de Caiena pelo exército português à Guerra dos Cabanos que modificou a estrutura política e social do Grão-Pará e Rio Negro. Na primeira parte da trilogia de Erico Verissimo é a Revolta dos Farrapos que aparece como pano de fundo no período de 1835 a 1845, além das disputas anteriores pela manutenção ou expansão de suas fronteiras.

Jameson (2007, p. 192) afirma que o romance histórico pode descrever os costumes e os valores de um povo, representar grandes eventos históricos, a vida de indivíduos comuns ou a vida privada de grandes personagens históricos, desde que estes aspectos se organizem na intersecção entre o plano histórico ou público e o plano individual ou existencial. Estes aspectos estão presentes nas *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* na medida em que cada livro apresenta um personagem diferente contando uma parte dessa história, havendo, desta forma, um constante cruzamento entre os dois planos, o histórico e o individual. Já na trilogia de Erico Verissimo, o cruzamento entre o plano particular e o público é notado pelas mudanças sofridas pelas diferentes famílias e cada personagem em particular refletir as modificações da região ao longo dos anos, devido, é claro, ao período de guerra.

A questão dos valores e costumes daquela sociedade criada por Erico Verissimo em seu romance histórico é muito bem descrita pelo crítico literário Antonio Candido como “uma sociedade viva e articulada” e que o escritor constrói “uma narrativa que parece animada pela alma do Rio Grande do Sul” (CANDIDO, 2001, p. 15).

Márcio Souza elege personagens que representam indivíduos comuns - o que coincide com o romance histórico tradicional, segundo Lukács (1977) - como o militar Fernando, protagonista do primeiro volume, cheio de dúvidas sobre a sua nacionalidade, sobre a qual “país” deveria servir, indicado já pelo título – *Lealdade* (1997) –, pois, em meio a tantos conflitos, ser fiel a que, ou a quem.

Em *Desordem* (2001), a narração é da francesa por quem Fernando se apaixonara e tem-se a perspectiva feminina e europeia dos fatos. Em *Derrota* (2005), a visão é de um jovem, registrada em um diário que pretende apresentar o seu cotidiano em meio à guerra civil. Erico Verissimo também faz uso deste recurso de representar pessoas comuns que poderiam ter vivido naquele período, como o personagem Ana Terra que luta para vencer os obstáculos que o período lhe impõe.

A análise se justifica por apresentar um estudo comparativo entre as obras de dois grandes escritores da literatura brasileira, com reconhecimento internacional, que narram ficcionalmente os fatos históricos marcantes de suas regiões, que apesar de serem opostas geograficamente, Norte e Sul, tiveram no mesmo período histórico, no século XIX, o desejo de se separarem do território brasileiro por apresentarem culturas e economias muito diferentes do restante do Brasil e não se identificarem com a economia, a política e a cultura que lhes seriam impostas.

Para compor o *corpus* foram escolhidas as obras que fazem parte da tetralogia de Márcio Souza e que servem como texto de partida e chegada, e as obras da primeira parte da trilogia de Erico Verissimo, *O Continente*, que foi o material base para a comparação. A maior parte do *corpus* pertence à produção realizada no século XX, com exceção de dois volumes de Souza publicados em 2001 e 2005, início do século XXI, e apresenta memórias de relevantes acontecimentos históricos brasileiros sob a luz da literatura, da ficção.

As pesquisas sobre o escritor amazonense Márcio Souza iniciaram-se ainda durante a preparação para o processo seletivo de Mestrado, resultando na Dissertação sobre o primeiro volume da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*. A dedicatória deste volume, bem como as referências ao autor gaúcho e sua trilogia nos instigaram a propor esta análise comparativa. Logo no início das pesquisas, em 2015, durante a elaboração do projeto de investigação para o período de Doutorado Sanduíche no Exterior, participamos do grupo Galabra: Grupo de Estudos da Cultura (Galícia/Portugal/África/Brasil), na Universidade de Santiago de Compostela, Espanha, onde discutimos e reelaboramos o projeto inicial de pesquisa. Em 2017, realizamos durante um semestre as pesquisas do Programa de Doutorado Sanduíche na Universidade de Manchester, Inglaterra, com financiamento da CAPES/PDSE, onde desenvolvemos as pesquisas sobre

as relações de periferia e centro estabelecidas nos romances, com a supervisão da pesquisadora em literatura brasileira Lúcia Sá.

Assim, o objetivo deste trabalho é realizar um estudo comparativo entre estes romances históricos e observar como as características que os compõem se estruturam para traçar um panorama local, considerando que o tempo do enunciado (narrativa) é semelhante, mas o da enunciação é diferente entre eles.

Os projetos literários, tanto de Erico Verissimo quanto de Márcio Souza, embora elaborados em épocas diferentes, sendo o de Erico Verissimo em meados do século XX e os de Márcio Souza no fim do século XX e início do XXI, convergem para o desejo de apresentar e dar ênfase à história das regiões Sul e Norte brasileiras, respectivamente.

Vale ainda ressaltar que, mais que as marcas textuais apresentadas, o núcleo da homenagem de Márcio Souza a Erico Verissimo está no fato de o escritor amazonense querer exaltar a história de uma região igualmente periférica e fortemente rebelde com relação ao resto do Brasil que acabou sendo incorporadas à força ao Reino Unido do Brasil. Essas regiões opostas tinham a mesma vontade separatista, uma cultura de não-integração ao Brasil, que no Norte culminou com a Cabanagem e no Sul com a Guerra dos Farrapos. As ideias separatistas vindas do Rio Grande do Sul ganharam, ao longo da história, um reconhecimento que, provavelmente, Márcio Souza também buscava para o Norte do país. Eram regiões afastadas do centro de decisões políticas - Rio de Janeiro - e cada uma possuía características particulares tanto de cultura como de economia, fomentando o sonho de liberdade e independência política. Regiões geograficamente distantes, no entanto, ideologicamente próximas.

Frente ao exposto, observamos que mesmo com projetos literários diferentes estes autores buscam apresentar famílias que transitaram por regiões brasileiras isoladas do centro de poder político, mas que não se acomodaram e foram em busca de uma independência, dando destaque aos aspectos locais que caracterizam esses espaços. O contexto em que estas obras foram publicadas pode indicar as escolhas e definições de cada autor, o que buscamos esclarecer a seguir.

1. Tempo Narrativo: Enunciação e Enunciado

Percy Lubbock, crítico inglês, afirma que o trabalho com a narração é fundamental para o romance. Considerando este trabalho, os narradores utilizam técnicas de *mostrar* (*showing*) e *contar* (*telling*), sendo que suas intervenções estariam mais ligadas ao contar. Lubbock relaciona esta dupla aos conceitos de cena e sumário, relacionadas também a mostrar um acontecimento (cena) ao leitor diretamente ou posicionar-se como um mediador que conta seu resumo (sumário) e muitas vezes condensa informações. Desta maneira, Lubbock considera que a cena reduz a ação enquanto o sumário pode distanciar o leitor ampliando aspectos no tempo e no espaço. Lubbock destaca que estes usos se alternam nas narrativas, e esta alternância seria essencial no planejamento de um livro, assim: “Quase sempre, porém, esperamos que a cena, logo depois, dê lugar a uma espécie de crônica ou sumário, e que este, por sua vez, prepare o caminho para a conjuntura que o remata.” (LUBBOCK, 1976, p. 51)

Este posicionamento de Lubbock sobre o narrador foi contestado em seguida tanto por romancistas quanto críticos que o consideraram muito normativista, principalmente ao condenar o narrador que interfere na narrativa ou que muda o ponto de vista narrativo no mesmo romance.

Edward Morgan Forster, escritor e crítico literário, afirma sobre o romance: “a base do romance é uma estória, e uma estória é uma narrativa de eventos dispostos conforme a sequência de tempo” (FORSTER, 2004, p. 57). Sobre o narrador, Forster pondera que estas mudanças apresentadas podem ser válidas desde que correspondam ao tema ou ao efeito que se queira conseguir.

Forster apresenta o romance de Scott, *The Antiquary*, para exemplificar a importância de se saber contar uma história que mantivesse o leitor em suspense. O crítico elogia a naturalidade com que Scott acrescenta novos personagens à história e conclui: “*The Antiquary* é um livro no qual a vida no tempo é instintivamente celebrada pelo romancista, e isso deve levar ao afrouxamento da emoção e à superficialidade do juízo, e em particular a esse costume idiota do casamento como *finale*” (FORSTER, 2004, p. 63 e 64). A crítica ao romance se relaciona à máxima defendida por Forster de que o romance deve contar uma história.

Para entender uma história existem dois fatores importantes destacados por Forster: “A memória e a inteligência estão intimamente ligadas: só podemos compreender se lembrarmos” (FORSTER, 2004, p. 109). Esta afirmação foi utilizada para os romances em geral, mas no contexto de nossa pesquisa se relaciona estreitamente ao romance histórico que retoma fatos históricos marcantes e reaviva a memória dos narradores, em primeiro momento e, posteriormente, dos leitores a partir do resgate destas memórias narradas, mesmo que ficcionalmente, que podem proporcionar a compreensão ao leitor do universo apresentado.

Wayne Booth apresenta a categoria do *autor implícito* em que há um mascaramento constante do autor atrás de um personagem ou de uma voz narrativa que o represente. Booth o define:

O *autor implícito* (o segundo <eu> do autor). – Até mesmo o romance em que nenhum narrador é dramatizado cria uma imagem implícita de um autor que permanece nos bastidores, como diretor de cena, como marionetista, ou como um Deus indiferente cortando silenciosamente as unhas. Este autor implícito é sempre diferente do <homem real>, o que quer que suponhamos que ele seja, o que cria uma versão superior de si mesmo, <um segundo eu>, à medida que cria sua obra [*tradução nossa*]¹ (BOOTH, 1974, p. 143).

Booth detalha em seu livro *A retórica da ficção* (1974) diferentes tipos de narração e de narradores além da categoria do *autor implícito* que selecionamos para esta pesquisa por auxiliar na compreensão da diferença entre o autor – pessoa física – e o autor implícito – presente na narrativa/ser ficcional.

Em *O tempo no Romance* (1974), Jean Pouillon traz a teoria das visões na narrativa articuladas ao tempo. Para Pouillon, o narrador-personagem teria três possibilidades: a *visão com*, a *visão por trás* e a *visão de fora*. O narrador com a *visão por trás* tem um amplo conhecimento da vida da personagem, seria onisciente, tendo conhecimento do que pensam, fazem e dizem as personagens. Na *visão com* há uma limitação do narrador que só tem os conhecimentos da

¹ “El *autor implícito* (el segundo <yo> del autor). – Incluso la novela en la que ningún narrador está dramatizado crea un cuadro implícito de un autor que permanece tras el escenario, como director de escena, como titiritero, o como un Dios indiferente silenciosamente cortándose las uñas. Este autor implícito es siempre distinto del <hombre real>, cualquier que supongamos que sea, el cual crea una versión superior de sí mismo, <um segundo yo>, a medida que crea su obra” (BOOTH, 1974, p. 143).

própria personagem. Já na *visão de fora*, o narrador limita-se a descrever os acontecimentos vistos de fora, renunciando inclusive aos conhecimentos do personagem, não mostrando os sentimentos, pensamentos, emoções nem intenções e interpretações do personagem.

Considerando as visões do narrador por Jean Pouillon, o narrador-protagonista em cada um dos romances que compõem a tetralogia de Márcio Souza teria em alguns momentos a *visão com*, possibilitando uma visão limitada e restrita aos conhecimentos de cada personagem e já em outros a *visão por detrás* em que ele se distancia de si para retomar suas memórias e justificar-se², por exemplo: Fernando narra as próprias memórias em *Lealdade*, Ane-Marie, as suas lembranças em *Desordem* e Maurício conta as suas aventuras em *Revolta*. Este recurso narrativo utilizado por Márcio Souza possibilita ao leitor ter acesso às visões de cada narrador-protagonista sobre os mesmos acontecimentos e compor a sua visão a partir das visões pessoais e restritas presentes em cada um destes romances.

Maurice-Jean Lefebvre comenta e aprofunda as reflexões sobre as visões do narrador e suas intenções que se encaixam nas escolhas apresentadas por Márcio Souza e lançam luz às considerações iniciais que poderiam surgir em relação às limitações que a *visão com* do narrador-personagem a princípio trariam:

Estar “com” alguém, portanto, não é ter deste alguém uma consciência refletida, não é conhecê-lo, é ter “com” ele a mesma consciência irrefletida de si mesmo. Com efeito, de que maneira poderíamos dele nos distinguir nesse momento? Chega-se assim por vezes a um processo corrente em determinados romances deste gênero: silencia-se quase que totalmente a respeito do que sente o herói; prefere-se mostrá-lo a viver, fazê-lo agir, e descrever esta ação de tal forma que o leitor, dela participando ficticiamente, experimente em si mesmo tudo o que o autor deixa subentendido. (LEFEBVE, 1974, p. 58)

² “Até o momento, portanto, foi possível distinguir duas formas de autobiografia: as recordações, nas quais o autor esforça-se por estar ‘com’ aquele que foi um dia, e as memórias, nas quais o autor procura rever-se a fim de julgar, justificar-se e polemizar, o que supõe que ele separa-se de si mesmo e se vê ‘por detrás’ (POUILLON, 1974, p. 45)

Diferentemente da escolha de visão de Márcio Souza, Erico Verissimo utiliza a *visão por detrás*, mostrando um narrador que conhece toda a história, sentimentos, intenções e interpretações de diferentes personagens ao longo dos séculos e possibilita inclusive que a narrativa seja apresentada de forma intercalada, tendo em *O Continente*, a narração de *O Sobrado* – narrativa de finais do século XIX dividida e numerada de I a VII - sendo interrompida pela introdução de capítulos que narram as lendas, os mitos e a formação anterior das famílias que se encontram no Sobrado. A saber, os capítulos são assim apresentados: *O Sobrado I; A fonte; O Sobrado II; Ana Terra; O Sobrado III; Um certo capitão Rodrigo; O Sobrado IV; A teiniaguá; O Sobrado V; A guerra; O Sobrado VI; Ismália Caré; O Sobrado VII*.

De acordo com a pesquisadora Regina Zilberman (1980), assim como nos romances urbanos da década de 1930, Erico Verissimo faz o uso da técnica narrativa do contraponto (ZILBERMAN, 1980, p. 80). Esta técnica é apresentada pela ordem intercalada dos capítulos que o compõem, como já exemplificado anteriormente.

Partindo das considerações da pesquisadora Lígia Chiappini Leite, sobre as visões do narrador nos romances modernos em geral, relacionamos ao *corpus* desta tese, o que exemplificaria as escolhas dos dois autores estudados para esta pesquisa por diferentes tipos de narradores. Com esta interpretação, a opção de Erico Verissimo pela *visão por detrás*: “traduziria a confiança burguesa na objetividade, na possibilidade de explicação racional e exaustiva dos fatos psicológicos e sociais” (LEITE, 2000, p. 22); enquanto a escolha de Márcio Souza pela *visão com* seria uma maneira de: “expressar a desconfiança do homem moderno na sua capacidade de apreender um mundo caótico e fragmentado, em que não consegue situar-se com clareza” (LEITE, 2000, p. 22).

Ligia Chiappini Leite explica as escolhas de visões do narrador e diante dos romances analisados nesta tese compreende-se como, mesmo com discursos temporalmente semelhantes – ambos narram as guerras separatistas ocorridas em meados do século XIX, período sob o domínio da Coroa Portuguesa nas províncias de São Pedro e Grão-Pará e Rio Negro, atualmente territórios brasileiros - o momento de produção destes romances e a intenção de seus autores determinaram as escolhas pelo recurso narrativo empregado.

Ao analisar os romances brasileiros publicados após 1964, Benedito Antunes destaca as características que surgem nestas obras produzidas durante a “perturbadora acomodação do fim do século XX” (ANTUNES, 2015, p. 28), após os momentos intensamente conturbados nos anos de 1960. Estas características que foram observadas por Antunes nos romances *Um copo de cólera* (1992), de Raduan Nassar, e *Estorvo* (1991), de Chico Buarque de Hollanda – que podem ser atribuídas também às produções de Márcio Souza analisadas nesta tese - “mais do que a abordagem direta da resistência política, o possível rescaldo de seu insucesso ou falta de perspectiva, num contexto em que restariam poucas ilusões quanto à luta pela transformação social” (ANTUNES, 2015, p. 28).

A estrutura narrativa em *O tempo e o Vento* só se consolida pela *visão por detrás* que amplia o ponto de vista e possibilita que os diferentes fatos narrados sejam explicados e as críticas sejam apresentadas em vários momentos e retomadas por este narrador que já conhece a diegese e conduz o leitor a este universo ficcional com confiança. Neste fragmento, o narrador nos conta os sentimentos, pensamentos e impressões de Bibiana quando, já idosa e com a vista prejudicada pela catarata, apenas escuta os tiros no Sobrado:

Quando ouviu o primeiro tiroteio, ficou nesta mesma cadeira, esperando e escutando. Quando as balas partiam as vidraças ou se cravavam nas paredes, ela tinha a impressão de estar vendo – não! -, de estar ouvindo uma pessoa de sua família ser fuzilada pelos inimigos. Medo não sentiu não. Teve dó. E ódio. Estragarem o Sobrado desse jeito! Mas guerra para ela não é novidade. Tudo isso já aconteceu antes, muitas, muitas vezes. (VERISSIMO, 2013, p. 33)

Logo no primeiro capítulo observa-se a antecipação dos acontecimentos de guerra que viriam a ser narrados, além da descrição detalhada dos sentimentos (“dó” e “ódio”) de Bibiana naquele contexto.

Já em Márcio Souza, cada volume que compõe a tetralogia apresenta um narrador-personagem e a sua *visão com*. A narrativa pessoal da guerra expressa a dificuldade destes personagens modernos em compreender o caos ao seu redor e a diegese é fragmentada por estas visões limitadas, pessoais e subjetivas de cada um dos narradores-personagens. Ao leitor são apresentadas *visões com* o personagem e a forma como cada um deles – um homem maduro,

uma mulher estrangeira e um jovem aventureiro – enfrentaram os conflitos tanto os psicológicos quanto os externos, como as guerras, batalhas e disputas territoriais.

Ao descrever a guerra em Caiena – momento em que o exército português invade o território francês localizado ao norte da colônia do Grão-Pará e local em que o protagonista de *Lealdade* (1997) conhece Simone, sua amada – Fernando resume a cena da batalha e valoriza as realizações em seu chamado “batismo de fogo”:

Quando nossas embarcações se aproximaram da linha de fogo, os franceses dispararam seus canhões. Era o meu batismo de fogo, e meu coração pulsou mais rápido e convulso, como se desejasse escapar-me pela boca, quando o ar foi tomado pelos estrondos e assobios dos petardos que nos atingiam. São momentos como esse que minha geração possui e que nenhuma outra terá. Por muitos anos poderemos recordar, ou generosamente partilhar com os menos afortunados que aqui não estiveram. Poderemos deixar nossos interlocutores atônitos, mas nunca o fato de estarmos aqui, a cheirar o acre odor de pólvora e a tossir em meio à fumaça negra dos incêndios se repetirá. (SOUZA, 1997, p. 75)

Este narrador-protagonista descreve sucintamente o sentimento angustiante de estar no meio de um confronto armado, “na linha de fogo” pela primeira vez. O sentimento de estar na guerra é descrito mais brevemente em comparação à valorização das memórias de ter vivido aquele episódio.

No segundo volume a narrativa da francesa Anne-Marie demonstra todo o sofrimento da personagem por estar naquela terra em que ela não desejara estar e as reflexões sobre os problemas no espaço anterior e no atual:

Fui jogada para este canto do mundo, e hoje eu me pergunto quais divindades dos abismos me trouxeram para cá, para esta terra inacessível. Quais forças demoníacas desencadearam os influxos de violência e intolerância que acabaram por me envolver. Teriam sido as mesmas forças que em minha terra natal libertaram os monstros da noite? (SOUZA, 2001, p. 32)

No terceiro volume, *Revolta*, a narrativa é contada pelo jovem Maurício, afilhado de Fernando – protagonista do primeiro volume – e que assume os adjetivos pejorativos referentes ao seu comportamento frequente como assediador de mulheres, por ser egoísta e não valorizar o trabalho, mas se

questiona sobre as reais intenções de seu padrinho ao deixar-lhe uma fortuna de herança:

O que não se explica a este devasso, imprestável e irresponsável é o verdadeiro motivo da herança que recebi. Por que o coronel Fernando deixaria para mim, e só para mim, um quarto de sua fortuna? Especialmente aquela parte em divisas fortes que está em bancos de Portugal e da Inglaterra? Por que esta generosidade com um afilhado que mal conheceu? (SOUZA, 2005, p. 144)

Como este narrador-personagem se propõe a escrever um diário, seus pensamentos e suas dúvidas são expostos diretamente ao leitor. Maurício, de acordo com a categorização de Pouillon (1974), tem a *visão com* e, desta forma, os acontecimentos narrados são limitados aos conhecimentos e reflexões deste personagem. Desta forma, o leitor não tem antecipada, por exemplo, a motivação de seu padrinho nem a confirmação da paternidade.

Theodor Adorno escreve sobre o narrador do romance contemporâneo e apresenta as dificuldades de produção diante de uma sociedade individualista e impaciente para “sentar-se e ler um bom livro”. Adorno destaca que esta dificuldade não se dá apenas devido à falta de paciência e concentração do leitor, mas “sim à matéria comunicada e à sua forma” (ADORNO, 2003, p. 56).

Adorno compara que assim como a pintura perdeu muitas funções para a fotografia, o romance enfrentou com dificuldades a reportagem e os meios da indústria cultural como o cinema, chegando também a perder algumas funções. Assim:

O romance precisaria se concentrar naquilo de que não é possível dar conta por meio do relato. Só que, em contraste com a pintura, a emancipação do romance em relação ao objeto foi limitada pela linguagem, já que esta ainda o constrange à ficção do relato: Joyce foi coerente ao vincular a rebelião do romance contra o realismo a uma revolta contra a linguagem discursiva. (ADORNO, 2003, p.56)

O romance contemporâneo está relacionado à limitação da linguagem e, por isso, a escolha do narrador influencia a narrativa na medida em que pode trazer diferentes pontos de vista sobre ela, aproximando ou distanciando o leitor. Neste contexto de limitações, Adorno aborda o narrador que enfrentou a guerra

– como os narradores da tetralogia de Márcio Souza. A experiência vivenciada na realidade da guerra afeta a narrativa: “Basta perceber o quanto é impossível, para alguém que tenha participado da guerra, narrar essa experiência como antes uma pessoa costumava contar suas aventuras” (ADORNO, 2003, p.56). O narrador de *Lealdade* (1997) representa a experiência de narrar suas memórias de guerra, trazendo toda a amargura, as decepções, as tristezas e as dores deste período.

Roland Barthes, em *El Discurso de la História* (1972), observa que há um desaparecimento da narração histórica de forma contínua e causal para a presença de uma narração mais ideológica:

“[...] por sua própria estrutura e sem que seja necessário apelar à substância do conteúdo, o discurso histórico é essencialmente elaboração ideológica ou, para ser mais preciso, *imaginária*, se é verdade que o imaginário é a linguagem por meio da qual o enunciador de um discurso (entidade puramente linguística) ‘preenche’ o assunto da enunciação (entidade psicológica ou ideológica). Entende-se então por que a noção de ‘fato’ histórico despertou com frequência e em várias partes certa desconfiança”³ (BARTHES, 1972, p. 48) [*tradução nossa*].

Todo discurso é elaborado por meio da linguagem, sendo contestável a noção de “fato” histórico, pois, segundo Barthes, não se trata de uma “‘cópia’ pura e simples de outra existência situada em um campo extra-estrutural, o ‘real’⁴ (BARTHES, 1972, p. 48). O discurso histórico é elaborado, construído gerando muitas dúvidas e desconfianças sobre sua relação com a realidade. Já nos romances históricos há uma liberdade maior, sendo que no âmbito ficcional as recriações podem não estar presas ao discurso da historiografia tradicional.

Neste contexto, Chiappini Leite retoma os conceitos de Barthes e amplia com as considerações de Walter Benjamin sobre a existência de uma crítica à

³ “[...] por su propia estructura y sin que sea necesario apelar a la sustancia del contenido, el discurso histórico es esencialmente elaboración ideológica o, para ser más precisos, *imaginaria*, si es verdad que lo imaginario es el lenguaje por medio del cual el enunciante de un discurso (entidad puramente lingüística) ‘llena’ el tema de la enunciación (entidad psicológica o ideológica). Se comprende entonces por qué la noción de ‘hecho’ histórico ha suscitado con frecuencia y en diversas partes cierta desconfianza” (BARTHES, 1972, p. 48).

⁴ “[...] ‘cópia’ pura y simple de outra existência situada em um campo extra-estrutural, lo ‘real’ (BARTHES, 1972, p. 48)

história contada pelos vencedores em que não existe espaço para lacunas nem derrotas:

Criticar essa HISTÓRIA e seus pressupostos permitiria talvez "penteá-la a contrapelo", reescrevê-la do PONTO DE VISTA dos vencidos e dominados; datar mesmo os momentos em que a virada histórica poderia ter sido outra, talvez aquela que permitisse um mundo mais justo. Fazer uma outra HISTÓRIA, OU uma anti-HISTÓRIA, fragmentária, descontínua, que expusesse a ruína e na qual não coubesse a confiança cega no progresso. (LEITE, 2000, p. 84)

Este caminho de “pentear a história a contrapelo” - expressão de Walter Benjamin - é escolhido pelos romancistas por propiciar diferentes percursos narrativos e promover novos olhares sobre acontecimentos históricos, podendo ser a retomada da formação de uma região como Verissimo fez com o Sul, ou a não formação de um “país”, como Souza fez para o Norte. A compreensão de que os romancistas elaboram uma outra história, mesmo que fragmentária ou descontínua, é significativa por expô-la em um novo momento, possibilitando novas e diferentes interpretações/contestações.

Os narradores em cada um dos romances selecionados para esta tese apresentam diferentes olhares sobre o momento do enunciado – as guerras separatistas ocorridas no século XIX no Brasil – e são influenciados pelo momento de enunciação de cada um dos autores. Erico Verissimo elabora sua trilogia no final da década de 1940 e em meados de 1950 no Brasil e Márcio Souza na década de 1990 e início dos anos 2000. Os diferentes contextos de produção, sendo um pertencente ao período em que a esperança de conquistas e mudanças positivas ainda era alimentada e o outro produzindo em um contexto em que o país já apresentava uma democracia consolidada, levando a uma maior desilusão quanto às possíveis lutas sociais e realizações. Esses contextos de produção diferentes conduziram os romancistas a interpretações e produções literárias, a partir de fatos históricos, com resultados opostos.

1.1 PALAVRAS DO SUL: Erico Verissimo – Vida e Obras

Erico Verissimo nasceu em 1905 na cidade gaúcha de Cruz Alta/RS. Aos sete anos frequentava o Colégio Elementar Venâncio Aires e tinha aulas particulares com a professora Margarida Pardelhas que auxiliava em sua alfabetização. Em 1920, ingressa no colégio Cruzeiro do Sul – de orientação protestante - em Porto Alegre/RS, como aluno interno.

Em 1922, após a separação de seus pais, Erico retorna a Cruz Alta com a mãe e os irmãos, onde trabalha como balconista do armazém de secos e molhados de seu tio materno, Americano Lopes. É nesta venda que Erico produz seus primeiros escritos literários em pedaços de papel de embrulho e datilografados em uma velha máquina de escrever.

Erico trabalhou como bancário e, em seguida, como boticário em uma farmácia e professor particular de inglês e literatura. Em 1929, o jornalista Prado Júnior o convenceu a publicar no mensário *Cruz Alta em Revista*, o conto *Chico: um conto de Natal*. Os contos *Ladrão de gado* e *A tragédia de um homem gordo* são publicados na *Revista do Globo*, sendo enviados pelo escritor e farmacêutico Manoelito de Ornellas. Neste mesmo ano, o diretor do suplemento literário do jornal *Correio do Povo*, De Souza Júnior, edita o conto *A lâmpada mágica*, enviado pelo próprio autor. Estas publicações favoreceram para que Erico Verissimo alcançasse certa notoriedade no meio literário em Porto Alegre/RS.

Em 1931, ocupou o cargo de secretário de redação da *Revista do Globo* em Porto Alegre, após a falência de sua farmácia. Pela Seção Editora Livraria do Globo lança sua primeira tradução: *O sineiro*, de Edgar Wallace. A seguir lança mais dois livros do mesmo autor: *O círculo vermelho* e *A porta das sete chaves*. Torna-se colaborador da página dominical *Diário de Notícias* e do *Correio do Povo*. No ano seguinte assume a direção da *Revista do Globo*.

Em 1932 publicou pela Globo, a sua obra de estreia *Fantoches* - uma coletânea de histórias, em sua maioria pequenas peças de teatro. Já no final do ano seguinte, Erico publicou seu primeiro romance, *Clarissa*. Em 1934 recebeu o prêmio Machado de Assis, da Companhia Editora Nacional, por seu romance inédito *Música ao longe*.

No ano de 1935 nasceu Clarissa, primeira filha do escritor, na mesma semana que o pai dele morreu. Neste ano foi lançado *Caminhos Cruzados* que recebeu o prêmio da Fundação Graça Aranha. Este romance foi associado ao *Contraponto*, de Aldous Huxley - que Erico traduziu dois anos antes. Esta associação acabou sendo admitida pelo próprio Erico. *Caminhos Cruzados* foi mal recebido pela direita, chamou a atenção do Departamento de Ordem Política e Social do Rio Grande do Sul, levando o ficcionista a depor sob a acusação de comunismo (VERISSIMO, 2003, p. 11).

Erico publicou seu primeiro livro infantil, *As aventuras do avião vermelho*, em 1936, ano em que nasceu seu filho Luis Fernando Verissimo – que seguiria a mesma profissão do pai: escritor. Neste ano criou um programa infantil de auditório na Rádio Farroupilha, o *Clube dos Três Porquinhos*, no qual Erico improvisava histórias para as crianças ao vivo. Inspirado em algumas destas histórias, Erico continuou sua série de obras infantis, a *Coleção Nanquinote*, com *Os Três Porquinhos pobres*, *Rosa Maria no castelo encantado* e *Meu ABC*.

O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do Estado Novo, exigiu, em 1937, que Erico submetesse antecipadamente à censura as histórias apresentadas na Rádio Farroupilha para as crianças. Diante desta exigência, Erico decidiu encerrar este programa no rádio. Reagindo ao nacionalismo ufanista da ditadura Vargas, fez sua versão paradidática da história brasileira em *As aventuras de Tibicuera* (VERISSIMO, 2003, p. 11).

Em 1938 foi publicado o romance *Olhai os lírios do campo*, que obteve grande sucesso de público, sendo traduzido em vários idiomas e adaptado para o cinema e para a televisão.

Para publicar, em 1942, o livro *As mãos de meu filho* – reunião de contos e outros textos esparsos - Erico escolheu a Editora Meridiano, que era uma subsidiária secreta da Globo, utilizada para publicações que pudessem desagradar ao regime do Estado Novo.

Em 1943 Erico lançou *O resto é silêncio*. Neste ano o padre Fritzel publicou na revista *Eco*, do colégio Anchieta, de Porto Alegre, uma crítica ao livro e ao autor – esta crítica é detalhada na próxima parte desta tese: “1.2 Erico Verissimo e a Imprensa: recepção crítica em meados dos anos de 1940 e 1950”. Após a polêmica e incomodado com os rumos da ditadura Vargas, Verissimo aceitou o convite do Departamento de Estado americano para lecionar Literatura

Brasileira na Universidade da Califórnia e mudou-se com a família para Berkeley. Em 1944, recebeu o título de doutor *honoris causa* pelo Mills College, em Oakland, Califórnia e publicou um compêndio baseado em suas palestras e cursos ministrados nos Estados Unidos: *Brazilian Literature: An Outline* (1945).

Erico Verissimo se propôs a escrever uma trilogia intitulada *O tempo e o Vento* em meados de 1947, abrangendo um longo período da história brasileira, dois séculos e várias gerações familiares – período narrado abrangendo os fatos ocorridos entre 1745 e 1945.

A trilogia de Erico Verissimo se enquadra no chamado romance de 30, por apresentar a expressão cultural do povo gaúcho. Além disso apresenta aspectos psicológicos bem trabalhados em seus personagens. Os conflitos psicológicos se apresentam como característica do Modernismo juntamente com as denúncias sociais, políticas e econômicas representativas do Realismo. Esta junção caracteriza este romance histórico como neorrealista.

Erico publica também livros de viagem como *Gato preto em campo de neve* (1941), *A volta do gato preto* (1946), *México* (1957) e *Israel em abril* (1969); autobiografias como *Solo de Clarineta – Memórias* (1973) e *Solo de Clarineta – Memórias 2* (1976) e ensaios como o *Rio Grande do Sul* (1973), *Brazilian Literature – an outline* (1945), que foi traduzido pela pesquisadora Maria da Glória Bordini e publicado com o título *Breve história da Literatura Brasileira* (1995).

No ano de 1967 estreou na TV Excelsior, com direção de Dionísio Azevedo, a adaptação de *O Tempo e o Vento*, escrita por Teixeira Filho. Erico ganhou o prêmio “Intelectual do ano” (Troféu Juca Pato) em 1968, do concurso promovido pela União Brasileira de Escritores e pelo jornal *Folha de S.Paulo*. Em uma entrevista à Rosa Freire d’Aguiar, para a revista *Manchete*, em 1973, Erico, apesar de não falar muito inicialmente, conta sobre sua infância, a família e assuntos diversos. De acordo com Rosa Freire, “o escritor que não pertencera a partidos de esquerda soubera levantar sua voz contra a ditadura Vargas, a guerra do Vietnã, a censura militar” (VERISSIMO, 2003, p. 22). O engajamento do escritor não se restringiu a partidos, mas seu posicionamento transparece nas falas de seus personagens que não aceitam as desigualdades e violências sofridas pelo povo.

Ainda sobre seu posicionamento político, Erico Verissimo destaca:

Já se tem dito e escrito que eu jamais me comprometo politicamente. Ridículo! Creio que durante estes 35 últimos anos tenho me manifestado claramente sobre problemas e acontecimentos políticos e sociais de maneira que me parece coerente e inequívoca, sempre a favor da liberdade e dos direitos do homem e contra todas as formas de opressão – coisa que nem sempre poderia fazer se fosse obrigado a seguir obedientemente a linha sinuosa e muitas vezes autocontraditória dum partido político. (*Revista Realidade*, novembro de 1966)

A casa onde nasceu o escritor, em Cruz Alta/RS, é transformada no *Museu Casa de Erico Verissimo* em 1969. Este museu tornou-se em 1986, *Fundação Erico Verissimo*. Em 28 de novembro de 1975, Erico morreu subitamente de infarto do miocárdio, deixando inacabada a segunda parte do segundo volume das memórias, além de esboços de um romance que se chamaria *A hora do sétimo anjo*. No ano seguinte a sua morte, Flávio Loureiro Chaves organizou e publicou, a partir dos originais inconclusos, a edição póstuma *Solo de clarineta – Memória 2*.

Durante entrevistas, Erico constantemente analisava de forma crítica as suas obras e dentre as análises se destacava positivamente o primeiro volume da trilogia *O Tempo e o Vento*, como nestas declarações: “*O Tempo e o vento* é o mais importante no meu rebanho. E *Saga*, a ovelha negra. Não sou meu autor favorito” (*Jornal do Brasil*, 21 dez.1968). Esta consideração é repetida para a *Revista Realidade* em 1966:

O que penso de mim mesmo? Depende da ocasião. Nos momentos escuros, minha tendência é considerar tudo quanto produzi até hoje medíocre ou mesmo mau. Nas horas claras, porém, olho com mais indulgência para a minha obra e concluo que, dentre os vinte e pouco livros que escrevi até hoje, uns três ou quatro possuem alguma importância e pelo menos um deles – creio que *O Continente* – sobreviverá por algum tempo. (*Revista Realidade*, nov. 1966)

Erico considera *O tempo e o vento* como o ponto alto de sua carreira de escritor, em que ele pode demonstrar a sua maturidade na escrita, aproveitando-se de toda a experiência vivida anteriormente. Isto pode ser observado nesta declaração em tom confessional:

É preciso saber que as condições econômicas de minha vida pessoal, particular, influenciaram muito os romances que escrevi entre 1933 e 1940. Observe-se como minhas personagens dos livros dessa época se preocupavam com as contas a pagar no fim do mês. Eu trabalhava longe e durante 12 horas por dia. Traduzia livros de várias línguas para o português (mais de 40), inventava histórias para programas de rádio para a infância, armava páginas femininas para o *Correio do Povo*, tudo isso enquanto trabalhava na revista e na editora da Livraria do Globo. Tudo isso explica a pressa com que escrevi meus próprios romances naquela década de 30. Considero essa fase de minha carreira um período de exercícios em que me preparei – consciente ou inconscientemente – para a obra com que comecei a sonhar depois de 1935 e que acabou sendo publicada a partir de 1949 sob o título geral de *O tempo e o vento*.” (*Opinião*, Rio de Janeiro, 29 jan. 1973)

A minissérie *O tempo e o vento* foi transmitida em 1985 pela Rede Globo de Televisão, escrita por Doc Comparato com a colaboração de Regina Braga e direção de Paulo José. Esta minissérie tinha em seu elenco Tarcísio Meira, Glória Pires, Armando Bógus, Lélia Abramos, Lilian Lemmertz, Louise Cardoso, Lima Duarte, entre outros.

Em 2013, Jayme Monjardim, como diretor, lançou o filme *O tempo e o vento* baseado na obra de Erico Veríssimo, tendo no elenco Fernanda Montenegro, Thiago Lacerda, Cleo Pires, Marjorie Estiano, Paulo Goulart, José de Abreu, Martin Rodrigues, Cesar Troncoso, Leonardo Medeiros, Luiz Carlos Vasconcelos, Suzana Pires, dentre outros. Este filme foi transmitido posteriormente (2014) pela Rede Globo de Televisão, como minissérie, demonstrando que esta é uma obra atemporal que continua cativando o público em geral e inspirando adaptações para o cinema e para a televisão. Tal interesse comercial está relacionado também ao valor estético que a obra literária já possuía além de sua aceitação pelo público por uma narrativa envolvente e fluída.

1.2 Erico Verissimo e a Imprensa: recepção crítica em meados dos anos de 1940 e 1950

Erico Verissimo (1905 – 1975) é um consagrado escritor brasileiro com uma variada produção de contos, romances e livros de viagem. Neste capítulo apresentamos a recepção crítica publicada em periódicos brasileiros nas décadas de 1940 e 1950. O período selecionado corresponde à década anterior à publicação do primeiro volume da trilogia *O tempo e o Vento*, intitulada *O Continente* (1949), bem como os dois anos subsequentes. A seleção se justifica por buscar se houve alguma diferença no tratamento do escritor pela imprensa antes e após a publicação do romance estudado nesta tese. A trilogia apresenta um panorama da história do Rio Grande do Sul, sendo considerada atualmente como um marco na produção de Erico Verissimo.

Inicialmente a pesquisa foi realizada nas publicações dos jornais gaúchos *A Época* (1938 -1956) e *O Momento* (1933 – 1950) na década de 1940, período anterior à publicação do primeiro romance da trilogia. Vale destacar que, neste momento, o escritor é citado em suas atuações sociais e pouco nas literárias como no jornal *O Momento*, de 26 de Dezembro de 1935, nº 149, em que é publicada a informação de que Erico Verissimo foi eleito e empossado como Diretor da Associação Rio-Grandense de Imprensa (p. 6) ou na edição 294 deste mesmo jornal, de 24 de Outubro de 1938 em que ao homenagear Omar Bueno Centeno, que trabalhava na imprensa e morreu por volta dos 40 anos, o jornalista - que assinava como H. M. - faz referência à suposta citação de Verissimo de que a vida começa aos 40 anos. Há ainda a notícia, publicada em 02 de Junho de 1941, no jornal *O Momento*, edição 429, sobre a venda de “Olhai os lírios do campo”, de Erico Verissimo para o produtor cinematográfico Walter Wanger que o adaptaria para o cinema.

Em 09 de Outubro de 1939, edição 343 de *O Momento*, há uma crítica literária escrita por Antonio Chiarello intitulada *Érico Veríssimo, plagiário* em que Erico é elogiado por “plagiar a vida”, por seus personagens de *Caminhos Cruzados* (1935) aproximarem-se tanto de pessoas reais: “O assunto é a vida. E Érico Verissimo conseguiu fotografá-la admiravelmente em todos os seus caracteres, real, nítida. E não a abrangeu unilateralmente. Não.”

Chiarello elogia a produção de *Caminhos Cruzados* (1935) e finaliza seu texto justificando a caracterização de Erico Verissimo como plagiário da seguinte forma:

O fato mesmo de não ter o escritor dado um fim a todos os personagens acusa que, após aqueles cinco dias, todos continuaram a viver, a sofrer os mesmos dramas de cada dia. Todos são mais que simples protagonistas reais, humanos como eles. Érico Veríssimo, escrevendo 'Caminhos Cruzados', cometeu um plágio. Vendo, sentindo e compreendendo a Vida, não fez mais que assestar contra ela a objetiva de sua Kodak. E o quadro saiu tão fiel, tão real, que lembra logo a perfeição de um plágio bem feito. Érico plagiou a Vida tal qual ela é no original. Não omitiu nem um ponto, nem uma vírgula.

Anos depois, Antonio Candido estabelece uma relação semelhante ao analisar os personagens de *O tempo e o Vento*, em publicação de Sandra Pesavento *et al.* (2001), em que afirma que a “narrativa parece animada pela alma do Rio Grande do Sul” (PESAVENTO, 2001, p. 15). Esta “alma gaúcha” presente na narrativa garante a verossimilhança e aproxima o leitor desta história de lutas na região sul brasileira.

Os anos que antecederam a publicação de *O Tempo e o Vento* não foram apenas permeados por críticas positivas e, neste contexto, destaca-se o texto de Padre Fritz, publicado na revista *Echo* na década de 1940. O texto, segundo Lorena Monteiro (2009), era uma homenagem póstuma a Getulino, filho de Getúlio Vargas, que estudou no Colégio Anchieta, mas que o padre se dedicou a criticar principalmente o livro *O resto é silêncio* dizendo que os jovens católicos não deveriam lê-lo por ser “um veneno para a cultura gaúcha” (MONTEIRO, 2011, p. 2). Em resposta, Erico Verissimo apresenta uma queixa-crime contra o padre.

Em 09 de dezembro de 1944, edição 610, do Jornal *O Momento*, publica-se com o título *Ecos de um incidente literário* a sentença em que o Poder Judiciário absolve o padre Fritz do crime de injúria e calúnia e Erico Verissimo tem que arcar com as custas do processo. Destaca-se nesta publicação a observação de que o artigo foi transcrito da coluna *Ave Maria*.

Os intelectuais da época dividiram-se entre os que estavam a favor do ponto de vista do religioso e os que apoiavam a liberdade literária (escritor). Antonio Candido escreveu um artigo em 1943 em defesa de Erico Verissimo,

mas o texto não foi publicado no jornal *Folha da Manhã*, como era previsto, por temor à censura do Estado Novo. No entanto, em 2001, Antonio Candido disponibilizou este artigo na íntegra para o livro *Érico Veríssimo: o romance da história*, de Sandra Jatahy Pesavento, Jacques Leenhardt, Ligia Chiappini e Flávio Aguiar (PESAVENTO *et al.*, 2001, p. 19).

Italino Peruffo escreve *Imaginação*, texto publicado em 17 de março de 1945 no jornal *O Momento*, em que afirma:

Quando lançamos um simples olhar ao panorama quotidiano que passa, que se desloca, ora descrevendo uma curva, ora infiltrando nos bastidores do mundo, pensamos que todo aquele mistério, toda aquela cortina escura, todo aquele segredo da natureza é a vida.

Sim, é a vida nos seus complexos, nos seus desenganos. Mas a vida é imprópria não só para menores, como disse Erico Veríssimo, mas ela é imprópria também para maiores, para adultos, cujo espírito não possua o alcance suficiente de entendê-la. (PERUFFO, 1945)

Peruffo traz uma crítica velada àqueles adultos que não compreendem a complexidade da vida e a veem de maneira ingênua, assim como os mais jovens (menores) na visão de Erico Verissimo. A escolha da palavra “espírito” poderia relacionar-se à religião – devido à crítica direcionada ao padre Fritzelt - e assim, demonstrar que faltaria a ele uma maturidade - possivelmente moral ou intelectual e até mesmo religiosa ou espiritual - para entender a vida em toda sua complexidade.

Este artigo pode ser compreendido como um posicionamento do jornalista em relação ao episódio de Erico Verissimo e Padre Leonardo Fritzelt, em que demonstra seu apoio pela livre expressão da imaginação dos escritores ficcionais:

Quando nos encontramos absorvidos pela leitura de um romance, ou ao pé de um receptor, ouvindo alguma coisa de imaginário, sentimo-nos comovidos. E esta comoção nos traz a graça da vida imaginária, do momento em que vivemos longe das realidades do mundo, ao momento das imaginações. Se assim não fosse não haveria poetas, não haveria escritores, não haveria homem de bem.

No momento das imaginações, na vida dos homens criada para a sua glória, é onde nos sentimos mais próximos ao belo, ao sublime, ao comover dos corações. São instantes em que nos

transformamos, de sofrendores a participantes de suaves alegrias (PERUFFO, 1945)

É o mundo ficcional que encanta o leitor e o leva para o espaço da fantasia em que é possível se esquecer da vida real e aproveitar a imaginação do escritor, assim é justificada a importância da leitura independente da faixa etária. O romance em questão neste trecho poderia ser *O resto é silêncio*, devido à proximidade dos fatos e da polêmica em questão.

Na edição 230, do Jornal *A Época* de 1943, Mário Fonseca escreve sobre a polêmica causada pelo artigo do Padre Fritzel, já citada anteriormente - que não recomendava a leitura de *O resto é silêncio* (1943), de Erico Verissimo. Fonseca inicia seu texto justificando a produção de Verissimo como sendo adequada ao tempo em que viviam, pois a época do Romantismo, da indiferença em relação ao mundo exterior e da idealização pueril já tinha passado: “Hoje, o homem de pensamento exerce uma função social, vasculhando todos os recantos da vida em sociedade, desvendando os aspectos trágicos da miséria, a sordidez do vício e o crime da exploração.”

Há uma crítica direta ao período das trevas em que os escritores não podiam tratar dos problemas sociais e uma certa ironia em afirmar: “Para felicidade nossa, está fracassando a tentativa da Nova Idade Média.” Considerando o período em que o Brasil vivia e a tentativa de um religioso em direcionar a leitura dos jovens em relação aos textos literários, este fracasso parece ser apenas inicial.

Mário Fonseca afronta a publicação do padre Fritzel ao escrever em tom de fábula que “alguém disse” em oposição ao “festejado escritor”. Esta oposição evidencia o desnível entre eles:

Certa vez, alguém disse ao escritor patricio Érico Veríssimo: ‘Seus romances são impróprios para menores.’ Ao que retrucou o festejado escritor de *Olhai os lírios do campo*: ‘Meu amigo, a vida é que é imprópria para menores.’ O que a vida tem de degradante resulta de um mal orgânico da sociedade. Não adianta esconder o sol com a peneira (FONSECA, 1943).

Está claro o posicionamento de Mario Fonseca e seu apoio à liberdade de expressão inclusive no âmbito literário; no entanto o ataque ao padre que também era educador e dirigia um colégio gaúcho explicita-se ainda mais em:

Ou será o leitor que se degrada conhecendo a realidade feia da vida?

No caso afirmativo, ficaria seriamente comprometida a educação que receberam esses leitores desequipados moral e intelectualmente para enfrentar as duras verdades. Que espécie de educação é esta que predispõe tão facilmente o homem para o mal? Se uma educação se fundamenta em princípios frágeis, em preceitos tolos, em falsas noções sobre a vida e a finalidade do homem neste planeta, então estamos pisando em bases movediças (FONSECA, 1943).

O ataque é explicitado por expressões como “leitores desequipados”, “princípios frágeis”, “falsas noções” que induzem o leitor a refletir sobre quão ingênuos seriam estes adolescentes ou se o problema não estaria na falta de base ou preparo para a leitura que o colégio não lhes forneceu por estar focado em preconceitos tolos e frágeis. Desta forma seria este o motivo que a recomendação de não leitura do livro de Verissimo se justificaria porque, caso contrário, muitos poderiam ter contato com aspectos da sociedade que a escola buscava encobrir como com uma peneira diante do sol.

O texto de Fonseca foi escrito em 03 de Maio de 1943, período em que a queixa-crime de Verissimo ainda estava em julgamento, e apresenta uma posição clara em relação ao artigo do padre, finalizando sua argumentação com mais uma alfinetada ao classificar o padre dentro do grupo de “guias espirituais do povo” e utiliza o termo “sujidades” que deriva do adjetivo utilizado pelo religioso para denominar o romance de Erico Verissimo, como pode ser observado em:

Quer nos parecer que para acabar com as imoralidades que a câmara da observação objetiva surpreende a cada passo, torna-se, primeiro, divulgá-las, proporcionando aos guias espirituais do povo uma oportunidade, não para condenar o repórter honesto das coisas feias que a sociedade tolera e pratica, mas para combater essas sujidades morais com o firme propósito de eliminar suas verdadeiras causas (FONSECA, 1943).

A comparação do escritor com um repórter que vai andando e capturando a realidade não soa tão positiva em relação ao fazer literário e ficcional –

defendido por Erico Verissimo, bem como ter a finalidade de eliminar os maus costumes, mas, independentemente dos argumentos, observa-se uma defesa clara do escritor.

Anos mais tarde, em 13 de março de 1948, na edição nº 778 de *O Momento*, o jornalista Italino Peruffo volta a escrever sobre Erico Verissimo, mas agora abertamente sobre uma conferência ministrada pelo escritor com o título: *Reflexões sobre a arte do romance*. Há uma extensa gama de elogios à postura, simpatia, pontualidade, simplicidade e conhecimentos de Erico Verissimo tanto que o texto se estende pelos números 779 (20 mar. 1948) e 780 (27 mar. 1948).

Italino Peruffo, na edição 778, afirma que a maneira como Erico Verissimo conduziu a conferência de forma a aproximar-se do público e não ler, mas estabelecer um diálogo, favoreceu para que todos quisessem fazer perguntas ao final e ao invés de se tornar um clima de debate o escritor promovia a curiosidade em sua plateia: “Era uma inteligência peculiar que despejava seus profundos conhecimentos, e uma multidão de gente que buscava aquelas palavras tão significativas para ilustrar sua cultura.”

Como um escritor que sabe bem usar as palavras e cativar seus leitores, Erico Verissimo iniciou sua conferência proferida em 05 de março de 1948 no Instituto de Belas Artes assim: “A vida ensinou-me a ser um bom escutador. Detesto o falar, porque tenho uma tendência especial para dormir e numa conferência o único que não dorme é o conferencista.” Desta forma Erico parece criar empatia com seus ouvintes, mas há que se considerar que Italino já tinha escrito outros textos favoráveis em relação ao escritor gaúcho, demonstrando um ponto de vista típico de um admirador.

Na edição 779, Italino Peruffo nos conta sobre a origem das histórias ficcionais, apresentada por Erico Verissimo em sua conferência, desde os homens das cavernas até a evolução do romance. Erico aparenta ter um posicionamento diplomático, pois ao ser questionado sobre os escritores que se isentam de apresentar uma crítica aos problemas atuais da sociedade ele afirma considerar ser ridículo, no entanto pondera ao afirmar que o escritor tem que ter liberdade para escrever: “Não se deve condenar, porque a liberdade de pensamento e de ação, dentro dos direitos de cada um, deve ser respeitada e todo escritor pode escrever da maneira que achar melhor.” Desta forma, o escritor gaúcho parece recordar-se que ser julgado por suas escolhas literárias

não é agradável e opta por não provocar outros escritores, como ele já havia sido pelo romance *O resto é silêncio* (1943).

Em relação à crítica literária, Erico Verissimo escolhe uma comparação para criticar sem ser tão ofensivo: “Veríssimo compara os críticos com as senhoras que desejam fazer bolos em casa, mas que não querem fazê-los iguais aos das vizinhas, possuem sua receita particular e nunca fazem bolos.” Afirma ainda que muitas vezes a crítica pode desestimular os escritores por não estarem próximas aos desejos de quem escreve. A comparação dos críticos com as senhoras que querem o bolo, mas que não o fazem mesmo possuindo uma receita particular é uma crítica aos que escrevem cobrando que o escritor produza algo diferente seguindo um caminho que está traçado na cabeça do crítico, mas que nem ele produz literatura.

Os elogios ao Erico Verissimo destacam-se nesta edição como em: “[...] é um humorista em sua palestra. [...] alegre o ambiente e com isto se torna mais simpático aos que o escutam.” E ainda:

Sempre dentro de um campo simples, compreensivo, o sr. Érico Veríssimo esgotou as horas tão depressa, como se estivéssemos num salão de baile em dia de carnaval. A cada instante aparecia ele com novidades, mantendo sempre festivo o ambiente e fazendo se assimilar em todas as suas expressões (PERUFFO, 1948).

Segundo Peruffo, Erico explicou sobre foco narrativo, bem como a diferença entre enredo e história, de uma maneira simples e acessível a todos os seus ouvintes. Aparentemente havia uma preocupação em que a literatura e tudo o que envolve o ato de escrever fosse aproximado de seu público. Esta habilidade de Erico Verissimo de envolver seus interlocutores pode estar relacionada às suas experiências como professor – chegou a dar aulas de Literatura e História Brasileira nos anos de 1940 na Califórnia – EUA, e também como escritor literário.

Na terceira parte do texto sobre a conferência, publicado em 27 de março de 1948, edição nº 780, Peruffo declara-se um fã de Erico Verissimo, como já se suponha pelos seus textos anteriores: “Confesso, fiquei emocionado, e agora, mais do que nunca, tornei-me fã daquele escritor.”

Erico Verissimo fala também nesta conferência sobre a importância que ele dedica à história. Sua preocupação surge após uma pergunta em que pediram que Erico fizesse uma comparação entre os norte-americanos e os brasileiros, porque o escritor tinha acabado de regressar de uma viagem de quatro meses aos Estados Unidos, e ele afirma: “Nós somos incapazes de fazer nossa história e limitamo-nos apenas a viver a história que os outros criam para nós.” Ao abordar a problemática de que a história tenha que ser nossa, fica clara a sua intenção neste projeto de escrever sua trilogia sobre a formação da região sul do Brasil: seria uma tentativa de se apossar de nossa história e trazê-la mais ao contato da população em geral.

Erico afirma que sempre gosta mais do livro que está escrevendo no momento e aproveita uma pergunta para desmistificar a ideia de que um escritor ganhe muito quando seu livro é adaptado para o cinema e, assim, revela: “Sei que não me acreditarão, mas lhes direi a verdade: A filmagem de *Olhai os Lírios do Campo* rendeu-me Cr\$ 27.000,00 apenas. É irrisório até mas é verdade.” Ao contar ao público os valores recebidos além de demonstrar que não havia tanto lucro quanto um leigo poderia supor, favoreceu a aproximação do público por saber algo pessoal do escritor. Erico afirma também que: “A literatura é uma arte pobre. Escrevendo não se ganha dinheiro. E como tudo, nela também entra muito o fator sorte.” Esta declaração também poderia ter a função de conquistar a plateia e reafirmar sua condição de homem comum que além de não ganhar muito dinheiro ainda dependia do acaso, ou seja, da sorte e não somente de seu empenho.

Em *A Época*, publicado em Caxias do Sul, há uma reportagem de 23 de fevereiro de 1941, com o título *Uma Revista de Cultura*, sobre o terceiro volume da revista *Movimento*, em que Erico Verissimo ressalta a importância e a necessidade de uma revista de cultura no Rio Grande do Sul. Este posicionamento não poderia ser diferente para um escritor que já dissera querer resgatar e consolidar a nossa história, não apenas a brasileira, mas também a regional.

Na seção *Para você, Leitora*, do jornal *A Época*, de 16 de abril de 1943, foi publicado o seguinte pensamento de Erico Verissimo: “Uma revolução pode mudar um sistema de governo, mas não conseguirá mudar a natureza do homem.” Esta frase do livro *Olhai os Lírios do Campo* proporciona a reflexão

sobre o fato de que a mudança humana se daria ou poderia dar-se muito mais por algo interior do que por fatores externos.

Já no Rio de Janeiro, o Jornal *Correio da Manhã* informa em 09 de agosto de 1940 que haverá nesta data a inauguração da Exposição do Livro Argentino na Biblioteca Nacional e que estarão expostos livros dos brasileiros Erico Verissimo e Machado de Assis. Esta notícia demonstra a importância dos textos de Verissimo em âmbito nacional.

Em 14 de setembro de 1940, no *Correio da Manhã*, Álvaro Lins publica na seção Crítica Literária o texto: *Ensaio português* em que critica o ensaio do crítico português Adolpho Casaes Monteiro sobre o romance contemporâneo por afirmar que Erico Verissimo é “o maior romancista vivo no Brasil”. Álvaro Lins discorda do uso de adjetivos como “maior” e “melhor” por parecerem pouco críticos ou “anticríticos”, além de, segundo Lins, o ensaísta conhecer pouco da literatura brasileira. A comparação utilizada por Casaes Monteiro é definida como “aquelas medonhas questões colegiais: - ‘quem é maior, César ou Napoleão? Alexandre ou Aníbal?’”

Diante deste incômodo, Álvaro Lins dispõe-se a elencar os demais romancistas brasileiros, chamados de romancistas do norte, como: Graciliano Ramos, Jorge de Lima, Lins do Rego, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz. Ressalta ainda que cada um pertence a uma determinada tendência do romance universal, mas cada um realiza suas criações literárias de acordo com suas particularidades. Apesar do ensaio de Casaes Monteiro elogiar largamente Erico Verissimo, Álvaro Lins busca equalizar como em busca de justiça para todos os romancistas brasileiros contemporâneos.

No dia 03 de dezembro de 1940, no *Correio da Manhã*, publicou-se uma entrevista com Gilberto Freyre após seu regresso do sul do Brasil com o título: *Um ‘eixo intelectual’ Porto Alegre-Recife* em que Freyre conta que Erico Verissimo “tem em preparo um romance de gerações que dramatiza o passado inteiro do Rio Grande do Sul.” Provavelmente este romance de gerações seria a trilogia *O tempo e o Vento*, cujo projeto já estava em elaboração.

Álvaro Lins dedica-se à análise do romance *Saga* (1940), de Erico Verissimo, na seção *Crítica Literária – Romances*, de 04 de janeiro de 1941 do Jornal *Correio da Manhã*. Álvaro Lins afirma ter se decepcionado ao ler este romance após tanta publicidade envolvida em seu lançamento. Para Álvaro Lins

há uma decaída na qualidade do romance em que o escritor parece querer agradar ao seu público leitor e produzir o esperado, podendo inclusive prever o desfecho. Para o crítico, este parece ser um livro “feito para o público, com a ausência do romancista.”

As críticas perpassam todos os elementos da narrativa e reduzem o valor que a obra poderia ter. Destaca-se ainda esta afirmação de Álvaro Lins sobre Erico Verissimo: “escritor muito lido e muito admirado, a sua respeitável autoridade de romancista que o público e a crítica têm feito questão de aplaudir e consagrar [...]”. Álvaro Lins apresenta o romancista como em um momento de não grandeza e que tem que ser visto assim, apesar de toda a publicidade e aura buscarem demonstrar o oposto. O posicionamento de Álvaro Lins é contrário ao do público leitor e da crítica em geral, por isto ele utiliza a expressão “respeitável autoridade de romancista” como se fosse somente por isto que ele é admirado, porque criou-se uma imagem e tudo o que ele escrevesse seria visto antecipadamente como bom, por ser este um escritor admirado e consagrado.

No *Correio da Manhã*, em 08 de maio de 1943, na seção *Crítica Literária - Ficção*, assinada por Álvaro Lins há uma crítica ao romance *O resto é silêncio* (1943), de Erico Verissimo. Lins apresenta as relações entre o título do romance de Verissimo e as obras já publicadas por diferentes autores como, por exemplo, o romance francês de Edmond Jaloux (*Le rest est silence*) ou a frase shakespeariana de Hamlet *The rest is silence*.

O crítico elogia o fato de a narrativa desenvolver-se a partir de sete testemunhas de um suicídio, pois isto já traria uma dificuldade pela grande variedade de informações. Assim, apresenta uma comparação com a técnica de James Joyce:

O romancista descreve este dia dos personagens, alongando o romance por intermédio da memória e da imaginação com que os próprios seres da ficção deixam esclarecer o seu passado ou apresentam projetos de futuro. Esta técnica, a de Joyce, agora utilizada pelo sr. Érico Veríssimo, deixa resultados excelentes (LINS, 1943).

Apesar do elogio inicial, a comparação com *Caminhos Cruzados* (1935), não favorece a atual publicação já que neste romance Erico não obteve, segundo o crítico, o mesmo sucesso da obra anterior. Esta crítica se justifica porque para

Álvaro Lins o escritor gaúcho conhece bem a técnica e os elementos romanescos, no entanto, isto tem se tornado um “virtuosismo, um maneirismo. Daí a desproporção entre a forma e o conteúdo.” Em seguida Álvaro enumera o que considera os pontos fracos do romancista em questão: “aquela falta de originalidade, de individualidade, na expressão pela linguagem, que o leva às vezes aos lugares comuns e a certas frases de gosto duvidoso.”

A crítica em relação aos personagens de *O resto é silêncio* (1943) deve-se por transmitirem a impressão de estar ali para representar problemas sociais e, segundo Lins, isto deixaria suas trajetórias previsíveis. Santiago destaca-se entre os personagens, por ser um escritor que representaria “a definição ideológica do romancista brasileiro” e ainda seria um porta-voz dos sentimentos de Verissimo, do ponto de vista de Álvaro Lins. A afirmação de Santiago, neste contexto, é ressaltada por Lins: “Afirma que não deseja fazer arte-torre-de-marfim, nem arte de teses, mas para conhecimento e interpretação da vida.”

Para Álvaro Lins, mesmo que pareça que o personagem Santiago emitiria as ideias de Erico Verissimo, o romancista não conseguiu nesta obra colocá-las em prática. Lins acusa Verissimo de simplificar os problemas sociais e deixar transparecer um otimismo exacerbado de que no final tudo acabará bem.

O episódio em que o romance de Erico Verissimo é criticado pelo padre Fritzelt volta à tona, mas agora para criticar a postura oposta em Verissimo:

Disseram-me que o sr. Érico Veríssimo já foi acusado de imoral. Ele me transmite com este romance uma ideia bem oposta: a de um autor sentimental e até ingênuo. A verdade, porém, é que o moralista não alcança os seus efeitos através dessa filosofia em pequenas doses para uso cotidiano (LINS, 1943).

Álvaro Lins dedica esta seção em sua quase totalidade para o romance de Erico Verissimo e finaliza: “É um livro que bem documenta, sob vários sentidos, o talento de romancista do Sr. Érico Veríssimo. Falar dele com severidade significa que esperamos muito mais das suas possibilidades. Significa uma espécie de homenagem.”

Ao conduzir e finalizar sua análise desta forma⁵, cabe ao leitor observar que Álvaro Lins dedica mais de seis colunas do jornal para detalhar todos os

⁵ (Cf. LINS, Álvaro. Crítica Literária – Ficção. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 08 mai. 1943.)

“defeitos” do texto de Erico Verissimo, e ao afirmar que isto seria uma homenagem já se torna bem revelador. Segundo Linda Hutcheon (1989), a ironia pode ter duas funções: uma semântica e uma pragmática, existindo um significante para dois significados. Neste contexto, a intenção codificada por Álvaro Lins se revela, possibilitando ao leitor uma leitura mais superficial ou mais subjacente ao texto.

Em 08 de julho de 1945, no *Correio da Manhã*, Wilson Lousada escreve *Problemas do romance brasileiro* em que comenta o livro do português João Gaspar Simões que afirma que tanto os brasileiros quanto os portugueses buscam produzir romances como os de Tolstoi ou Dostoievsky, ou Flaubert e Balzac ou Dickens, sem sucesso. Wilson Lousada concorda com a afirmação de Simões, mas ressalta que o romance brasileiro contemporâneo tem produções melhores que as dos portugueses.

Para Lousada um dos méritos dos romancistas brasileiros contemporâneos é conciliar o gênero lírico e o narrativo e como exemplo cita Erico Verissimo. Wilson Lousada discorda de Gaspar Simões em relação a seleção de autores que poderiam ser lidos em Portugal (Erico Verissimo, Graciliano Ramos, Jorge Amado e José Lins do Rego) e a amplia com demais escritores por acreditar que o lado bom da nossa literatura não está somente no regionalismo ou picaresco. Observa-se neste texto a projeção internacional de Erico Verissimo, mas é evidente que já havia outros que mereciam igual destaque em Portugal.

No *Correio da Manhã*, de 23 de setembro de 1949, Erico Verissimo fala sobre o seu próximo romance *O Tempo e o Vento*, que já estava no prelo: “É um romance cíclico sobre o Rio Grande do Sul, tendo por motivo a história de uma família durante duzentos anos. É porém ficção pura, tendo por fundo a evolução da história gaúcha. Seu título se inspirou em duas constantes dos pagos: o tempo e o vento, constantes essas tratadas cronologicamente e psicologicamente.” Esta publicação já preparava o seu público leitor para receber o primeiro volume da trilogia que seria publicado pouco mais de dois meses depois. Em 11 de dezembro de 1949, no *Correio da manhã*, foi noticiado o lançamento do romance *O Tempo e o Vento*, em que Erico Verissimo narra a história do Rio Grande do Sul.

Na seção *Vida Literária*, do *Correio da Manhã*, de 01 de Janeiro de 1950, o romance *O Tempo e o Vento* foi escolhido como a melhor estreia do ano de 1949 pelos leitores. A aceitação inicial do romance de Erico foi positiva, sendo o livro indicado por oito dos trinta leitores que participaram da enquete. Os leitores tinham ocupações bem distintas como: uma previdenciária, dois advogados (sendo uma mulher), uma funcionária do I.A.P.B., uma doméstica, um estudante de medicina, um estudante de engenharia e um comerciante.

Na edição 006 de *Revista da Semana*, de 11 de fevereiro de 1950, foi publicado que o livro *O tempo e o Vento* de Erico Verissimo era um dos mais procurados nas livrarias do Rio de Janeiro. Na mesma publicação, *Revista da Semana*, já na edição 0014, de 08 de abril de 1950, na seção *Pequenas Notas* há uma crítica sucinta às produções de Erico Verissimo:

O romancista Érico Veríssimo é um músico que falhou. Ele tem a paixão da música. Há sempre uma personagem sua que vive no clima musical. Um de seus livros se chama até 'Música ao Longe'. E se ele tem uma prosa eminentemente musical, harmoniosa, sempre – por outro lado consegue atingir aqueles recantos psicológicos, aquele mistério das criaturas e dos fatos a que só a música nos leva...

A narrativa harmoniosa de Erico Verissimo é destacada, como já havia feito Italino Peruffo, sem deixar que seus personagens sejam apenas superficiais, ao contrário, o escritor consegue alcançar aspectos psicológicos mais profundos e promove, assim, um maior envolvimento do leitor com os assuntos narrados.

Na *Revista da Semana*, de 15 de abril de 1950, edição 0015, seção *Semana Literária*, Sérgio de Reis Jr. escreve sobre o último lançamento de Erico Verissimo, *O Tempo e o Vento*. Sérgio considera que este romance coloca definitivamente Erico Verissimo no primeiro plano da ficção nacional contemporânea.

Sérgio de Reis Jr. descreve o trabalho de Verissimo em comparação aos escritores já consagrados como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Otávio Faria e José Américo de Almeida: “Em certo sentido Erico os supera com vantagem, pois seu estilo voluptuoso e colorido fala à alma do povo, e a sua linguagem é bela, tanto quanto profundamente sugestiva.”

O crítico traz ainda um trecho do romance que justifica suas afirmações e destaca também a forma como as personagens femininas são apresentadas com “tanto colorido, vigor e realismo”. Erico Verissimo realmente consegue aproximar-se do povo com este romance e a aceitação da crítica, como Moysés Velinho que afirma: “o romance está impregnado de matéria épica.”

Em 16 de setembro de 1950, na edição 0037, de *Revista da Semana*, na seção *Fora do Prelo* há uma crítica à produção de Erico Verissimo que se inicia porque *Olhai os lírios do Campo* estava em sua 14ª edição e com grande sucesso entre os leitores, afirmando que esta obra não foi um simples caso de êxito do escritor ao acaso, principalmente ao analisar naquele momento a publicação de *O Tempo e o Vento*, sendo considerada igualmente boa.

A comparação com o que foi considerado como as grandes obras de Erico Verissimo traz ainda uma análise de onde o escritor havia “se perdido” ao tentar escrever *best sellers* e preocupar-se em demasia com o seu público leitor ao escrever:

Não podemos deixar de constatar que a enorme popularidade granjeada pelo romancista gaúcho tem feito à sua obra maior mal do que bem. O êxito fácil pode conduzir também a uma certa displicência, a um certo despolicimento, a um processo intencional de cortesia do público que traem os escritores. Era o que estávamos temendo no caso de Érico Veríssimo quem, com ‘*O Tempo e o Vento*’, parece estar retomando os caminhos mais largos, abandonando a preocupação do ‘*best seller*’ que algumas vezes nele se denunciou.

Podemos dizer que ele entrou na segunda fase de sua carreira de escritor. A primeira ficou pujantemente assinalada principalmente por este ‘*Olhai os lírios do campo*’, acima, muito acima de todas as suas outras obras, emocionante documento humano e verdadeira obra-prima de nosso romance.

De maneira geral, os críticos reconheceram o valor da produção de Erico Verissimo que teve altos e baixos e que com a publicação de *O Tempo e o Vento* parecia, naquele momento, retomar a grandeza e o valor estético, como é possível confirmar-se atualmente. O projeto de Erico Verissimo de mostrar a história de formação do Rio Grande do Sul narrada ficcionalmente por um brasileiro teve e ainda tem sucesso garantido, gerando interesse do público em geral, já tendo sido a primeira parte desta trilogia, *O Continente*, inclusive

adaptada para o cinema e para a televisão em diferentes momentos de nossa história.

1.3 Palavras do Norte: Márcio Souza – Vida e Obras

Márcio Souza, escritor amazonense nascido em Manaus em 1946, iniciou sua trajetória de publicações escrevendo sobre cinema no jornal *O Trabalhista* em 1959, mesmo jornal em que seu pai era linotipista. Participou da fundação do cineclube Grupo de Estudos Cinematográficos do Amazonas, escreveu críticas de cinema, escreveu roteiros de curtas como *O país do futebol*, de Hector Babenco e do longa *Luar do Sertão*, de Oswaldo de Oliveira, atuou inclusive como assistente de direção deste último.

Começou a estudar Ciências Sociais em 1966 na Universidade de São Paulo – USP, mas abandonou o curso em 1969 após ficar detido por um mês no Departamento de Ordem Política e Social – DOPS, em São Paulo, que buscava informações sobre Carlos Marighella, dirigente da organização esquerdista Ação Libertadora Nacional – ALN (SOUZA, 2005b, p. 9).

Em 1967, Márcio Souza publicou seu primeiro ensaio *O mostrador de Sombras* e já no ano seguinte começou a fazer cinema, tendo trabalhado como roteirista, assistente de direção, produtor de filmes publicitários, dentre outras funções. Durante o período de graduação, produziu seus primeiros curtas-metragens: *Sentir a vida*, *Manaus fantástica*, *A coisa mais linda que existe* ou *A trajetória de um seringueiro*. Em 1972, dirigiu dois longas-metragens: *O rio de sangue* e *A selva*. A primeira encenação de sua peça *Ajuricaba* foi feita pelo Teatro Experimental do SESC do Amazonas, em 19 de maio de 1974. Esta peça conferiu-lhe o prêmio de melhor texto teatral no I Festival Nacional de Teatro de Campina Grande, Paraíba.

Em 1976 publicou seu primeiro romance *Galvez, Imperador do Acre* – romance que foi sucesso de público e crítica sendo publicado e traduzido para vários idiomas por todo o mundo, consagrando o escritor já em sua primeira publicação do gênero. Com *Galvez*, Márcio Souza recebeu o prêmio revelação de escritor, conferido pela Associação Paulista de Críticos de Arte.

Na dissertação de Mestrado apresentamos as características, que tornaram o primeiro romance de Márcio Souza tão aclamado pela crítica, como a sua estrutura fragmentada e com capítulos curtos além do tom paródico ao mostrar os bastidores políticos, os arranjos necessários para que o território do Acre fosse conquistado e depois incorporado ao território brasileiro atraíam o

leitor e despertem o interesse por esta história, pois *Galvez, Imperador do Acre* narra a história de um aventureiro espanhol, Luiz Galvez Rodriguez de Arias. Este é um romance permeado por diversos tipos de discursos, tais como o científico, o memorialista, o do teatro de marionetes, o da ópera bufa, o do diário. Porém, todos esses discursos são parodiados, como também o romance histórico, o folhetim, o relato de viagem, o discurso autobiográfico. O procedimento paródico tem caráter metaficcional, já que os narradores têm uma consciência clara de cada gênero e discurso para poderem parodiar cada um deles. Galvez, narrador em primeira pessoa, comenta, reflete e analisa sua própria história, narrando de forma distanciada os fatos que aconteceram durante os dois anos de sua vida na região norte do Brasil, na passagem do século XIX ao XX. (MESQUITA, 2009, p. 13)

Galvez, Imperador do Acre (1976) conquistou Ignácio Loyola Brandão que foi o responsável pela divulgação informal do texto entre os demais escritores como Moacyr Scliar que também ajudou a espalhar os primeiros exemplares.

Este romance estabeleceu o nosso primeiro contato com o escritor amazonense e suas características ímpares despertaram o interesse inicial pelos romances históricos que apresentam o período conflituoso que antecedeu a formação deste país chamado Brasil. A partir destas leituras tivemos contato com o primeiro volume da tetralogia que foi objeto de pesquisa e resultou na Dissertação de Mestrado defendida em 2009 na UNESP/Assis/SP. Dessa forma, iniciamos a comparação com a trilogia de Erico Verissimo instigada pela dedicatória do autor e comentários/sugestões da banca examinadora.

No mesmo ano da publicação de seu primeiro romance (1976), Márcio Souza lança a peça de teatro *As folhas do látex*, encenada pelo Tesc – Teatro Experimental do SESC do Amazonas, com estreia em Manaus e apresentações no Rio de Janeiro, São Paulo e em Brasília. Esta peça fez parte do projeto Mambembão, do Serviço Nacional de Teatro, órgão do Ministério da Educação e Cultura. Sob o patrocínio do Centro de Estudos Brasileiros da Embaixada do Brasil na Venezuela, a peça foi montada também em Caracas.

No ano seguinte, escreveu e encenou *O pequeno teatro da felicidade*, pelo Tesc. Com o conto *A caligrafia de Deus* (1977) participou da coletânea *Malditos Escritores* – organizada pelo ficcionista João Antônio, ao lado de Chico Buarque, Antônio Torres, Marcos Rey, Plínio Marcos e outros. A coletânea foi

publicada na Revista *Extra*. Em função dela, o grupo de autores se apresentou em diversas universidades brasileiras fazendo leituras e debatendo com o público.

Em 1978, após a liberação pela Censura, encenou com o Tesc a sua peça *Tem piranha no pirarucu*. Esta peça também foi apresentada em diferentes capitais do país como Manaus, Belém, São Luís, Brasília, Rio de Janeiro e São Paulo, além de Campina Grande/PB.

Márcio Souza participou da fundação do Partido dos Trabalhadores – PT, no Amazonas e no Acre nos anos de 1980, demonstrando seu engajamento e posicionamento político. Souza assinou a ata de fundação do PT em 1980, ajudou a organizá-lo no Amazonas e no Acre e, segundo a Revista *Cadernos de Literatura Brasileira* de Dez/2005, continuava filiado ao partido.

Ainda em 1980, lançou o romance *Mad Maria*, elaborado após suas pesquisas sobre a história da ferrovia Madeira-Mamoré. Fez conferências nas universidades norte-americanas de Colúmbia, Duke, Harvard e Nova York. Apresentou-se no *Center for Interamerican Relations* (NY) e no Festival Harbour Front, em Toronto, Canadá. Participou do programa “artista-residente” da MacDowell Colony, em New Hampshire (EUA). Depôs perante o Tribunal Bertrand Russell, em Roterdã, Holanda, sobre a condição do índio no Brasil. Neste mesmo ano, a primeira tradução de *Galvez, Imperador do Acre* foi realizada por Thomas Colchie para a língua inglesa: *The Emperor of the Amazon* (Nova York: Avon Books).

Durante o lançamento do romance histórico *Mad Maria* em 1981 na Espanha, Márcio Souza realizou leituras nas cidades de Madri, Sevilha, Valência e Alicante. No ano seguinte, Márcio Souza tornou-se sócio da editora brasileira Marco Zero que passou a publicar seus livros. Seu folhetim *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* saiu em livro em uma versão revista e ampliada e foi adaptado para o teatro. A montagem foi realizada no Teatro Amazonas e por pressões políticas serviu de pretexto para o fechamento do Tesc.

No ano de 1983 Márcio publicou o romance *A ordem do dia* e fez conferências nas universidades de Lisboa e Porto, em Portugal. Passou a residir no Rio de Janeiro. Em 1984 participou de seminário na Universidade de Heildberg e da Feira de Livro de Frankfurt na Alemanha. No ano seguinte fez conferência na Universidade Livre de Berlim. Em 1986, realizou leitura no Hall

Internacional da Feira de Livro de Frankfurt, Alemanha. Neste mesmo ano participou do projeto da IBM “Encontro marcado” em que realizou palestras em diversas cidades brasileiras.

Em 1987 escreveu a peça *Ação entre amigos*, que foi montada por Paulo Betti no Teatro Ipanema, Rio de Janeiro. Além disto fez leituras e conferências em universidades e bibliotecas públicas em Berlim, Colônia, Frankfurt e Bielefeld, na Alemanha. No ano seguinte proferiu palestras nas bibliotecas públicas de Frankfurt, Colônia e Bielefeld, Alemanha.

Márcio Souza lançou o romance *O fim do terceiro Mundo* e o ensaio biográfico *O empate contra Chico Mendes* em 1990. Neste mesmo ano participou de seminário na Universidade de Hamburgo, na Alemanha. No ano seguinte assumiu a direção do Departamento Nacional do Livro, da Fundação Biblioteca Nacional, cargo em que permaneceu até 1994. Em 1991, viajou à Bulgária onde participou do Encontro Internacional de Literatura de Sófia. Em 1992 ministrou seminário em Belém, no Núcleo de Altos Estudos Amazônicos. No ano seguinte ministrou aulas para o Doutorado da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC/RJ.

No ano de 1994, Márcio Souza trabalhou como professor-adjunto do Departamento de Espanhol e Português da Universidade de Berkeley. Fez palestras nas universidades norte-americanas de Dubuque e Stanford e nas alemãs Erfurt e Nuremberg, além de ter se apresentado no Centro de Estudos Brasileiros de Roma. Publicou o ensaio *Breve história da Amazônia* e o livro de contos *A caligrafia de Deus*.

Em 1995, Márcio Souza assumiu a presidência da Fundação Nacional da Arte – FUNARTE – e permaneceu neste cargo pelos oito anos do governo do presidente da república Fernando Henrique Cardoso. Souza recebeu o convite para este cargo do então Ministro da Cultura, Francisco Weffort – que fora seu professor na USP.

Em parceria com o fotógrafo José de Paula Machado lançou em 1996 o livro de fotografias *Anavilhanas*. Neste mesmo ano participou de seminários nas universidades de Haifa e Tecnion, em Israel. No ano seguinte viajou a Praga para leitura no Festival Internacional de Escritores. Publicou *Teatro* (em três volumes) e o romance histórico *Lealdade*, primeiro volume da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*.

Em 1998 organizou ao lado de Francisco Weffort a coletânea *Um olhar sobre a cultura brasileira*, para a qual escreveu o artigo *Teatro, circo e ópera?* Neste mesmo ano estreou em Paris a versão em francês de *A paixão de Ajuricaba*, encenada pelo grupo teatral *Comédiens du Théâtre de l'Opprimé*. Realizou conferência na Universidade de Sorbonne, em Paris e também pela América Latina, em cidades como Buenos Aires e Bogotá.

No ano 2000, Souza publicou os livros de ensaio *Fascínio e repulsa e Entre Moisés e Macunaíma* – este assinado com Moacyr Scliar. Escreveu e dirigiu o curta-metragem *Funarte – A história de uma experiência*. Em 2001 já pela Editora Record – que passou a editar sua obra e a relançar os títulos já esgotados – Márcio Souza publicou o segundo volume da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, com o título *Desordem*.

Em 2003 Márcio Souza reativou o Tesc, do qual voltou a ser diretor. Montou com o grupo a sua peça *A paixão de Ajuricaba*. Realizou oficinas de texto no Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas, em Manaus. Deu palestra na Bienal Internacional do livro do Rio de Janeiro e participou de seminário sobre direitos autorais e propriedade intelectual, no Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, em Manaus.

Benedito Rui Barbosa adaptou em 2005 o romance *Mad Maria* de Márcio Souza para uma minissérie televisiva que foi transmitida pela Rede Globo, com direção de Ricardo Waddington. Neste mesmo ano foi lançado o terceiro livro da tetralogia *Crônicas do Grão Pará e Rio Negro*, intitulado *Revolta*.

Márcio Souza tem uma obra bastante vasta. Nela podemos destacar os ensaios, como *A expressão amazonense, do colonialismo ao neo-colonialismo* (1977), *O empate contra Chico Mendes* (1994) e *Amazônia indígena* (2015), os textos teatrais, como *Tem piranha no Pirarucu* (1979), *Dessana, Dessana* (1976) e *Operação Silêncio* (1979), os romances-folhetim, como *Galvez, Imperador do Acre* (1976) e *A resistível ascensão do boto Tucuxi* (publicado na *Folha de São Paulo*, 1981-1982), os romances *Mad Maria* (1980), *Lealdade* (1997), *Desordem* (2001) e *Revolta* (2005), *O fim do terceiro mundo* (1990) e *O brasileiro voador* (1986) que conta a história de Santos Dummont, e um livro de contos *A caligrafia de Deus* (1994).

Lealdade é o primeiro volume da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* e foi vencedor do prêmio Jabuti em 1997. Ao idealizar esta tetralogia,

Márcio Souza faz uso de suas pesquisas históricas sobre a incorporação deste território ao Império do Brasil e opta por apresentar em cada romance o ponto de vista de diferentes personagens que poderiam ter participado desta fase histórica (1783 – 1840). Estes romances de Márcio Souza surgiram de suas inquietações históricas e do desejo de retratar uma região que foi deixada à margem da história, fazendo, portanto, um necessário resgate de sua memória, conforme mencionado pelo autor em diversas entrevistas. Este resgate está relacionado ao que Forster qualifica como importante: a memória e a inteligência. Desta forma, “só podemos compreender se lembrarmos” (FORSTER, 2004, p. 109).

1.4 Márcio Souza: Mídia e Crítica

Márcio Souza tem uma estreita relação com a imprensa, tendo iniciado seu trabalho, ainda na adolescência (aos treze anos de idade, em 1959), como um jovem escritor publicando no jornal em que seu pai era funcionário, *O Trabalhista* – que era um jornal ligado ao partido Trabalhista Brasileiro. A princípio escrevia crônicas, análises sobre cinema. Anos depois, chegou a publicar *A resistível Ascensão do Boto Tucuxi* (1982) como romance-folhetim no jornal *Folha de S. Paulo* de maio/1981 a fevereiro/1982, sendo posteriormente reunido e publicado em livro. Márcio Souza tem trabalhado em diferentes funções relacionadas ao cinema, ao teatro e à literatura. Além de trabalhos como roteirista, crítico de cinema, dramaturgo, diretor de peças teatrais, em diversos momentos escreveu para revistas e jornais e, em 1977 passou a assinar uma coluna semanal na *Folha de S. Paulo* que se manteve até 1984.

Em entrevista aos *Cadernos de Literatura do Instituto Moreira Sales*, em 2005, Márcio Souza comenta sobre o início da sua aproximação com a literatura ter ocorrido pelo cinema. O autor conta que para se manter em São Paulo, sozinho e sem auxílio financeiro de seus pais durante seus estudos na USP, começou a trabalhar escrevendo roteiros para a Servicine, uma produtora da Boca de Lixo, que produzia filmes sem subsídios governamentais e, por isso, dependia do retorno financeiro gerado pela bilheteria arrecadada:

Sendo empresários, produziam para ter retorno de bilheteria. Eles tinham muito faro para o negócio, eram experientes. Aprendi com eles. Eu aprendi a ser escritor na Servicine. Eles compravam os direitos de um romance, por exemplo, e nós tínhamos de transformar em roteiro. Éramos todos funcionários. Era tudo muito profissional. E eles nos tratavam muito bem. (SOUZA, 2005b, p. 26 e 27)

A profissionalização do escritor esteve relacionada ao cinema. O trabalho como roteirista exigia muita leitura e, claro, muita escrita. Márcio afirma que chegou a adaptar *Na selva das cidades*, de Bertold Brecht, para o cangaço, mas foi um texto experimental, nunca chegou a ser filmado. Ao ser contestado sobre este período em que seu trabalho esteve voltado para o cinema comercial em oposição ao cinema de arte, idealizado pelo autor, Márcio confessa ter ficado apreensivo, mas que o temperamento dos patrões o ajudava bastante, e conclui:

“Percebi logo que tinha muito a aprender com a dupla. Aquilo me quebrou muitos mitos – e não só cinematográficos, literários também” (SOUZA, 2005b, p. 27).

Souza confirma que já fazia a distinção entre o Sul (por ele chamado de Brasil) e o Norte (Amazônia) brasileiros, ainda quando era um jovem estudante de graduação em Ciências Sociais: “Eu dizia naquela época que o cinema para mim era uma forma de romper o silêncio que havia entre o Brasil e a Amazônia. O cinema, afinal, era comunicação de massa. Eis aí a razão, digamos, política, do meu interesse pelo cinema” (SOUZA, 2005b, p. 27).

Interessante destacar que Márcio Souza reflete sobre a importância de estudar, pesquisar e aprofundar seus conhecimentos sobre uma região, pois ao filmar *A Selva*, morando em São Paulo, ele nota que o simples fato de ter nascido em uma região não lhe garantia ter conhecimentos suficientes sobre ela:

A selva me serviu até para despertar em relação à Amazônia. Quando eu estava montando o filme, descobri que não entendia nada da região.

CADERNOS: Ou seja, o sr. descobre a Amazônia, num sentido mais crítico, a partir de São Paulo?

Márcio Souza: Isso mesmo. Eu tinha pensado em fazer filmes mais informados socialmente e, na verdade, com *A selva* descobri que não sabia nada, que não fazia diferença o fato de eu ter nascido em Manaus. Do que eu sabia, poderia ter nascido em Porto Alegre, São Paulo. (SOUZA, 2005b, p. 27 e 28)

O ponto de vista apresentado pelo autor se confirma pelos variados ensaios publicados sobre a região amazônica baseados em pesquisas e aprofundamentos sobre o tema - presente também em seus romances. Em relação à forma como os acontecimentos históricos são apresentados, Márcio Souza alerta sobre a necessidade de olhar criticamente para o passado: “A história é muito fabricada – então você não deve sucumbir ao que dizem que aconteceu no passado. Você tem de checar isso do ponto de vista crítico” (SOUZA, 2005b, p. 34).

Ao ser questionado sobre uma declaração que dera aos 38 anos de idade, sobre almejar ser como Jorge Amado, Márcio retoma a admiração e acrescenta o Erico Verissimo:

Fiquei impressionadíssimo com *Mar morto* [1936], por exemplo. Mas o que mais me encantava no Jorge era que ele se definia

como um escritor que escreve sobre o povo e para o povo – ele queria ser lido, num país em que ser lido, em que vender 5.000 exemplares, ao menos naquele tempo, era algo incomum. Assim, eu admirava Jorge Amado por isso, como também admirava Erico Veríssimo. Eles eram escritores de leitores, entendem? (SOUZA, 2005b, p. 37)

Novamente é retomado o posicionamento do escritor sobre a importância do público leitor. Assim como Erico Verissimo afirmava à imprensa que escrevia pensando em seus leitores, ambos compartilham a mesma preocupação. Para esclarecer que sua escrita se preocupa com o leitor, mas nem por isto deseja produzir uma literatura “pasteurizada”, Márcio complementa:

Eu escrevo para os leitores; o editor tem de fazer o que lhe cabe. Eu quero ser lido. Se eu tiver uma edição esgotada, maravilha, é como eleição direta. Livraria é aonde o público vai e vota – se você acertou, ganha leitores. Eu não pertencço à estirpe da Emily Dickinson, que, aliás, é a única autêntica quando dizia que não queria ser lida. Mesmo assim, mostrou uns poemas a um crítico ligado ao setor editorial, que disse que ela devia publicar. Só que Emily não quis. Eu não sou desse jeito. Eu sou um escritor dos leitores, insisto. Eu gosto dos leitores. Espero que os leitores leiam os meus livros. Isso não quer dizer que eu vá sucumbir e preparar uma literatura pasteurizada. (SOUZA, 2005b, p. 38)

Ao produzir romances, Márcio tem a liberdade de utilizar algumas informações obtidas em suas pesquisas, mas preocupando-se mais com a verossimilhança do que com a verdade histórica. A ficção lhe dá uma liberdade criativa e o autor tem consciência destas escolhas. Ao analisarmos as *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, isto se evidencia, como neste trecho:

[...] quando eu estava começando a trabalhar pensei que, sendo aquela uma história de época, o melhor jeito de transportar o leitor imediatamente para o período da ação era, claro, por meio da linguagem. Não adiantava eu desfilar erudição, páginas e páginas descrevendo um vestido usado no final do século XVIII no Amazonas, que isso não atrairia a atenção. Cheguei à conclusão de que se a história fosse contada na primeira pessoa conseguiria aproximá-la melhor do leitor. Então comecei e, quando caí em mim, quando me dei conta da dificuldade que esse processo implicava, já era tarde, não tinha mais volta. (SOUZA, 2005b, p. 39 e 40)

Márcio apresenta algumas reflexões sobre o processo de criação literária e as dificuldades enfrentadas durante a elaboração da tetralogia. O estilo

empregado na descrição está baseado no que ele imagina atrair o leitor – retoma a valorização do leitor já citada anteriormente. As dificuldades com a linguagem utilizada por Márcio Souza em *Lealdade* (1997) são comentadas pela difícil decisão de narrar em primeira pessoa, pois Fernando – narrador-protagonista deste romance “é um homem do século XIX. Só que se eu mimetizasse a linguagem do século XIX, iriam acontecer duas coisas: soaria artificial e acabaria ininteligível para os leitores” (SOUZA, 2005b, p. 40).

As reflexões acerca das escolhas do foco narrativo esclarecem tanto as motivações como dilemas que surgiram: “Se eu sou um narrador onisciente, eu tenho de ter uma personalidade diferente da minha, eu sou eu – e estou lá” (SOUZA, 2005b, p. 40). Esta afirmação apresenta o conceito de autor *implícito*, segundo Wayne Booth, pois o escritor tem consciência dos níveis e diferenciações entre os “seres de papel” e os de “carne e osso”, presentes na narrativa como o narrador, o autor implícito e o autor do mundo real.

As críticas sobre as produções de Márcio Souza surgem por seu primeiro romance ter alcançado um expressivo número de vendas em vários países pelo uso da ironia, da paródia, da carnavalização e da reprovação pelos interesses estrangeiros sobre a Amazônia o que, para alguns críticos, o fizeram considerar ter descoberto a “chave para o sucesso” e, desta forma, seguir produzindo romances históricos que recriavam “de forma alegre e ao mesmo tempo séria um episódio da história amazônica [...]” (ESTEVES, 2010, p. 215).

Sobre o romance *Mad Maria* (1980), de Márcio Souza, o pesquisador Francisco Foot Hardman (1988, p. 233) destaca como falha fundamental o esquema simplista do narrador ao atacar de forma exagerada e com um discurso datado o imperialismo, atribuindo a este a causa de todos os males do Brasil. Sobre as obras de Souza, Hardman afirma que:

[...] o manauara Márcio Souza tem reiterado sua deliberação em seguir à risca a perspectiva de uma cultura amazônica antineocolonialista⁶. Sua obra veio à tona e se consolidou como manifestação literária a mais representativa dos impasses históricos e contemporâneos da Amazônia brasileira, pelo menos desde o instante em que o grande romancista marajoara Dalcídio Jurandir (1909 – 1979) publicava, em 1978, *Ribanceira*, décimo e derradeiro romance desse extensíssimo ciclo ficcional do Extremo Norte, começado havia quase 40 anos, em 1941,

⁶ Cf. SOUZA, Márcio. *Discurso de posse na Academia Amazonense de Letras*, 2004.

com *Chove nos Campos de Cachoeira* (HARDMAN, 2005, p. 99).

Hardman contextualiza a obra de Márcio Souza por apresentar os impasses históricos e contemporâneos tanto nos ensaios quanto nas produções ficcionais, e, após um levantamento geral da temática trabalhada, demonstra que as produções de Márcio Souza são, em sua maioria, textos relacionados ao universo amazônico.

A tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, para Hardman é um projeto ambicioso do autor por compreender um longo período da história da região Norte do Brasil:

Esses romances, embora valendo-se à larga de procedimentos ficcionais, não podendo sequer, a nosso ver, serem chamados de históricos, possuem, ao mesmo tempo, laços orgânicos indeléveis com uma releitura da história e com uma encenação política da Amazônia, dentro de um sentido forte de projeto autoral, logo entrevistas no destaque dramatizante que desponta no rodapé da capa de *Lealdade*, na edição original – Um país morreu para o Brasil nascer.

Este “país”, antigo estado do Maranhão e Grão-Pará e, depois, Província do Grão-Pará e Rio negro, revela-se sem dúvida como a razão de ser da obra de Márcio Souza. (HARDMAN, 2005, p. 98 e 99)

Assim, Hardman conclui que toda a produção de Márcio Souza convergiria para a elaboração da tetralogia que busca mostrar como foi ou poderia ter sido este “país”. A releitura da história é inegável nestes romances, inclusive por Hardman, e, independentemente no tom dramático utilizado desde a capa para defender o ponto de vista do autor amazonense, há a elaboração de um romance histórico, estruturado de forma a que cada volume apresente a visão de um personagem diferente sobre o período anterior à anexação daquele território (1840).

Hardman aponta também a dificuldade que Márcio Souza tem em desenvolver um núcleo central dramático para o romance *Mad Maria* (1980) por dividi-lo entre um núcleo amoroso romântico e um outro da violência extrema nas relações de trabalho na selva e os rumos do imperialismo: “Pareciam, como os trilhos da Madeira-Mamoré, histórias paralelas que não confluíam em um único núcleo dramático central” (HARDMAN, 2005, p. 106).

Ainda sobre o romance *Mad Maria* (1980), o pesquisador Antonio Esteves (2010) analisa o contexto em que o romance foi produzido e o estilo exagerado do escritor é novamente alvo de crítica:

Talvez como reflexo do momento histórico em que se produz o romance, escrito entre 1977 e 1980 e publicado nesse ano, período que marca o ocaso da lenta agonia da ditadura militar instalada no Brasil após o golpe de 1964, Márcio Souza, munido de um nacionalismo contraditório e peculiar a setores da esquerda brasileira daquele momento, tende a atacar de forma virulenta a política liberal da Primeira República. Ao mesmo tempo, repetindo as críticas advindas especialmente de seus opositores ‘civilistas’, o escritor carrega na tinta ao denunciar o militarismo do marechal Hermes da Fonseca. (ESTEVES, 2010, p. 221)

O posicionamento político do escritor parece destacar-se de forma negativa em sua ficção, transparecendo o exagero pontuado pelos dois pesquisadores. Esteves (2010) critica ainda o “maniqueísmo exagerado” com que Souza apresenta os personagens históricos, o que prejudica a compreensão de suas contradições presentes em suas biografias, como exemplo, Rui Barbosa, marechal Hermes da Fonseca, J.J. Seabra, Alexander Mackenzie ou Percival Farquhar. O maniqueísmo também presente na ação é destacado por Esteves como mais um aspecto negativo do romance: “[...] trabalhadores brutalmente explorados pela companhia responsável pela obra, representante no local dos tentáculos do monstruoso capitalismo multinacional apenas interessado em lucro fácil” (ESTEVES, 2010, p. 221 e 222). A visão maniqueísta empobrece a narrativa por restringir as possibilidades tanto dos personagens quanto das ações e simplificar a multiplicidade e contradições do período histórico narrado.

Outro aspecto destacado por Esteves em *Mad Maria* (1980) é o binômio civilização *versus* barbárie, visto como um dos temas centrais do romance por opor a ferrovia – relacionada ao progresso, à revolução industrial - às difíceis condições do trabalho no meio da selva amazônica. Em relação à visão da selva, Esteves apresenta duas possibilidades: a da selva como espaço infernal “contra o qual o homem civilizado tem pouco poder e que acaba por minar suas forças até destruí-lo completamente” (ESTEVES, 2010, p. 222); e a associação do universo amazônico a um mundo primitivo “onde permanecem vivas as forças

da criação que atuam em um mundo não concluído. Esse universo, regido pela força das águas, seja de seus rios, seja das fortes chuvas torrenciais, parece estar ainda em formação, em um estágio anterior à superação do caos pela ordem” (ESTEVES, 2010, p. 222 e 223). Este embate entre o mundo civilizado e a natureza é apresentado pelas cenas em que a ciência/medicina é utilizada para enfrentar as doenças da região como a malária ou pelo uso da força das máquinas para derrotar a selva e o uso dos trilhos da ferrovia para vencer as cachoeiras do rio Madeira.

O embate entre o branco que invade a selva e o nativo é criticado por Esteves por considerar o personagem Joe Caripuna como “um dos personagens mais inverossímeis do romance” (ESTEVES, 2010, p. 227). O pesquisador se justifica:

Não por sua história, bastante plausível no contexto da história dos nativos americanos, mas pela técnica narrativa utilizada. No primeiro capítulo, em especial, o foco se ocupa do jovem caripuna mediante monólogos em que ele tenta entender o branco manejando uma série de conceitos particulares da antropologia do século XX. Resulta pouco convincente que um jovem caripuna dominasse o conceito de “civilizado” para expressar a alteridade. O que parece claro é que o autor, sem conhecimentos da própria alteridade representada pelo nativo, coloca em sua mente conceitos que são próprios da forma de pensar de certa intelectualidade branca, de classe média e formação que se crê progressista, sem a menor condição de imaginar o que se pensa alguém que, tendo nascido e crescido na selva, tem sua cultura destruída pelo contato com o branco, por quem se sente atraído e de quem tenta se aproximar. O discurso de Joe mente não porque seus pensamentos não sejam verdadeiros de acordo com a antropologia ou segundo o politicamente correto na ciência do século XX, mas porque a forma que veicula o discurso não convence. E para ser um discurso carnavalizado ou paródico faltam elementos formais que lhe deem sustentação (ESTEVES, 2010, p. 227).

A crítica em relação à técnica utilizada por Márcio Souza para apresentar o embate entre o nativo e o homem branco é fundamentada tanto pela falta de elementos formais quanto pela falta de domínio do autor sobre a alteridade. Márcio Souza já havia mencionado em entrevistas sua dificuldade em compreender o universo amazônico, chegando a confessar ter sido necessário estudar e se aprofundar mais no tema em diversos momentos, mas se torna claro que, naquele momento, ainda se evidenciava uma dificuldade em criar um

personagem nativo verossímil, distanciando-se de seu universo particular. Esta dificuldade foi novamente retomada quando o escritor foi questionado sobre a elaboração do último volume da tetralogia – que apresentará o ponto de vista indígena daquele período – e que, segundo o autor afirmou em entrevistas, teve que ser reescrito, buscando novas pesquisas sobre as etnias indígenas que tornassem verossímeis suas narrativas.

1.5 Erico Verissimo: projeto de nação e inspiração para Márcio Souza?

A dedicatória do primeiro volume de *Crônicas do Grão Pará e Rio Negro* já declara que há uma relação de admiração de Márcio Souza a Erico Verissimo. Esta relação expressa logo após o sumário do romance introduz o leitor na atmosfera do romance histórico e cria a expectativa de que um panorama da formação da região Norte do Brasil lhe será apresentada, pois o sumário traz as informações de que a narrativa abrange o período de 1783 a 1823. O sumário divide o romance em três partes da seguinte forma: “1 – Onde se relata com a voz pouco fiel da memória, fatos ocorridos nos idos de 1783 a 1810; 2 – No qual é retirado do injusto esquecimento o que ocorre entre os anos de 1810 a 1821; 3 – O trágico ano de 1823” (SOUZA, 1997, p. 5).

Márcio Souza consagra a sua tetralogia ao Erico Verissimo. Ao começar a leitura sobre um panorama da região Norte brasileira do século XIX, construído por Márcio Souza, o leitor é remetido à construção da região Sul realizada pelo escritor gaúcho. A dedicatória remete ao grande projeto literário de Erico Verissimo que propõe a narrativa da formação de sua região (Sul do país), acompanhando as dificuldades, incertezas, guerras que compõem e caracterizam este período histórico.

Vale destacar o termo escolhido por Marcio Souza: *consagrar* e não apenas dedicar o seu trabalho ao escritor gaúcho. O termo *consagrar* confere uma valorização maior à trilogia, pois significa, de acordo com a definição no dicionário Aurélio: “1. Tornar sagrado. 2 - Oferecer à divindade. 3 - Dizer na missa as palavras da consagração. 4 - Dedicar, votar. 5 - Sancionar. 6 - Dedicar-se.” Além do sentido inicial de dedicatória, há também uma relação com o já renomado, reconhecido e canonizado escritor gaúcho, bem como sua trilogia. Neste sentido, Marcio Souza se posiciona não apenas reconhecendo o bom trabalho realizado anteriormente como também declarando que busca um patamar semelhante para sua própria construção.

Márcio Souza dedica, mas não desenvolve o mesmo projeto literário de Verissimo. Souza apresenta a desconstrução de uma nação, as frustrações destacam-se mais que as conquistas obtidas. Todo o projeto da região vai se desmantelando, despedaçando e se desconstruindo ao longo da narrativa.

Márcio Souza, durante entrevista à Editora Record, retoma o tema da dedicatória/consagração e justifica:

Eu tenho uma grande admiração pelo Érico, mas acredito não ter parentesco literário com sua literatura. Acho que o ponto de aproximação é a criação do grande painel. Ele realizou-o para o Rio Grande do Sul de uma forma única, através dos mitos e das mitologias de seus povos. Trata-se da saga da construção de um povo, permeada por uma narrativa muito mais próxima formalmente do romance do século XIX. No caso da minha tetralogia, elaboro uma saga que descreve a destruição e não a construção de um processo regional. A estrutura da minha narrativa é muito mais seca e não está mergulhada na mitologia. Ela também mantém uma certa relação irônica com a idéia do romance histórico, o que não ocorria com o Érico. Pode-se observar tanto no *Lealdade* como no *Desordem*, uma certa visão crítica em relação à própria narrativa. São distinções importantes. (SOUZA, 2001b)

Marcio apresenta uma certa crítica sobre a narrativa, mas também mantem características do romance histórico tradicional com a descoberta de documentos, a narrativa pessoal de um personagem comum rodeado por outros históricos que garantem a verossimilhança.

A diferença da narrativa mais seca - apontada por Marcio Souza em comparação ao romance histórico de Erico Verissimo - se verifica de certa forma pelo primeiro volume ter um narrador em primeira pessoa, com formação militar, poucos conhecimentos da história local, filho de portugueses e com grande ligação, inicialmente, com Portugal. O protagonista apresenta a narrativa de suas memórias após um intenso momento de batalhas e decepções que lhe conferiram uma narrativa mais direta, mais objetiva.

A estrutura narrativa da primeira parte de *Desordem*, de Márcio Souza, se apresenta entrecortada, ou seja, uma alternância entre capítulos com descrições mais pessoais, semelhantes a um diário (vida pessoal e sentimentos de Anne-Marie) e outros com narrativas históricas, mostrando cenas mais públicas que envolvem outros personagens, inclusive personagens históricos. Esta alternância, embora remeta à narrativa intercalada utilizada por Erico Verissimo em *O Continente*, se apresenta não com o mesmo padrão empregado por Verissimo, mas com uma intercalação menos rígida em que a narrativa pessoal de Anne-Marie é interrompida por dois capítulos sobre os irmãos Angelim,

retomada e novamente interrompida por apenas um, por exemplo. Diferentemente de Verissimo, em que há uma clara interposição de capítulos, neste romance de Márcio Souza o intercalar de narrativas não apresenta um padrão claramente estabelecido. Além disso, não há uma organização dos capítulos por tema, há apenas uma enumeração sequencial.

Outro aspecto importante é que a desconstrução tem uma nuance pessimista e não retoma aspectos mitológicos. Quando os índios são citados isto se dá de forma a lamentar que estes também tivessem suas terras perdidas. O tom de frustração impede que aspectos mitológicos sejam retomados e impõe uma crítica que remete à situação atual (momento da produção) do país.

Durante entrevista para o *Cadernos de Literatura Brasileira* em 2005, ao ser questionado sobre a vinculação entre o projeto de *O Tempo e o Vento* (1949 – 1962) e sua tetralogia, Márcio revela que sua admiração por Erico surgiu ainda em sua adolescência quando lera a trilogia pela primeira vez e ficou fascinado, confessando que ainda relê a obra:

A verdade é que meu fascínio de adolescente pelo trabalho de Erico sempre foi algo forte. Quando reformaram o Arquivo Público do Pará, que hoje é um dos melhores do Brasil -, eu comecei a olhar para aquele país que existiu ali, o Grão-Pará, que tinha Belém como capital. Fui tomando conhecimento dessa história. (SOUZA, 2005b, p. 40)

Este olhar em relação ao “país que existiu ali” - surgido ao observar os documentos do Grão-Pará - é concretizado depois na construção do protagonista do romance *Lealdade* (1997), que idealiza o Grão-Pará como um país livre.

A inspiração para elaborar a tetralogia surge da reflexão sobre o esquecimento daqueles fatos históricos importantes ocorridos no século XIX, e o “silêncio” sobre este período em oposição à lembrança de Erico Verissimo. Esta dicotomia esquecimento da região *versus* a lembrança da obra de Erico é emblemática, pois possibilita que se suponha a intenção de atingir tal referência para a sua região:

A gente tem a tendência de achar que o século XIX é o ciclo da borracha, mas não é. O ciclo da borracha é da República. Começa no século XIX, mas era, então incipiente. Como ciclo

econômico forte, ele é do século XX. Aí sim, foi um ciclo pujante, concomitante ao do café, só que acabou antes. Enquanto foi forte, contribuiu com 40% do PNB. Em relação ao século XIX, quer dizer, ao que aconteceu na Amazônia no século XIX, eu percebi, sempre se fez um silêncio completo. Por quê? É fácil entender. Todas as grandes crises do Império têm origem no Grão-Pará. Então, o século XIX da região ficou apagado na nossa memória. “Eu vou ter de reacender isso”, pensei comigo. E assim começou o projeto. Com Erico na lembrança e a falta de memória do Grão-Pará no século XIX. (SOUZA, 2005b, p. 40 e 41)

Um dos aspectos que mais se destaca na diferença entre os painéis mostrados por estes dois autores é o narrador. Diferente do projeto de Erico em que há um narrador onisciente, Márcio opta por narradores-protagonistas que restringem o foco e trazem suas impressões pessoais sobre os acontecimentos. Márcio Souza explica sobre esta opção: “O meu esforço é para que esses quadros históricos tenham um arcabouço psicológico, de maneira que o leitor possa perceber que ali há individualidades interagindo com as contingências daquele momento” (SOUZA, 2005b, p. 43).

Márcio Souza problematiza o projeto nacional ao ser questionado sobre o problema atual da Amazônia: “Eu acho que não existe um ‘problema da Amazônia’. O que há é um ‘problema nacional’: não se consegue estabelecer uma estratégia integral para o país, um projeto de nação. Sem isso, você não inclui nada, nem uma região” (SOUZA, 2005b, p. 46).

O crítico literário Antonio Candido em seu livro *Literatura e Sociedade* aborda a questão do nacionalismo na literatura brasileira e comenta que “a posição do escritor e a receptividade do público serão decisivamente influenciadas pelo fato de a literatura brasileira ser então encarada como algo a criar-se voluntariamente para exprimir a sensibilidade nacional, manifestando-se como ato de brasilidade” (CANDIDO, 2000, p. 73).

No Romantismo havia o desejo de exprimir esta sensibilidade nacional, afirmado por Candido, que era apoiado pela receptividade positiva do público leitor. Desta forma, o “nativismo” e o “civismo” serviram como pretextos e funcionaram como “justificativa da atividade criadora; como critério de dignidade do escritor; como recurso para atrair o leitor e, finalmente, como valores a transmitir” (CANDIDO, 2000, p. 73).

Tendo início no Romantismo brasileiro, o nativismo e o civismo foram retomados posteriormente em diferentes contextos, com resultados literários diversos, mas ainda garantindo dignidade ao escritor, atraindo leitores e transmitindo valores. Candido acrescenta o nacionalismo a esta tendência e o objetivo de despertar emoção:

Formado sob a sua égide, o escritor brasileiro guardou sempre algo daquela vocação patriótico-sentimental, com que justificou a princípio a sua posição na sociedade do país autonomista, e logo depois independente; o público, do seu lado, sempre tendeu a exigí-la como critério de aceitação e reconhecimento do escritor. Ainda hoje, a cor local, a exibição afetiva, o pitoresco descritivo e a eloquência são requisitos mais ou menos prementes, mostrando que o homem de letras foi aceito como cidadão disposto a *falar* aos grupos; e como amante da terra, pronto a celebrá-la com arroubo, para edificação de quantos, mesmo sem o ler, estavam dispostos a *ouvi-lo*. Condições todas, como se vê, favorecendo o desenvolvimento, a penetração coletiva de uma literatura sem leitores, como foi e é em parte a nossa. (CANDIDO, 2000, p. 74)

Antonio Candido destaca a presença da “cor local”, do pitoresco descritivo e da eloquência na literatura brasileira que podem ser observados no *corpus* desta tese na medida em que ambos autores retomam os momentos históricos anteriores à unificação ao Reino Unido do Brasil para suas narrativas, atraindo e envolvendo o leitor.

Candido propõe a dialética do localismo e do cosmopolitismo para compreender a evolução da vida literária e espiritual brasileira e destaca que, embora haja em algumas obras um nacionalismo literário violento e em outras a imitação consciente dos padrões europeus, ainda se observa que há obras nas quais o resultado apresenta um “compromisso mais ou menos feliz da expressão com o padrão universal” (CANDIDO, 2000, p. 101). Para compreender este processo:

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma de expressão). A nossa literatura, tomado o termo tanto no sentido restrito quanto amplo, tem, sob este aspecto, consistido numa superação constante de obstáculos, entre os

quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado, desenvolve em face de velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes. (CANDIDO, 2000, p. 101 e 102)

Esta dialética proposta por Antonio Candido que estabelece a tensão entre o dado local e os moldes herdados da tradição europeia toma forma material no personagem Fernando de *Lealdade*, de Márcio Souza que representa a materialização do espírito brasileiro: filho de portugueses (matriz europeia), buscando uma maturidade e independência para afirmar-se como único, diferente, maduro, enfim um grão-paraense.

Antonio Candido ressalta nestas manifestações dialéticas o “diálogo com Portugal”, “que é uma das vias pelas quais tomamos consciência de nós mesmos” (CANDIDO, 2000, p. 102). E é por meio desta consciência que o protagonista de *Lealdade* (1997), de Márcio Souza, constrói e desenvolve sua identidade, dialogando com Portugal, sendo renegado e definindo sua lealdade ao novo território, onde nasceu. Este processo de formação do brasileiro é explicitado por Candido:

Na lenta maturação da nossa personalidade nacional, a princípio não nos destacávamos espiritualmente dos nossos pais portugueses. Mas, à medida que fomos tomando consciência da nossa diversidade, a eles nos opusemos, num esforço de auto-afirmação, enquanto, do seu lado, eles nos opunham certos excessos de autoridade ou desprezo, como quem sofre ressentimento ao ver afirmar-se com autonomia um fruto seu. (CANDIDO, 2000, p.102)

A independência da literatura brasileira frente aos portugueses teve início com o nacionalismo literário do Romantismo e a independência política. O diálogo foi interrompido por momentos de rebeldia com negação dos valores portugueses por um lado e menosprezo e despeito do outro. Antonio Candido afirma que, no século XX, esta relação foi se amainando e “que a influência morreu, praticamente, tanto é verdade que a vida se nutre das tensões e dos conflitos” (CANDIDO, 2000, p. 103).

Antonio Candido retoma o problema enfrentado pela literatura brasileira ainda no início do século XX: o alto índice de analfabetismo. Para exemplificar, Candido apresenta os dados: “Os analfabetos eram no Brasil, em 1890, cerca

de 84%; em 1920 passaram a 75%; em 1940 eram 57%. A possibilidade de leitura aumentou, pois, consideravelmente” (CANDIDO, 2000, p. 125). Este aumento no número de pessoas alfabetizadas, chegando a quase metade da população nos anos de 1940, se relacionam à preocupação que Erico Verissimo demonstrava com seus leitores, pois nesta fase aumentou também o número de casas editoriais, favorecendo que se estreitassem os laços entre leitores e escritores. O contexto de elaboração e da publicação da trilogia de Erico eram favoráveis em relação ao número de possíveis leitores.

Em relação ao tema presente nas obras selecionadas para este estudo, observa-se o retorno ao passado, como uma busca pelas raízes e a formação destas regiões. Sobre esta retomada do passado e a tentativa de encontrar suas origens locais, Antonio Candido apresenta:

Num país sem tradições, é compreensível que se tenha desenvolvido a ânsia de ter raízes, de aprofundar no passado a própria realidade, a fim de demonstrar a mesma dignidade histórica dos velhos países. Neste afã, os românticos de certo modo compuseram uma literatura para o passado brasileiro, estabelecendo troncos a que se pudessem filiar e, com isto, parecer herdeiros de uma tradição respeitável, embora mais nova em relação à europeia. E aqui tocamos numa contradição, frequente nos arrivistas, e típica dessas gerações, entre o orgulho de ser criador de algo novo, e o desejo de ter uma velha prosápia. (CANDIDO, 2000, p. 155)

Esta construção genealógica começou no Romantismo, mas foi utilizada por Erico Verissimo ao apresentar as raízes que compõem seu Estado e, de certa forma, por Márcio Souza ao mostrar como sua região foi formada.

Diferentemente de Márcio Souza, que afirma constantemente realizar pesquisas históricas para compor seus romances, Erico Verissimo afirma que age de forma distinta:

Sou fraco em matéria de pesquisa de qualquer natureza. Preguiça e falta de método. Um romancista é antes de tudo um intuitivo. Para *O tempo e o vento* fiz o mínimo de pesquisa. Não me arrependo disso. É muito perigoso para o romance quando o autor sabe demais sobre uma região ou época histórica. Sua tendência é usar tudo o que sabe, isto é, atravancar as páginas do romance com móveis e utensílios etc. (Revista *Manchete*, 04 ago.1973)

A forma como cada um dos romancistas declara se preparar para elaborar seus romances históricos é bem diferente e, como já destacado, resulta em trabalhos realmente diferenciados, desde a escolha do material histórico pesquisado (ou não), a escolha de narradores e as conduções e os objetivos diferentes para a narrativa.

1.6 A questão do Nacional: nacionalismo ainda sem nação?

A preocupação com o espaço, bem como com características que determinariam uma unidade, tem aparecido em muitos romances do século XX. As narrativas produzidas no período pós-colonial apresentam uma busca pela “origem”, e os romances históricos, neste contexto, têm buscado reescrever uma história ou recontá-la com uma versão que havia sido deixada à margem. Os romances históricos que compõem esta pesquisa têm demonstrado este desejo de aquelas regiões se constituírem, buscando, em alguns momentos, aspectos de unidade.

Jerome de Groot destaca esta busca de romancistas históricos pelo “Nacional”: “Os romancistas históricos têm tido um longo interesse em discutir a criação da nação; desde Scott, partindo do propósito e do modo de trabalho dos escritores históricos”⁷ (DE GROOT, 2009, p. 140) [tradução nossa]. As discussões sobre a criação da nação têm interessado aos autores e também aos leitores. Tanto Verissimo quanto Souza buscam discutir nestes romances o processo de formação de suas regiões e a forma como elas se constituíram dando origem às guerras com motivações separatistas até às posteriores anexações.

A questão da nação se apresenta de forma marcante nestes romances, em especial em *Lealdade* (1997), de Márcio Souza, no qual este aspecto influencia e condiciona as escolhas do protagonista. No livro *Nation and Narration*, Homi Bhabha aborda a temática da nação: “A nação, assim como o indivíduo, é a culminância de um longo passado de esforços, sacrifício e devoção”⁸ (BHABHA, 2009, p. 19) [tradução nossa].

A trajetória de Fernando é marcada por sua devoção e busca pela consolidação da nação. Esta busca faz com que ele se sacrifique, se exponha e se desconstrua, assim como a sua terra natal. O narrador descreve uma luta imersa em pessimismo e ressentimentos porque ele já sabia o resultado de toda a sua própria vida, por estar escrevendo suas memórias. Sua visão dos fatos do

⁷ “Historical novelists have been long interested in the discussion of nation creation; from Scott’s onward part of the historical writer’s purpose and mode of working” (DE GROOT, 2009, p. 140).

⁸ “The nation, like the individual, is the culmination of a long past of endeavours, sacrifice and devotion” (BHABHA, 2009, p. 19).

passado é tomada pelos sentimentos do indivíduo frustrado e decepcionado pelo caminho que esta nação estava tomando.

Este aspecto difere totalmente da narrativa de Erico Verissimo que se propõe a formar um panorama e construir uma região que, apesar de todos os conflitos, problemas e disputas, conseguira, na visão do autor, firmar uma identidade e consolidar suas características. Márcio Souza parece justificar toda a situação econômica, as dificuldades e os problemas da região Norte pela destruição tanto dos ideais locais que os diferenciavam das demais províncias quanto pelo descaso do governo imperial após a anexação do território.

Já na capa do primeiro romance da tetralogia de Márcio Souza – versão publicada pela editora Marco Zero – há a seguinte frase: “Um país morreu para o Brasil nascer.” Este paratexto dita o tom da narrativa e aborda de forma enfática e até dramática a anexação do território do Grão-Pará ao Império brasileiro como sendo um evento trágico, comparado à morte daquele que poderia ter sido um país. Esta afirmativa condensa a negatividade e a frustração durante a formação do que seria o atual território brasileiro.

O protagonista apresenta uma reflexão sobre a sua própria escrita e comenta sobre o ato de produção para demonstrar como todo este contexto de lutas e tentativas de independência o influenciou na elaboração de uma narrativa repleta de amarguras e decepções:

Algumas vezes o calor torna-se intolerável aqui nesta região, porque o verão arrasta-se indolente e soberano. Leio estas linhas mais uma vez, página a página, e sei que nenhuma gota amarga será capaz de substituir o que realmente aconteceu. Mas o que fazer? Minhas idéias, eu o sei, jamais foram claras o suficiente para registrar algo sensato, algo que seja capaz de enfrentar a teimosia do esquecimento. E no entanto, nada mais oco que a sensatez quando sofremos frontalmente o golpe da contingência. Porque nada resta, nem mesmo chorar de raiva significa um gesto heroico. (SOUZA, 1997, p. 189)

O clima da região é descrito como intolerável neste trecho em que o protagonista retoma suas memórias, refletindo toda a agonia pelos fatos vivenciados durante a Cabanagem e em sua vida particular. Este fragmento reflete o tom trazido pelas lembranças e a busca de não deixar que aquilo tudo caísse no esquecimento. O calor intolerável da região Norte remete ao “inferno verde”, expressão popularmente utilizada para referir-se ao calor intenso, à

umidade excessiva, à sensação de abafamento e/ou atmosfera infernal ao descrever o clima na floresta amazônica.

A imagem de um verão que se arrasta “indolente e soberano” descreve a sensação de permanência e dominância das altas temperaturas, além disto, o narrador destaca o ponto de onde ele escreve – “aqui nesta região” – utilizando um pronome dêitico observa-se que suas reflexões estão centradas no local em que ele se encontra – na Floresta Amazônica brasileira.

A reflexão sobre a sua escrita e a intenção de retirar aqueles fatos do esquecimento se destacam neste trecho: “Minhas idéias, eu o sei, jamais foram claras o suficiente para registrar algo sensato, algo que seja capaz de enfrentar a teimosia do esquecimento” (SOUZA, 1997, p. 189). O ponto de vista defendido pelo autor do romance, em várias entrevistas, aparece neste trecho defendido pelo narrador. A reflexão sobre o ato de escrever as memórias, bem como o posicionamento crítico sobre sua capacidade de se expressar, são característicos da metaficção historiográfica, de acordo com Linda Hutcheon.

O termo *contingência* foi utilizado para reduzir a importância do fato de que o governo independente não conseguiu se manter no poder, como se todo fracasso tivesse sido obra do acaso. Diante de tanta amargura e decepção, há ao menos um suspiro de auto-piedade ou uma mera tentativa de mitigar os fatos frente à realidade não desejada. E é o tom de teimosia, de insistência em contar uma história esquecida que desenvolve esta narrativa.

Em outro momento da narrativa, quando o protagonista retorna ao Grão-Pará, após a fuga da família Real portuguesa para o Rio de Janeiro, a descrição da natureza é valorizada e os elementos locais são descritos positivamente com destaque para os peixes, a água e as árvores:

A água estava aconchegante, tépida e cristalina, se podia ver os peixinhos coloridos nadando sem medo entre minhas pernas, a areia fina e branca do leito pontilhada por seixos vermelhos bem polidos. Nadei quase meia hora, e depois me deitei na praia, vendo o sol se levantar por trás de um maciço de palmeiras inajá, açazeiros e pupunheiras. (SOUZA, 1997, p. 50)

A paisagem descrita é agradável e remete ao relaxamento de retornar à casa, à terra natal do protagonista – mesmo que ele ainda não tivesse plena consciência disto ao regressar. A imagem de interação com a natureza – água

cristalina, peixinhos coloridos nadando – nos remete ao outro termo comumente relacionado à Amazônia, o “paraíso terrenal”.

A visão da Amazônia como paraíso em meio à natureza é reforçada por este trecho com uma descrição quase romântica do local: “Eu já tinha me esquecido das noites de lua da minha terra, e me deixava fascinar pelo jardim banhado de prata, as folhagens reluzindo de gotas de orvalho, a escuridão trazendo para perto os mistérios da floresta” (SOUZA, 1997, p. 59). A floresta e seus mistérios reforçam o estereótipo da imaginação popular sobre a mata de forma geral, mas principalmente pela amazônica.

Fernando demonstra estar adaptado aos hábitos locais, mesmo que considerasse as atitudes dos índios como infantis e de forma geral “esquisitices”, como observa neste trecho em que os índios entraram para dormir na cabana e o deixaram ao relento:

Deixaram-me ao relento, demonstrando mais uma vez sua total indiferença pelo meu destino. Mas eles não me perturbavam, estava acostumado às esquisitices dos tapuias, aos seus costumes enigmáticos, aos seus arroubos de infantilidade. O fato de deixarem-me a dormir sobre a relva não era grave, nada poderia me acontecer, ali não havia nenhum perigo, a não ser o desconforto de acordar gelado, porque a variação de temperatura na selva é como no deserto, indo aos trinta e cinco graus ao meio-dia e descendo aos sete graus pela madrugada. (SOUZA, 1997, p. 49)

Além da descrição do clima da floresta, observa-se também o pré-julgamento feito pelo protagonista em relação à atitude dos tapuias sem considerar que estes haviam se protegido e, como um adulto, Fernando deveria ter buscado se proteger para evitar o desconforto da baixa temperatura. O posicionamento de transferir a responsabilidade para o outro sobre seu próprio destino demonstra que provavelmente quem agiu de maneira infantil não foram os tapuias. Neste trecho, observa-se que, mesmo já adulto e retomando suas memórias, Fernando ainda mantém o ponto de vista do jovem fidalgo na colônia que esperaria ser servido e cuidado pelos índios.

Esta relação do protagonista com os índios que ele esperava que o servissem retoma as discussões sobre a nação e a hierarquia. A noção de nação é apresentada por Gina Wisker em “*Key concepts in postcolonial literature*”:

As nações são mantidas unidas através de rituais, crenças, tradições e um sentimento de pertencimento, embora não necessariamente da identidade, já que o multiculturalismo e muitas religiões estão presentes em muitas nações. O historiador Eric Hobsbawm observou o desenvolvimento de bandeiras, estereótipos e tradições como caracterização da face pública das nações. Outros indicadores são as versões de recontar e reconstruir a história e, em muitos casos, uma única língua dominante. O historiador e crítico, Paul Gilroy, observa que as nações são financiadas por processos culturais, ideológicos e políticos elaborados (1994, p. 49) que levam ao sentimento de unidade e identidade que supera, por exemplo, as divisões de classe, religião e raça. [...]”⁹ (WISKER, 2007, p. 49) *[tradução nossa]*

Este trecho aborda o aspecto de recontar versões da história, recurso adotado pelos romances históricos. Desta forma podemos considerar que ambos escritores analisados utilizam este recurso para mostrar uma face pública de suas regiões em uma busca de demonstrar ou criar esta identidade. O ato de recontar um fato histórico auxilia na construção deste imaginário de nação.

A relação entre nacionalismo e colonialismo também é analisada por Wisker (2007) ao apresentar como este tema foi abordado na Europa e posteriormente na América:

A força do nacionalismo alimentou historicamente o colonialismo. As identidades nacionais europeias e posteriormente as americanas foram historicamente estabelecidas através da busca e conquista de mercados no exterior e na sua autodeterminação contra as identidades e direitos de outras pessoas. Homi Bhabha comenta (1990, p. 59) que "o nacionalismo europeu foi motivado pelo que a Europa estava fazendo em seus domínios distantes. A "ideia nacional" é, em outras palavras, exibida no solo da conquista estrangeira."¹⁰ (WISKER, 2007, p. 50) *[tradução nossa]*

⁹ “Nations are held together through rituals, beliefs, traditions, and a sense of belonging, though not necessarily of identity, since multiculturalism and many faiths are present in many nations. Historian Eric Hobsbawm noted the development of flags, stereotypes and traditions as characterising the public face of nations. Other indicators are the retelling and reconstructing versions of history, and in many cases a single dominant language. Historian and critic Paul Gilroy notes that nations are funded ‘though elaborate cultural, ideological and political processes’ (1994, p. 49) which lead to a sense of unity and identity which overcome, for example, the divisions of class, religion and race” (WISKER, 2007, p. 49).

¹⁰ “The force of nationalism historically fuelled colonialism. European and laerly American national identities were historically established through their seeking and gaining markets abroad and in their self-definition against the identities and rights of other peoples. Homi Bhabha comments (1990, p. 59) that ‘European Nationalism was motivated by what Europe was doing its far-flung dominions. The “national idea” is, in other words, flaunted in the soil of foreign conquest” (WISKER, 2007. p. 50).

O nacionalismo europeu se constituiu desta forma a partir da expansão de seus territórios ultramarinos e foi motivado, segundo Bhabha, pela conquista de terras estrangeiras. Neste contexto, as reflexões do protagonista do romance *Lealdade*, de Marcio Souza, sobre sua identidade parecem centrar-se no tocante a que o nacionalismo europeu se estrutura/se reforça em relação ao outro, ao colonizado – da mesma forma que o protagonista estabelece suas relações de conhecimento do nacional. Fernando seria a personificação/representação desta região que busca definir sua identidade como nação.

Neide Gondim de Freitas Pinto, em sua dissertação de Mestrado: *A representação da conquista da Amazônia em Simá, Beiradão e Galvez, imperador do Acre*, defendida na PUC/RS em 1982, em que compara o personagem de Galvez, de Márcio Souza com os dos outros dois romances, conclui que este romance de Márcio Souza aborda: “através da crítica aparentemente leve e ferina, os paradoxos e a ingenuidade de um povo que é duplamente colonizado: pelo estrangeiro e pelo próprio Brasil” (PINTO, 1982, p. 104). Esta reflexão se aplica aos romances da tetralogia de Márcio Souza por também sofrerem desta dupla colonização e os personagens estarem frustrados pelas imposições após a anexação ao Brasil.

A tese *A literatura da Amazônia em foco: ficção e história na obra de Márcio Souza*, defendida por Simone de Souza Lima, na USP no ano 2001, compara romances, como *Galvez, Imperador do Acre* (1976), *Mad Maria* (1980) e *A resistível ascensão do Boto Tucuxi* (1982), e peças teatrais, como *Tem piranha no Pirarucu* (1979), de Márcio Souza e suas relações com a história. Desta comparação, Simone destaca o posicionamento crítico do autor diante das contradições regionais e salienta que: “o importante a destacar é que os painéis sobre a região amazônica elaborados por Márcio Souza são resultado, no palco da arte, de uma saudável resistência política” (LIMA, 2001, p. 266).

Márcia Letícia Gomes elaborou a tese “*Como nuvens que jamais seriam chuvas*”: *A história, a escrita literária e a memória da Cabanagem nas Crônicas do Grão-Pará e Rio de Negro de Márcio Souza*, defendida em 2017 na FURG/RS, em que apresenta os aspectos históricos da Cabanagem na tetralogia de Márcio Souza. Este trabalho se atém às produções de Márcio Souza e as relaciona às memórias da Cabanagem.

Além das pesquisas desenvolvidas no Brasil sobre as obras de Márcio Souza, destaca-se também a tese de Doutorado “*Regards sur l’Amazonie Fiction Histoire Identité dans l’oeuvre de Márcio Souza*”, defendida em 2010 na Université Rennes 2, França, por Brigitte Cavagnal Thierion que aborda a forma como os romances históricos de Márcio Souza constroem a identidade amazônica e como o caos é denunciado naquela sociedade.

Pesquisas diferentes buscam estabelecer as relações entre a literatura e a história nas obras de Márcio Souza, demonstrando que esta temática envolve os diferentes trabalhos do autor, além da questão da identidade e sua relação com o nacional e/ou local que se estabelecem desde as narrativas do século XIX, como nos romances analisados neste trabalho.

2 O Corpus selecionado: apresentação e leituras

2.1 *Lealdade* (1997), Márcio Souza

O romance *Lealdade*, de Márcio Souza é o primeiro volume da tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* que se propõe a apresentar narrativas históricas sobre o período que compreende a desconstrução da região enquanto território independente e sua anexação ao Império do Brasil. Já na capa da segunda edição publicada pela Editora Marco Zero (FIGURA 1), observa-se o projeto gráfico de Douglas Canjani com a ilustração, em aquarela, de um barco à vela em primeiro plano fugindo de uma cidade em chamas. As labaredas estão altas e seus reflexos conferem um colorido avermelhado às águas. Da silhueta da cidade destacam-se um forte e uma igreja – provavelmente em referência ao Forte do Presépio na baía de Guajará, da cidade de Belém e à Catedral da Sé Metropolitana de Belém (silhueta semelhante devido às torres).

As cores (com destaque para o vermelho, o amarelo e o azul) utilizadas na capa do livro remetem o leitor ao contexto bélico que será apresentado: o vermelho e o amarelo relacionados ao fogo, às armas de fogo e ao sangue e suor derramados, e o tom azulado às águas tão importantes para o desenvolvimento da região quanto para a sobrevivência do protagonista – que foge pela Baía de Guajará em um barco. A escolha pela técnica da aquarela nos remete à inexactidão deste período histórico, bem como ao esmaecer dos fatos ao longo da história brasileira.

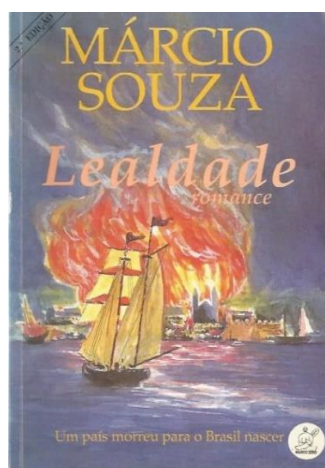


Figura 1: Capa de *Lealdade* (1997), de Márcio Souza

Além da ilustração há na capa a frase: “Um país morreu para o Brasil nascer” que já indica o posicionamento que a narrativa irá trazer, provoca uma curiosidade no leitor que, provavelmente, desconhece a existência de outro país anterior à formação do Brasil e aguça a vontade de ler e descobrir mais sobre a morte desse país e qual seria este. Esta frase foi comentada anteriormente na seção sobre o nacionalismo presente nos romances (“1.6 A questão do Nacional: nacionalismo ainda sem nação?”)

Neste contexto de resgatar um período da história brasileira pouco falado, estudado e narrado – momentos que culminaram na Cabanagem – o Sumário deste romance se divide em três partes que buscam dar voz – mesmo que esta seja descrita como “voz pouco fiel da memória” (Souza, 1997, p. 5) – e “retirar do injusto esquecimento” (Souza, 1997, p. 5) os acontecimentos que resultam na anexação do Grão-Pará e Rio Negro ao território brasileiro e na Guerra dos Cabanos. A preocupação com o resgate da memória para evitar que aqueles fatos fossem esquecidos é destacada neste sumário que condensa o objetivo do autor ao elaborar esses textos.

Para a epígrafe do romance Márcio Souza escolheu Stendhal (1783 – 1842) com a frase: “Parece-me, aliás, que todas as vezes que se avança duzentas léguas do sul para o norte, isso dá ensejo tanto a uma nova paisagem como a um novo romance.” A escolha da frase do escritor francês que nasceu no mesmo ano do protagonista do romance brasileiro já estabeleceria um diálogo entre eles mais ainda pelo tema de avanços do sul para o norte que se encaixaria tanto internamente dentro da América do Sul (trajeto do protagonista de Belém para Caiena), quanto externamente em relação à viagem do protagonista do hemisfério sul (Belém/PA) para o norte (Lisboa/ Portugal). A biografia de Stendhal também se assemelha a estes deslocamentos, como sua mudança da França para a Inglaterra. São estas mudanças que caracterizam o personagem e possibilitam que seus pensamentos sejam modificados ao longo da narrativa.

Logo após a epígrafe são apresentados supostos trechos de documentos referentes ao ano de 1823, como o ofício do Senado da Câmara Municipal de Cametá ao presidente e governador interino das armas informando sobre a deserção do coronel Fernando Simões Correia que,

juntamente com outros soldados armados, colocaram as autoridades locais sob custódia e, pelo soldado Barbosa, declararam que desejavam novamente a expulsão dos portugueses e não desejavam seu envolvimento nos “negócios políticos da província” (SOUZA, 1997, p. 9). Este trecho já antecipa qual seria o posicionamento adotado pelo protagonista do romance em 1823 e, apesar de conhecer qual o posicionamento do personagem já maduro, são suas memórias e os percursos necessários para tomar esta decisão que caracterizam o desenvolvimento do romance.

No segundo documento são apresentadas as instruções do presidente e governador interino das armas da província do Pará ao sargento-mor Baena, comandante da expedição, com o objetivo de solicitar reforços para enfrentar aqueles soldados que se opunham ao governo. Nesta instrução, destacam-se os termos utilizados para designar os opositores, tais como: “aqueles bandidos”, “bando de salteadores”, “desertores dos regimentos de primeira linha”, “pardos e outras classes de gente miserável”, “semelhantes monstros”. O clima bélico se manifesta e neste pedido a justificativa está baseada na violência e atrocidades cometidas que deveriam ser punidas com “castigo proporcional ao seu crime”, gerando a expectativa de uma narrativa de cenas violentas.

O terceiro documento é o caderno de notas do coronel Fernando Simões Correia que descreve as ações tomadas neste embate entre os opositores e o governo, destacando a ação covarde do comandante Baena em retirar-se do fronte e fugir em uma embarcação. A ação do comandante desestimulou seus soldados favorecendo a vitória do grupo do coronel. O tom de desapontamento já aparece neste trecho em que Fernando afirma que: “a nossa vitória em nada adiantou para a causa” (SOUZA, 1997, p. 11). A explicação dos motivos que enfraqueceram o movimento e tornaram a vitória menos duradoura aparece pela embriaguez de Barbosa durante a comemoração pela vitória e as ordens para assassinato a sangue frio dos cinco prisioneiros portugueses e o fuzilamento dos demais presos na manhã seguinte, além de um revira¹¹ na véspera. Esta declaração colabora com a instrução do governo que afirma que houve muitos abusos e atitudes violentas neste período. Por não concordar

¹¹ Termo utilizado na região Norte do Brasil para designar um tipo de dança popular, geralmente realizada pelos negros.

com os excessos cometidos por Barbosa que levaram à derrota do movimento, Fernando afirma ter deixado a cidade e que seu futuro havia se tornado uma incógnita. É esta incerteza sobre o futuro que instiga o leitor a acompanhar a narrativa.

Estes documentos apresentados logo no início do romance buscam estabelecer um pacto entre o leitor e a obra supostamente escrita no século XIX. O uso de documentos históricos pretende garantir maior verossimilhança e é um recurso amplamente utilizado em romances históricos tradicionais, de acordo com o pesquisador Antônio Esteves (2010).

Após a apresentação destes documentos, o relato se inicia sob o título: “Onde se relata com a voz pouco fiel da memória, fatos ocorridos nos idos de 1783 a 1810” (SOUZA, 1997, p. 13). A dúvida que o leitor poderia antecipar sobre um livro de memórias talvez não representar exatamente os fatos ocorridos já se apresenta pela qualificação de que esta voz que narra seria “pouco fiel”. A fragilidade desta memória poderia se justificar porque os demais volumes apresentam diferentes vozes sobre fatos semelhantes, assim possíveis divergências poderiam estar relacionadas à esta recordação.

A narrativa é iniciada pela descrição do rio e a atuação do vento sobre ele, além disto, o clima chuvoso de novembro apresenta a atmosfera da região. O narrador-protagonista se apresenta sentado em uma canoa no rio Tocantins, em frente ao porto das Mercês, em Cametá. O clima de tensão é destacado pela afirmação de que naquele momento o protagonista tinha conhecimento de que deveria apressar-se, pois em pouco tempo os grandes barcos iam começar a se movimentar e ele poderia ser capturado. O risco apresenta-se ampliado pela afirmação sobre a captura: “Se isto acontecesse, seria um homem morto” (SOUZA, 1997, p. 15). Em seguida há a explicação que, de acordo com o governador da Província do Grão-Pará, isto se daria devido aos cadernos que ele levava consigo. O uso de anotações proibidas e que o levariam à morte estimula a curiosidade do leitor sobre este conteúdo e ainda o desejo de acompanhar como se deu esta fuga diante de tantos perigos.

Neste clima de fuga, Fernando afirma que suas lembranças o empurravam ao passado, deste período o destaque é para Caiena, cidade que ele invadiu e tomou, destruindo-a, ferindo, aprisionando e até matando a

população: “Caiena maldita, que se deixou invadir para depois me assaltar a alma com suas filosofias libertárias” (SOUZA, 1997, p. 15). Este episódio em Caiena será posteriormente retomado com mais detalhes por ser neste espaço em que Fernando tem contato com os ideais da Revolução Francesa e onde conhece Simone, a mulher por quem se apaixonaria.

A descrição de Belém é realizada de forma preconceituosa, contrastando a silhueta urbana imponente, com um horizonte de casario e torres entre mangueiras com a população sendo descrita como “sua gente de olhos oblíquos e esfarrapada e seus senhores portugueses como mendigos solenes derrotados pelos trópicos” (SOUZA, 1997, p. 16); e ainda são citados os “fedores” (p. 16) da cidade. Ainda sobre a população, Fernando descreve que havia “Três cores de pele, raças distintas” (SOUZA, 1997, p. 16) e busca demonstrar como estas diferenças compunham o jeito de falar, os hábitos e atitudes daquelas pessoas que, segundo o narrador, estavam pautados na melancolia. Neste contexto, toda a busca pelas músicas, pelo falar alto, pelo sexo, pelas bebidas alcoólicas era uma tentativa de disfarçar a tristeza: “mas nem mesmo os corpos suados conseguiam esconder a melancolia” (SOUZA, 1997, p. 16).

Durante seu percurso remando no rio, as lembranças sobre a terra natal eram retomadas e, já com o sol alto, o clima é comentado como sendo uma “terra sem estações” (SOUZA, 1997, p. 17), mas que Fernando aprendeu a amar em Portugal. O distanciamento do clima tropical provavelmente pelo contraste com as variações de clima entre as estações do ano na capital portuguesa o fez preferir a estabilidade do calor em Belém.

Após a fuga, Fernando se refugiou na Fazenda Promissão, cujo proprietário Sebastião Machado compartilhava as mesmas ideias e aceitou recebê-lo. Na fazenda, as memórias retornam aos quinze anos do protagonista – período em que passou férias de fim de ano em uma fazenda que pertencia a um parente de seu pai, na cidade de Oriximiná. A cidade é descrita como uma pequena vila com poucas casas ao redor da igreja e de seu cemitério. Destas recordações se destacam o amadurecimento do adolescente que observa que as diferenças entre as pessoas naquele momento não se davam apenas pela condição econômica, mas também pela cor da pele.

A ceia de Natal e Ano Novo em Oriximiná são retomados para apresentar os costumes do Doutor Belarmino de reunir os filhos e noras todos muito arrumados, mas em silêncio na mesa por serem conservadores e não concordarem com o posicionamento político do patriarca. Este hábito de as famílias se reunirem nas festas de fim de ano ocorreu por mais de cinco anos até o momento em que o Doutor Belarmino decidiu se casar novamente com uma mulher muito mais nova e com traços tapuias, o que desagradou a mãe do protagonista e interrompeu o contato entre eles. Não fica claro se o que mais incomodou a Dona Rosa tenha sido a idade da jovem esposa – quarenta e cinco anos mais nova que Belarmino –, a sua beleza ou a sua origem tapuia, mas que o casamento provocou uma antipatia e o afastamento foi uma consequência.

Aquele período na fazenda é narrado com entusiasmo por ser um momento em que Fernando demonstrava para os demais funcionários da fazenda os seus conhecimentos como vaqueiro, por ser um garoto vindo da capital, conseguia impressioná-los. Este ponto de vista do narrador como um jovem da capital que domina a montaria e o trabalho com o gado se opõe ao choque que ele enfrentou ao ser levado por um dos vaqueiros até uma poça de água e se ver obrigado a assistir um filhote de jacaré que o vaqueiro sangrou com uma faca e jogou em uma poça com piranhas, ser devorado em pouco tempo. Esta cena introduz Fernando em um universo de crueldade e o faz afastar-se daquele vaqueiro, considerando desnecessária tal violência gratuita.

A sequência de violência ocorre com o contato com a personagem Sofia, uma menina de treze anos, negra e livre que trabalhava na cozinha do Doutor Belarmino, mas não conhecia seus pais. Fernando a observa e chama sua atenção o fato de ela ser menina e sempre andar com dinheiro. Ele se aproxima e descobre que ela, apesar de não saber ler nem escrever, juntava todo o dinheiro que ganhava para realizar o sonho de morar na capital. Sofia nota que Fernando a observava em uma noite e ao sair do casarão entra no cemitério e assusta o jovem da capital que admite quase ter morrido de susto. A independência de Sofia se opõe à ingenuidade de Fernando e isto os aproxima a ponto de ela guiá-lo pela escuridão da cidade, revelar seus sonhos, o esconderijo de seu dinheiro e beijá-lo no fim do passeio. Apesar de saber contar

o dinheiro, Fernando, aos quinze anos, não sabia quanto custava uma viagem à capital, demonstrando que além de ingênuo não tinha um conhecimento de mundo.

No dia seguinte a Dona Rosa o acusou de chegar em casa com as roupas sujas e o enviou a uma excursão em canoa pelo rio Trombetas. No fim do dia, ao retornar ao casarão, viu de longe que Sofia estava chorando com uma trouxa de roupas entre as pernas e braços cortados. A mãe o impediu de falar com Sofia que apenas contou aos prantos que iria para Belém. A cozinheira revelou a Fernando que a menina foi enviada para uma fazenda no Amapá após ser açoitada por ter feito algo muito feio. Até este momento já fica claro que as reflexões sobre as diferenças entre as pessoas que o narrador mencionou como aprendizado deste período se intensificam e que este episódio o fez refletir sobre a sociedade em que estava inserido. Somente anos mais tarde, Fernando descobriu por um vaqueiro do Doutor Belarmino que Sofia nunca chegou à capital, ainda durante a viagem foi violentada e morta por um taifeiro que atirou seu corpo no rio Amazonas. A naturalidade com que a violência é narrada demonstra que aquele era um fato corriqueiro e que a violência contra negros e índios era naturalizada: “– Preto e índio acabam sempre assim por aqui – ele disse.” (SOUZA, 1997, p. 28). Esta frase do vaqueiro encerra o primeiro capítulo do romance.

Esta cena marca a desigualdade de tratamento naquela sociedade entre a jovem pobre e negra e o garoto rico e branco. Apesar da reflexão superficial do protagonista, há uma crítica ao apresentar a violência sofrida por Sofia por ter se aproximado do rapaz rico, sendo punida com o deslocamento da casa em que vivia e trabalhava que resultou em seu assassinato, acabando com os sonhos ou a expectativa de conseguir conhecer a capital juntando recursos próprios. Novamente é a desilusão que marca a narrativa ao observarmos uma jovem trabalhadora e sonhadora que teve a vida interrompida por não agir de acordo com o que a mãe de Fernando desejava para ele. A punição excessiva já demonstrava a pouca valorização que aquela vida representava para as famílias ricas, sendo considerada apenas mais uma trabalhadora descartável que poderia ser entregue a um taifeiro que levasse para longe o que/quem os incomodava, enquanto o garoto recebeu um passeio

para passar o dia longe da casa e retornou em segurança para a proteção de sua mãe.

No segundo capítulo é retomado o momento em que Fernando chegou à Fazenda Promissão após fugir de Belém e foi recebido por dois índios que o acompanham até um ponto na mata onde montam acampamento. Neste ambiente isolado, as memórias e reflexões são retomadas, demonstrando a fragilidade das decisões na vida do protagonista que conclui que foi militar por uma decisão de seu pai, mudou-se para Portugal pelo mesmo motivo e inclusive se tornou revolucionário por sua indecisão entre a compaixão e um desejo contrariado. Estas afirmações demonstram a fragilidade do narrador e sua dificuldade de tomar decisões conscientes, deixando-se levar pelas vontades alheias.

A formação botânica do pai na Inglaterra é destacada, bem como a origem familiar portuguesa de quatro costados, de Ribatejo e proveniente de uma família formada pela pequena nobreza rural (pai) e, a mãe, uma professora elementar. Destaca-se a formação acadêmica da família, além da origem portuguesa e nobre. Apesar de exaltar a origem portuguesa do pai, o jeitinho brasileiro é apresentado como uma sugestão de seu pai para que o amigo, Dr. Alexandre Ferreira, pudesse conseguir financiamento para levar suas amostras e resultados de pesquisas para Portugal: um casamento arranjado com a filha do rico capitão Cunha. O casamento se realizou em 1793 e todo o material das pesquisas foi enviado para Lisboa, após o embarque dos recém-casados.

Dr. Alexandre era o padrinho de Fernando e o recebeu em Portugal, anos mais tarde, durante seus estudos como engenheiro militar. Em novembro de 1807, Fernando o procurou para averiguar as informações sobre a invasão de Portugal por tropas francesas e espanholas e escutou em pânico a confirmação. Após um diálogo que demonstrou o desconhecimento de Fernando sobre as intenções políticas desta invasão e sua visão idealizada de que o exército português os venceria, há uma retomada, em suas lembranças, dos momentos em que ele se divertiu com o padrinho pelas ruas lisboetas. As memórias o levam ao dia em que conheceu Vilaça, que seria futuramente coronel Vilaça. Fernando cortejava uma moça na rua quando Vilaça se aproximou enfurecido e o atirou em uma poça de lama. Vilaça estava cercado

por outros soldados, mas Fernando se levantou e acertou um soco tão forte no rosto que fez com que Vilaça rodopiasse e caísse no chão. Esta cena marca a rivalidade entre os dois: “Pelo resto da vida o Vilaça tentaria se vingar daquele soco. De minha parte, devo dizer que nunca houve soco mais bem dado” (SOUZA, 1997, p. 40). A rivalidade entre os dois e a marca do soco no rosto de Vilaça nos remetem à disputa entre os personagens de Verissimo, Rodrigo Cambará e Bento Amaral que duelaram em disputa por Bibiana, quando Rodrigo quase concluiu o desenho da letra “R” feito com a faca no rosto de seu adversário.

No dia 26 de novembro de 1807, Fernando tomou conhecimento de que a família real portuguesa deixaria Portugal em três dias com destino ao vice-Reino do Brasil, devido à aproximação das tropas francesas. Esta decisão deixou Fernando duplamente chocado: primeiro pela escolha da fuga, que contrariava a tradição bélica portuguesa e segundo pela escolha da colônia de destino, pois além de o Grão-Pará estar geograficamente mais próximo de Portugal, seria uma colônia mais progressista e receberia o príncipe regente com “amor filial” (SOUZA, 1997, p. 40). Fernando reflete sobre seus pensamentos daquele período e se considera um “perfeito súdito” e um “completo vassalo da monarquia portuguesa” (SOUZA, 1997, p. 40). Esta reflexão em que ele comparou seus sentimentos daquele período com os atuais demonstra que o afastamento etário e os acontecimentos ao longo de sua jornada modificaram suas impressões e o levaram a superar a condição de vassalo/submisso da/à monarquia.

Fernando comentou sobre a solidão e que não pôde dividir com ninguém os seus sentimentos naquele momento de choque porque não tinha feito amigos em Lisboa, mesmo após cinco anos estudando ali. A reflexão se apresenta na forma como seus colegas portugueses o viam: “como se fosse um estrangeiro” (SOUZA, 1997, p. 41); o que para ele não se justificaria por ser filho de família do Ribatejo. O sotaque de Fernando também o distinguia e por ele ser considerado mais fechado, as amizades não se estabeleceram. As memórias de diversão neste período de estudos se restringem às vezes em que seu padrinho Dr. Alexandre – também vindo da colônia – saía com ele. A

falta de amigos de Fernando em Portugal, contrasta com os momentos vividos no Grão-Pará onde fizera amigos.

A cena em que os nobres se acotovelavam e se empurravam por uma vaga nas embarcações que fugiriam para a colônia é descrita como o momento em que ocorreu a “primeira frustração política grave” do protagonista. A maneira como os nobres trocavam os parentes idosos para que suas jovens amantes tivessem as vagas garantidas nas embarcações, as negociações de vagas por dinheiro, a algazarra, a pressa e a covardia o fizeram refletir sobre os valores daquela sociedade hierarquizada em que estava inserido.

Ao deixar o porto, Fernando foi encontrado pelo índio que trabalhava com o Dr. Alexandre e foi levado até o Palácio da Fronteira, situado em uma colina a leste de Lisboa, de onde puderam observar as tropas avançarem pela cidade. Novamente, durante uma conversa com o marquês e o padrinho, Fernando demonstrou sua visão ingênua sobre a arte ao comentar que as imagens dos Jerônimos estavam sendo decapitadas e bastaria que fossem coladas posteriormente, sendo repreendido pelo Dr. Alexandre. Fernando apresentava uma forte convicção de que Portugal conseguiria vencer os franceses, mas tanto o marquês como o Dr. Alexandre tentaram convencê-lo do contrário e o ajudaram a deixar Portugal. Antes de embarcar, o marquês lhe entregou o diploma de engenheiro e o promoveu a tenente, deixando-o encarregado de comandar um grupo de cinquenta homens e apresentar-se ao governador do Pará.

Em conversa com o padrinho, Fernando foi aconselhado a aceitar deixar Lisboa e seguir a missão a Belém, pois aquela era a sua terra e onde ele seria tratado como igual, sem “as censuras veladas, as recriminações injustas, os olhares de desprezo por seres um colonial” (SOUZA, 1997, p. 47). O ponto de vista de um ambientalista já maduro com experiência em diferentes lugares do mundo convenceu o jovem engenheiro de que sua missão seria junto aos seus conterrâneos em Belém e não em Lisboa. Com um grupo de homens descritos como “mercenários de várias origens” (SOUZA, 1997, p. 48), Fernando deixou Lisboa à paisana como se fosse realizar comércio na costa da África.

O terceiro capítulo se inicia com a recordação do momento em que Fernando acordou no meio da noite sentindo frio e se queixou do fato de os

índios terem se abrigado na cabana, mas o deixado dormir ao relento. Fernando considerou uma infantilidade o fato de os índios não o terem despertado e chamado para dormir na cabana, mas o que surpreende o leitor é observar que um militar, que conhece as mudanças climáticas da selva, julga-se dependente dos cuidados alheios, mesmo já sendo um homem adulto e ainda infantiliza o outro. Após este episódio, é destacado o banho no rio de águas cristalinas com peixes coloridos, representando a imagem idealizada da natureza, sendo destacada pela exuberância das árvores como açazeiros, pupunheiras e palmeiras inajá, como já detalhado no capítulo anterior.

A chegada de Fernando a Belém, em 28 de dezembro de 1807, é ressaltada por ter ocorrido quase três meses antes de o príncipe regente chegar ao Rio de Janeiro, mesmo ele tendo embarcado antes de Fernando, o que comprovaria a proximidade geográfica maior entre o Grão-Pará e a metrópole portuguesa. O retorno a Belém após oito anos de estudos fora o faz notar uma maior organização administrativa, as casas mais estruturadas e os soldados com uniformes melhores e afastados do comércio informal.

O calçamento das ruas também lhe chamou a atenção. A visão do outro como diferente se apresenta de forma preconceituosa pela descrição da população: “Estranhei as pessoas, também. Achava que se vestiam mal, rotos e andrajosos os pobres, desengonçados os abastados. E me pareciam todos muito baixinhos e escuros, bem diferentes das multidões lisboetas” (SOUZA, 1997, p. 51). O hábito de se banharem nos rios da cidade também é lembrado e a comparação com Lisboa ocorre por questões culturais: “A inocência primeva da cena era impensável em Lisboa, e lá seria desaprovada por indecência” (SOUZA, 1997, p. 51). O fato de todos andarem com calçados de borracha também é comparado com Lisboa “onde os muito pobres enrolavam trapos nos pés ou os camponeses usavam uns pesados e grosseiros tamancos” (SOUZA, 1997, p. 51). Os calçados de borracha eram considerados vistosos e úteis naquela região com intensas chuvas diárias e ruas enlameadas, descreve o protagonista. A diferença eram os sapatos de couro, considerados de fidalgos ou de pessoas que ainda não tivessem se aclimatado à cidade de Belém.

O governador do Grão-Pará, o capitão-de-fragata, Francisco de Souza Coutinho tem sua vida pessoal descrita para demonstrar os seus desmandos para afastar o marido da mulher que ele desejava. O governador enviou o marido da jovem para outra guarnição distante para que ele pudesse se aproximar dela. Apesar de todos os comentários pela cidade, ele a levou para viver no palácio do governo. A jovem engravidou, mas durante um parto difícil conduzido pelas freiras, morreram a mãe e o bebê. Transtornado pela notícia, o governador condenou as freiras a receberem duzentos bolos de palmatória em frente ao paço e, em seguida, foram amarradas pedras de alvenaria e elas foram condenadas à “imersão perpétua” na baía. (SOUZA, 1997, p. 54).

Somente semanas após a execução das freiras descobriu-se que a razão do parto prematuro foi um acidente que a esposa sofreu após seguir o marido e vê-lo nos braços de uma espanhola. Com o susto da cena, a grávida despencou de uma ribanceira e sofreu uma hemorragia, restando pouco a fazer, pois as freiras a encontraram e socorreram somente no dia seguinte ao acidente. Este abuso de poder diante de uma trágica história desperta em Fernando a consciência sobre como aquele regime político representava o poder absoluto dos dirigentes na colônia. Mais uma cena de violência gratuita utilizada para demonstrar o poder do governador e a imposição de suas vontades, condenando inocentes à morte e estimulando a população a desejar outro governante.

Fernando relembra que o pai não gostava de comentar política e seguia sua vida calmamente na fazenda. O único assunto que o deixava nervoso era a princesa Carlota a quem chamava de “virago castelhana” (SOUZA, 1997, p. 55). Os insultos a Carlota eram dirigidos com naturalidade e Fernando se espantava com as perguntas que ele se julgava incapaz de responder, por exemplo: “– Ela é feia de dar quebranto em criancinha – ele dizia. – É desengonçada e dizem que faz a barba como um mancebo. Isso é verdade?” (SOUZA, 1997, p. 55). Ao refletir, Fernando recorda que em Lisboa a Carlota Joaquina também não era querida por todos, principalmente pelo fato de ser espanhola e por falar tudo o que pensava, sem considerar se seriam insultos ou impropérios. Mesmo este não sendo um assunto do interesse de Fernando, ele mantinha o diálogo por ser um dos únicos temas sobre o qual o pai

conversava com ele. O sentimento do protagonista era de que o pai se sentia mais à vontade entre as flores do que com o filho. Após uma longa conversa, o pai explicou que o problema não se restringia às atitudes de desmandos da princesa Carlota em Lisboa, mas que os dirigentes do Grão-Pará também agiam tentando demonstrar poder, mesmo que ninguém os obedecesse. Neste diálogo o pai estabelece a relação entre os problemas dos governantes tanto em Portugal como na província.

Sobre a mãe, Dona Rosa, Fernando a descreve como uma mulher delicada, ativa, sem interesse na política nem nos boatos da corte e com quase nenhum senso de humor, mas igualmente forte, responsável e decidida. Fernando elogia a força da mãe em realizar uma viagem para a América, mesmo grávida, tendo o filho sozinha e assim o criando, devido às constantes viagens do pai a trabalho. Dona Rosa gostava muito de ler, hábito que aprendeu com o pai, e isto ampliava sua cultura e conhecimentos gerais. O sonho do avô era poder viajar e conhecer o mundo, mas como não conseguiu, realizava seu sonho em viagens literárias: “meu avô paterno pôs-se a viajar nas páginas dos livros, a sorver nas sensações dos outros um desejo que ele sabia que jamais seria satisfeito” (SOUZA, 1997, p. 58). Tanto o avô materno quanto a mãe e o padrinho de crisma, Doutor Bento, escolheram os livros para realizar seus desejos e superar as limitações reais, mas Fernando escolheu outros caminhos, como as batalhas. Doutor Bento é descrito como um amante da literatura e escritor de versos e peças teatrais de sucesso.

O contraponto com o personagem de Fernando, que era privilegiado financeiramente, se dá com o colega Filipe, filho de lavradores que sonhava em estudar em Lisboa com o amigo, mas cuja família não teve dinheiro suficiente para financiar seus estudos na metrópole portuguesa. Fernando relembra o momento em que se despediram antes de sua ida a Portugal, com a alegria de Filipe ao vê-lo embarcar e, ao mesmo tempo, a tristeza por não poder acompanhá-lo. A desigualdade é apresentada e marca o distanciamento de oportunidades já presente naquela colônia.

O reencontro com Vilaça ocorreu no palácio do governador, a princípio eles fingiram não se conhecer, mas foram apresentados pelo próprio governador. A esta altura, Vilaça já era o ajudante-de-ordem do governador,

exercendo grande influência na política local. Dias depois, Fernando presenciou uma atitude perversa de Vilaça: ao saber que um índio estava sendo acusado de roubar um frango de um cozinheiro para dar para sua mãe comer, Vilaça aos gritos cortou-lhe uma orelha. Ao notar o ocorrido, Fernando correu, interferiu e impediu que mais violência fosse cometida contra o rapaz. O índio fugiu e Vilaça afirmou: “– São todos falsos – disse, meio rouco de ódio – e, se o tivesse cortado todo em pedaços, em nenhum encontraria outra coisa que falsidade” (SOUZA, 1997, p. 63). Novamente é feita uma crítica aos desmandos dos governantes e a violência gratuita contra a população mais humilde da colônia, além de apresentar o preconceito de Vilaça com os índios.

O reencontro com o amigo Bernardo, agora já formado em Direito na Espanha, os fez retomar as lembranças dos anos de estudos no exterior e as experiências que cada um vivenciou neste período. Fernando descreveu o amigo como bem-vestido e se comparou a ele como um homem menos elegante em quem as roupas pareciam se rebelar. Bernardo contou que estava noivo e que lhe apresentaria na noite seguinte Ana Amélia, filha de um advogado liberal de Pernambuco.

No quarto capítulo, Fernando foi apresentado a Ana Amélia, noiva de seu amigo Bernardo. Neste jantar conheceu também o cônego Batista Campos que demonstrou interesse em saber como tinha sido sua experiência em Lisboa e, particularmente, sobre a fuga da família real. Cada convidado fez perguntas sobre o período de acordo com suas convicções, havia diferentes opiniões e ideologias naquele jantar. O que chamou a atenção de Fernando foi ver o cônego apoiar os franceses, que tantas igrejas católicas haviam destruído em Lisboa. O cônego afirmou que independentemente do futuro de Portugal, França e Inglaterra, a única opção para a colônia do Grão-Pará seria a independência. Fernando refutou totalmente esta ideia, mas o cônego afirmou que no futuro ele compreenderia. Recordando este jantar, Fernando concordou que o tempo modificou sua opinião.

Em 10 de junho de 1808, dez meses após o retorno de Fernando ao Grão-Pará, o príncipe regente Dom João assinou um decreto declarando guerra aos franceses. Fernando então se dirigiu em missão para Caiena,

território francês, com o objetivo de tomar o território dos franceses. Para esta invasão, tiveram o apoio da marinha britânica.

No quinto capítulo Caiena é descrita como “um lugar desgraçado, assolado pelas febres” (SOUZA, 1997, p. 74). O primeiro combate enfrentado por Fernando foi na chegada a Caiena quando sua embarcação foi alvo de disparos de canhões, o que ele chamou de “batismo de fogo”. O sentimento de estar diante de um combate é apresentado como sua eterna recordação. Após um dia de intensos embates, o grupo de Fernando conseguiu afundar as duas fragatas que os atacavam e se afastou para um ponto seguro, distante da margem.

Na noite anterior ao embarque, Fernando recorda que Bernardo o procurou para marcar um encontro com o cônego Batista Campos. Bernardo o levou até a casa do cônego para conversarem. Durante a reunião Batista Campos lhe entregou os endereços e os nomes de dois amigos seus que viviam em Caiena para que Fernando os procurasse: Maurice, médico-cirurgião, e Jean-Pierre, um pintor. Batista Campos mostrou uma pintura de uma bela moça feita por Jean-Pierre. Fernando ficou encantado com a imagem e julgou não ser possível uma pessoa ser tão linda. O cônego afirmou que a beleza das mulheres é “a prova mais cabal que Deus criou para provar a sua própria existência” (SOUZA, 1997, p. 79).

Novamente as memórias do combate em Caiena são retomadas, destacando-se as dificuldades enfrentadas durante a batalha e na tomada da cidade, bem como a lembrança dos companheiros atingidos e mortos ao seu lado. Após superarem muitos obstáculos, chegaram até a terra e desembarcaram, mas foram duas semanas de luta em terra até conseguirem tomar a cidade e içar a bandeira de Portugal. Caiena rendeu-se em 12 de fevereiro de 1809, com a assinatura do termo de capitulação pelo comandante Victor Hugues. A cidade foi devastada, havia muitos corpos insepultos que se decompunham devido à alta umidade e ao grande volume de chuvas, a maioria das casas estava desmoronando.

No sexto capítulo há mais uma recordação que retoma o período de exílio na fazenda de Promissão. Neste momento suas memórias retornam ao período em Caiena quando tudo estava destruído, muitos mortos ao seu redor

e Fernando estava com a farda enlameada e todo sujo naquelas ruas esburacadas e com o salário atrasado há três meses. A imagem desoladora o irritava e o fez perceber que aquela batalha não tinha nada de heroica, e que a parte menos gloriosa de uma guerra era a ocupação. A triste realidade enfrentada pelos soldados durante a ocupação o fez refletir sobre a função daquela atuação diante de um cenário de destruição, mortes, pobreza e falta de remuneração. Esta cena pode ser interpretada como uma crítica aos governantes que assinam as guerras, mas não a vivenciam com as dificuldades e conflitos de estar cotidianamente em lugares ocupados.

Quando as coisas se acalmaram, Fernando procurou os amigos de Batista Campos. Descobriu que o médico havia falecido durante as batalhas e o pintor tinha viajado antes do início do combate. Mesmo assim, Fernando foi até o endereço indicado pelo cônego e encontrou lá uma jovem chorando que prontamente ele reconheceu ser a moça da pintura que Campos lhe mostrou. Fernando tentou aproximar-se dela, mas foi rechaçado em língua francesa. De volta ao quartel, Fernando investigou e descobriu que a moça se chamava Simone e era filha de um oficial do exército francês, Alejo Carpentier, que se encontrava preso. Como Simone ia visitar diariamente o pai e levar comida para ele na prisão, Fernando passou a encontrá-la todos os dias, enquanto o pai aguardava a transferência para Belém.

Jean-Pierre procurou Fernando na prisão para conseguir liberar sua canoa com seus desenhos que ficaram apreendidos no porto. Fernando se apresentou como amigo de Batista Campos e tentou aproximar-se do artista, mas também foi rejeitado. Fernando tentou aproximar-se do prisioneiro Alejo para conseguir uma aproximação de Simone, porém o pai dela igualmente o rejeitou. Fernando visitou Jean-Pierre em busca de informações de Simone mas não a encontrou. Após despedir-se, notou à distância, que a jovem estava na casa do pintor e não o quisera encontrar. O sentimento de ser mais uma vez rejeitado o faz sentir-se inferior e considerar que ela não o queria por ser francesa e ele um português. Neste momento ele ainda não se considerava um paraense e se identificava com a terra de seus pais. Este pensamento de Fernando revela mais uma interpretação ingênua diante dos habitantes de Caiena que ele, como militar, tinha invadido, ocupado, executado e prendido

muitos cidadãos. A rejeição para ele estava justificada apenas pela nacionalidade – que ele julgava inferior –, sem considerar que estavam vivenciando um período de combate.

Após um mês, Simone o procurou na prisão e o convidou para conhecer uma praia. Fernando aceitou e na praia tentou abraçá-la e beijá-la, mas ela recuou. Ele confessou que a amava e ela apenas afirmou que isto não deveria ser daquela forma. Simone resolveu nadar nua e o convidou para nadar com ela, abobalhado, ele a acompanhou. Os dois nadaram até o entardecer quando Simone decidiu sair e descansar na areia. Após observá-la, Fernando se aproximou, reafirmou que a amava e recebeu a mesma resposta de que seria impossível. Mesmo insistindo a francesa não lhe deu mais detalhes. Simone decidiu beijá-lo e o impediu de fazer mais perguntas com beijos. Com esta atitude, Simone demonstra que era ela quem decidiria o que e quando eles iriam fazer, cabendo a Fernando apenas aguardá-la.

Dias mais tarde, Jean-Pierre o procurou no quartel no meio da noite. Fernando desconfiou ser por causa de Simone, mas foi levado à casa do pintor para tentar salvar o padre Zagalo, capelão do exército, que estava passando mal ao lado de prostitutas. O padre estava desacordado, nu, e com a boca espumando, mas nenhum dos presentes conseguia responder o que ele teria usado. Fernando desconfiou de que os franceses o teriam drogado. Ao amanhecer o padre já estava respirando melhor e Fernando o levou ao hospital. O padre melhorou e tentou explicar a Fernando que foi à casa de Jean-Pierre para saciar suas curiosidades. Fernando dispensou as explicações. A dessacralização da figura do religioso se apresenta como uma das características do romance histórico, por apresentar o representante de uma instituição religiosa fazendo uso de drogas ilícitas e acompanhado por prostitutas.

A partir deste episódio, Fernando começou a sair com o padre Zagalo pelas noites em Caiena. O padre ia vestido com roupas comuns, e por ter pouco dinheiro, Fernando custeava as bebidas e as mulheres. Neste espaço se inverte o papel de benfeitor, pois em Portugal Fernando era financiado por seu padrinho, o Doutor Alexandre, e em Caiena era ele próprio quem pagava suas contas e as do padre. Para que não surgissem dúvidas sobre o comportamento

do religioso, que poderia ter vivido um momento isolado na casa de Jean-Pierre, a sequência narrativa apresenta a constância de suas relações com prostitutas e o uso de bebidas alcoólicas. Fernando não apresenta nenhum julgamento sobre o comportamento do padre Zagalo, agindo e relatando com naturalidade o que faziam.

A população de Caiena é igualmente descrita negativamente como “uma gente que falava alto” e sobre o sotaque: “O acento sibilante do francês, falado em voz alta e grosseiramente, parecia mais o guincho de um bando de pássaros agonizantes” (SOUZA, 1997, p. 100). Há uma clara distinção entre a personagem francesa, Simone, considerada elegante e de falar agradável além de ser considerada belíssima, e a população de Caiena que falava alto e de forma grosseira e desagradável, com suas mulheres que trabalhavam na noite, em sua maioria negras e índias, obesas, com “os pescoços roliços repletos de cordões de ouro” (SOUZA, 1997, p. 100). O mesmo preconceito enfrentado pelo protagonista entre metrópole e colônia se evidencia na forma como ele descreve e compara as duas populações. A comparação entre as populações do país colonizado e do colonizador reproduzem o estereótipo da elegância da língua francesa europeia em oposição aos modos grosseiros da mesma língua imposta aos colonizados.

Fernando recorda do dia em que Jean-Pierre o levou até uma casa afastada na cidade para um encontro de intelectuais. Os franceses apresentaram para ele um prelo histórico que foi utilizado para imprimir exemplares de textos políticos clássicos da revolução, traduzidos para o português e enviados a Belém e demais colônias. Assim, Fernando iniciou suas leituras de Voltaire, Diderot, Rousseau e demais textos da Revolução de 1793. Suas reflexões se ampliaram e ele passou a compreender os que antes ele considerava como inimigos. Com suas leituras, considera-se tomado por um novo espírito: “O novo espírito nos obrigava a encarar a frouxidão de nossa sociedade, a nossa decadência precoce e a monstruosidade das desigualdades” (SOUZA, 1997, p. 103). Caiena despertou seus pensamentos e o fez ampliar seus horizontes e acreditar em novas possibilidades para Belém, assim como Paris tivera.

Em 28 de outubro de 1810, encerrou-se a missão em Caiena e Fernando retornou a Belém, levando muitas plantas (cravo-da-índia, cana-de-açúcar, canela, noz-moscada e pimenta), presos de guerra, armas e bandeiras. O pai de Simone foi transferido e ela e a mãe o acompanharam até Belém. Fernando providenciou uma casa para elas, pois sabia que Dona Rosa não as aceitaria em sua casa.

A segunda parte do romance tem início com o subtítulo “No qual é retirado do injusto esquecimento o que ocorreu entre os anos de 1810 e 1821”. O sétimo capítulo começa no porto Haver-o-Peso, quando Fernando aguarda ansiosamente a chegada de Simone, em uma noite quente e abafada de 1810. Simone pergunta se haveria alguma procissão religiosa naquela noite, por considerar um ato corriqueiro dos portugueses. Os dois discutem por terem crenças religiosas diferentes e por Fernando não aceitar as críticas à Igreja Católica e ao Santo Ofício por julgar serem fatos do passado e apresentar as mortes à guilhotina que ocorreram na França em oposição às fogueiras portuguesas. Os três chegam à casa alugada e a mãe de Simone se recolhe para descansar. Simone começa a arrumar suas coisas que vieram em baús e não dá atenção a Fernando. No fim da madrugada ela se despede dele com um beijo no rosto. O contraste entre as crenças religiosas ressalta as divergências entre eles e a dificuldade de diálogo por ambos não aceitarem as diferenças e desejarem apenas impor seus pensamentos sem considerar o do outro.

As recordações da convivência de Fernando com Batista Campos são retomadas, destacando o conhecimento e a habilidade para o diálogo do religioso. Fernando relembra as roupas, o chapéu, as atitudes e os ensinamentos de seu amigo Batista Campos, para Fernando: “Batista Campos era o dínamo, o articulador entre o passado e o presente” (SOUZA, 1997, p. 112). Das mais diversas lembranças Fernando salienta a visita que fez com Batista Campos e Bernardo a um hospital de leprosos, onde escutaram do cônego: “– Aqui morrem todas as ilusões e vaidades” (SOUZA, 1997, p. 113). As leituras de Batista Campos se aprofundaram com os textos que Fernando trouxera de Caiena e é ressaltada a capacidade do cônego em expressar suas

ideias, mesmo as mais densas, até para as pessoas mais simples e humildes de Belém.

Apesar da admiração pelo cônego, Fernando não deixava de observar que o religioso não cumpria seu voto de castidade e que já o encontrara diversas vezes com mulheres em sua cama. Além disto, mesmo com um discurso que defendia a liberdade e a independência, mantinha escravos em sua propriedade. A descrição do cônego marca os contrastes presentes naquela sociedade, mesmo entre os intelectuais e os religiosos, apesar do conhecimento e leituras, o discurso e a prática divergiam. Com o cônego, Fernando consegue refletir sobre as atitudes incoerentes com as exigências da Igreja, bem como pelo uso de mão de obra escravizada enquanto defendia a liberdade para todos. A figura do cônego, que era admirado pela maioria dos personagens, representa as contradições que dominavam toda a sociedade, demonstrando que, apesar de desejarem uma sociedade mais igualitária, aqueles que detinham uma melhor situação econômica não abriam mão de explorar o trabalho daqueles que estavam em situação desfavorável, mantendo e aumentando as desigualdades sociais, econômicas e até culturais, por restringirem o acesso ao salário ou aos estudos, por exemplo.

Fernando relembra como após a invasão de Lisboa pelos franceses o Doutor Alexandre perdeu suas pesquisas e espécies de plantas que foram levadas pelos invasores. Seu laboratório foi saqueado e, anos mais tarde, descobriu que parte de suas pesquisas foram publicadas na França sob a autoria de St. Hilaire. Batista Campos comparou o roubo que sofreu Doutor Alexandre com o de Fernando afirmando que os franceses sabem roubar o que uma pessoa tem de mais importante: o coração.

As memórias são tomadas pelo dia em que Fernando acordou com Ana Amélia, noiva de seu amigo Bernardo, em seu quarto. Ana Amélia o procurou para dizer que não queria mais casar-se com Bernardo porque amava Fernando. Fernando tentou vestir-se rapidamente, caiu no chão e Ana Amélia o cobriu de beijos. Após se beijarem Fernando afirmou que não poderia ficar com ela e ser desleal ao amigo. Os dois concordaram e o encontro ficou mantido em segredo. Mais tarde Fernando comentou sobre o ocorrido com Batista Campos, mas sem citar o nome da moça. O cônego considerou que a

moça foi tomada pela incerteza do momento em que viviam e que talvez buscasse apenas escapar daquela existência fastidiosa. Este episódio é importante por ser o gerador de dúvidas quanto à paternidade de Maurício, narrador do terceiro volume *Revolta*, que desconfiava que seu padrinho teve um relacionamento afetivo com sua mãe. Como esses narradores apresentam apenas a *visão com*, segundo Pouillon (1974), temos um ponto de vista restrito quanto ao acontecimento, tendo conhecimento apenas do que Fernando desejou narrar – talvez para demonstrar lealdade ao amigo ou o que realmente aconteceu – mas a dúvida não se esclarece nestes volumes.

No dia 05 de abril de 1817, jovens paraenses organizaram uma manifestação para exigir que os melhores postos de serviço deixassem de ser ofertados somente para jovens portugueses, o que reduzia as perspectivas de futuro dos locais. Os soldados da guarda do palácio dissolveram a manifestação com golpes de sabre e alguns manifestantes chegaram a ser presos. Distantes do centro, os jovens se reuniram em pequenos grupos para batucar e dançar. Um padre se aproximou pedindo calma e os aconselhando a ir para casa. Isto não aconteceu. A revolta por anos de frustrações tomou conta dos manifestantes que começaram a atacar os transeuntes brancos e quando um sargento surgiu foi agredido com um pedaço de tronco de árvore na cabeça. Esta agressão justificou que os soldados retomassem a abordagem violenta e matassem oito jovens e deixassem mais vinte feridos. Mais uma vez é apresentada a violência desproporcional diante de manifestações populares, demonstrando o abuso de poder praticado contra a população mais vulnerável.

Batista Campos informou a Fernando ter recebido notícias de que três províncias do nordeste já contavam com governantes brasileiros o que aumentava a esperança para o Grão-Pará. A expectativa de ter um território livre entre o Pará e o Rio de Janeiro aumentaria as chances de sucesso da independência. Porém, dias depois, a notícia de que o porto de Recife tinha sido bloqueado e, assim, sem recursos e isolados, os insurgentes foram derrotados com muitos fuzilados e enforcados, reduzindo novamente a esperança dos amigos.

Durante os cinco anos que Simone viveu em Belém com sua mãe, apenas Batista Campos tinha conhecimento de seu relacionamento com o

protagonista. Fernando reflete que tentou esconder Simone, neste período em Belém, por egoísmo e medo, mas que ele mascarava como sendo um gesto de proteção. Simone dedicava-se aos cuidados da mãe doente e às visitas ao pai na prisão. Diferentemente de Caiena, em Belém não era permitido levar comida aos presos, mas ela visitava o pai todos os dias.

Em meio a muitas lembranças doloridas, Fernando relembra que poucos meses após chegar a Belém Simone adoeceu gravemente e ele a levou ao hospital, onde passou dias internada. Após a alta, depois de muito insistir com o médico, descobriu que Simone havia realizado um aborto, sofreu infecções e hemorragia, e sobreviveu por um milagre. O médico ainda o criticou por ter submetido a moça a um procedimento tão arriscado e feito por leigos, provavelmente. Fernando sentiu grande desgosto por não ter conhecimento que Simone estava grávida. Já na carruagem, ao saírem do hospital, os dois discutiram pelo ocorrido e Simone afirmou que não deveria explicar nada e que não desejava ter um filho nascido naquela terra. Ela o acusou de destruir sua cidade, matar seus amigos e prender seu pai, sendo assim, alguém de quem ela não queria ter um filho. Ao chegarem em casa, mesmo fraca, Fernando se recusou a ajudá-la a sair da carruagem. Ele retornou ao quartel e passou a noite pensando em como não percebeu nada e como isto não lhe traria nenhum alívio. Novamente a decisão foi tomada por Simone sem consultá-lo, colaborando para a compreensão de que ela tinha uma personalidade diferenciada e não se submetia aos desejos de outras pessoas. Simone o alerta para a forma como ela o considerava e que, apesar de mantê-la por perto mantendo seu pai preso, era ela quem decidia quando, de quem e se teria um filho. Mesmo vivendo em uma casa alugada por Fernando e sobrevivendo com sua ajuda, Simone não aceitou que ele pudesse opinar sobre um aborto que ela já havia decidido anteriormente. A atitude de Simone deixa evidente que suas decisões não seriam influenciadas por uma dependência econômica ou qualquer imposição.

No oitavo capítulo, as memórias regressam a Fazenda Promissão, ao convívio com os dois índios. Fernando relembra que aprendeu com o pai e com o Doutor Alexandre a respeitar a cultura indígena, a conviver e confiar neles. Ele se lembra de como o padrinho teve contato com diferentes etnias e gostava

de descrever os costumes e hábitos particulares de cada uma delas. Estas descrições eram utilizadas para reduzir o preconceito que muitos portugueses tinham sobre a cultura indígena. O fato de se organizarem em sociedades diferentes era explicado com naturalidade buscando não aplicar/sobrepôr os conceitos ocidentais aos hábitos dos índios, como as leis ou a religião. Doutor Alexandre passava horas a explicar para a aristocracia portuguesa os conhecimentos que obteve com os índios de forma a reduzir os preconceitos e fazê-los refletir sobre como as diferenças não eram sinônimo de incapacidade nem de inferioridade. Fernando retoma estas ideias ao observar os índios pescarem e preparar sua refeição, mas julga que não se interessariam em saber seus pensamentos do passado.

As recordações do doutor Bento se referem à capacidade que seu padrinho tinha em unir a tradição local aos temperos portugueses e produzir uma culinária refinada. Fernando se recorda que seu padrinho, mesmo escrevendo peças de teatro sobre a independência e a liberdade, o repreende por relacionar-se com Batista Campos, por não concordar com seus pensamentos idealistas. Doutor Bento destaca que Fernando deveria repensar se a liberdade defendida por Batista Campos seria a mesma desejada pelo povo. O padrinho faleceu em novembro de 1811, antes de ver as mudanças acontecerem, deixando a esposa e o filho sem dinheiro, passando por dificuldades financeiras.

O alojamento no forte da Barra é descrito como bastante modesto e, apesar das benfeitorias realizadas por Fernando, mantinha a tranquilidade dos tempos de paz. Sobre os homens que compunham o regimento muitos eram ainda os mercenários que o acompanharam no retorno de Lisboa, mas que já haviam se casado e permaneceram em Belém. A diversidade é destacada pela presença de irlandeses, chineses e indianos. Os irlandeses são descritos como os únicos que não interagiam com a população local, diferentemente dos chineses e indianos que também se casaram com moças da cidade e ali viviam bem. Ao observar a simplicidade com que estas pessoas viviam e se divertiam tomando banho no rio juntas, Fernando se perguntava se o que eles queriam eram o mesmo que ele. Esta reflexão retoma o que foi comentado anteriormente por Doutor Bento, a sequência narrativa parece justificar os

pensamentos. Estas reflexões iluminam a questão da desigualdade econômica e se o que a população mais simples considerava liberdade, seria o mesmo que a mais abastada. Em diferentes trechos, por diferentes personagens já temos a confirmação de que havia uma diferença entre estes desejos, pois os interesses econômicos particulares se sobrepunham aos coletivos.

Em junho de 1815, com a chegada de uma escuna inglesa vinda da costa da África com surto de cólera, o pavor tomou conta da população e, apesar da embarcação ter ficado em quarentena, a doença atingiu a cidade. Todos os médicos foram convocados, inclusive o pai de Simone, Dr. Carpentier, que saiu da prisão para tentar combater a doença. Fernando recebeu a notícia de que a mãe de Simone estava com cólera e a moça se recusava a deixá-la no isolamento. Para tentar convencê-la Fernando decidiu visitá-las, mas a mãe faleceu no dia seguinte. Simone exigiu, em vão, que a mãe não passasse pelos rituais católicos, realizados no hospital a todos os mortos. Fernando a acompanhou até a casa para queimarem as roupas e lençóis e defumar a casa, recomendações da época. O surto foi controlado após um mês, mas centenas de vítimas morreram, a maioria pobres. A imposição religiosa se destaca, pois, apesar de engajada, Simone não consegue impedir que os rituais católicos fossem realizados após a morte de sua mãe. A religião na colônia, naquele momento, era imposta e não eram aceitas diferenciações.

Fernando lembrou sua conversa com o amigo Filipe sobre as impressões da cidade como um organismo vivo e o amigo afirmou que entendia e confessou ter deixado definitivamente o seminário por não concordar com os ideais da Igreja. Filipe revelou que enfim seu padrinho decidiu pagar seus estudos de bacharel na Universidade de Coimbra e ele embarcaria no fim do mês, em 1816. Quatro anos depois regressava a Belém com o título e um novo nome, assumiria o sobrenome de seu padrinho e passaria a ser Filipe Patroni.

Retornando a 1815, Fernando recorda que após a derrota de Bonaparte em Waterloo o doutor Carpentier foi libertado com os demais prisioneiros da campanha de Caiena e recebeu licença para retornar à França. Já adoentado e poucos meses depois de perder a esposa, o médico decidiu não viajar, permanecendo em Nazaré com a filha. Enquanto estava doente, o médico

delirava e recontava a todos as aventuras de sua vida. Fernando recorda-se que Napoleão faleceu em cinco de maio de 1821, pois ao receber a notícia Simone chorou toda a noite em seus braços. Fernando tem na memória a alegria de senti-la em seus braços e este sentimento ser representativo daquela união tão tomada por contrastes e oposições. Fernando concluiu que jamais conheceria Simone.

O nono capítulo se inicia com Dom Antônio José de Sousa Manoel Meneses assumindo o governo do Grão-Pará no final de 1817. A população aproveitou a celebração para montar barracas ao redor do palácio para vender comidas e celebrar a posse. O contraste aparece pela música lenta tocando no interior da festa em oposição aos atabaques batidos pelos negros pelas ruas. Este governador construiu o primeiro teatro em Belém e um farol na ponta do Atalaia para facilitar a navegação na entrada da barra.

Em outro momento Fernando foi chamado ao palácio do governo para receber as ordens do conde de Vila-Flor que determinava que as relações com as províncias espanholas rebeladas fossem cortadas. Todas as embarcações deveriam circular com autorização por escrito do conde e todos os estrangeiros seriam novamente cadastrados. Outra noite Fernando recebeu a incumbência de realizar uma busca na casa de Eusébio Machado, que já se encontrava preso, e interrogá-lo sobre as ideias adquiridas em Caiena. Fernando se preocupou com a situação e se dirigiu à cadeia para encontrar o advogado. Ao chegar à sua cela o encontrou enforcado, preso pela própria calça. Bernardo solicitou que um médico de sua confiança verificasse o corpo e descobriu que a causa da morte foram duas perfurações nos pulmões, provavelmente realizadas por baioneta. Os dois concluíram que o advogado tinha sido friamente assassinado, mas, aconselhados por Batista Campos, seguiram sem se manifestar e realizaram tudo conforme solicitado pelas autoridades. Esta cena retoma os abusos cometidos contra presos políticos que, neste caso, causaram a morte que foi encoberta como suicídio. De acordo com o romance, as autoridades utilizavam de seu poder para executar os presos contrários ao seu governo. Esta descrição nos remete ao caso de presos políticos durante a ditadura militar no país, ocorrida após um século do período apresentado no romance, sendo bastante conhecido o do jornalista Vladimir Herzog que teve a

morte simulada como enforcamento na cela em que se encontrava preso em 1975.

As recordações da fazenda Promissão são retomadas com o momento em que Fernando decidiu sair para pescar, mesmo não gostando da atividade, e foi abordado por uma embarcação militar que perguntou sua origem e o que fazia tão longe da cidade. Ele temia ser reconhecido e preso, mas estava com trajes civis, a pele queimada pelo sol, barba e cabelos crescidos e não foi reconhecido, sendo apenas advertido a observar que naquela região havia homens armados em barcos e que muitos eram bandidos.

Ainda nos tempos de Vila-Flor, Fernando relembra a chegada de uma fragata inglesa com um prisioneiro perigoso que deveria permanecer ali incomunicável até sua transferência ao Rio de Janeiro. Fernando reconheceu que o preso era o frei Zagalo, mas ambos fingiram não se conhecer. O militar descobriu que o padre comandava um grupo de negros em Cametá que lutavam pela liberdade, quando foi preso. Todos os homens negros haviam sido açoitados e fuzilados em praça pública. O frei foi preso e o francês Jean-Pierre conseguiu fugir ainda em Cametá. Frei Zagalo foi enviado ao Rio de Janeiro e Fernando não teve mais notícias dele. Outra vez se apresenta a diferença de tratamento dada a pessoas com a cor de pele diferente, mas que cometeram o mesmo crime: enquanto o frei foi preso, os demais homens negros foram assassinados. A punição desproporcional evidencia o racismo presente naquela sociedade.

A presença de Jean-Pierre no Pará incomodava Fernando e ele passou a desconfiar de Simone, mas não a confrontou para não revelar sobre a presença do pintor, caso ela ainda não o tivesse encontrado. Os ciúmes o corroem e o interrogatório à mulher aumenta. A dúvida sobre a fidelidade de Simone permanece sem resposta.

Fernando relembra o barbeiro português que além de cantar fados sabia de toda a fofoca da cidade e contava e cantava enquanto trabalhava. Era um momento de distração, além de atualizar-se do que acontecia na cidade. Bernardo o encontrou na barbearia e juntos saíram para conversar sobre o amigo Filipe que voltou com ideias de revolução e gostaria de encontrá-los. Neste encontro Filipe contou que precisaria do apoio de Fernando para

convencer os militares a apoiarem as ideias para um novo sistema constitucional. Fernando se preocupou com a responsabilidade e dificuldade em realizar esta tarefa, ainda mais às vésperas do Natal.

Durante as celebrações de Ano-Novo, Fernando avistou três homens com facões barrando sua passagem na rua e decidiu correr no sentido oposto para pedir a ajuda do coronel Barata para o movimento. A princípio o coronel não esboçou reação e se despediu desejando que o próximo ano fosse bom. No dia seguinte, Fernando descobriu que tanto Barata quanto Vilaça decidiram aderir ao movimento. Juntos dirigiram-se ao palácio do governo onde o coronel Barata proclamou a constituição e convocou nova eleição para uma junta constitucional e assim conseguiram depor o governo interino sem violência. A população comemorou nas ruas com grande euforia. Patroni e Bernardo se dirigiram a Lisboa onde aportaram em março de 1821. Meses depois enviaram uma longa carta contando como estava a situação e que os portugueses desejavam o retorno do rei e uma posterior recolonização das colônias portuguesas. Patroni contou que já tinha comprado uma tipografia que seria enviada a Belém, o que há poucos meses seria considerado proibido. Batista Campos concluiu que naquele momento só lhes restava a independência.

A terceira parte do romance é intitulada “O trágico ano de 1823”. O décimo capítulo tem início com a utilização da tipografia para a edição de um jornal sob a responsabilidade de Batista Campos. O jornal era o *Paraense*, sendo publicado com quatro páginas inteiramente dedicadas à política. Por ser um jornal político de oposição foi duramente atacado e o primeiro passo foi o governador exigir que um dos sócios, que era militar, retirasse o seu capital. Patroni conseguiu contornar esta redução de capital e o governador ofereceu um valor em dinheiro para que o tipógrafo abandonasse a função ou seria deportado. O tipógrafo deixou o jornal. Patroni conseguiu que um professor primário assumisse a função e o jornal continuou a ser produzido. O governador decidiu enviar homens à noite para destruir o jornal. A informação chegou até Patroni que organizou uma festa no local, impedindo que a destruição fosse realizada. No dia seguinte o governador ordenou que Patroni fosse preso. O cerceamento da imprensa política pelo governo é destacado nesta passagem em que o governador busca silenciar esse jornal a todo custo para evitar a

divulgação de ideias contrárias às suas, mas a resistência dos envolvidos o mantém ativo.

Em setembro de 1822 Fernando recebeu a notícia de que o príncipe regente proclamou a independência do Brasil após recusar-se a retornar a Portugal. Batista Campos conseguiu uma cópia do manifesto da independência e o publicou na íntegra no jornal *Paraense*. Pressionado pelos partidários de Portugal e pelo coronel Vilaça, que assumiu como chefe da polícia local, o governador José Maria mandou prender todos os partidários da causa da independência, incluindo Fernando, Bernardo e Batista Campos. Com esta prisão, Fernando foi expulso do exército português e encaminhado à prisão do forte da Barra. Ser preso por Vilaça soava como uma vingança final pelo tapa no rosto que Fernando lhe deu há vinte anos. Depois de vinte dias a pão e água, foram libertados por falta de provas que os condenassem e a população os recebeu calorosamente celebrando principalmente a liberdade de Batista Campos.

Como civil, Fernando se tornou um mecânico da tipografia e passava mais tempo conversando com o cônego. Ao andarem pelas ruas foram atacados por três homens armados com porretes que os acertaram e deixaram Batista Campos caído no chão. Mesmo com toda a violência sofrida, Fernando e Batista Campos mantiveram suas candidaturas e foram eleitos para a Câmara de Vereadores. Nenhum candidato português foi eleito. Antes de tomarem posse, Vilaça ordenou que a Câmara fosse tomada e o governo anterior reestabelecido. Batista Campos e Fernando receberam as informações antecipadamente pelas copeiras do palácio e conseguiram fugir. A violência empregada para desestimular a participação dos dois na política não foi suficiente e ainda resultou em suas eleições.

Fernando e Batista Campos discutiram que para tornar o Grão-Pará independente precisariam do apoio do Brasil, mas Campos não acreditava que isto seria possível devido à falta de conhecimento dos brasileiros sobre a região e a crença de que ali só havia selva e índios. Campos destacava que sem o apoio do Brasil, o Grão-Pará poderia vir a ser uma colônia inglesa ou recolonizada pelos portugueses e nenhuma opção seria razoável para o povo. Em comparação ao Brasil, Campos ressaltava que a economia do Norte estava

baseada na pequena propriedade e na produção de subsistência, diferente do Brasil que era uma economia baseada em grandes propriedades e na mão de obra escrava, o que dificultaria o diálogo. Além do Grão-Pará já ser um exportador de produtos da borracha, enquanto o Brasil não demonstrava vocação industrial. Mesmo com tantas diferenças a união seria a única opção para lograr a independência.

Fernando recorda o período em que adoeceu e ficou acamado por quinze dias com febre e vômitos. Neste período Simone foi visitá-lo e informou que estava tudo acabado entre eles, pois ela esperava um filho de Jean-Pierre. Fernando desejou matá-la, mas conteve-se e continuou a passar mal, chorou e sequer a viu sair do quarto. Na mesma noite Fernando recebeu a visita de Giovani Balbi, um rico comerciante de exportação que lhe trouxe a notícia de que o governador assumiu a tipografia e estava publicando o jornal luso-paraense. Fernando se revoltou, mas Balbi o orientou a ter cautela e aguardar o momento certo de retomar a tipografia.

Fernando relembra com agonia o dia 10 de agosto de 1823, quando um brigue de guerra adentrou a baía de Guajará com a bandeira do Império do Brasil e se dirigiu ao palácio do governador para informar que o porto de Grão-Pará ficaria bloqueado até que o sistema geral do Império brasileiro fosse aceito. Um membro da junta provisória quis saber o que aconteceria caso não aceitassem e obteve a resposta de que a cidade seria bombardeada. A junta decidiu se reunir e depois dar uma resposta.

Balbi procurou Fernando para alertá-lo sobre os acontecimentos e junto com Batista Campos retornaram a Belém para participar da Assembleia. Mesmo atrasados conseguiram acompanhar a votação e tomar conhecimento que a anexação ao Brasil tinha vencido. Vilaça foi destituído de seu posto e Fernando promovido a coronel do exército imperial. Fernando prendeu os portugueses contrários à independência e libertou seus colegas que retomaram as funções no exército e na tipografia.

No dia 16 de agosto, todos se reuniram para fazer o juramento da independência e Batista Campos lembrou-o que não eram mais uma colônia e sim uma província. Nos dias que se seguiram foi organizado um governo provisório e discussões se os portugueses contrários ao regime deveriam ser

deportados. Em seguida descobriram que o navio enviado para anexar o Grão-Pará estava sozinho e que eles haviam se rendido a uma única embarcação. Os portugueses se revoltaram com a notícia e Vilaça comemorou pela ignorância dos que se renderam antes de verificar se seriam capazes de vencê-los ou não. Vilaça conclui que tudo ali começou com uma mentira e assim seria sempre.

Fernando retomou a convivência com os índios na fazenda Promissão e refletiu sobre a sua vida de desgostos. Seus pensamentos foram da política até Simone e o sentimento de desilusão o dominou. Naquele momento ele reconheceu que aqueles índios que o acompanhavam eram seus companheiros e seriam tratados como estrangeiros naquela terra, da mesma forma que ele já foi tratado. A solidariedade e empatia com o sentimento do outro demonstram um pensamento mais amadurecido do narrador. A forma como os índios seriam deixados de lado e sofreriam discriminações em sua própria terra, demonstram a preocupação com as desigualdades que se evidenciariam com as mudanças e a ganância por grandes propriedades de terras, desconsiderando a cultura e os hábitos dos que nela já viviam, mas sem a cultura de registros e documentos escritos de acordo com as leis dos homens brancos.

As lembranças de Simone o fazem pensar no dia em que ela embarcou junto a Jean-Pierre com destino a Paris, segurando a barriga como se a ostentasse. Fernando lembrou que ela não parecia contente, mas concluiu que ela talvez não tivesse sido feliz também quando estava com ele. Estas eram lembranças amargas e difíceis.

No dia 12 de outubro, aniversário de D. Pedro I, foram organizados desfiles e um baile. Durante o baile, Batista Campos alertou Fernando sobre os militares descontentes com o regime, mas ele achava que tudo se resolveria. Naquela mesma noite, tomado de angústia, tentou dirigir-se à casa de Batista Campos, mas foi impedido por soldados que bloqueavam as ruas. Batista Campos estava sendo levado e um tumulto tomava conta das ruas. Os descontentes queriam que o governador deixasse o poder e que os portugueses fossem deportados. Campos pediu a palavra e explicou que embora todos já estivessem sem paciência, seria necessário ouvir o povo, mas

primeiro deveriam descansar. Todos pediam Campos como presidente. Campos disse que assumiria, mas era preciso primeiro reestabelecer a ordem. Todos concordaram e retornaram a seus regimentos e casas.

Batista Campos se reuniu com Fernando, Malcher e os demais integrantes da junta provisória para tomarem as primeiras providências. A decisão de organizar patrulhas para reduzir os saques e a violência contra os comerciantes portugueses foi tomada tranquilamente, já a questão de pedir ajuda ao comandante inglês provocou divergências porque Campos acreditava que ele os via como inferiores e bárbaros e por ser emissário do Rio de Janeiro os via como tapuias, dispensando assim esta ajuda. Ao retornarem para suas casas foram surpreendidos pelo comandante inglês que tinha preparado, junto com os portugueses descontentes, uma emboscada para prendê-los. Foram todos levados à praça onde o inglês Greenfell separou cinco indivíduos para executar. Mandou amarrar Campos em um canhão e acendeu o pavio, mas observou que criaria um mártir e desistiu de matá-lo naquele momento, apenas o enviando como prisioneiro ao Rio de Janeiro. Fernando foi preso em um navio e após alguns dias conseguiram abrir um alçapão e fugir pelo rio Guamá junto com mais dois civis e três soldados. Como não houve contagem nem controle dos presos, sequer a fuga foi notada.

Os prisioneiros que permaneceram ali sofreram com o calor, a falta de água e o aperto no porão do navio. Foram humilhados e os marujos jogavam esgoto quando pediam água e davam tiros aleatórios na multidão já esmagada. Eram cerca de duzentos presos em um porão que não comportava nem um quarto deles. Após os tiros ainda jogavam cal nos presos e fechavam a escotilha. Depois de toda esta barbárie apenas um preso sobreviveu. A execução de presos políticos ocorria de várias formas, como a relatada neste trecho, e serviria para desestimular que os demais integrantes da população desejassem manifestar ideias contrárias ao governo.

Fernando decidiu deixar Belém por questões de segurança e, com a ajuda de amigos que viviam em Ananindeua, partiu de canoa para Cametá. Ele lembrou que naquela cidade vivia um juiz português que deu o nome de Brasileiro a um cavalo para zombar do antigo sistema. O juiz dizia que “Brasileiro só serve para ser montado” (SOUZA, 1997, p. 206). Quando

Fernando e seus companheiros tomaram o comando do destacamento local, o povo buscou o juiz e o cavalo e o obrigaram a beijar o animal em praça pública. O animal foi adotado pela população e nunca mais puxou carroça nem foi esporeado, vivendo livre e protegido por todos. Ao ser perguntado por um soldado porque Fernando ria durante o ato de “beijação”, ele afirmou ter se lembrado de um fado que um colega inventou para zombar das lisboetas. Fernando cantou o fado e o soldado contou que sua mãe era de Lisboa e fadista. Esta cena deixa claro que as oposições estariam e estão presentes e fazem parte da composição diversa de nosso país.

A diversidade de pessoas que formou a região do Grão-Pará e Rio Negro é apresentada ao longo da narrativa, demonstrando como diferentes origens favoreciam ou dificultavam a convivência já no século XIX. A presença de portugueses que imigraram para a colônia e conseguiram moradias confortáveis e empregos bem remunerados, como o pai do protagonista; os índios que se deslocaram para as cidades e realizavam trabalhos como serviçais; as pessoas que migraram de outras províncias, principalmente as da região Nordeste, em busca de novas oportunidades de emprego, impulsionadas pela extração do látex; os franceses que viviam em Caiena e foram presos durante a invasão de seu território sendo levados a Belém contra suas vontades, como a família de Simone; os grão-paraenses, nascidos na província, mas que eram deixados de lado pelos governantes portugueses que preferiam nomear pessoas de origem portuguesa para os cargos públicos com melhores salários, os negros que tinham a mão-de-obra explorada e/ou escravizada pelas camadas mais favorecidas economicamente da sociedade; além de imigrantes de diferentes partes do mundo como chineses e irlandeses que chegavam em embarcações pelo porto e decidiam ficar e constituir família naquela região.

A origem dessas pessoas determinava sua atuação naquela sociedade em que poucos tinham a oportunidade de aprender a ler e a escrever e um número ainda mais restrito conseguia enviar seus filhos para concluir seus estudos na Europa, como fez o protagonista por ter uma família rica. Diante de tantas desigualdades, as manipulações e abusos de poder eram frequentes e os governantes utilizavam de violência para se manter em seus cargos e

amedrontar os opositores. Estes abusos e desmandos excessivos contribuem para a mudança de pensamentos do protagonista que toma conhecimento de outras possibilidades de governo e sonha com uma nova realidade para a sua terra natal.

Por ser um livro de memórias em que o narrador já tinha experimentado o contato com a realização da independência, mas em pouco tempo retornaram à administração imperial, a desilusão marca sua narrativa por apresentar uma situação a partir do ponto de vista de quem já conheceu o desfecho trágico e não desejado.

2.2 *Desordem* (2001), Márcio Souza

O segundo volume da tetralogia de Márcio Souza, sob o título *Desordem*, publicado em 2001 pela Editora Record, traz na capa de Evelyn Grumach, a imagem “Prospecto da Cidade de S. Maria de Belém do Grão-Pará”, de Alexandre Rodrigues Ferreira, feita para o livro *Viagem Filosófica* (1784), (Figura 2). Nesta imagem a cidade de Belém é vista do rio e podem ser observadas embarcações de diferentes tamanhos em suas águas, tendo centralizada uma maior com grandes e imponentes mastros e velas. Destacam-se também as casas na margem do rio, todas brancas com telhados alaranjados, e árvores entre as casas e ao fundo. Diferentemente da imagem de capa do primeiro volume pela editora Marco Zero, nesta há uma aparente calma que contrasta com o título do romance.

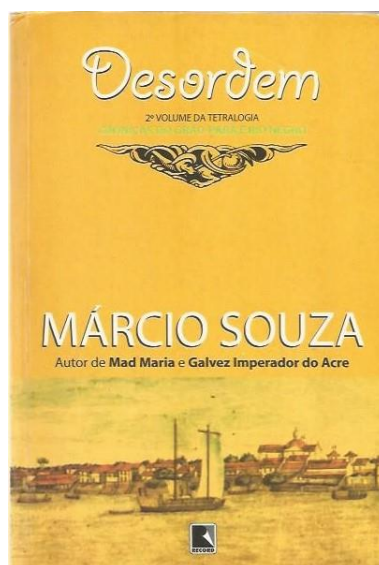


Figura 2: Capa de *Desordem* (2001), de Márcio Souza

O romance tem início com uma informação, quase uma advertência ao leitor: “Este livro é uma ficção histórica. Nomes, personagens, lugares e incidentes são igualmente baseados em fatos da História ou pura criação literária” (SOUZA, 2001, p. 5). Esta afirmação demonstra o posicionamento do autor em relação ao gênero e esclarece ao leitor seu significado. Em seguida há a epígrafe retirada do romance *O Continente*, de Erico Verissimo:

Mas por que será que o tempo custa tanto a passar quando há guerra?

Decerto não pode andar ligeiro, tropeçado num morto a cada passo.
 E por que às vezes o vento geme tanto que parece ferido?
 Decerto porque viu muito horror em seu caminho.
 (VERISSIMO, 1949)

A temática da guerra, além da escolha do autor, demonstra o diálogo proposto por Márcio Souza desde o primeiro volume e que se mantém em *Desordem*. A presença da morte causada pela guerra parece atrapalhar a continuidade dos que sobreviveram, pois não teriam como superar rapidamente, nem evitar os tropeços nas recordações dos mortos ou o esquecimento de toda a dor pelo enfrentamento de situações de horror.

A dedicatória deste volume é ao “velho Jama”, acompanhada de um agradecimento. A expressão remete a uma intimidade com esse “velho Jama”, devido ao uso do adjetivo, mas não há outra menção exata a quem ou a que se refira este Jama. Talvez esta expressão se refira ao rio Jamundá, que nasce no Pará/PA e tem sua foz no rio Amazonas, por ser o rio citado por Anne, personagem desse romance, mas também por historiadores, como o local em que ocorreu o confronto entre as mulheres amazonas guerreiras e o espanhol Francisco de Orellana. Este embate era celebrado pelas participantes da Sociedade das Novas Amazonas, que Anne passou a fazer parte. O rio Jamundá também é conhecido atualmente por rio Nhamundá.

O sumário apresenta um romance dividido em duas partes: a primeira, “De como as máscaras da intolerância levaram um povo acossado a superar o desespero”, e a segunda: “De como finalmente a paciência encontrou os seus limites e o destino conspirou contra todos” (SOUZA, 2001, p. 11). A escolha da expressão “de como” no sumário indica que o romance buscava esclarecer a maneira como os acontecimentos se deram. Na descrição da segunda parte a “paciência” em Souza se relaciona à “espera” em Verissimo, em que as personagens esperam e/ou tem paciência diante das grandes dificuldades, mas aqui a proposta é que este sentimento passivo teve um fim, embora o destino não tenha sido favorável a todos.

Na sequência, há uma introdução, supostamente elaborada pela professora de Literatura Amazônica da Universidade Federal do Pará, Terezinha Chermont de Miranda, que se propõe a explicar a descoberta dos

manuscritos em francês e sua decisão de traduzir e adaptar a uma linguagem mais atual, os textos de Anne-Marie Presle de Senna. A pesquisadora afirma que seu trabalho buscou resgatar esses manuscritos de uma importante testemunha da história do Pará que teve seus textos praticamente esquecidos até ser citada no livro autobiográfico do coronel Pedro Veriano Chermont Barata, com o nome de Simone Carpentier.

Nesta introdução há a referência aos manuscritos do coronel que já tinham o título de *Lealdade* e haviam sido deixados no cofre da família Bentes de Souza, desde 1823. A escolha dos sobrenomes da família que ficou responsável pela guarda dos manuscritos coincide com os sobrenomes da família do autor: Márcio Bentes de Souza, demonstrando uma autorreferência. A mesma ligação aparece entre os sobrenomes do coronel (personagem) e da pesquisadora que supostamente elabora o texto e a nota introdutória: Chermont.

Assim como nos romances históricos tradicionais, há a presença de manuscritos descobertos mais de cem anos depois dentro de um cofre em que se esperavam encontrar barras de ouro ou algum tesouro do antigo prefeito da cidade de Alenquer. Após diversas tentativas, um técnico londrino foi chamado para abrir o cofre inglês que nem o maior assaltante de bancos da região da década de 1990 conseguiu. Dentro encontraram livrinhos pornográficos impressos em Portugal e os manuscritos do coronel que foram levados à Biblioteca Pública do Pará.

A pesquisadora afirma que há registro de que havia três cadernos com manuscritos de Anne-Marie/Simone, mas que o primeiro e o último se perderam, restando-lhe publicar somente uma parte da história. No entanto, este compreendia um material surpreendente que “nos revela um dos mais dolorosos episódios daqueles tempos, contando com honestidade e emoção” (SOUZA, 2001, p. 16). Por este trecho o leitor já toma conhecimento que lerá uma história incompleta, porém sobre o período da Cabanagem com mais detalhamento emocional. Sobre a vida pessoal, são contados que Anne-Marie concluiu os manuscritos provavelmente em outubro de 1857 e faleceu em dezembro do mesmo ano, viúva e sozinha em Manaus, pois seu marido faleceu de febre amarela em 1852 e seu filho, Eduardo, permaneceu em Paris. Soube-

se que seu filho foi assassinado anos depois em Paris por uma prostituta que o acusou de explorar mulheres, para a polícia francesa ele era um estrangeiro que vivia de rendas.

Da mesma forma que os manuscritos do coronel, do primeiro volume, os da francesa também tiveram suas trajetórias detalhadas, contando minuciosamente o caminho que percorreu pelo mundo até retornarem em 1955 à Manaus, sendo posteriormente doados à Biblioteca Pública de Manaus.

O comprador dos manuscritos, Dr. Silva Ramos, após realizar a leitura, criticou: “Passei a noite lendo os manuscritos de madame Senna e me pareceram uma malograda tentativa de escrever um romance” (SOUZA, 2001, p. 20). Uma crítica apresentada ao próprio texto já na introdução é rebatida pela suposta pesquisadora desqualificando o senhor Ramos como um leitor de manuais e não de romances. E ainda complementa: “De nossa parte, o texto sempre se mostrou fascinante, especialmente pela enorme carência de vozes femininas na reconstrução de nosso passado” (SOUZA, 2001, p. 20). A escolha de uma suposta professora universitária como autora da introdução mostra a preocupação do autor em legitimar esta voz feminina a quem ele busca resgatar do passado e reconhece a sua carência. Além disso, por ter sido a responsável pela tradução e atualização, a professora defende o texto e sua importância.

Há um agradecimento às professoras Neide Gondim, que é pesquisadora da obra de Márcio Souza e professora da Universidade do Amazonas, informações reais presentes na ficção – e à Socorro Demasi que teriam supostamente auxiliado com suas pesquisas a compreensão dos manuscritos. Aparece também a justificativa de que decidiram manter os nomes verdadeiros das personagens, “mantendo apenas aqueles dos personagens fictícios ou compostos” (SOUZA, 2001, p. 21). Esta informação causa um desconforto porque, se Anne-Marie havia produzido seus manuscritos como diários ou autobiografia, como haveria personagens fictícios ou qual seria a sua função se os textos eram fiéis à realidade, escritos com sua “memória lúcida e cristalina”? (SOUZA, 2001, p. 16). Este deslize na introdução traz à tona a dificuldade do autor em elaborar uma nota redigida por uma pesquisadora que domina as particularidades do gênero manuscrito e parece confundi-lo com a ficção a que o autor se propõe já na advertência inicial. Ao

finalizar a introdução, novamente os pensamentos do autor são reproduzidos na fala da pesquisadora ao agradecer o reconhecimento de um “talento da terra”, “dando prosseguimento ao esforço para lançar luzes ao passado da região Amazônica” (SOUZA, 2001, p. 22). Novamente se evidencia a preocupação de que esses romances que compõem a tetralogia pudessem resgatar um período da história da região Amazônica que tem sido pouco abordado, mas que foi determinante para a compreensão da história do país.

A primeira parte do romance tem início com um ofício do presidente Bernardo Lobo de Sousa, de 15 de fevereiro de 1834, dirigido ao comandante do Primeiro Batalhão de Guardas Nacionais, em que há o pedido para que prisões arbitrárias e violentas deixassem de ser realizadas, principalmente por estarem sendo feitas em nome do presidente. Em seguida, apresenta-se a resposta dirigida ao presidente pelo comandante que se justifica por ser um guardião da ordem e sossego públicos e que prendeu aqueles que apresentavam ideias partidárias ou promoviam algum tipo de discórdia ou violência pela divulgação de suas ideias. Desta forma, mais uma vez seguindo os moldes do romance histórico tradicional, o romance apresenta supostos documentos oficiais do período narrado para estabelecer relações de verossimilhança e ambientar a narrativa que se segue. Assim como o primeiro volume, há uma preocupação em representar os desmandos (prisões arbitrárias e violentas) cometidos pelos governantes contra os opositores partidários, em nome da ordem e do sossego geral.

O primeiro capítulo do romance tem o título “Espírito e mérito” e começa a narrar a madrugada do dia primeiro de janeiro de 1835, em Belém, com a notícia da morte do cônego Batista Campos. O lamento geral do povo é descrito como o sofrimento pela morte daquele que trouxera esperança de dias melhores à população sofrida e explorada. Em seguida, Anne-Marie justifica que ela resolveu escrever sobre aquele momento por ainda confiar em um futuro diferente, mas observar um certo marasmo no presente que deveria ser combatido. Ela dedica sua escrita ao seu amigo Bernardo, ao Angelim que também se tornou seu amigo e a quem admirava, ao filho Eduardo e ao Pedro, por quem teve um amor incompreensível e por quem juntos arriscaram as próprias vidas, mesmo que de forma insensata. A justificativa de Anne quanto

ao “marasmo no presente” se relaciona ao contexto de produção do autor que, como retomaremos a seguir, escreveu seus romances em um momento em que a democracia já estava instaurada em nosso país, trazendo uma aparente apatia quanto à possibilidade de lutar por mudanças e avançar nas conquistas, a partir das lutas já realizadas. O marasmo que se apresentava após a morte de Batista Campos se equipara a acomodação que dominou o país após a democracia estar consolidada – anos de 1990.

Anne se posiciona como uma francesa sem raízes naquela terra, alguém que chegou vinda da França convulsionada e tinha amigos nascidos na antiga colônia, todos com familiares, menos ela. Apesar das diferenças eram todos perseguidos em 1834, pelas “lembranças da rebeldia e pelo desastre da anexação do Grão-Pará ao Império do Brasil” (SOUZA, 2001, p. 31). Para Anne o Grão-Pará nem chegou a ser um sonho, pois tudo foi desfeito e sucumbiu, restando apenas angústias e frustrações. Em uma mescla do público com o privado, Anne justifica seu objeto de escrita: “[...] o que mais desejo é fazer um relato que seja objetivo e justo, traçando um paralelo entre as nossas vidas particulares e aqueles instantes da história nos quais mergulhamos premidos pela contingência” (SOUZA, 2001, p. 32). Por esta afirmação, já supomos que as revelações particulares estarão diretamente relacionadas aos acontecimentos públicos e históricos, retomando a advertência inicial do romance: esta é uma ficção histórica.

Destaca-se a voz feminina que pretende apresentar não apenas os relatos particulares e restritos à casa, mas aquela que saiu do espaço particular e atuou inclusive no espaço público durante os importantes momentos da história. Este posicionamento de Anne é possível pelo momento da enunciação de Márcio Souza em que a voz feminina recusa o “decreto de silêncio” e sua exclusão da política e dos espaços públicos (OLIVEIRA, 1991, p. 28).

Anne comenta sobre o governo de Bernardo Lobo de Sousa que levou à estagnação econômica, fazendo com que parte da população que deixou a produção de subsistência para viver nas cidades passasse fome. O inverno amazônico de finais de 1834 é igualmente descrito como um período difícil em que as chuvas persistiam, aumentando as goteiras nas casas e os bolores em suas paredes e, apesar de todo o aguaceiro, o abafamento era irritante,

dificultava os deslocamentos e o contato com ar fresco. Esta fase de chuvas intensas correspondia às semanas anteriores ao Natal e, desta forma, todos reduziam o trabalho nas lavouras e se organizavam para visitar os parentes para as festividades de fim de ano, pois era um período de entressafra.

Anne compara a situação atual narrada do porto de Belém há duas ou três décadas quando a produção de anil, café e açúcar era maior e, juntamente com os manufaturados da borracha, eram vendidos para boa parte do mundo. Com a divisão da produção de produtos em outras regiões brasileiras, o porto estava menos movimentado e os produtos da selva tiveram seus valores reduzidos. Quanto à política, ela compara o governo de Bernardo Lobo a Batista Campos, pois, de acordo com seu ponto de vista, Bernardo era autoritário e não gostava das ideias de Campos, tornando-os inimigos e opositores declarados. Bernardo Lobo ficou decepcionado com a notícia da morte de Batista Campos porque o havia perseguido por mais de oito meses sem sucesso, tomando medidas impopulares como atear fogo em propriedades particulares que poderiam ter abrigado o cônego.

Anne descreve os últimos momentos com Batista Campos como um homem que lutou e demonstrou dignidade mesmo enfrentando uma dor intensa que repuxava seus músculos e modificava seu perfil, devido à gangrena pelo corte de navalha em uma espinha. Anne afirma que ela e seus companheiros depositavam todas as suas esperanças de um futuro diferente nas ideias defendidas por Batista Campos e sua tristeza era ver toda a grandeza daquele homem inteligente e sensível às causas sociais ser levada pela morte. Um grande lamento diante desta morte seria pela invisibilidade futura de Batista Campos e o esquecimento de suas ações, que não mais seriam vistas ou lembradas, apesar de sua morte ter criado a sombra de um gigante: “Uma sombra tão imensa que, durante muitos séculos, se estenderá sobre o grande vale, mas por ninguém será vista” (SOUZA, 2001, p. 37). A morte de Batista Campos representa a perda da esperança, pois ele era a personificação dos desejos daqueles amigos que, inspirados por suas ideias, lutavam por um país mais igualitário, justo e independente.

O segundo capítulo tem o título *Uma vida* e se inicia com uma nota da organizadora explicando que neste ponto se iniciou o manuscrito de 1835 e que

ela considerou ser o melhor momento de introduzir esta parte na narrativa. A narrativa tem início apresentando que era o final de junho de 1800, em uma campina de Marengo, onde soldados transitavam e o exército de Napoleão recebeu ordens para se retirarem devido à desvantagem frente aos seus inimigos. Há, portanto, um retorno temporal definido pela organizadora. Anne relembra que neste período era uma mocinha que passava de carroça com sua mãe, com olhar perdido diante daqueles combates, junto ao seu pai, médico de guerra. A notícia de que o exército de Napoleão recebeu reforços e venceu o combate, para Anne, significava apenas mais mortes, feridos e gritos de dor. Suas memórias de infância estão sempre relacionadas ao sacolejar das carroças, aos gritos dos feridos e ao sofrimento da guerra em meio a fumaça, deslocando-se com sua família pelas cidades europeias.

Anne relembra que nasceu dia 15 de agosto de 1790, em Montmartre. Seu pai era médico e sua mãe trabalhava como contadora na empresa do avô materno. Há uma alternância do foco narrativo e ao contar sobre sua infância há a opção pelo distanciamento da narrativa ao narrar sobre o seu nascimento em terceira pessoa: “Ela veio ao mundo em Montmartre,” (SOUZA, 2001, p. 41); mas, em seguida, a narrativa é retomada em primeira pessoa: “Cresci num meio rigorosamente seguidor das virtudes e austeridades burguesas, levemente condimentadas pelo espírito rebelde e iluminista do Dr. Presle,” (SOUZA, 2001, p. 41). Anne afirma lembrar vagamente desta época e, talvez, esta seja a razão de o distanciamento da narrativa levá-la a optar pela terceira pessoa do singular.

A vida da família mudou drasticamente durante o inverno de 1801, quando a diligência que levava sua mãe e o avô ao trabalho, junto a dois criados armados e o cocheiro, foi atacada por arruaceiros que abusaram sexualmente de sua mãe, queimaram seus mamilos e a fizeram assistir às violências realizadas contra seu pai até a morte violenta. Após este episódio de violência extrema, a mãe tornou-se ainda mais melancólica, isolada e evitando qualquer contato, inclusive com Anne. Com a morte do avô a empresa foi vendida e a família passou a viver em alojamentos militares e seu pai passou a atuar como médico militar do exército de Napoleão. Anne recorda ter crescido

em meio a feridos e mutilados, acompanhando a rotina nos hospitais de campanha.

A violência que sua mãe sofreu durante o período de guerra demonstra que, mesmo as pessoas com melhores condições financeiras que se deslocavam com empregados armados, as barbaridades da guerra atingiam a todos, inclusive as mulheres. Esta cena pode estar relacionada à violência sofrida pela personagem Ana Terra quando a fazenda de sua família foi invadida, ela foi estuprada e viu seu pai e irmãos serem assassinados em sua frente. Cada uma dessas mães enfrenta a violência de uma forma, enquanto Ana busca uma vida em outro lugar, aproximando-se de seu filho, a senhora Presle se isola e evita a aproximação de Anne, mas também muda de vida e passa a viver em alojamentos militares com a família.

Em 1807, embarcaram para a Guiana e no ano seguinte a cidade foi ocupada pelos portugueses. Anne recorda que conheceu Pedro Barata em uma tarde calorenta quando recebeu um bilhete do carcereiro de seu pai perguntando se poderia visitá-la. Anne se refere a Pedro com expressões distantes como “carcereiro de meu pai”, “o português”, “oficial português”, no entanto confessa sentir-se bem pela demonstração de desejo de Pedro por ela. Anne aceitou o convite para se encontrar com Pedro, mesmo morando com Jean-Pierre por afirmar que vivia com o pintor mais por necessidade que por amor, pois temia sofrer algum tipo de violência naquela cidade ocupada, onde muitas mulheres tinham sido violentadas e mortas por saqueadores e por soldados. Sua mãe se refugiou em um convento de freiras, mas Anne não aceitava todas as regras da clausura. Novamente é destacada a violência que as mulheres sofriam em tempos de guerra, fossem elas na Europa ou nas colônias, que dificultavam as escolhas e restringiam a liberdade.

Anne recorda que não estava mais se relacionando com Jean-Pierre quando aceitou o convite de Pedro, mas que o francês se sentiu enciumado com esta aproximação. Pedro chegou à casa que Anne cuidadosamente organizou para recebê-lo, escondendo os livros de Jean-Pierre que pudessem ser considerados subversivos. O diálogo entre eles era truncado, pois Pedro falava poucas frases em francês e Anne sabia algumas palavras em espanhol, mas nem ela nem o pintor compreendiam nada da língua portuguesa. Anne

deixou os homens na sala e foi à cozinha sendo seguida por Pedro que tentou abraçá-la, mas percebendo que não houve nenhuma reação, se afastou. Anne se lembra de seu jeito encabulado e da preocupação em saber se Jean-Pierre era seu namorado ou marido. Com a resposta negativa, o rosto de Pedro se iluminou.

A dificuldade de comunicação entre Anne e Pedro (Souza) devido à língua se assemelha a de Ana e Pedro Missioneiro (Verissimo), por serem dois casais de origens diversas, com línguas diferentes, mas o índio Pedro Missioneiro tinha uma capacidade maior de se comunicar misturando as línguas, por ter estudado com os padres. Apesar da formação como engenheiro militar, Pedro Barata não dominava o idioma francês e quem se adapta à sua língua é Anne.

O capítulo *A radicalização* começa em julho de 1833 com a eleição de Batista Campos como provedor da Santa Casa de Misericórdia. Esta era uma instituição que começou em 1650 socorrendo pobres e abandonados, mas com o passar dos anos tornou-se uma confraria com diversos bens, imóveis, fazendas e escravos, e além de cuidar dos enfermos, passou a realizar trabalhos sociais. A Santa Casa oferecia ainda a assistência jurídica a presos e lutava para salvar os condenados à morte. Batista Campos deixava um escravo responsável por avisá-lo sobre aproximações suspeitas e em uma semana teve que fugir três vezes das intimações enviadas por Lobo de Sousa, evitando assim este enfrentamento.

Batista Campos era confrontado pelo padre Affonso, seu inimigo declarado e que estreitou relações com Lobo de Sousa. Padre Affonso escrevia artigos para difamar Batista Campos e os publicava nos jornais da cidade declarando que o cônego já não era honesto desde quando estudaram juntos. Receoso pela lembrança de sua prisão e espancamento, Batista Campos se retraía e não respondia a nenhuma das provocações, além de mudar-se com frequência. Em meio a estas confusões, Batista Campos se une ao Partido Liberal para tentar depor o presidente Lobo de Sousa. O clima de violência não era favorável e Batista Campos não tinha muitos aliados políticos, no entanto, a situação era insustentável e a única esperança para ele e para a população seria a saída de Lobo de Sousa do governo.

Por que deixei o Pará em 1823 inicia a narrativa neste ano com Anne grávida de oito meses e deixando Belém. Convencida por Jean-Pierre a regressar à França, após receber notícias de que um tio mais novo recuperou a empresa da família e Jean-Pierre lhe contar que naquele momento trabalhava como cônsul e já havia trabalhado nos últimos anos na África, no Oriente e em Buenos Aires e iria para Paris. Jean-Pierre mudou de vida ao reencontrar sua mãe, da aristocracia rural francesa, que lhe deu abrigo e conseguiu uma carta de recomendação para que ele fosse indicado como cônsul, contando com o auxílio também de seu cunhado que era diplomata.

Para Anne o aparecimento de Jean foi sua salvação. Anne não desejava permanecer naquela sociedade paraense que ela considerava hipócrita, imbecil e amoral (p. 55). Ela se sentia asfixiada naquele lugar e considerava um alto preço a ser pago ter que viver em Belém por causa de seus desejos carnis. Pedro era considerado um amante e sua relação é descrita apenas pelo envolvimento físico. Jean-Pierre questionou o motivo da separação de Pedro e Anne e ela respondeu que foi pelas reticências dele. Anne descreve que viu Pedro ao longe no porto sobre as pedras enquanto seu barco se afastava. Chegou a pensar na razão que os unia, mas deixou os pensamentos de lado por estar decidida a ir embora.

O capítulo *Sem conciliação* apresenta uma reunião do Lobo de Sousa com seu conselho em que é decidida a prisão de Batista Campos. O presidente justificou que o padre teria relações com a maçonaria e estas crenças poderiam ser prejudiciais à sociedade paraense. Nem todos os conselheiros concordavam e chegavam a considerar algumas insinuações exageradas, mas nenhum se atrevia a expor abertamente as ideias contrárias.

Para espanto do conselho, Lobo afirmou que Campos iria se reunir com Malcher para derrubar seu governo e que a Guarda Nacional deveria invadir a fazenda de Malcher, prendê-lo e deportar Campos. Os conselheiros não acreditaram, pois, Malcher e Campos tinham ideias políticas contrárias e não consideravam prudente atacar um grande fazendeiro, mas Lobo estava convicto. Vários conselheiros tentaram fazê-lo mudar de ideia, sem sucesso. As manipulações políticas são descritas demonstrando que os cargos políticos eram utilizados para a satisfação pessoal do governador e que, apesar de um

Conselho ter sido articulado para ponderar as decisões, as informações falsas eram empregadas para gerar o medo e justificar as ações que garantiriam a ordem.

Em *Medo dentro da noite*, o silêncio da mata durante a noite só era quebrado pelo sibilar dos insetos. Não se ouvia o som de nenhum animal grande, nem dos macacos, nem dos pássaros, o que era incomum. Dois homens se arrastavam na mata e buscavam chegar discretamente à fazenda de Malcher. Eram dois homens que haviam sido enganados com a promessa de emprego, mas que foram presos em um engenho de açúcar para realizar trabalhos forçados. A narrativa demonstra que aquele era um costume de muitos fazendeiros que tinham aliciadores para aumentar a sua mão de obra. Os dois homens foram avistados no meio da mata e caçados como animais. Após correrem pela floresta, já muito machucados, chegaram à beira do rio onde foram alvejados e seus corpos atirados na água. A violência descrita por estes homens contra os trabalhadores impressiona pela gratuidade e exagero, relacionados ao título do capítulo: medo. Mais uma vez o medo é utilizado para garantir a manutenção dos trabalhos forçados que ampliavam os lucros dos donos de engenho e piorava a vida dos trabalhadores.

O capítulo *Um amigo dos homens graúdos* trata da imigração de pessoas pobres para o Pará como sendo um dos legados da independência. O fazendeiro Curica é apresentado como um destes imigrantes vindos do sul do Maranhão que comprou uma pequena fazenda, mas com a exploração de seus trabalhadores e o empréstimo de dinheiro a juros, ampliou suas terras e se tornou um grande fazendeiro. Para colaborar com a administração provincial criou uma milícia privada que espancava e assassinava as pessoas identificadas como inimigos do Império. Esta milícia é identificada como a responsável por vigiar a fazenda de Malcher – conhecida por oferecer guarida e trabalho remunerado aos deserdados – e, provavelmente, seria o grupo responsável pela violência contra os dois homens citada no capítulo anterior. O objetivo era deter o crescimento de adeptos ao fazendeiro Malcher, ou seja, reduzir o número de opositores ao governo. A forma como o poder era mantido, por se adequar aos interesses particulares dos governantes e fazendeiros,

apresenta uma crítica ao sistema estabelecido por dificultar a ação e até mesmo a vida daqueles que pensavam diferente.

Em *Minha desventurada viagem* é retomada a viagem de Anne que a descreve como um pesadelo por avistarem uma embarcação que os seguia causando grande preocupação por pensarem que ou seria um simples barco de comerciantes ou de piratas. O comandante estava apreensivo pois parte de seus marinheiros já havia morrido após um surto de cólera na saída de Buenos Aires. Decidiram mudar o rumo da embarcação para Martinica e o barco que os acompanhava desapareceu trazendo grande tranquilidade a todos. Anne relembra que eram apenas três mulheres a bordo: duas esposas de oficiais e ela que se mantinha isolada em seu aposento, mareada e maldizendo seu destino.

Anne decidiu subir para ver os marinheiros que cantavam ao som de um acordeom. A noite e a música a fizeram esquecer de tudo: a paixão por Pedro, sua fuga e da gravidez. Anne adormeceu e se viu sobre as águas, andando sobre o mar e ao olhar para o fundo viu o corpo de um bebê morto e percebeu que era seu filho. Este sonho surge como uma premonição do que aconteceria em seguida.

No dia seguinte, Anne entrou em trabalho de parto e foi ajudada pelas outras mulheres. O parto foi rápido e nasceu um menino grande e forte, que Anne relacionou ao fato de Pedro ser um homem grande. Jean-Pierre ficou ao seu lado após o parto e serviu-lhe uma canja de galinha. A tranquilidade do momento se dissipou com a chegada de uma tormenta repentina que fez os porões se encherem de água e quebrou as velas e os mastros. Anne tentava se segurar na cama e segurava firmemente seu bebê: “As ondas eram tão grandes, tão altas, como altíssimos promontórios líquidos, tão furiosas e soberbas, que apenas descrever será sempre uma pálida imagem do que foi viver a desgraça” (SOUZA, 2001, p. 78). Durante a noite o barco se rompeu ao meio e todos foram lançados ao mar. Anne permaneceu em meio à tempestade abraçada ao seu filho tentando manter-se viva e salvá-lo. Anne recorda de despertar em um escalér, já com o sol no rosto, ao ouvir um bebê gritando. A alegria em saber que seu filho estava vivo se completou quando Anne o amamentou.

Sem mantimentos, apenas com uma pequena bolsa de couro com água fresca, sem cartas ou instrumentos de navegação, prosseguem sem rumo enfrentando fortes tempestades por três dias seguidos. No quarto dia do naufrágio, o bebê encharcado pelas águas já não chorava e Anne se preocupou. O parto realizado em alto mar, seguido pela tormenta, representa toda a dificuldade e sofrimento enfrentados por esta mãe que, sozinha, luta pela sobrevivência do filho. É simbólico também que este filho nasça no mar, entre a França – terra da mãe – e o Grão-Pará – terra do pai.

O parto em meio à tormenta nos remete ao de Alice, personagem da trilogia de Erico Verissimo, que dá à luz dentro do sobrado sitiado e alvejado por tiros. Estes nascimentos que trariam a vida durante situações arriscadas em que a morte se aproximava, trazem a dor e a tristeza pelas dificuldades, sendo que para Anne foi realizar a viagem por sua própria decisão, mas para Alice foi uma imposição de seu marido que ela não recebesse ajuda médica por estarem isolados no sobrado. O diferente momento de produção de cada autor pode ter determinado a autonomia feminina das personagens.

No capítulo *Um confronto* a narrativa retorna a Belém quando Batista Campos, Bernardo e Pedro Barata se reúnem buscando apoio de partidários para organizar uma reação eficaz contra o governo provincial. A casa de Batista Campos foi invadida e todos os seus livros e documentos recolhidos por ordem de Lobo de Sousa. A população ao saber da notícia da invasão da casa do cônego se dirigiu até lá para tentar impedir que ele fosse morto e pedir por sua libertação. A Rua do Norte foi tomada por mais de duzentas pessoas que aguardavam ao menos para escutar um discurso de Batista Campos antes de sua prisão. Ao ver a aglomeração, os soldados ameaçaram atacá-los com baionetas, enquanto o povo estava desarmado. Pedro avisou isto aos soldados e questionou quem estava no comando e recebeu a resposta de que seguiam as ordens do presidente da província.

Pedro conseguiu convencê-los de que não estava armado, pediu ao povo que não se aproximasse e, assim, conseguiu aproximar-se da casa. Com sua experiência como militar, conversou com o comandante da operação em tom de discurso para que todos o acompanhassem e o apoiassem. Pedro destacou que ninguém desejava a violência e que se eles atacassem, a

população iria se lembrar de seus rostos, e não o do presidente, portanto eles deveriam repensar qual a melhor atitude a ser tomada. Pedro indagou se muitos não haviam nascido ali na província e se iriam lutar contra seus próprios colegas e que deveriam escolher se lutariam pelo ou contra o opressor de todos. Os soldados se reuniram e após Pedro perguntar-lhes sobre os pagamentos de seus salários e obter a resposta negativa, o comandante informou que decidiriam se entregar em troca da integridade física do grupo. Pedro solicitou as armas que pertenciam à Guarda Nacional para que fossem entregues ao povo. Após longa hesitação e a intervenção dos irmãos Vinagre que consideraram que a política deveria ser feita com mais força e menos conversa, o povo avançou na direção dos soldados que retiraram as fardas e saudaram Batista Campos. Vendo-se isolado, o comandante entregou as armas ao Pedro. Pedro conseguiu cinquenta e cinco armas para o seu grupo sem utilizar de violência, apenas com diálogo. Após o ocorrido, todos decidiram se refugiar na fazenda de Malcher.

A capacidade de diálogo de Pedro é destacada em oposição ao pensamento dos irmãos Vinagre que desejavam o enfrentamento e o conflito armado. Pedro demonstra maturidade e capacidade de raciocínio diante de situações limite, o que o diferenciava tanto da impulsividade dos irmãos Vinagre quanto das decisões arbitrárias do governador.

Anne apresenta os irmãos Vinagre que eram quatro filhos de portugueses que se instalaram no Grão-Pará, em *Novas figuras entram em cena*. Anne destaca que somente tinham em comum com Pedro a origem dos pais, pois de forma diferente os irmãos gostavam de brigas, lutas e trocas de tiros, sendo considerados por ela muito impulsivos. Francisco, o irmão mais velho, foi nomeado chefe da Guarda, mas atirou contra um juiz de paz em um ato impensado que iniciou um confronto que causou mais de cem mortes, levando-o ao desligamento da Guarda. Com o desligamento, Francisco e o irmão José passaram a se encontrar em bares e arrumar confusões. Diferente dos irmãos mais velhos, José era o que mais se dedicava à leitura de filosofia e política.

Outro personagem que se diferencia dos irmãos Vinagre era o Eduardo Nogueira, chamado de Angelim, que se dedicava aos estudos e realizava as

leituras indicadas por Batista Campos. Anne o descreve como um jovem alto, elegante, lindo como um anjo de cabelos negros, com inteligência privilegiada e personalidade fascinante. Eduardo era de família pobre vinda do Ceará para Belém em 1827. O apelido de Angelim foi atribuído a ele por seus comandantes, durante os combates que comandou aos 19 anos, devido a sua coragem física e desprendimento, pois “Angelim é uma das mais duras e resistentes madeiras da Amazônia” (SOUZA, 2001, p. 96). Esta fama não agradou Lobo de Souza que determinou sua prisão e extradição, mas após nove dias preso e com a intervenção de Batista Campos, ele foi liberto.

O capítulo *Minha vida na Europa* retoma a viagem de Anne, em que ela relembra que nunca chegou a Martinica e que, após oito dias em mar aberto com chuva constante e vento gelado, seu bebê faleceu, poucas horas antes de serem resgatados por uma fragata espanhola. Mesmo percebendo que o filho já estava morto, Anne não disse nada a ninguém e permaneceu abraçando-o fortemente. Anne descreve que sentiu um alívio por sua morte, pois temia que o bebê pudesse ser o único a sobreviver e sofreria sozinho naquele escalor. Somente no final da manhã, Anne contou a Jean-Pierre que o bebê já estava morto, entregou-lhe o corpo e desmaiou em seguida. Suas lembranças se relacionam ao fato de que as dores físicas eram tão fortes que Anne não conseguia demonstrar o seu luto. Em suas memórias apenas o fato de que nem mesmo o filho de Pedro seria a memória viva daquela relação, pois estava naquele momento descansando no fundo do mar. Assim como o primeiro filho que Anne abortou sem o conhecimento de Pedro (no primeiro volume), o segundo morreu sem que o pai soubesse sobre a paternidade. Diferentemente da trilogia de Erico Verissimo em que as personagens nascem e dão sequência às famílias, em Márcio Souza não há esta continuidade. Da mesma forma em que houve um período de esperança de um território independente, mas que se desfez em pouco tempo, a esperança de novas vidas também se esmaece.

Após duas semanas, avistaram as Canárias e Anne se lembra de que naquele momento ainda não conseguia falar e somente respondia por monossílabos, o que afligia sobremaneira Jean-Pierre que se sentia culpado por tê-la convidado a embarcar em uma viagem insegura mesmo estando grávida. Após dois meses chegaram finalmente a Paris. Jean se ofereceu para

acompanhá-la até a casa do tio, mas ela preferiu ir sozinha, considerando que a sua recente solidão representava um gesto mais decidido. A força de Anne se destaca, pois, mesmo após enfrentar a perda de seu filho durante a viagem, decidiu chegar sozinha até a casa de seu tio, onde começaria uma nova vida. Tio Marcel era viúvo e ficou feliz com a companhia da sobrinha. O tio torcia para que Anne se casasse com Jean, mas os dois sabiam que não se amavam e apenas a amizade se manteve.

Oito anos mais tarde, na primavera de 1830, Pedro, Bernardo e Ana Amélia fizeram uma viagem à Europa. Após um período de passeio por Portugal, foram à França. Pedro procurou Anne que decidiu os acompanhar em suas viagens. Os dois retornaram ao Grão-Pará e em 21 de novembro de 1830 celebraram seu casamento realizado por Batista Campos.

O capítulo *Fuga para Acará* retoma o episódio após os partidários de Batista Campos se retirarem da Rua do Norte, quando o presidente convocou seu conselho para decidir o que seria feito diante de tão inesperado fato. Enquanto o presidente esbravejava, irritado por sua ordem não ter sido cumprida, os demais conselheiros se inquietavam com o fato de os revoltosos estarem com muitas armas em seu poder. O comandante Nabuco revelou ter um plano para recuperar as armas, prender os revoltosos e resolver a situação. Com a informação de que as armas seriam levadas à fazenda de Malcher, Nabuco afirmou que conseguiria um grupo novo de soldados para a operação. Todos concordaram que algo deveria ser feito, mas houve discordância em aguardar que chegasse a Acará, na fazenda, para atacá-los. Nabuco explicou que os revoltosos conheciam bem as matas e usavam atalhos para se deslocar, o que dificultaria uma abordagem durante seu trajeto. Todos concordaram.

Em *Uma visita ao quartel da Guarda Nacional*, o comandante Nabuco almoçava quando percebeu uma movimentação em frente ao quartel. Era Pedro Barata montado em um cavalo e acompanhado por Angelim, os irmãos Vinagre e as mulheres que traziam os carroções com as armas: Anne, Ana Amélia e Maria Tereza, que namorava Francisco Vinagre. Para indignação de Nabuco, os revoltosos não seguiram para a fazenda de Malcher. Nabuco os recebeu e ouviu a reivindicação de que suas casas não fossem mais invadidas e que para demonstrar que aquela era uma visita pacífica, entregariam as

armas que estavam nos carroções em frente ao quartel. A princípio Nabuco não queria recebê-las por pertencerem a Guarda Municipal, mas Barata solicitou que ele ficasse com as armas em seu quartel até que a Guarda Municipal as buscasse, por segurança. Nabuco acatou o pedido.

No capítulo *A Sociedade das Novas Amazonas* há uma nota explicativa sobre esta organização política de mulheres paraenses, que é comparada com a maçonaria, e que teve participação atuante nos episódios da Cabanagem. A narrativa de Anne é retomada em primeira pessoa ao descrever seu retorno ao Grão-Pará após anos em Paris e a descoberta de um novo país. A vida é descrita com seu ritmo agitado em que todos parecem trabalhar muito, as mulheres lavando roupas e cantando na beira do rio Guamá e os homens amassando barro para fazer tijolos, as crianças brincando em cada esquina. Em relação à paisagem é a presença dos barcos com grandes mastros com a bandeira verde e amarela do Império do Brasil que se destacam ancorados dia e noite na baía do Guajará.

Anne ressalta uma diferença naquela sociedade que lhe chamou a atenção: o papel da mulher. Anne constata que diferentemente das mulheres europeias, as paraenses podiam expressar seus desejos sem hipocrisia e sem ser consideradas “escravas do vício” (SOUZA, 2001, p.117). Anne compara a maior liberdade das paraenses inclusive ao vestir-se, pois as mulheres das sociedades europeias eram, em sua opinião, sem exceção, emparedadas “num conjunto de regras morais tão rígidas que estas acabavam por se distanciar de seu próprio corpo” (SOUZA, 2001, p.117). Anne especula que não seria apenas o sol e o calor que modificavam aquela sociedade e que mesmo conhecendo pouco dos indígenas, ela acreditava que influenciaram largamente a sociedade paraense por lembrar-se que Batista Campos lhe dissera que os índios não tinham o conceito de pecado original. As reflexões sobre as diferenças culturais entre as mulheres europeias e as paraenses se desenvolvem pela comparação de Anne com as outras e como aquela nova cultura a influenciava.

Estas lembranças de Anne são resgatadas para contar como ela se tornou membro da Sociedade das Novas Amazonas. As mulheres membro eram chamadas de As Iluminadas, sendo uma sociedade fundada em 16 de abril de 1833, que chegou a ter mais de mil associadas, mesmo sendo uma

sociedade secreta que exigia convite e aprovação em assembleia. A Sociedade era formada por mulheres com virtudes políticas capazes de dar provas de amor à pátria e adesão à liberdade. As mulheres celebravam datas especiais como o famoso embate entre as Amazonas guerreiras e o espanhol Francisco de Orellana, na foz do rio Jamundá, no período dos conquistadores. Cada sala era destinada a uma função, e a sala destinada aos rituais de iniciação das novatas era chamada de “Floresta”, mas, por ser uma sociedade secreta, Anne não poderia comentar quais rituais eram estes. Anne destaca que todas as reuniões ali realizadas eram de cunho político, apesar de elas disfarçarem que eram assuntos domésticos, como bordados e culinária. Anne se orgulha ao lembrar que recebeu a medalha de ouro, onde se lia: “Da Pátria Ilustre Defensora.”

Já no capítulo *Asilado no mato* Batista Campos tenta compreender o que estava acontecendo com as decisões da Regência em relação ao Pará. As recordações de Batista Campos vão desde o dia 07 de maio de 1831, com a abdicação do trono pelo imperador em favor de seu filho, as noites mal dormidas carregadas por preocupações e a consciência, mesmo que ainda intuitiva por não terem estudos formais sobre o assunto, sobre a importância do manejo consciente das terras cultivadas e da manutenção de florestas. Batista Campos sente que um conflito armado seria inevitável, mas que ele estava decidido a não ser capturado, preferindo a morte à prisão.

A Segunda Parte do romance, com o título *De como finalmente a paciência encontrou os seus limites e o destino conspirou contra todos*, novamente se inicia com a presença de documentos, como o ofício de Lobo de Sousa ao Império do Brasil, datado de 24 de novembro de 1834, relatando as atitudes tomadas pelos revoltosos com a liderança de Batista Campos, justificando a busca na casa do cônego e a descoberta de documentos que o incriminavam e provavam que havia planos de ataques ao governo. Há ainda o depoimento de um dos integrantes da Guarda Municipal relatando o plano de ataque a ser realizado por Vinagre e Eduardo Nogueira, que resultaria na morte de Nabuco. Estes planos seriam a razão para o ataque à fazenda de Malcher, em Acará.

O capítulo *Nabuco quer vingança* descreve uma reunião que Nabuco realizou com outros dois conselheiros para comunicar que os revoltosos estavam planejando invadir o palácio e matar o Lobo de Souza. Esta reunião ocorreu após o Lobo de Souza ter negado o pedido de Nabuco para invadir a fazenda de Malcher para acabar com qualquer manifestação que pudesse ocorrer ali. Nabuco procurava apoio afirmando que haveria ao menos dez fazendeiros dispostos a auxiliar financeiramente a compra de canhões para que os revoltosos atacassem o governo. Os conselheiros não se convenceram. Nabuco retomou que os padres os ajudariam por serem contrários ao lucro em que aquela sociedade estava pautada. Para comprovar que os padres pensavam como os “arruaceiros”, Nabuco relembra o que os jesuítas fizeram nos Sete Povos das Missões, no Rio Grande do Sul. Nabuco recorda como esta iniciativa foi massacrada pelos portugueses e que o mesmo deveria acontecer no Norte, caso os padres tentassem implantar algo semelhante. Amedrontados pela possibilidade de perderem o poder, os conselheiros decidem que seria melhor mandar executar alguns líderes para dispersar os contrários ao governo. Nabuco sugeriu começarem por Batista Campos, mas todos o contrariaram e decidiram organizar uma lista com os nomes de líderes que deveriam ser assassinados para a manutenção da ordem.

A citação aos padres jesuítas dos Sete Povos das Missões nos remete à trilogia de Erico Verissimo e à história de Pedro Missioneiro que foi criado pelos jesuítas e descreve como aquela sociedade era organizada para beneficiar a todos, sem visar lucros e baseada na troca, sem propriedades particulares. De forma semelhante à destruição sofrida pelos Sete Povos que dizimou milhares e interrompeu a sequência daquela sociedade, a proposta era destruir aqueles que desejavam uma sociedade mais equilibrada para todos, sem explorações e grandes propriedades também no Norte do Brasil. A manutenção do poder e dos bens particulares se sobrepõem ao bem geral. A lógica individualista motiva a destruição de mais uma possibilidade de estrutura social e econômica baseada no coletivo.

O capítulo *A Roda do Destino* é a sequência da reunião realizada entre Nabuco e os conselheiros e como estes começaram a procurar pessoas capazes de executar a tarefa por eles planejada. Os rumores de uma lista de

pessoas que seriam assassinadas se espalharam pela cidade causando inquietação. Foram escolhidos para a execução, Curica e seu irmão e o primeiro da lista foi encomendado com a entrega de uma imagem dentro de um camafeu que havia sido roubado de sua esposa na noite anterior: Pedro Barata. O distanciamento com que esta cena é narrada demonstra ser este o ponto de vista de um narrador diferente de Anne-Marie, pois este teve acesso a ambos os lados da história narrada, apresentando inclusive os diálogos entre os inimigos do cônego, além de utilizar expressões como “arruaceiros” e “revoltosos” ao se referir aos apoiadores de Batista Campos, grupo em que Anne se enquadraria. De acordo com Pouillon (1974), o narrador neste trecho apresenta a *visão por detrás*, por ter um distanciamento dos fatos, além da onisciência por apresentar conhecimentos que Anne não teria naquele momento.

Em *Um capítulo que preferia não ter escrito* a narrativa retorna à primeira pessoa do singular e fica claro que este retorno é a narração de Anne, apresentando a focalização mais restrita, com a *visão com*, de Pouillon (1974). Anne relembra os sentimentos que a tomaram ao regressar ao Pará, como o sentimento geral de insegurança e derrota. Anne relembra sentir-se mal vivendo em um casarão que Pedro mandou construir com mais de dez quartos e sendo servida por escravos. Sempre que ela questionava, Pedro desconversava sobre o uso de mão de obra escrava. Anne questionou também o Batista Campos que justificava que ali eles eram protegidos e tinham uma vida boa, mas se fossem libertos seriam entregues à marginalidade. Anne não se convencia, mas optava por não insistir com o cônego. Anne traz um ponto de vista estrangeiro e consegue apresentar as contradições entre aqueles homens que lutavam por liberdade e independência, mas mantinham escravos em suas propriedades. Mesmo tendo convivido em culturas diferentes, tendo realizado diversas leituras e apoiar as causas libertárias, Anne contesta os homens que a cercavam, mas mantinha um limite e até aceitava o silêncio de Pedro como resposta, mesmo que se visse constrangida a conviver em uma situação com a qual não concordasse. Apesar de demonstrar suas convicções e imposições de ideias em muitos momentos, há outros em que Anne opta por

não se impor e aparenta não ultrapassar certas barreiras em diálogos com alguns homens, como o cônego e Pedro.

Anne faz questão de ponderar que tanto Pedro quanto Campos, apesar de contarem com trabalho escravo, eram homens honrados, em sua opinião. Com o passar dos anos, Anne destaca que passou a considerar Pedro um homem bem mais complexo do que ela julgou inicialmente. Anne recorda que Pedro estava em uma reunião na casa de Tenreiro Aranha no dia 21 de outubro de 1831 e retornou a pé, já ao cair da noite, sozinho, em direção ao casarão. Dois homens gritaram seu nome enquanto ele cruzava o Largo da Misericórdia. Pedro se virou, tirou o chapéu para saudá-los e recebeu quatro tiros no peito. Pedro caiu de joelhos e após os matadores verificarem que estava morto, desapareceram pela noite e as pessoas que moravam ao redor se aproximaram desesperadas. Anne se lembra de como foi receber o corpo de Pedro na porta de sua casa e seu pensamento foi na tristeza por tudo o que ele gostava e não mais desfrutaria como o céu estrelado ou os peixes da região, mas, ao mesmo tempo, um alívio por ele não assistir às humilhações que o Pará ainda teria que enfrentar. Novamente diante da morte de um familiar, Anne considera aquela tragédia como um livramento ou uma libertação dos problemas piores que a vida poderia lhes reservar.

A visão da morte como libertadora das dificuldades da vida aparece também nas falas da personagem Ana Terra, de Erico Verissimo, que considera que a morte era a possibilidade de uma mulher se libertar das imposições e dos trabalhos diários e excessivos, servindo quase sempre aos homens e aos filhos. A desilusão de ambas diante dos obstáculos da vida, as leva a considerar que não haveria outra opção melhor do que a morte. Frente a um momento de perda e grande dor, havia o consolo de que a pessoa morta não enfrentaria mais os desgostos da vida.

Ela recorda que a morte não era uma novidade em sua vida, pois desde pequena se acostumou a ver os soldados morrerem na guerra e se considerava íntima da morte. Anne relembra que acompanhou os últimos momentos de sua mãe, vítima de cólera, o seu filho durante as tempestades no mar e, agora, Pedro que foi entregue ensanguentado em sua casa com os olhos arregalados pela surpresa final e “a boca congelada na negação que sequer foi esboçada,

mas que seria inútil” (SOUZA, 2001, p. 151). Devido ao grande número de pessoas que se aglomerou no largo da Misericórdia pela morte de Pedro, decidiu-se que o velório ocorreria naquele lugar.

No capítulo *Nos quilombos do Turiassu* a notícia do assassinato de Pedro Barata chegou aos ouvidos de Batista Campos e Bernardo que estavam em um engenho abandonado no Turiassu reunidos com um grupo de quilombolas fugidos das fazendas das redondezas. Os dois amigos ficaram petrificados com a notícia. O filho de Malcher os alertou que poderiam ser os próximos a ser executados e que deveriam retornar à fazenda, onde estariam mais seguros. Os dois acataram a sugestão e para lá se refugiaram. Em homenagem ao amigo assassinado, Batista Campos organizou uma celebração dentro da fazenda de Malcher onde discursou sobre a importância de não se abster na política sob o risco de que os que estavam obcecados pelo poder permanecessem tomando atitudes contra o povo somente para manterem-se na posição em que se encontravam. Este alerta retoma a importância de que todos os cidadãos, por mais desiludidos que estejam, não abandonem a política nem deixem de se manifestar para evitar que somente aqueles que já estão no poder, ali permaneçam, impossibilitando mudanças.

Batista Campos continuou a criticar o descaso com que as autoridades tratavam o assassinato e por mais que ouvissem as testemunhas, o crime não era solucionado. Campos então convocou a população a se reunir em vinte e quatro horas, caso nenhuma providência fosse tomada. Todos concordam com facões e enxadas nas mãos. Sabia-se que o Curica e seu irmão tinham fugido da cidade e que até o delegado havia sido admoestado por Lobo de Sousa. A população estava descontente, pois, após a morte de Barata muitos casos de abuso de poder e violência cometidos por soldados municipais foram relatados contra familiares e amigos de Batista Campos e seus partidários, tendo relatos de violência contra crianças e mães amamentando seus filhos.

Os conselheiros Amaro e Valdomiro foram procurar Nabuco no meio da noite, preocupados com os desdobramentos do assassinato que ordenaram e por acreditarem que a pressão do povo poderia forçar a polícia a investigar e a descobrir os mandantes do crime. Os dois convenceram Nabuco que ele

deveria procurar Lobo de Sousa e persuadi-lo a autorizar um ataque à fazenda de Malcher para reduzir as pressões.

O capítulo *As Novas Amazonas em ação* apresenta a reunião realizada pelas mulheres da sociedade na casa de Anne, no mesmo dia em que os conselheiros se reuniram com Nabuco. Em contraste com a reunião dos conselheiros com Nabuco em que tudo era falado claramente, entre as mulheres das Novas Amazonas a reunião ocorria aos sussurros enquanto tomavam café. Anne recorda estar exausta por ter acabado de voltar do cemitério e sofrendo não apenas pela perda definitiva, mas pelo remorso de não ter dito tudo o que gostaria a Pedro. O remorso se intensificava por considerar que faltou afirmar e reafirmar o quanto ela o amava, esclarecer que o filho que ela esperava ao deixar Belém era dele e que naquela tarde ela tinha acabado de receber a confirmação de que estava grávida, Pedro foi assassinado sem saber de seus filhos. As mulheres da Sociedade a apoiavam. É interessante observar a sororidade presente naquela Sociedade que se reunia logo após o enterro de Pedro para apoiar Anne e planejar os próximos passos a serem dados. O grupo de mulheres se apoiava e mantinha a esperança de lutar e conquistar seus objetivos. Por segurança, Anne foi levada sob a proteção da Sociedade das Novas Amazonas a um lugar seguro.

Com as primeiras luzes da manhã, a Sublime Guerreira foi até a casa do juiz para cobrar agilidade nas investigações sobre a morte de Pedro Barata. A princípio a esposa do juiz se negou a chamá-lo e afirmou que ele só atenderia no Foro, em horário de expediente. Diante da insistência e pelas vozes alteradas, o juiz saiu até a porta para tomar conhecimento do que ocorria. Prontamente a Sublime Guerreira lhe explicou que a cidade tinha conhecimento dos assassinos e que Nabuco e seu funcionário Licurgo também, mas nada havia sido feito e o prazo prometido pelos amigos de Pedro estava se esgotando. O juiz afirmou que as investigações estavam sendo realizadas a seu tempo e que ele as acompanhava. As mulheres não recuaram e apresentaram ao juiz as provas que já tinham sido apresentadas aos Guardas Municipais sobre as armas e o transporte dos assassinos que se realizou em uma embarcação de Nabuco. O juiz defendeu que nenhuma investigação levava até Nabuco e que provavelmente a morte se deu pelo desentendimento

de um muro que Pedro derrubou, irritando seu vizinho. A Sublime Guerreira afirmou que ela era a vizinha do muro e que não mandou matá-lo e que só aguardava o momento em que as investigações concluiriam que foi um suicídio. Irritado o juiz ordenou que as mulheres se retirassem da frente de sua casa e passassem a respeitar as autoridades. As mulheres permaneceram e o encaravam com ar de reprovação. Mesmo ameaçadas de prisão, elas permaneceram a encará-lo. O juiz entrou na casa e bateu violentamente a porta. As mulheres então começaram a se afastar.

O grupo de Mulheres além de proteger Anne demonstra uma atitude política engajada que se mantém presente nos enfrentamentos das autoridades e usa seus conhecimentos e sua própria voz para reivindicar os direitos de justiça, segurança e ordem para aquela sociedade. Apesar de suas reuniões serem realizadas até então em ambientes descaracterizados para evitar sanções, quando necessário, são elas que se apresentam e cobram pessoalmente que as leis sejam respeitadas e os culpados punidos. Sua atuação durante a entrega das armas ao Nabuco já comprovou o comprometimento daquelas mulheres com a causa, mas a interpelação ao juiz evidencia a voz destas mulheres, seus argumentos bem apresentados que desconcertaram o jovem juiz fazendo-o retirar-se, além da força e da união de todas que, juntas, permaneceram firmes a encará-lo e a cobrar providências. A união das mulheres da Sociedade das Novas Amazonas, com suas contestações, fez com que um representante máximo da lei na cidade recuasse e buscasse abrigo dentro de casa, enquanto as mulheres permaneciam na rua a enfrentá-lo com seus olhares e suas ideias. Nesta cena há uma inversão dos antigos papéis, pois, são as mulheres que tomam conta do espaço público e tem a palavra enquanto um homem recua calado para o espaço privado do lar.

Em *Encontro no Acará*, Nabuco se encontra com o presidente da província, Lobo de Sousa, que lhe apresenta o comendador Seixas. Mesmo preocupado, o comandante Nabuco sabia da dificuldade que foi convencer o comendador a sair de sua fazenda e passar informações exageradas sobre a fazenda de Malcher. Seixas apareceu para afirmar ter visto um grande carregamento de armas ter sido entregue na fazenda de Félix Malcher. Nabuco contou ao presidente que com as armas os liberais invadiriam a cidade e

matariam os maçons, conforme panfletos divulgados entre os mocambos e os quilombolas da região. O presidente aparentou não acreditar que isto fosse possível. Nabuco buscou convencê-lo de que o melhor seria enviá-lo até a fazenda para prender os inimigos do Império. O presidente concordou, mas apresentou uma ordem por escrito de que nenhum homem fosse assassinado, apenas deveriam ser presos e entregues ao presidente para posterior deportação. Nabuco partiu imediatamente para cumprir sua missão.

Os partidários de Angelim observavam da mata a aproximação do barco com Nabuco e seus soldados. Com o cair da noite, Nabuco desembarcou e resolveu pernoitar em uma casa de pau-a-pique, pertencente a Seixas, que caçadores costumavam utilizar. No meio da noite, Angelim e seus homens renderam os soldados que vigiavam e aprisionaram os que dormiam dentro da casa. Mesmo já dominado, Nabuco foi executado por Angelim. Quando a notícia chegou à cidade, todos os investigadores se dirigiram àquela região e, diferentemente do assassinato de Pedro Barata, mais de vinte pessoas foram presas, casas foram invadidas e todos os políticos da oposição foram caçados como bandidos. O medo voltou a ser rotina no Pará. O tratamento desigual entre a condução e investigação dos assassinatos chama a atenção por demonstrar que as vidas de pessoas ligadas ao governo eram mais valorizadas e, quando sofriam violência, eram investigadas e exemplarmente punidas.

O capítulo *Batista Campos tem de ser preso* mostra a forte presença das tropas imperiais que transformaram o rio Acará em uma praça de guerra. Em meio à caçada, Batista Campos e Bernardo decidiram circular pela selva e procurar abrigo temporário em quilombos, casas de pescadores e fazendas de amigos. Malcher, Angelim e os irmãos Vinagre decidiram permanecer na fazenda. Durante uma de suas fugas, Bernardo e Campos avistaram o quilombo de Zebedeu, mas estranharam o fato de o chefe estar acocorado do lado de fora e não se aproximaram. Algum tempo depois, avistaram que os soldados imperiais estavam ali, escondidos no quilombo. Com a presença cada vez mais próxima dos soldados, os dois passaram a noite na mata e decidiram se separar pela manhã, para dificultar a busca. Ambos prometeram continuar a lutar e a honrar a memória de seu amigo Barata, mesmo que separados.

As recordações de Anne sobre a morte de Pedro são apresentadas no capítulo *Sob a proteção das Novas Amazonas*. Anne considera que esta foi a pior memória que guardou, por ser uma morte trágica e violenta da qual ela imaginava que não conseguiria se recuperar. Anne relembra que foram suas companheiras do grupo de mulheres que a resgataram da escuridão de seu quarto e a levaram para a casa de um irmão da Sublime Guerra, às margens do rio Guamá. A Sublime Guerra é apresentada como Malvina Soares de Almeida, que era presidente do grupo, poeta e professora. Malvina era viúva, estudou francês a partir de suas leituras e perdeu seus dois filhos nos incidentes de 1823 e no de 1833, assassinados de forma estúpida. Apesar de todo sofrimento e de apresentar muitas vezes um olhar de tristeza, Malvina não era considerada uma mulher amarga. Anne relata que esta mulher que tantos sofrimentos enfrentou a ajudou a não permanecer na cama e a levantar-se e manter-se ocupada com um trabalho ou uma atividade qualquer que espantasse esse sentimento de perda. Tempos depois, quando Anne já se sentia mais recuperada, Malvina a orientou a ler e buscar textos a serem estudados pelo grupo de mulheres. O trabalho e as leituras a fizeram pensar nos demais e Anne foi se sentindo fortalecida, mesmo recordando-se frequentemente de Pedro e de tudo o que viveram e desejavam ainda viver juntos. O apoio entre as mulheres foi essencial para a recuperação de Anne que estaria sozinha após o assassinato de Pedro. Assim como Ana Terra, personagem de Verissimo, que se envolveu com os trabalhos domésticos para superar o assassinato do pai de seu filho, Anne também buscou manter-se ocupada neste período. Ana Terra recebeu o apoio de sua mãe que a consolou e a fez continuar vivendo, já Anne teve o suporte de Malvina. A sororidade se faz presente nestes romances de Verissimo e de Souza.

Invasão do Acará apresenta o crescente número de presos que se aglomeravam em Belém e eram visitados por Lobo de Sousa na esperança de que tivessem sido presos alguns dos líderes da oposição. Batista Campos e Bernardo continuavam fugindo. Lobo de Sousa estava preocupado por ter subestimado o movimento e ficou surpreso ao saber da visita das Novas Amazonas ao juiz. Lobo de Sousa decidiu invadir a fazenda de Malcher, convocou voluntários para compor a Guarda Municipal e a Nacional, mas

ninguém se apresentou à convocatória. Lobo recorreu às tropas imperiais e conseguiu um número de soldados para a empreitada.

No meio do rio a embarcação sofreu uma emboscada bem organizada que atingiu muitos oficiais, inclusive o comandante da operação, coronel Marinho Falcão, que faleceu. O grupo teve muitas baixas e desperdiçou muita munição atacando a esmo na mata, sem localizar os atiradores. O ataque foi organizado por Francisco Vinagre que prontamente reuniu seus homens e regressou à fazenda. Malcher ponderou que seu grupo estava em menor número e se resistissem no local seriam fuzilados e ele perderia tudo o que construiu, assim, decidiram se dividir em três grupos, evacuar a fazenda e, com esta divisão, confundir os imperiais. Ao chegarem à fazenda, os imperiais se prepararam, mas não encontraram nenhuma resistência armada, de guarda, somente os cães. Os imperiais fuzilaram os cães simplesmente porque estavam latindo. O novo comandante Inglis decidiu queimar tudo na fazenda, inclusive os depósitos de açúcar e aguardente. Malcher, ao receber a notícia de que sua fazenda estava em cinzas, recebeu o apoio de todos os homens que o acompanhavam e afirmou que aquele gesto não deveria os abater. Malcher afirmou que aquela foi uma vitória de Pirro e, por isto, deveriam prosseguir. Lobo de Sousa recebeu furioso a notícia de que a fazenda de Malcher foi queimada e nenhum prisioneiro foi conseguido com este enfrentamento. Lobo fez um juramento de que iria capturar Malcher e todos que o acompanhavam.

No capítulo *Angelim desaparece num seringal do rio Castanhal*, o personagem Angelim retomou seu trabalho em um seringal no alto do rio Guamá, pois considerou que seria mais fácil se esconder em um ambiente em que ele passou a maior parte de sua vida. Com o declínio do comércio de artigos manufaturados de borracha, muitos proprietários haviam abandonado os seringais e um amigo lhe ofereceu uma colocação em um seringal abandonado. O seringalista prontamente aceitou e trabalhava bastante para reativar a produção. Angelim acreditava que conversar com as árvores aumentava a sua produção e ele repetia diariamente este ritual. Ele conhecia muito bem a mata e se alimentava do que conseguia caçar nela. Tudo o que aprendeu foi com os índios, assim, demonstrava um grande respeito à

natureza. Angelim recorda que a convivência entre indígenas e homens brancos nem sempre foi pacífica, mas por ele ter chegado inicialmente com sua família e por respeitar a cultura indígena, conseguiram uma boa troca de conhecimentos. O respeito ao outro é destacado como uma das virtudes de Angelim e como isto favoreceu sua estadia nos seringais e ampliou seus conhecimentos.

Angelim criou uma escolinha para alfabetizar os filhos de seringueiros que não frequentavam a escola por estarem muito distantes da cidade e esta realidade Angelim conheceu em sua infância. Os horários não eram rígidos devido ao trabalho no seringal, mas ele se comprometia a ensinar e deixar tarefas para que as crianças treinassem e se aperfeiçoassem. Angelim acreditava que a educação poderia modificar a realidade daquele lugar que havia sido deixado de lado devido aos seguidos governantes que não eram da região e, por isto, negligenciaram a exportação dos produtos da borracha. Angelim contava histórias para as crianças e adolescentes e aproveitava para contar as ideias de Batista Campos e como eles lutaram para melhorar a vida dos trabalhadores, incluindo os dos seringais. As crianças se interessavam em saber que um líder político já havia frequentado aquela região e visitado aqueles seringais.

Eduardo Angelim se inquieta ao conversar com a responsável pela venda da borracha dos seringais e descobrir que seria vendida por um preço baixo e ainda teria que repassar boa parte dos valores aos homens que se diziam proprietários daquelas terras. Dona Ermentina sabia que não era verdade, mas eram os compradores que ela conhecia e sabia que eles tinham muito poder na cidade e ela não os deveria contrariar se quisesse continuar vendendo sua borracha. Angelim ficou decepcionado com a aceitação da mulher e tentou convencê-la a buscar alternativas, mas ela lhe contou que antes nem sabiam contar e que Batista Campos enviou um garoto que os ensinou e, após aprender puderam apenas calcular o quanto de prejuízo tinham em cada transação, tornando-se cada vez mais tristes. Angelim retornou ao trabalho, mas continuou a pensar em como poderia auxiliá-los a modificar aquela realidade, buscar a venda diretamente para Barcarena, como organizar o transporte. Muitas dúvidas e uma grande vontade em ajudar acompanhavam

aquele seringueiro político. O conhecimento matemático narrado pela senhora trouxe ainda mais motivos para tristeza e desgostos àquela população que obteve o domínio do cálculo, mas não sabiam o que, nem como fazer para modificar a realidade de exploração em que se encontravam.

No capítulo *O presidente vai à missa*, Lobo de Sousa participou da missa de domingo na Sé. O presidente não gostava das missas pelos sermões dos padres que naquele período falavam demais de política e deixavam de lado outros pecados que ele considerava que deveriam ser abordados. Como os padres pararam de realizar sermões sobre a castidade, Lobo de Sousa ordenou que sua amante não se confessasse mais e a obrigou a comungar, mesmo sem ter se confessado, o que ela considerava uma falta grave por seguir os dogmas da igreja. Os abusos de poder do presidente são comprovados até pela imposição de atitudes que contrariavam as crenças de sua amante. Mesmo aterrorizada, Anny seguia as ordens de Lobo. Eles não se sentavam juntos na missa, apesar de todos saberem que eram amantes, mas o presidente dava ordens à distância com o olhar, ela apenas obedecia. Lobo afirmava não gostar de missas, mas que as frequentava apenas para estabelecer um contato social e facilitar futuros diálogos com os representantes da Corte. Até a presença em celebrações religiosas era utilizada visando à manutenção de contatos que favorecessem a continuidade do poder e privilégios. O detalhamento de como o governador desrespeitava as regras da Igreja e de como fazia com que sua amante fizesse o mesmo, serve para esclarecer que sua presença naquele ambiente se justificava apenas pelo convívio social e que nem a autoridade religiosa era respeitada.

Na manhã seguinte à destruição da fazenda de Malcher as pessoas na missa evitavam trocar olhares com o presidente e ninguém o convidou para almoçar depois da missa. O comendador Gilberto Chaves teve coragem de confrontá-lo após a missa e expor sua indignação pela destruição gratuita da fazenda de Malcher e sua produção. O comendador acrescentou que nada justificaria aquele ato, ainda mais por Malcher não ter nenhuma relação com a morte de Nabuco. Após a bronca, o comendador saiu deixando-o sem a oportunidade de resposta.

Neste domingo os irmãos Vinagre retornaram ao esconderijo de Malcher para saber sobre sua saúde, pois souberam que ele tinha desmaiado na noite anterior. Malcher confirmou que estava apenas cansado e que passaria o dia na rede e que os irmãos deveriam ir embora para dificultar o trabalho dos imperiais. Os dois saíram dali e horas depois, ainda na rede, Malcher ouviu o tiro que acertou a dona da casa que o acolheu e ao sentar-se na rede foi reconhecido e preso. Um dos soldados queria matá-lo, mas o comandante afirmou que as ordens eram para levá-los presos. Malcher foi perguntado sobre os demais, mas ele nada respondeu. Malcher foi levado preso e o comandante ficou em sua rede, aguardando a chegada dos outros companheiros do fazendeiro.

Em *Angelim deixa o seringal*, são descritos os primeiros dias do mês de novembro de 1834 quando as fortes chuvas anunciavam o período do inverno amazônico e dificultavam o trabalho nos seringais, porque a água se misturava ao látex nas tigelinhas de coleta. Nos dias excessivamente chuvosos, Angelim se dedicava às leituras e no dia quatro estava lendo um ensaio de Diderot, no entanto, algo o afligia e dificultava a concentração. Angelim decidiu caminhar e foi até o barracão de Dona Emerentina onde encontrou Ana Luiza e ficaram conversando. O interesse de Angelim pela adolescente era evidente, ele a ensinou a ler e a escrever e se entusiasmava com a inteligência e o raciocínio dela.

Angelim almoçava com Ana Luiza e sua mãe quando dois homens chegaram a cavalo, um deles ferido. Eles contaram que Malcher tinha sido preso e que o Manuel Vinagre tinha sido abatido em uma emboscada dos imperiais. Francisco Vinagre foi preso com mais de vinte homens. Angelim ficou desolado com as notícias e decidiu ir ao encontro de Batista Campos para decidirem o que fazer. As informações eram de que cada preso seria deportado para uma província diferente. Angelim agradeceu toda a ajuda de dona Emerentina, se despediu da senhora, mas sua filha evitou a despedida saindo da casa. Angelim partiu e Ana Luiza ficou em lágrimas pensando se voltaria a encontrar Eduardo.

O capítulo *Madame Lee na alcova* apresenta os oficiais que chegavam mareados pelo forte banzeiro e que se encontraram no forte do Presépio com

o presidente para conversar sobre os assuntos que preocupavam os conselheiros, como o incêndio na fazenda e a prisão de Malcher. A discussão começou pelo incêndio que Inglis admitiu ter sido uma decisão sua e foi altamente repreendido por sua atitude ter jogado a elite contra o presidente. Inglis tentou justificar que durante um ataque militar o alvo deve ser sempre destruído, mas isto não convenceu os conselheiros que julgaram uma ação imatura que prejudicou a todos e não trouxe nenhuma vantagem a ninguém, portanto, atitudes semelhantes não seriam toleradas. Os conselheiros refletiram que tinham problemas com seus soldados por serem, em sua maioria, filhos de família pobre, sem instrução ou criminosos. Eles destacaram que, embora a elite afirmasse apoiar o presidente, quando havia recrutamento militar, eles não enviavam seus filhos e até ofereciam dinheiro para que criminosos ou jovens desprotegidos se apresentassem no lugar de seus herdeiros. Embora a lei obrigasse todos os jovens a realizar o serviço militar, os jovens ricos não o realizavam demonstrando a clara desigualdade social que definiria o destino dos jovens paraenses.

Esta denúncia sobre o recrutamento se assemelha àquela apresentada no romance de Verissimo em que Maneco Terra reclama que os filhos dos pequenos produtores eram convocados para as batalhas e muitos não regressavam, enquanto os grandes latifundiários ganhavam mais terras como recompensa por ter participado da guerra. A desvalorização da população mais humilde que servia para os enfrentamentos que poderiam resultar em morte e lutavam, muitas vezes, com salários atrasados e em péssimas condições, se opõe aos governantes que decidiam, protegidos em seus gabinetes, onde ocorreriam as lutas que os beneficiariam, além de não enviarem seus filhos nem parentes para o recrutamento.

Lobo de Sousa, depois de tantas reuniões difíceis, decidiu seguir pelas ruas da cidade em meio ao povo, cercado por risadinhas e cochichos dos que sabiam qual o caminho que o presidente tomaria: o sobrado de Madame Lee, sua amante. Ao chegar ao quarto de Anny Lee, Lobo percebeu que ela estava distante e ao ser questionada, ela contestou o motivo de ele ter deixado queimarem a fazenda de Malcher. Anny explicou que atacar um fazendeiro fez com que todos os demais se sentissem amedrontados, piorando a imagem do

presidente. Lobo demonstrou incômodo pelo assunto ter se estendido até a alcova de sua amante e levantou-se para ir embora, mas foi impedido com um beijo. A amante de Lobo apresenta uma reflexão mais contextualizada do que a dele que tomava decisões motivado por interesses particulares, mas sem considerar que tais atitudes prejudicariam seu governo, demonstrando que sua obsessão em punir os opositores estava tornando ainda mais turva sua visão.

A narrativa se passa na fazenda Vila Bela, nas margens do rio Acará, em *Um incidente familiar*. Um aglomerado de casas comportava em cada uma delas os três filhos bastardos que o comendador Seixas teve com sua empregada Sebastiana que vivia na sede da fazenda junto com a filha mais nova de catorze anos. Era de conhecimento de todos o relacionamento do comendador com Sebastiana, apesar de não ser socialmente declarado. Seixas empregava a violência para “colocar a ordem” naquele lugar. Quando soube de índios que roubaram em sua fazenda, mandou que os matassem e colocassem seus corpos formando uma cruz para servir de exemplo aos demais. Tempos depois outro índio foi surpreendido em sua fazenda roubando farinha para vender na cidade e foi morto com um tiro na testa, queimado e jogado em seu corpo a farinha para servir de lição aos demais que pretendessem seguir o mesmo caminho.

Ao saber que um vaqueiro estava batendo na janela de sua filha, o comandante não hesitou em ir procurá-lo. Como não o encontrou junto aos demais vaqueiros, retornou à casa e não encontrou também a sua filha, mobilizou todos os funcionários para encontrá-los. Descobriu que a filha tinha sido vista descendo para o igarapé e foram ao seu encontro. Mariquinha já estava retornando com os cabelos molhados e foi levada pelo irmão após ser esbofeteada pelo pai. O comendador chegou ao igarapé e avistou o vaqueiro deitado na margem. Ele o espancou, apesar de o vaqueiro negar qualquer contato com a filha e, por fim, atirou nele. Quando os demais vaqueiros chegaram para socorrê-lo o comendador ordenou que o deixassem morrer e ser devorado pelos urubus. Neste momento chegaram os conselheiros Amaro e Valdomiro preocupados com os tiros. Seixas evitou dar explicações e justificou que aquele homem era um safado. Os conselheiros o apoiaram e afirmaram que aquilo ocorria com frequência naquele lugar. A violência era

justificada e compreendida entre os integrantes do poder que se protegiam e evitavam conflitos.

Os conselheiros foram informar sobre a nova lei que tornava obrigatório o recrutamento de todos os jovens, o que incomodava a todos, pois atingiria inclusive os filhos de homens ricos. A preocupação de Seixas era também pela redução no número de trabalhadores na fazenda que eram recrutados e muitas vezes não retornavam das batalhas. Ambos concordam que era o momento de todos se unirem contra as medidas do governo que poderiam reduzir seus lucros e obrigar seus filhos a participar de guerras. Quando o conselheiro Amaro foi perguntado sobre o cônego ele afirmou sorrindo que faria acordo até com o satanás para evitar a perda de seus privilégios. Os interesses particulares são novamente destacados e, como empresários que visavam apenas o lucro, os conselheiros não se opunham a se unir aos opositores, caso isto os beneficiasse. Mesmo com objetivos iniciais diferentes, eles não desconsideravam a aproximação com Batista Campos para garantir seus privilégios e benefícios.

Angelim enfrentou os imperiais no meio da mata, conseguiu atirar em um deles, tomou o seu cavalo e fugiu pela floresta. Os imperiais invadiam e queimavam casas a todo momento, causando medo e revolta na população. Lobo de Sousa recebeu a notícia da fuga de Angelim quando ainda estava na casa de Madame Lee. Revoltado, deixou a casa e ao cruzar com uma das garotas que lhe sorriu deu-lhe uma bofetada. Com medo, sem saber o motivo, a moça fugiu da casa e nunca mais foi vista. O medo tomava conta de todos em Belém e arredores.

No capítulo *Cai o pano* são trazidas as recordações de Anne sobre Batista Campos, sobre o amor que ele demonstrava por Belém e como suas impressões da cidade influenciaram a forma como Anne a via. Eles acreditavam que Belém era uma terra de sobreviventes, com pessoas silenciosas e discretas como costumam ser aqueles que sobrevivem. Anne relembra que Batista Campos nunca mais retornou a Belém, sempre fugindo de uma cidade para outra, exausto e sobressaltado, mas sem perder a esperança. Anne reflete sobre a situação da região e conclui que o “Pará teve um enorme azar histórico” (SOUZA, 2001, p. 251), pois trocou a economia fabril

pelo regime dos grandes proprietários rurais, com seus escravos por ser a realidade do império do Brasil e depois sofreu com sucessivos governos desastrosos todos nomeados pelo Império e nenhum nascido ali. Esta sequência de “azares” comprometeu a economia e o desenvolvimento da região, trazendo muito sofrimento e abalando a esperança de um futuro diferente. Diante deste cenário, Anne se via como uma sonhadora que luta e denuncia os desmandos e problemas nos governos destes homens indicados pela Corte, na esperança de um futuro diferente daquela realidade vivenciada. Anne esperava também que a História não se esquecesse de todos aqueles que lutaram por isso, pois este esquecimento seria a vitória do Império do Brasil.

Novamente a busca pelo não esquecimento histórico aparece como uma preocupação agora apresentada pela personagem Anne, mas já evidenciada pelo protagonista do primeiro volume da tetralogia, bem como pelo próprio autor das obras. A retomada do período de batalhas, como a Cabanagem, e a denúncia dos problemas gerados por seguidas administrações desastrosas que tanto prejudicaram o desenvolvimento da região Norte, são exemplos das contribuições dos romances de Márcio Souza apontados neste trabalho que conseguiram apresentar e reduzir o esquecimento que encobria este período histórico.

Anne recorda que no dia 29 de dezembro de 1834 um grupo de homens comandados por Angelim foi buscá-la para que se encontrasse com Batista Campos em uma fazenda perto de Barcarena. Anne soube que dias antes ele tinha cortado uma espinha ao se barbear e andando pelas matas sob sol e chuva o ferimento inflamou. O romance é finalizado com a conclusão: “O que os sobressaltos e a falta de cuidados podem fazer para acabar com um homem” (SOUZA, 2001, p. 252). De certa forma, com esta frase, tem-se que a morte foi causada pela perseguição ao cônego que o impediu de se cuidar adequadamente e o obrigou a viver sobressaltado, fugindo pelas matas e distante da cidade que ele tanto amava.

A alternância de capítulos no romance *Desordem*, oscila entre os espaços públicos e os privados, revezando as narrativas da guerra em alguns capítulos, com a vida particular e familiar de Anne em outros. Como já citado,

esta alternância não é rígida como em Verissimo. A falta de rigidez demonstra a forma literária fragmentária, que colabora com o caos que a sociedade estava vivenciando.

2.3 *Revolta* (2005), Márcio Souza

O terceiro volume da tetralogia de Márcio Souza intitulado *Revolta*, foi publicado em 2005 pela Editora Record. Este volume segue os moldes dos demais e é publicado com a capa de Evelyn Grumach, com a imagem “Prospecto da cidade de S. Maria de Belém do Grão-Pará”, de Alexandre Rodrigues Ferreira para o livro *Viagem Filosófica* (1784), (Figura 3). A imagem destaca a cidade vista da baía com uma grande embarcação em primeiro plano, pequenos barcos ao redor e em sua margem, e, ao fundo, grandes casarões brancos com muitas janelas. Há um contraste entre a calma da imagem e o sentido do título, bem como as narrativas apresentadas.

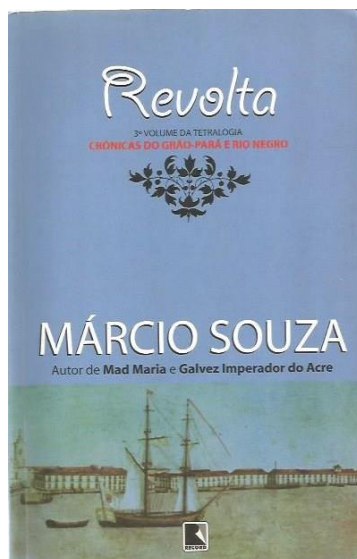


Figura 3: Capa de *Revolta* (2005), de Márcio Souza

Dois trechos do romance *O continente*, de Erico Verissimo, são escolhidos como epígrafe do terceiro volume de Márcio Souza, ambos relacionados às consequências da guerra: “É desagradável ver esses cristãos insepultos, entregues às moscas ou então à mercê dos cachorros vadios que às vezes vêm cheirá-los e lambe-lhes as caras (Erico Verissimo, *O Tempo e o Vento* – O Continente)” (SOUZA, 2005, p. 7). A descrição, nesta primeira epígrafe, demonstra o descontentamento do personagem Licurgo Cambará diante do descaso com os mortos de guerra que ficaram estendidos na rua em frente ao seu sobrado e que os federalistas, seus inimigos, não vinham recolhê-

los. A segunda epígrafe é marcada pelas perdas e problemas econômicos e sociais decorrentes das batalhas, retirada da narrativa da personagem Picucha Terra Fagundes: “Mas a flor do Continente se perdeu. Os campos ficaram desertos, as mulheres de luto, casas viraram taperas, cidades empobreceram e muita gente até hoje passa necessidade por causa dessa guerra (Erico Verissimo, *O Tempo e o Vento – O Continente*)” (SOUZA, 2005, p. 7). A escolha das epígrafes demonstra tanto as dificuldades enfrentadas durante a guerra como as suas consequências que prejudicaram largamente a população em geral.

O romance tem início com a apresentação de supostos documentos oficiais do governo que declaravam, no dia 07 de janeiro de 1835, a posse de Félix Antônio Clemente Malcher como presidente da província, após a morte do ex-presidente Lobo de Sousa. Com o apoio do povo e das tropas reunidas solicitavam ainda ao senhor D. Pedro II que não nomeasse outro presidente para a província até a sua maioridade, pois os governantes nomeados só tratavam de interesses particulares e não estavam comprometidos com as causas locais, o que gerou governos marcados pelo descontentamento e por atitudes desgraçadas. Na sequência há um documento de Isidoro Alves, capitão-de-fragata, que informa estar deixando a cidade de Belém em direção à Europa, datado de 25 de agosto de 1835, e desejando que o destinatário pudesse realizar um salvamento, retirando do abismo em que aquela província estava inserida.

O último documento apresentado é uma ata do depoimento supostamente prestado por um tapuia ao escrivão de polícia. Nela o escrivão descreve que o indígena perdeu sua mãe pela violência cometida pelos brancos e passou a viver de favores com prostitutas e a realizar pequenos furtos. Ainda jovem conheceu os irmãos Vinagre e o Angelim que lhe explicaram que a violência era praticada contra todos os indígenas e pessoas humildes que tinham seu trabalho explorado na região. A situação apresentada fez com que o índio decidisse segui-los e lutasse por seus direitos. O escrivão afirma que ele confessou já ter matado algumas pessoas e que não se arrependia, pois, sua mãe sofreu muita violência, sendo espancada pelos militares quando ele ainda era muito pequeno. Por não demonstrar

arrependimento e tentar atacar o escrивão durante o depoimento, o tapuia foi executado com doze tiros, dentro da delegacia, para ser contido: “sendo dominado pela guarda que o conteve com doze tiros de espingarda, abreviando assim a vida deste tapuia insubordinado e incorrigível como soem ser quase todos os desta simulada raça;” (SOUZA, 2005, p. 14). Este documento logo no início do romance indica tanto o preconceito racial sofrido pelo índio, quanto a violência excessiva aplicada contra aqueles que se opunham ao governo e eram considerados revoltosos ou insubordinados. Além disso, a ata foi redigida pelo responsável pela cadeia pública e a história é narrada do ponto de vista de quem tinha a arma, o poder e o domínio da escrita para registrá-la.

O romance é caracterizado como *Os diários de Maurício Vilaça*, escritos em Belém, em 1835. O primeiro capítulo, 1º de janeiro, apresenta um rapaz que é filho único e se considera desde sempre adulado pelos pais e que o mundo sempre se curvava aos seus desejos. O narrador conta que decidiu escrever um diário como uma de suas resoluções de Ano Novo, organizadas no Natal de 1832, mas que, como os demais itens da lista, não se cumpriu nos dois anos que se seguiram. Ele conta que retornou a Belém em 1833, contrariando o desejo dos pais de que continuasse como comerciante em Baltimore, nos Estados Unidos da América. A decisão surgiu após tomar conhecimento de que seu padrinho, Fernando Simões Correia, havia deixado uma fortuna em imóveis, terras e depósitos bancários para ele. Mesmo tendo conhecimento que Belém enfrentava uma guerra civil não-declarada, que seu padrinho tinha sofrido uma emboscada e que a situação nos Estados Unidos estava mais favorável, Maurício decidiu regressar.

Maurício recebeu no porto uma carta de sua amante espanhola, Ramona, que ele somente deveria abrir quando estivesse em Belém. Na carta ela pedia explicações sobre os motivos que o levaram a retornar a Belém e como era aquela cidade. Maurício considerava difícil descrever aquele lugar. A princípio a descrição é negativa: “uma cidade preguiçosa e precocemente envelhecida, dolente, com suas ruas estreitas e fétidas, artérias mortas, prostrada neste barranco à margem do Guamá, longe do grande rio, longe de tudo, longe de Deus e do mundo” (SOUZA, 2005, p. 20). Ele recorda que nem sempre tinha sido assim, isto aconteceu após a chegada de um brigue com a

bandeira brasileira em 1823 que acabou com as esperanças e possibilidades de um futuro: “Apontem uma cidade que sobreviva a semelhante contaminação. Os portugueses se foram, vieram os brasileiros. O que de pior podia acontecer, aconteceu” (SOUZA, 2005, p. 21). Novamente o tom de frustração domina a narrativa e o terceiro volume, assim como os demais, se inicia apresentando o “problema” da região e o lamento do narrador pela situação daquela região.

No capítulo 7 de *janeiro*, Maurício acordou com alguém batendo em sua porta e, pelo clima da cidade, isto era algo assustador. Por precaução, Maurício tinha um pequeno grupo de homens armados em sua casa e já pegou uma pistola antes de atender a porta. Era Germano Aranha que notou que estava sendo observado e prontamente se identificou. Germano foi avisá-lo que o povo invadiu o palácio do governo e que Lobo de Sousa estava morto. Os dois se dirigiram ao palácio. Maurício relembra como Batista Campos, Eduardo Angelim, os irmãos Vinagre, Malcher, o coronel Fernando, sua madrinha Simone e seus pais foram perseguidos pelo presidente Lobo de Sousa e resistiram por suas convicções políticas. Por atacar deliberadamente estas lideranças populares, Maurício não se surpreendeu com a reação do povo nem com o assassinato de Lobo de Sousa por um tapuia. Os corpos de Lobo de Sousa e Santiago tinham sido levados ao palácio e jogados na sarjeta onde muitos passavam e cuspiam, davam chutes e até urinavam sobre eles.

Maurício se preocupava com aquela atitude da população diante dos cadáveres, pois considerava ser algo que fugiu do controle e que acabaria por resvalar em homens brancos e com posses, como ele. Maurício decidiu deixar o palácio e procurar seu pai, Dr. Bernardo. Ao contar sobre o assassinato seu pai se desesperou porque naquele momento a oposição não tinha mais Batista Campos e não teriam quem governasse a província e complementou: “– Puta que o pariu. Estamos fodidos – ele gritava. – A oposição nunca soube governar neste país.” (SOUZA, 2005, p. 27). Maurício considerou um exagero a reação do pai e que toda exaltação serviria apenas para esconder sua insegurança. A escolha do vocabulário e os gritos do advogado demonstram o descontrole frente àquela situação. Para o jovem seria útil descartar tudo o que o pai lhe dissesse como sempre fazia, pois tinha dúvidas inclusive sobre se aquele

homem era seu pai. Apesar da preocupação do pai com os rumos do governo, Maurício mantém seu pensamento em assuntos particulares.

Maurício relembra que sua mãe, seu pai, seus amigos e sua madrinha foram visitar Batista Campos em seu leito de morte, mas o cônego estava em um estado em que nada mais poderia ser feito. A morte de Batista Campos comoveu a todos e parte da população amarrou fumo de luto na manga da camisa, em sinal de respeito. Ele se recorda da onda de violência que tomou a cidade com escravos armados executando famílias, pessoas sendo enforcadas nas soleiras das portas de suas casas, além de corpos de soldados que haviam sido fuzilados queimarem em fogueiras, exalando um “fedor nauseante e adocicado de carne queimada” (SOUZA, 2005, p. 30). A preocupação o aflige ao saber que a mãe tinha ido até a reunião das Novas Amazonas, porque Maurício temia por sua segurança. O pai disse que a mãe estava segura por apoiar o povo, mas ele decidiu ir encontrá-la e trazê-la para casa. No caminho descobriu que pontes tinham sido queimadas e ao chegar à sede recebeu a notícia de que sua mãe tinha saído em marcha com as demais mulheres para o largo do Palácio. Maurício julgou a inocência da mãe e temia por sua vida. Como um personagem mimado, Maurício era incapaz de perceber a importância das atitudes e a coragem de sua mãe naquele cenário de enfrentamentos.

No capítulo 8 de *janeiro*, Maurício reflete sobre a sequência de acontecimentos desde a morte de Lobo de Sousa e conclui que deveria ter estado mais atento à maior presença de negros e tapuias vindos do interior que passaram a perambular e a se reunir em pequenos grupos na cidade. Maurício se lembra de que, dias após o Ano Novo, se reuniu com o irmão de seu amigo de infância que o levou até uma reunião comandada por um negro liberto, mas que devido aos olhares que recebeu, em sua opinião por ser branco, decidiu retirar-se dali. Depois participou da Festa de Reis, convidado por Angelim, na fazenda Cacoalinho, uma das festas mais concorridas da cidade. A festa de São Tomé também é descrita destacando a participação dos índios e dos negros. Maurício retoma a lenda de que o apóstolo teria vindo para o Brasil e vivido entre os índios no litoral nordestino, onde deixou suas pegadas impressas nas rochas, como ainda se pode ver nas margens do rio Jaboatão.

Maurício recorda ainda das mudanças nas vestimentas das índias que acompanhavam a procissão e usavam batas, mas que ele tinha conhecimento de que antes elas acompanhavam nuas. Outra diferença era na língua utilizada nas toadas que antes era o *nheengatu*, língua indígena, e agora a língua portuguesa era adotada. Mesmo contrariado, por não gostar deste tipo de manifestação popular por considerá-las grosseiras e primitivas, Maurício acompanhou Angelim e permaneceu até o fim da madrugada.

Neste volume são apresentadas as festas culturais da região, bem como a lenda de São Tomé, mas o distanciamento do narrador que julgava as manifestações culturais como primitivas, demonstra a visão preconceituosa do jovem que desvaloriza o que era local e não se identifica com os costumes regionais. Maurício se distancia da cultura local e apresenta um ponto de vista preconceituoso e que menospreza as manifestações culturais de sua região, destacando que as cantorias eram desafinadas e a cerimônia demorada, não merecendo sua compreensão. O distanciamento deste jovem e a preocupação em participar armado para evitar algum ataque, demonstram que ele se considerava diferente da população em geral e não simpatizava com os desejos do povo, como seus pais e padrinhos que lutavam pela liberdade de todos. Maurício se posiciona como homem branco e rico que seria considerado inimigo do povo e que o teme, por não o apoiar. O jovem é o contraponto em relação a sua mãe que participa da Sociedade de Novas Amazonas que, mesmo tendo mulheres brancas, estrangeiras e ricas em seu meio, luta por uma região com mais liberdade e direito para todos, não temendo as diferenças por conviver e almejar o bem geral e não para nichos específicos.

Maurício observou uma moça loura, filha de dona Elvira, e buscou informações com Angelim sobre ela. Angelim o alertou que a jovem não era para ele, que todos conheciam a má fama de Maurício e que ele deveria esquecê-la. Maurício entrou em uma barraca cheia de armamentos vindos de Caiena. Angelim lhe explicou que mais munições e armamentos chegariam. Ele foi apresentado ao Domingos Onça, responsável pela morte do ex-presidente Lobo de Sousa, mas não descobriu o nome da jovem.

A chegada de Maurício à fazenda Cacoalinho e seu diálogo com Angelim se relacionam à chegada do capitão Rodrigo à Santa Fé, no romance de Erico

Verissimo, em que o forasteiro conquistador decide obter informações sobre a jovem cuja família sonhava com seu casamento com um homem honesto e trabalhador. Os dois personagens se assemelham por desejarem jovens de famílias que não apoiam o casamento por perceberem que estes homens estavam mais interessados em diversão do que no trabalho sério e honesto.

No capítulo 9 de *janeiro*, Maurício afirma que resumiria os acontecimentos, demonstrando que apesar de ter registrado a sequência de data, este diário não estava sendo escrito diariamente, mas, provavelmente, como um livro de memórias: “Aconteceu muita coisa nestes últimos dias. Vou tentar resumir para não perder nada” (SOUZA, 2005, p. 39). Seria esperado que um diário privilegiasse as cenas em relação ao sumário, de acordo com Lubbock (1976), mas neste romance de Márcio Souza a técnica do sumário é citada pelo narrador que opta por resumir os acontecimentos dos últimos dias, para que o leitor não perdesse nenhum ocorrido.

Com as ruas tomadas por uma multidão armada, Maurício decidiu sair da cidade e convidou Margarida, uma jovem de Santarém que acreditava que conseguiria ser balconista da loja dele, para viajar até a fazenda de um amigo na Ilha Grande de Johanés. Como seus familiares também estariam em perigo na cidade e Maurício considerou a irmã mais nova interessante, decidiu levar a todos, inclusive o pai das moças. No caminho viram muita gente armada, embriagada e muitas patrulhas que verificavam todos que passavam. Conseguiram passar com pagamentos em moedas e chegaram até a fazenda. O uso de pagamentos para obter favorecimentos já estava presente naquele contexto em que o suborno controlava o trânsito.

O capítulo 10 de *janeiro* apresenta Maurício, já na fazenda, que se posiciona como um rapaz mimado que busca satisfazer seus desejos sem se importar com os demais, pois, mesmo percebendo os ciúmes de Margarida, não se importava: “As duas não passavam de umas boas putas, e me arrancariam dinheiro, comida e proteção” (SOUZA, 2005, p. 44). Maurício se aproveitava do fato de a cidade estar bagunçada pela guerra e sem garantias de segurança para abrigar na fazenda as moças que buscavam proteção e alimento e, assim, desfrutar de relações sexuais que o fizessem esquecer dos horrores daquela guerra civil.

O capítulo *11 de janeiro* narra a dificuldade enfrentada por Maurício para conseguir um relacionamento mais íntimo com a irmã mais nova devido aos ciúmes e presença constante de Margarida. Depois dessa conquista, a tristeza tomou conta de seu corpo, logo após a relação, e ele refletiu que aquele momento de prazer não era capaz de encobrir a farsa e as dificuldades do presente. Na manhã seguinte, a jovem tentou matá-lo, mas acertou apenas seu braço com um golpe de punhal que ele revidou, a agrediu e a amarrou para conseguir fugir da casa que estava cercada por pescadores e tapuias que amarraram os caseiros e saquearam a propriedade. Já afastado, Maurício percebeu que aquele era um plano do pai das moças e que levaram todos os mantimentos e armas da fazenda. Maurício retornou depois, soltou os caseiros e voltou a cavalo para Belém.

Ao contar o ocorrido à sua mãe, escutou: “– Estás a me sair um conservador, meu filho. O que esperavas? Que esta gente explorada levasse flores aos exploradores? Algumas vezes é preciso levar fogo” (SOUZA, 2005, p. 55). A consciência da mãe se contrapõe à ingenuidade de Maurício que acreditava que ainda naquele momento poderia agir como um explorador e sair ileso sem sofrer nenhuma consequência por seus atos e abusos. Sua preocupação era legítima, pois a população não estava mais disposta a aceitar todo tipo de exploração impunemente. Nesse contexto as jovens eram exploradas duplamente, tanto por Maurício quanto pelo pai que as utilizava para enganar os homens e obter vantagens, sendo incentivadas inclusive a matá-los.

Neste capítulo, apesar de a irmã mais nova de Margarida ter um destaque e uma atuação importante, ela permanece sem nome próprio tendo ressaltado apenas o fato de ser mais jovem que a irmã. Por ser mais jovem, despertou um interesse maior de Maurício e poderia tê-lo enganado e morto, como planejaram. O fato de somente Margarida ser nomeada por Maurício também demonstra uma objetificação maior da irmã cujas características físicas são descritas como a cor dos cabelos e da pele, além de seu corpo e mãos pequenos que o encantaram. Ambas são diminuídas e consideradas prostitutas por estarem ali por interesses financeiros, mas sem nomear a irmã mais nova, há um rebaixamento ainda maior daquela moça que serviria apenas

para a satisfação pessoal de Maurício. A despersonalização gerada pela falta de nomes próprios aos familiares de Margarida nos remete à família de retirantes do romance *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, em que os filhos são identificados igualmente como “filho mais novo” e “filho mais velho”. A relação entre estas famílias se estabeleceria pelas dificuldades enfrentadas em suas regiões e a luta diária pela sobrevivência.

O capítulo *13 de janeiro* apresenta Belém como uma cidade que vive um período esquisito, provisório e que exige cuidados redobrados e, assim, inspira todo tipo de superstição. Neste contexto, Maurício é convidado a participar de sessões ocultistas e escuta muitas histórias sobrenaturais sobre o assunto, decidindo por conhecê-las. A mistura de crenças que forma a religiosidade praticada no país é justificada pelas dificuldades enfrentadas pela população que buscava alívio naquele momento de incertezas.

No capítulo *14 de janeiro*, durante um almoço na casa dos pais, Maurício observa que o pai tinha abandonado a militância após a morte de seu padrinho e a de Batista Campos, deixando transparecer que sua geração havia sido derrotada. Bernardo passou a criticar a geração de Maurício por uma parte só pensar em dar tiros e matar, enquanto a outra parte só buscava orgias e prostitutas nos arredores do Haver-o-Peso. O filho se identificava com a segunda parte e reconheceu que os irmãos Vinagre pertenceriam aos da primeira. A reflexão do pai demonstrava a desilusão ao perceber que as gerações mais novas não estavam engajadas politicamente e tinham interesses diversos que em nada favoreciam àquela sociedade.

Bernardo continuou sua crítica pela falta de instrução daqueles que chegaram ao poder, lembrando-se de que foi chamado para ler um documento oficial que havia chegado, pois, a Câmara era composta somente por analfabetos. Ao ser solicitado que escrevesse uma resposta, Bernardo aguardou que lhe ditassem, mas logo percebeu que tinham dificuldades em organizar as ideias e pediram que ele elaborasse a resposta. Ao ler o documento com uma resposta vaga e formal, consideraram adequada e se limitaram a agradecer-lhe. Dona Amélia lembrou que até a casa da professora da cidade foi invadida e ela sofreu violências físicas por ser portuguesa. Além disso, as duas escolas da cidade estavam fechadas pela insegurança e há

tempos nenhuma criança aprendia a ler ou escrever em Belém. O salário das professoras também não era mais pago, pela falta de alunos e, desta forma, uma nova geração de analfabetos se formava. Bernardo criticou que, nesse contexto: “Não é por nada que esta cidade é o paraíso dos panfletários de vinte linhas, das ideologias políticas que se colam nos postes com goma de mandioca” (SOUZA, 2005, p. 61). Ao observar a sociedade e sua falta de conhecimento, os pais de Maurício reconhecem que os governantes daquele período representavam os analfabetos - por exemplo, Malcher que era um fazendeiro analfabeto -, mas teriam dificuldades por terem uma equipe de arruaceiros e jovens despreparados para liderar e administrar a província.

O capítulo *14 de janeiro* apresenta Natalie, filha do comerciante Briant, que estudou em um internato na Inglaterra e regressou a Belém no mesmo ano que Maurício, mas que vivia reclusa em casa devido à violência do período. Maurício a encontrou na sede das Novas Amazonas quando foi entregar tecidos para sua mãe. Depois eles se encontraram em uma fazenda e, a princípio, Natalie pensou que ele era um dos empregados, mas quando ele conversou com ela em inglês, eles se aproximaram e ficaram juntos.

Em *16 de janeiro*, Maurício retomou seus negócios e ressaltou que era uma coisa rara de acontecer naquele período de instabilidade e incertezas. Depois do trabalho, Maurício decidiu procurar um amigo para arrombar a botica do alemão Franz e descobrir se era verdade que ele criava homúnculos em armários para sessões ocultistas. O colega abriu facilmente o armário que estava trancado e o mistério foi solucionado: eram fetos humanos dos mais variados estágios. O alemão era um “fazedor de anjos” e prestava serviços à mais alta sociedade belenense, que poderia pagar os altos preços. Maurício reflete sobre aquela sociedade ao observar os fetos: “Fechei o armário cuidadosamente, respeitando o repouso eterno daqueles ilustres projetos de criaturas, sem deixar de me perguntar quantos orgulhosos, soberbos, insensíveis e ambiciosos estavam ali mergulhados como plantas aquáticas no fundo do rio” (SOUZA, 2005, p. 72). Esta reflexão sobre o orgulho, a soberba e a vaidade dos integrantes da alta sociedade paraense estarem representados pelos fetos mergulhados naquelas garrafas como plantas aquáticas no fundo do rio, que apesar de existirem não são vistas ou notadas por quem não tem

conhecimento delas. Há ainda a relação de poder, garantido pela família por nascimento, naquela sociedade que aquelas criaturas poderiam ter tido caso tivessem nascido. Esta reflexão poderia ter sido ampliada se Maurício percebesse que em muitos momentos ele também se colocava como superior aos demais por sua origem familiar, cor da pele, estudos e situação econômica, mas ele se restringe a julgar os demais integrantes da alta sociedade que tinham interrompido a geração daqueles herdeiros. Além disso, no primeiro dia em que ele afirmou ter aberto o comércio, em seguida, já se envolveu em uma ação desonesta e ilegal ao invadir o estabelecimento do estrangeiro.

Já em *17 de janeiro*, Maurício relembra que seu pai lhe dizia que quando uma pessoa é humilhada ela se torna ressentida. Quando as pessoas eram humilhadas coletivamente, elas se tornavam vingativas; mas quando a humilhação se dirigia a um povo, acontecia a revolta. Na revolta, seu pai contava que nem mesmo a justiça serviria de consolo e, assim surgiriam os excessos. Com o governo de Malcher, Maurício ponderou que não o apoiava apenas por ser analfabeto e não saber lidar com as pessoas, mas por ser um homem arbitrário que não estava favorecendo os comerciantes, causando ainda mais prejuízos. Maurício acreditava que o melhor para ele seria partir para Lisboa e já começava a buscar embarcações que se dirigissem para Portugal nos próximos dias. A crítica de Maurício ressalta que sua desaprovação em relação ao governo de Malcher estava relacionada principalmente por ele não favorecer os comerciantes. Novamente os interesses particulares se sobrepõem aos coletivos. As afirmações de seu pai destacavam as motivações populares que culminaram na revolta, pois não eram apenas humilhações particulares, mas dirigidas a um povo, o que provocaria os excessos e abusos que superariam o desejo de vingança.

No capítulo *18 de janeiro*, Maurício foi até o Largo da Misericórdia para fazer negócios com Baena, mas desistiu do trabalho ao avistar uma jovem moça. Novamente Maurício deixou seus interesses particulares acima do trabalho e tentou seduzir a jovem. Ao conversar, descobriu que a situação econômica dela não estava boa, pois seu noivo estava preso e ela afirmou precisar de dinheiro para sobreviver, aceitando ficar com ele em troca da ajuda financeira. Maurício sentiu que sua galanteria tinha sido uma farsa e totalmente

desnecessária. Mais uma vez, a guerra, que aumentava a insegurança e a instabilidade econômica, levava jovens a manter relações sexuais em troca de alimentos para sobreviver e Maurício, representante da elite, permanece tirando vantagem - por ter recebido uma herança.

Em *19 de janeiro*, Maurício relembra ter saído ainda de madrugada em direção ao porto para comprar uma passagem para Lisboa, pois um brigue espanhol tinha acabado de aportar. Como estava sozinho, foi espancado na rua e deixado desacordado na sarjeta. Conseguiu despertar já pela manhã e buscou ajuda na casa da madrinha, Simone, que estava grávida. A madrinha serviu uma sopa e o afilhado contou sobre o ocorrido. Simone alertou-o que seus pais não gostariam da decisão dele de deixar Belém, mas concordou que também tinha o mesmo desejo.

No capítulo *22 de janeiro*, Amélia buscou o filho após dois dias abrigado na casa de Simone e o levou para a própria casa com cuidados e recomendações aos empregados. Na mesma noite, Maurício recebeu a visita de Sebastião, irmão mais novo do cônego Batista Campos, que surgiu acompanhado de três jovens tapuias. As moças foram se prostituir, mas Maurício ainda estava debilitado. Conhecendo a realidade, Sebastião realizou o pagamento ao pai delas que as aguardavam na porta. A exploração sexual é tratada com naturalidade naquele contexto de guerra em que havia falta de trabalho e de alimentos. A exploração das jovens por seus pais é igualmente naturalizada na narrativa de Maurício.

Sebastião contou que dias antes da morte de seu irmão, um pajé o procurou para contar de um sonho que teve. Neste sonho, Campos morria de uma forma lenta e sofrida e o pajé pediu que ele retornasse às suas origens, seguisse os preceitos indígenas, negasse o crucifixo e, com isto, teria uma morte natural na velhice. Batista Campos se negou a seguir a orientação do pajé, beijou seu crucifixo e seguiu viagem, vindo a falecer dias depois. Sebastião afirmou que tantas leituras e estudos prejudicaram a compreensão de seu irmão que poderia estar vivo, caso tivesse seguido as orientações do pajé. Sebastião contou que após a morte do irmão, retirou o crucifixo de seu pescoço e o atirou no rio. Maurício afirmou não acreditar nestas superstições.

Para Sebastião, o irmão poderia estar vivo se tivesse retornado à religiosidade indígena.

Em *23 de janeiro*, Maurício decidiu fechar seu negócio por tempo indeterminado devido à falta de segurança para mantê-lo. Era frequente observar comerciantes portugueses serem espancados e terem suas lojas saqueadas, além das mulheres serem violentadas nas ruas. Maurício desejava deixar a cidade, mas não queria retornar a Baltimore, pois, se lembrava da falta de interesse das pessoas em ouvir sobre sua terra natal, seus costumes e seu povo, porque consideravam que já sabiam de tudo e não precisavam ouvir mais nada. Da mesma forma que seu padrinho havia sofrido com o distanciamento e a falta de amigos em Portugal, Maurício relembrou a experiência difícil em Baltimore, pela falta de interesse e disponibilidade em conhecer sobre a província de Belém.

Para conseguir a permissão para ver Joaninha, Maurício pediu sua mão em casamento a Dona Elvira, no capítulo *24 de janeiro*. A mãe da jovem consentiu que eles se vissem, mas ao tocar os dedos da jovem, Maurício não se sentiu confortável. A mãe da moça percebeu o incômodo e o questionou sobre seus sentimentos. Desconcertado, Maurício decidiu ir embora. A decisão de propor matrimônio comprova a impulsividade de Maurício que usa deliberadamente as palavras para conseguir o que era negado. A motivação se aproxima da proposta do capitão Rodrigo, do romance de Erico Verissimo, que também pediu a mão de Bibiana em casamento somente para poder se aproximar da moça, demonstrando, após a união, que não modificaria, a princípio, os hábitos de solteiro conquistador.

No capítulo *25 de janeiro*, a violência é apresentada quando seu vizinho o chama para uma conversa sobre seu filho e o jovem negro que trabalhava para Maurício estarem mantendo relações sexuais. Maurício não via problema naquele relacionamento entre os rapazes, mas o vizinho os chamou para adverti-los que não deveriam continuar juntos. Sem entender, Maurício retornava para casa com seu escravo, quando escutou um tiro: o filho assassinou o pai. Mais uma cena de violência que marcava aquela sociedade, em que o próprio filho matou o pai diante de uma repreensão.

Em *26 de janeiro*, Maurício relembra a visita de seu pai e o sentimento de medo diante daquela situação em que, mesmo com mais homens realizando sua proteção, ele se sentia inseguro com a sensação de que poderia ser saqueado e morto a qualquer momento. Maurício não tinha mais esperanças de uma democracia para o Grão-Pará, acreditava ser tarde demais para isto: “O Grão-Pará agora era uma província do Império do Brasil. Uma província distante e enfezada, atada a um regime monárquico que herdara os vícios de uma das piores dinastias europeias” (SOUZA, 2005, p. 111). A desesperança do jovem, desanimava ainda mais Bernardo que acreditava estar assistindo ao fim do Grão-Pará.

Maurício percebe que garotos tinham tomado a casa abandonada do outro lado da rua e se divertiam atirando a esmo para assustar os transeuntes, no capítulo *29 de janeiro*. Maurício recebeu a carta de uma mulher casada que se dizia infeliz no matrimônio e propunha que se encontrassem. Ele se sentiu tentado em ir a este encontro, mesmo não reconhecendo a assinatura. Apesar de notar que seus mantimentos e suprimento de água potável se esgotavam a cada dia, Maurício permaneceu em casa como um prisioneiro.

Em *30 de janeiro*, ao amanhecer Maurício deixou sua casa armado, mas sem escolta, em direção à casa de seus pais. As ruas estavam desertas e a presença de cadáveres carbonizados em fogueiras agitavam os cachorros trazendo o odor de podridão e decadência. No meio do trajeto ele encontrou com uma patrulha que o saudou respeitosamente por já tê-lo visto com Angelim. Ao dobrar a esquina ouviu o choro alto de um dos prisioneiros e retornou verificando que o adolescente estava sendo violentado por um dos guardas enquanto os demais riam da violência a aguardar seu turno. Maurício ordenou que parassem apontando-lhes sua arma. O comandante pediu que ele se retirasse, mas Maurício insistiu que não deveriam continuar com aquela violência, apesar de ter todas as armas naquele instante apontadas para ele. O comandante decidiu dar um tiro na cabeça do adolescente para encerrar a discussão e, assim, Maurício se afastou apressado em direção à casa de seus pais. A intervenção diante da violência sexual praticada contra o adolescente se opõe à aceitação em relação aos abusos e explorações sexuais sofridas pelas jovens e as adolescentes que são descritas como pequenas e com

estatura semelhante à de crianças, o que caracterizaria como pedofilia nos dias atuais, mesmo que o crime ainda não fosse tipificado no período narrado. Fica evidente que a violência sofrida pelo adolescente do sexo masculino causa uma reação diferente das sofridas pelas adolescentes do sexo feminino. A violência sexual contra as garotas é aceita e praticada inclusive pelo protagonista sem qualquer receio e nenhuma intervenção, nem reflexão ou remorso.

Já na casa de seus pais, Maurício optou por permanecer na cozinha para fugir dos discursos políticos de sua mãe. Ao perguntar sobre a aparição do boto para uma das cozinheiras, Maurício escutou que nem o boto quis aparecer naquela situação, pois até ele se envergonhava dos paraenses por tanta guerra. Ela afirmou que a vida ali naquela região não tinha mais valor e se ela pudesse já teria se mudado para a Corte, onde ainda havia possibilidade de se viver. Maurício ficou arrasado ao perceber que a desesperança já tinha alcançado até aquela senhora de mais de setenta anos que trabalhava na cozinha desde que ele era pequeno, sempre estava alegre e agora se transformava em uma mulher amarga e triste. A citação da lenda do boto se relaciona à desilusão frente àquele período em que nem a população mais simples parecia acreditar nele e afirmava que a vergonha era tanta que já teria atingido inclusive ao boto, o que justificaria a pouca menção às lendas nestes romances.

No capítulo 31 *de janeiro*, Maurício decidiu se encontrar com a mulher que enviou a carta. Ao chegar, descobriu que era a madame Wanderkok, esposa do comandante holandês que estava a serviço da Marinha Imperial. Ao regressar, Maurício descobriu que somente naquela noite ele tinha sido o quarto amante dela e reconheceu que não deveria ter permanecido ali. Aquela noite o fez lembrar que a proximidade da morte levava aquela mulher a se entregar aos prazeres carnavais, sendo essa mais uma das características daquele momento de extremos.

O capítulo 2 *de fevereiro* trata da decisão do governo de fazer circular a moeda com metade do valor nominal, aumentando os prejuízos dos comerciantes que já tinham o dinheiro estocado. A falta de comida era uma realidade, pois a distribuição de gêneros alimentícios estava prejudicada. O

consulado da França foi invadido por milicianos da Guarda Municipal que esbofetearam o cônsul e assassinaram sua secretária. Eles buscavam um suposto inimigo de Malcher que não foi encontrado. Apesar do pedido de desculpas do governador ao cônsul, este decidiu se mudar imediatamente para Caiena, acabando com a representação diplomática francesa no Grão-Pará. Maurício relembra que sua madrinha, apesar de não se dar bem com o cônsul, lamentou o ocorrido. Os desmandos e o abuso de poder atingem inclusive as autoridades diplomáticas, mas diferentemente da população mais humilde, eles tinham opções para se mudar e se distanciar daquela violência.

Em 3 de fevereiro é apresentado mais um episódio de violência contra uma família francesa. A casa de um joalheiro francês foi invadida, as mulheres foram violentadas e mortas e, por não acharem nada de valor nos cofres, atearam fogo na casa. Somente quando restavam apenas os escombros do imóvel, chegou a patrulha de Vinagre. A violência estava disseminada.

Maurício foi até a fazenda Cacoalinho participar de um casamento que aconteceria com a presença de Angelim como padrinho, descrito no capítulo 5 de fevereiro. Maurício aproveitou para verificar se dona Elvira aceitava o pedido de casamento que ele tinha feito a sua filha Joaninha, mas a mãe disse que precisava de tempo para conhecê-lo melhor e confirmar algo. Apesar disso, ele conseguiu permanecer de mãos dadas com a moça, sempre na companhia da mãe. Maurício refletiu que seus pais não ficariam felizes em saber de sua intenção em firmar compromisso com uma moça de Cacoalinho. A diferença social e econômica os diferenciava, o que provocaria problemas com sua família, mas Maurício insistia teimosamente para tentar modificar a opinião da mãe da jovem.

O capítulo 6 de fevereiro começa com um tiroteio às quatro e quinze da madrugada. Maurício pensou que poderia ser um enfrentamento das forças imperiais para acabar com a sedição ou o choque entre as facções rivais de Malcher e Vinagre. Passados alguns minutos um de seus homens veio com a notícia de que os garotos da casa abandonada estavam sendo atacados, mas resistiam fortemente. Maurício se lembrou de que os vizinhos e os comerciantes já estavam cansados de tantos abusos, festanças e saqueios e estavam se organizando para contratar homens que os retirassem dali. Assim

que o dia amanheceu, Maurício viu que os corpos dos garotos haviam sido deixados na calçada sem as armas. Um de seus homens veio lhe contar que Zeca, um de seus escravos negros, tinha sido assassinado junto com os garotos. Maurício tratou de buscar o corpo do jovem e o levou para casa. Em seguida procurou as mulheres na sede das Novas Amazonas para o ajudarem com o velório. Ali elas o orientaram a procurar a igreja e o acompanharam para providenciar tudo. O corpo de Zeca foi enterrado no cemitério municipal no mesmo dia. Maurício pareceu preocupar-se e desejar um enterro digno para seu escravo.

Após o enterro, Maurício bebeu aguardente e foi até a sede das Novas Amazonas procurar Terezinha. Como não realizavam reuniões à noite, por segurança, e como não aceitavam sócios masculinos, ela se negou a recebê-lo. Maurício suplicou solidariedade por não ter autorização para circular naquele horário e justificando que uma patrulha já se aproximava, o que a fez deixá-lo entrar na sede. Terezinha lhe ofereceu café, mas mantinha uma distância prudente do rapaz. Este distanciamento motivava Maurício a buscar seduzi-la, tentando convencê-la de que a moral religiosa não era verdadeira. Apesar das negativas, Maurício insistiu que a amava e que ela não deveria viver sozinha. Terezinha começou a chorar baixinho e permitiu que ele a abraçasse.

O capítulo 7 de *fevereiro* apresenta a reclamação de Terezinha pelo assédio cometido por Maurício. Tanto sua mãe quanto a sua madrinha determinaram que ele não poderia mais se aproximar de Terezinha. Maurício relembra que isto o estimulou ainda mais e que ser chamado de devasso não o preocupava por considerar que esta era uma atitude de todos os demais homens de sua terra: de seu padrinho ao cônego Batista Campos. Maurício afirma ter conhecimento de como eles viviam cercados por mulheres e, mesmo que sua mãe nunca comentasse e sua madrinha demonstrasse inocência quanto aos comentários que toda a população fazia sobre eles, ele já tinha presenciado várias cenas de ambos com mulheres. Como um garoto mimado, Maurício tenta justificar seus erros apontando que outros já haviam cometido o mesmo deslize.

Estas recordações o fizeram retornar ao momento em que soube da herança deixada por seu padrinho. A herança causou muitas discussões entre seus pais e as suspeitas o atormentavam. Maurício decidiu procurar Batista Campos, mas o cônego lhe pediu paciência e afirmou apenas: “- Tu não podes exigir que se concerte o passado só para te contentar” (SOUZA, 2005, p. 144). Maurício contestou o cônego pelos rumores que ouvia desde pequeno de que seu padrinho e sua mãe tiveram um caso de adultério. O cônego negou e o rapaz perguntou o que motivaria o padrinho a deixar um quarto de sua fortuna para ele, além dos traços físicos semelhantes entre eles que todos destacavam nos rumores. O cônego buscou acalmá-lo mais uma vez afirmando que as características eram semelhantes às de seu avô. Maurício não se convenceu e o questionou sobre um rumor que ouviu de que sua mãe havia procurado seu padrinho antes de se casar e confessado ser apaixonada por ele. Batista Campos confirmou a história, mas o tranquilizou que naquele dia os dois somente conversaram e trocaram temores mútuos. Esta cena é descrita no primeiro volume, do ponto de vista de seu padrinho, Fernando, que a apresenta da mesma forma contada pelo cônego. Como já citado anteriormente, a visão restrita destes narradores não esclarece totalmente esta dúvida.

No capítulo *8 de fevereiro*, Maurício retornou à sede das Novas Amazonas para se desculpar com Terezinha e a convidar para passar uns dias com ele em Barcarena. Ela aceitou e após um longo dia de viagem, Maurício serviu aguardente para a viúva que, embriagada, chegou a cair. Depois Maurício a levou para dançar em um quilombo próximo da casa. Continuaram a festa bebendo mais aguardente. Já bêbados, Maurício dançou e beijou Terezinha na frente de todos, apesar de ela demonstrar sentir vergonha, Maurício insistiu. Em seguida, Maurício perguntou se ela se interessaria por algum dos jovens negros que dançavam e, apesar da negativa, ele convenceu os dois jovens a acompanhá-los em troca de pagamento. Em casa, Maurício tirou a roupa de Terezinha e chamou os negros para a estuprarem enquanto ele assistia. Os limites do assédio de Maurício a Terezinha já haviam sido superados, mas a cena em que ele a embriaga, seduz e contra a sua vontade impõe que ela mantenha relações sexuais com dois jovens negros para que ele pudesse assistir ressaltam as características destacadas por sua mãe e

madrinha ao chamá-lo de “devasso, irresponsável e imprestável” (SOUZA, 2005, p. 144). Maurício demonstra não ter limite para a violência e desconsiderar qualquer regra, tomando atitudes ainda mais irresponsáveis e reprováveis depois de já ter sido advertido por sua mãe e por sua madrinha.

O capítulo 9 de *fevereiro* retoma a lembrança de como Maurício foi acordado pelo caseiro e encontrou o corpo de Terezinha pendurado em uma árvore. Ela havia se enforcado. Pessoas dos quilombos começaram a aparecer com a notícia e a criticá-lo, mesmo sendo em uma língua diferente, Maurício compreendia a rispidez, inclusive dos dois jovens negros da noite anterior. Correndo perigo, Maurício fugiu com um cavalo sem sela em direção à casa de seus pais. No caminho ele pensou em qual desculpa daria para justificar o ocorrido para a sua mãe e para a sua madrinha. Em casa encontrou seu pai que lhe contou que Terezinha deixou uma carta na sede das Novas Amazonas se despedindo e contando que pretendia se matar. Mais aliviado, Maurício decidiu não contar nada do que fizera. Mesmo diante de uma morte trágica e de toda a violência cometida contra a Terezinha, Maurício se preocupou apenas consigo e ainda se sentiu consolado por ter proporcionado “um pouco de doçura a seu fim amargo” (SOUZA, 2005, p. 157), demonstrando não avaliar de forma sensata seus atos.

O capítulo 10 de *fevereiro* trata das recordações do funeral de Terezinha que foi organizado pelas Novas Amazonas que escoltaram o corpo solenemente de Barcarena até Belém. Os dois jovens negros acompanharam todo o cortejo até o cemitério. As mulheres da sociedade não compreendiam porque Terezinha foi até aquele velho engenho para se enforcar. Maurício decidiu não contar nada a ninguém, apesar das suspeitas de sua mãe e da sua madrinha. O corpo foi sepultado com muitas homenagens e discursos das Novas Amazonas.

11 de *fevereiro* apresenta os desentendimentos entre os poderosos do poder belenense. Maurício relembra que a notícia da morte de Lobo de Sousa ainda não havia chegado à Corte e que a reação a este episódio seria maior para demonstrar que insubordinações das províncias não seriam permitidas. Os integrantes do governo são descritos de forma desrespeitosa, sendo caracterizados como: “arruaceiros”; “mexeriqueiros”; “pérfido”; “invertido”; que

gosta de “meninos impúberes”; que gosta de “bebidas e tapuias” e “cada um pior que o outro” (SOUZA, 2005, p. 161). Malcher decidiu demitir Chico Vinagre e este partiu a seu encontro no palácio para protestar. Os dois discutiram e Maurício destacou que Malcher estava impecavelmente vestido enquanto Chico estava com roupas frouxas, remendadas e puídas. Ambos trocaram insultos pessoais e chegaram a brigar fisicamente. Há uma versão que conta que se engalfinharam enquanto outra narra que Malcher recebera um soco e descera a escada desequilibrado. A classe política é apresentada como representante do povo, mas que além de analfabetos, resolviam os problemas com violências físicas e insultos.

O capítulo *12 de fevereiro* recorda o dia em que Maurício foi até a casa de seus pais para almoçar, mas soube que eles estavam desde cedo no Palácio conversando com Malcher junto a outros paraenses considerados ilustres. Malcher estava decidido a prender Eduardo Angelim por acreditar que ele planejava matá-lo, apesar de todos negarem suas suspeitas. Todos os convidados tinham alguma influência na sociedade seja por motivos religiosos ou financeiros, de acordo com Maurício, e Angelim se diferenciava deles por ter conquistado sua fortuna com o próprio trabalho.

A narrativa do dia em que comparsas de Francisco Vinagre foram buscar Maurício em sua casa para conversarem na casa de Vinagre aparece em *13 de fevereiro*. Maurício recorda que desde a morte de seu padrinho não o via e encontrou-o muito doente, abatido e desmazelado. Conversaram durante mais de três horas e Vinagre reclamou das injustiças cometidas por Malcher e das pessoas que convenciam o governante que Vinagre estaria contra ele. Quando Bernardo soube que seu filho havia sido levado para a casa de Vinagre por seus comparsas, temendo pela vida de Maurício, procurou imediatamente Malcher para intervir, mas não foi recebido e teve o pedido repassado a um subalterno. Bernardo ficou furioso e deixou o Palácio muito contrariado.

Em *14 de fevereiro*, Maurício descobriu que Natalie estava na cidade e partiria para a Inglaterra em poucos dias. Ele decidiu a procurar e observou que Natalie sentia tristeza por deixar Belém, mas que a situação estava insustentável na cidade e mesmo não gostando do clima europeu, decidiu partir. Após consolá-la, retomaram o romance e Maurício lembrou que: “Em

nossos encontros passei a lhe dar todo o meu ardor, toda a minha experiência, tudo o que não fizera para a inditosa Terezinha” (SOUZA, 2005, p. 169). Mesmo quando estava com mais uma moça desejada por ele, Maurício recordou de Terezinha de maneira pouco respeitosa, demonstrando seu pensamento infantil e egocêntrico. Natalie lhe contou que tempos depois de sua última visita, ela descobriu que estava grávida e procurou o alemão do boticário para ajudá-la a resolver a situação antes que sua mãe retornasse da viagem. Natalie lhe disse que o serviço lhe custou um anel de ouro e as suspeitas de sua mãe. Maurício lembrou dos fetos que viu no boticário e pensou que um de seus enriqueceu aquela coleção. Natalie demonstrou orgulho pela atitude que tomou e Maurício a convidou para celebrarem juntos “os mistérios do amadurecimento feminino” (SOUZA, 2005, p. 170). Maurício demonstrou pouco apego ao relacionamento com Natalie e com a informação sobre o aborto de seu filho. Diferentemente de seu padrinho, a notícia do aborto foi recebida com naturalidade por Maurício que não se preocupou nem julgou a atitude de Natalie, chegando inclusive a celebrá-la. As consequências de seus atos, não preocupavam o rapaz que se despediu de Natalie no porto tranquilamente.

No capítulo *15 de fevereiro*, Maurício relembra de Maria Jacinta, uma professora de piano, portuguesa e viúva por quem ele se interessou na juventude e foi ter aulas particulares. Como a mulher era extremamente religiosa e casta, Mauricio não conseguiu seduzi-la e acabou desistindo das aulas. Ele se lembrou da antiga professora ao saber que estava presa acusada de esconder inimigos do governo. Maurício procurou Vinagre para interceder pela professora que ele considerava incapaz de tal atitude. Vinagre aconselhou que conversasse com Malcher, mas um soldado o alertou que o governante estava paranoico e iria considerá-lo como mais um inimigo. O militar lhe disse que seria melhor pagar diretamente para um dos funcionários da cadeia libertá-la, Maurício realizou o pagamento e a Maria Jacinta foi liberta indo hospedar-se em sua casa, pois a da professora havia sido destruída durante sua prisão.

Maria Jacinta lhe contou que há quinze anos Malcher tentou visitá-la enquanto seu marido trabalhava para dar-lhe um piano, mas ela negou o presente. As investidas de Malcher continuaram e diante de tantas negativas e da atuação de seu marido para afastá-lo, a professora sabia que não seria

esquecida e poderia ser perseguida até sua morte. Após conhecer a história que motivou sua perseguição e prisão, Maurício afirmou que Jacinta se entregou a ele. Dias depois ela foi morar na Sede das Novas Amazonas, mas optou por retornar a Lisboa. Quando Malcher soube que Maurício a abrigou, ele foi conduzido pelos guardas até o Palácio. Seus pais, temendo por uma violência contra o filho, o acompanharam. No Palácio, Malcher tentou recriminar as ações de Maurício, mas foi prontamente rebatido pela mãe. Malcher sabia que não seria bom tê-la como opositora política, por seus conhecimentos e influências na sociedade, então decidiu ouvi-la. Ao sugerir que Maurício retornasse aos Estados Unidos, Ana Amélia disse que quem deveria ser exilado era o próprio Malcher. Mesmo contrariado, Malcher se despediu e preferiu não ampliar a discussão.

O posicionamento da mãe que enfrenta uma autoridade para proteger a vida do filho se aproxima da história de Ana Terra, de Erico Verissimo, que vai pedir ao coronel para que seu filho não fosse enviado à guerra. Mais um exemplo de mulheres fortes e que usam sua voz para defender seus filhos e tentam reduzir as imposições arbitrárias estipuladas pelos que detinham o poder.

O capítulo *19 de fevereiro* traz a prisão de Angelim, Bernardo, Ana Amélia, dentre outros, acusados de conspirar contra o governo de Malcher. Os pais de Maurício foram levados de casa nas primeiras horas da manhã, ainda com trajes íntimos, e presos a bordo do brigue Cacique junto aos demais. Quando Vinagre soube das prisões foi procurar Malcher e discutiram porque Vinagre não concordava que o presidente desse ordens para a Guarda Nacional sem seu consentimento, que era o Chefe da Guarda. Os soldados acataram as ordens do chefe e retornaram ao quartel, deixando Malcher ainda mais furioso. Malcher retornou ao Palácio, convocou seus homens e foram a cavalo até o Forte do Castelo. Vinagre convocou seus soldados e o tiroteio entre eles começou, deixando as tropas de governistas cada vez mais acuadas. Percebendo que não conseguiria resistir por muito tempo, Malcher embarcou com seu secretário em uma fragata de guerra. Muitos cadáveres estavam espalhados pelas ruas. Maurício observava tudo de binóculos no telhado de sua casa. A população se escondeu apavorada em suas casas. Com o cair da

noite, os navios de guerra começaram a atacar a cidade. Muitos prédios estavam pegando fogo pelas bombas e a todo momento se ouviam explosões. Não demorou para a casa de Maurício ser atingida, muitos de seus homens morreram nas ruínas da casa, toda a sua mercadoria se perdeu, mas Maurício sobreviveu com uma mão queimada e alguns dedos quebrados.

No capítulo *20 de fevereiro*, Maurício acordou na casa de sua madrinha Simone, ainda fraco, com dores e um pouco surdo e descobriu que seus pais continuavam presos. Malcher tinha sido deposto e Angelim foi negociar com Vinagre uma nova eleição para governador. Maurício sugeriu que Angelim deveria governar, mas ele o avisou que a ordem de preferência seria por Vinagre. Com a deposição de Malcher o tiroteio entre os descontentes ocorria a todo momento, aumentando o número de mortos na baía e nas águas. Naquela noite, Simone lhe contou chorando que Malcher havia sido assassinado por um idoso que perdeu tudo e se sentia humilhado. O sepultamento foi simples na igreja do Carmo, na presença de familiares.

O capítulo *21 de fevereiro* trata da libertação dos pais de Maurício e de todos os demais prisioneiros políticos. Maurício ainda estava na cama se recuperando, sentia muitas dores lombares que o impediam de caminhar. Mas ele se recorda que toda a população estava trancada em casa como prisioneiros, temendo serem mortos pelos bandidos que tomavam conta das ruas da cidade. Maurício se propõe a reproduzir na íntegra a declaração que Vinagre fez para que ele tivesse a oportunidade de relê-la em sua velhice e recordar as figuras retóricas exageradas, os vivos contraditórios além das expressões medievais. Maurício ainda refletiu que aquela declaração seria “uma conjunção nefasta sobre o nosso futuro” (SOUZA, 2005, p. 193); mas que muitos cidadãos não teriam acesso a ela por não saberem ler. Esta reflexão retoma a crítica àquela sociedade que Maurício repreende pela escolha dos governantes despreparados, mas que sequer era alfabetizada.

Em *24 de fevereiro*, Angelim convidou Maurício para conhecer as novas terras que tinha comprado de um português que as vendeu por um baixo valor porque queria deixar Belém rumo a Lisboa, assim que os tiroteios reduziram e as embarcações puderam retomar suas atividades. Angelim levou duas índias para passar a noite com eles, mas Maurício acabou batendo em uma delas que

caiu, mas aguardou indiferente que ele continuasse a violência. A jovem contou que eram as únicas sobreviventes de sua tribo e haviam sido resgatadas por Angelim após a peste ter dizimado quase todos seus parentes. Frustrado Maurício pegou um cavalo e regressou à cidade pensando que aquelas moças eram como assombrações de um mundo desaparecido: “dois cadáveres animados pela magia negra de nossa civilização” (SOUZA, 2005, p. 199). A violência e a exploração de jovens índias são narradas com naturalidade, como se o dinheiro e o poder naquela sociedade em conflito determinassem a posse e o direito sobre os demais.

Maurício ainda morava na casa da madrinha e isso provocava os ciúmes da sua mãe, como descrito no capítulo *27 de fevereiro*. Após o almoço, foram surpreendidos por tiros que atravessaram as janelas do quarto de Simone. Todos se deitaram no chão, assustados. Maurício desceu no andar de baixo e soube que se tratava de saqueadores tentando invadir a casa. Por ter sido construída por um militar, as paredes eram reforçadas e as portas também, o que tornava o primeiro andar difícil de ser invadido. Mesmo que os homens forçassem as portas, Maurício e os empregados trataram de arrastar móveis pesados de madeira para bloqueá-las.

Ao ver que alguns dos homens colocaram escadas para subir pelo segundo andar, Maurício recordou de suas aulas de história antiga e pediu que as mulheres colocassem mais água para ferver, pois na casa não tinham nenhuma arma de fogo, por imposição de seu falecido padrinho. De cima do telhado os empregados jogaram água fervente nos homens que tentavam entrar por escada na janela lateral do segundo andar. Desesperados com a queimadura, recuaram, enquanto outros tentavam quebrar a parede ao redor da porta. Quando iam conseguir invadir a casa, a cavalaria da Guarda apareceu sob o comando de Angelim e expulsou a todos. Maurício ficou furioso por Angelim tê-los somente espantado e não preso, mas Angelim justificou que não se tratava de bandidos e que eles estavam apenas exaltados. Simone também estava muito chateada e nervosa porque percebeu que a população não fazia mais distinção entre seus amigos e inimigos. Simone se considerava amiga do povo por lutar por igualdade, mas por morar em uma casa protegida, ser estrangeira e ter bens era vista como parte da elite a ser combatida.

O capítulo 2 de março apresenta as dificuldades da população privilegiada que, após a tentativa de invasão do casarão de Simone, decidiu deixar a cidade em busca de lugares seguros no interior. Isto fez com que os valores cobrados nas embarcações subissem exageradamente dificultando ainda mais o deslocamento. Como Simone estava no final da gestação, o médico recomendou que ela se internasse na Santa Casa e Angelim providenciou que uma escolta os acompanhasse até o hospital. No trajeto Simone refletiu que considerava aquela terra muito estranha e tentou explicar seus pensamentos ao afilhado:

- Definitivamente, vocês não são europeus – ela disse, castiça. – E não são estranhos por isso. O que quero dizer é que o Brasil é como um filho que ninguém queria. Os pais europeus queriam apenas uns minutos de prazer e enjeitaram a criança, a mãe nativa desejou seu aborto desde o primeiro dia. Ninguém o queria e ele nasceu assim mesmo. Muito triste, é o que sempre digo.
- Talvez isto aqui não tenha sido parido, tenha sido cagado! – deixei escapar. (SOUZA, 2005, p. 207 e 208)

Simone tentou explicar a mistura que compõe o Brasil e o sentimento de rejeição que todos os envolvidos têm com ele, desde os colonizadores europeus que buscavam apenas explorá-lo até os nativos que o negaram e pela resposta de Maurício, nascido nesta terra, ainda o tratavam com descaso, como dejetos. A análise de Simone que a leva a considerar esta constatação como triste, se estende ao manter-se em silêncio após a afirmação do afilhado e contestá-lo tempos depois sobre a razão de tratar aquela terra com tamanha grosseria e ouvir dele que o Brasil era rejeitado como excremento e não como um filho. A comparação demonstra a falta de consideração que o jovem tinha com sua terra natal.

Depois de deixar a madrinha no hospital, Maurício foi até o centro da cidade procurar casa para morar. Encontrou uma antiga, cujo dono viajou para Portugal, deixando o vizinho responsável pela venda. O vizinho era o vereador Natalino que pediu que uma menina o acompanhasse para conhecer a casa. A casa estava em ruínas, abandonada há mais de trinta anos. Ele se interessou pela menina que lhe contou que havia sido comprada pelo vereador, pois sua mãe estava doente e não tinha como cuidar dela e das irmãs. Mesmo

considerando que a menina de apenas treze anos era muito criança, Maurício cedeu aos beijos dela que afirmou ser virgem. O vereador entrou na casa e os encontrou, vindo a punir a menina e contando-lhe que ela era filha de uma prostituta que regressou ao Ceará deixando as filhas sem cuidados e o padre o incumbiu de criá-las, mas que elas davam golpes nos homens dizendo serem virgens e usando uma seringa com sangue de galinha para enganá-los e cobrar a mais. Maurício seria mais um dos enganados e o vereador o aconselhou a realizar uma limpeza com vinagre para evitar contrair doenças que a garota tinha. Maurício foi embora e desistiu da casa. O comportamento impulsivo de Maurício, que buscava levar vantagem em todas as situações, revela que mais uma vez seria enganado por mulheres/moças que ele acreditava estar conquistando.

O capítulo *10 de março* trata da posse de Antônio Vinagre como presidente da província. Durante as comemorações da posse, Dona Amélia foi chamada pela mãe do presidente para tomar ciência de um decreto que extinguiu a sociedade das Novas Amazonas e fundava uma nova em que a mãe do presidente seria a presidente. A mãe fez isto, pois, por diversas vezes, tentou pertencer à Sociedade, mas teve seu pedido recusado. Dona Amélia afirmou que ele poderia fechar, saquear ou o que mais o poder lhe permitisse, mas que a nova sociedade nunca teria o conjunto de mulheres cultas e patriotas da anterior. A discussão se intensificou. A chegada ao poder é utilizada para satisfazer vinganças particulares, inclusive da mãe de Vinagre, que aproveitou para fechar a Sociedade das Novas Amazonas.

O capítulo *11 de março* destaca o discurso do vereador Pantoja que embora idoso e doente, permaneceu defendendo a construção de escolas em todos os bairros de Belém, e, na tribuna denunciava os desmandos que os políticos tiranos vinham realizando. Dois ou três vereadores abandonaram a câmara e foram ao Palácio comunicar o presidente. Vinagre não demonstrou suas intenções e ouviu tudo em silêncio. Já prevendo retaliações, vários vereadores deixaram a cidade junto com seus familiares no final do dia.

O nascimento do filho de Simone, que se chamaria Fernando, como o pai, é apresentado no capítulo *12 de março*. No mesmo dia chegaram dois navios de guerra com a bandeira francesa causando grande alvoroço e

especulações na cidade. No meio do dia, dois oficiais franceses desembarcaram e foram até o Palácio conversar com Vinagre sobre a invasão em Caiena e os maus-tratos sofridos pelo cônsul da França em Belém. Os oficiais exigiam reparação e solicitaram que a bandeira do Império fosse retirada do Forte do Castelo e em seu lugar hasteada a da França durante a salva de vinte e um tiros de canhão, realizada pelas tropas brasileiras. Vinagre se desculpou pelo ocorrido que não se deu durante sua administração, mas se recusou a atender tais exigências. Os oficiais disseram que diante da negativa seus navios atacariam a cidade de Belém. Vinagre os lembrou de que as tropas brasileiras já estiveram em Caiena por nove anos e que não admitiria a ameaça, nem a presença de bandeira de outro país em seu território, nem por alguns minutos. Os oficiais retornaram aos navios e nenhuma ameaça foi cumprida. A atitude de Vinagre se espalhou pela cidade aumentando sua popularidade. À noite, a população dançava e comemorava por seu governante.

Maurício recebeu uma carta de um amigo de infância que estava na Corte e, preocupado com sua segurança, escreveu oferecendo sua casa como refúgio, em *13 de março*. O amigo escreveu que soubera dos perigos e horrores enfrentados naquelas terras, onde “os cães devoravam os cadáveres insepultos e hordas de índios ferozes aprisionavam os brancos para submetê-los a pavorosos rituais” (SOUZA, 2005, p. 221). A maneira preconceituosa com que o amigo via aquela região se assemelha aos estereótipos de que a região Norte seria dominada por índios ferozes que aprisionariam e/ou atacariam os brancos simplesmente para a realização de rituais. A visão distorcida do colega leva Maurício ao riso e ao mostrar para sua mãe, ela demonstrou espanto pelo desconhecimento do remetente, mas Maurício decidiu queimar a carta e não explicar nada ao colega. Dona Amélia considerou toda a carta um absurdo e relembrou outra visão de que as ruas da cidade de Belém eram tomadas por cobras. Os estereótipos preocupavam a mãe, mas Maurício apenas se divertiu com a ignorância de seu colega de infância. A visão do colega representa a visão dos habitantes da Corte em relação ao Norte. Era esta a visão que todos os amigos de Batista Campos lutavam por combater e mostrar o quão enganados eles estavam em julgar que não havia pessoas capazes de administrar a província, enviando governantes de fora que pouco ou nada

sabiam da região, contribuindo para seu atraso e a estagnação das atividades ali realizadas.

Maurício procurou Angelim para ajudá-lo a convencer Dona Elvira a aceitar o seu casamento com sua filha, Joaninha, no capítulo *14 de março*. Angelim não lhe deu esperanças. Cacoalinho era um bairro de pessoas muito pobres que tinham emigrado e a melhor casa do bairro era a de Dona Elvira. Maurício relembra que aquele era o bairro mais pobre de Belém, habitado, em sua maioria, por pessoas vindas do Maranhão que se conheciam e estavam fugindo da fome e da falta de terras. Tinham ouvido falar muito daquela região, mas chegaram e encontraram a guerra, fazendo com que a fome continuasse a lhes fazer companhia. Angelim tentou convencer seu amigo a desistir deste casamento por serem duas pessoas de mundos totalmente diferentes, mas Maurício insistiu que as diferenças poderiam ser minimizadas e que ele desejava o casamento. Angelim não negou, mas também não confirmou que o ajudaria.

No capítulo *15 de março* Angelim contou a história de Dona Elvira que ficou viúva ainda no Maranhão, após o marido sofrer uma queda do cavalo, e escandalizou a vizinhança ao enterrar o marido em sacos de pano costurados por ela como mortalha e não na própria rede, como era o costume, por afirmar que a rede serviria mais aos vivos que aos mortos e o enterraria com suas roupas e o chapéu, pois isto ela não usaria e já seria um sinal de respeito a ele. Por suas atitudes era chamada de bruxa e todos se espantavam e consideravam um feitiço ela ter uma filha branca, de olhos verdes e tão bonita, diferente dos pais. Dona Elvira só chorou quando estava dentro de casa com a filha. Ela reuniu seus pertences e a rede do marido e saiu daquele lugar em direção a Belém, em busca de uma vida melhor. Na vizinhança ninguém a viu partir e diziam que foi levada para o inferno por ter ficado com a rede do falecido, outros que ela saiu voando em uma vassoura no meio da noite com a filha. Na verdade, mais uma mãe forte que se mudou com sua filha em busca de novas oportunidades de trabalho honesto e que a necessidade devido à pobreza, a fez aproveitar inclusive a rede do marido, desconsiderando os costumes ou crenças do período.

Assim que juntou dinheiro, Dona Elvira enviou como presente, pelas mãos de um viajante, cortes de tecido e uma bolsa com moedas para que sua cunhada pudesse também viajar até Belém. Com a ajuda do viajante ela se mudou para Belém. Dona Elvira tinha sua casa, uma moenda de cana e uma casa de farinha. Angelim relembra que em Portugal a moenda era movida por bois, mas em Belém a tração era realizada por escravos, após pequenas adaptações. Na propriedade de Dona Elvira não havia escravos e eram trabalhadores que moviam a moenda e recebiam parte dos lucros. Já a casa de farinha era mais moderna com melhorias que misturavam os conhecimentos de dona Elvira e os costumes do povo indígena, partilhados por seu concunhado Valdomiro. Embora tudo fosse muito simples, aqueles eram exemplos da tenacidade do povo de Cacoalinho, contava Angelim. Maurício não tinha certeza se tudo o que Angelim contava era exatamente verdadeiro, mas não se importava com isto. Destaca-se que no bairro mais pobre de Belém a mão de obra era livre, diferente dos escravos empregados pela elite belenense.

Em *16 de março*, ao passar pela Rua da Alfama, Maurício visualizou o homem que tentou matá-lo na Ilha Grande Johanes e decidiu persegui-lo para tomar satisfação. Ao vê-lo, o homem fugiu a cavalo e Maurício tentou segui-lo, mas quando se deu conta estava em um local ermo e foi abordado por uma cigana alta que segurou a sua mão e pediu para ler seu destino. Ao passar o dedo por sua mão, rapidamente ela se benzeu e beijou todas as suas pulseirinhas. Preocupado, Maurício perguntou o que ela viu e a resposta foi que a sua linha da vida era curta e que ele não precisaria pagar-lhe nada. A previsão da cigana serve como uma antecipação do destino que a vida deste jovem desregrado teria.

O capítulo *17 de março* descreve os mimos e zelo que a Dona Elvira sempre devotou à filha e como ela se orgulhava de contar as dificuldades que enfrentaram até chegar a Belém e que cada conquista tinha sido fruto de muito trabalho. Mesmo namorando alguns homens de sua comunidade, Dona Elvira nunca desejou se casar novamente. Para surpresa de todos, durante a festa de São Tomé, Joanhinha anunciou que estava apaixonada por um rapaz de outro bairro.

Angelim retomou sua função de casamenteiro ao visitar Cacoalinho e descobrir que era Maurício o rapaz por quem Joaninha estava apaixonada, no capítulo *18 de março*. Dona Elvira o questionou sobre a família do rapaz e Angelim explicou a origem do dinheiro que ele tinha recebido como herança o que garantiria uma boa vida sem sobressaltos. Ao ser questionado sobre os boatos que diziam que Maurício tinha comércios irregulares, inclusive de armas, Angelim admitiu apenas que o amigo tinha cometido “pecados de moço”. Para ajudá-lo, as falhas são subestimadas.

O capítulo *20 de março* traz a visita de Maurício a Joaninha e a permissão de que andassem por meia hora no quintal de mãos dadas sob a supervisão de duas negras. Frustrado Maurício retornou para visitar sua madrinha e o bebê e soube das intenções de Simone de retornar a Paris quando o menino completasse um ano, mas que pensava também em deixar uma casa para passar longas temporadas em Belém quando as coisas estivessem mais tranquilas. Simone temia pela vida de seu filho na província. Naquele momento, por sentir-se frustrado por sua visita ao Cacoalinho, Maurício decidiu aproximar-se da jovem negra que acompanhava sua madrinha e falava francês perfeitamente.

No capítulo *25 de março* Maurício recorda que, depois de dias sem conseguir retomar a aproximação a Michele, jovem acompanhante de sua madrinha, ele a encontrou no meio da madrugada e ficaram juntos.

Em *29 de março*, Maurício procurou Michele em seu quarto e não a encontrou. Decidido a encontrá-la, vasculhou todos os cômodos e a observou no depósito junto ao cocheiro Sabino. Maurício os assistiu por alguns minutos e retornou ao seu quarto decidido a se vingar.

No capítulo *30 de março*, Simone entrou com Michele no quarto de Maurício para contar que não tinha previsão de quando sairiam navios para a França e isto a deixava chateada. A madrinha se retirou e Maurício aproveitou para alfinetar Michele que terminava de guardar suas roupas limpas dizendo que Sabino tinha tirado a sorte grande na noite anterior. Isto a constrangeu e a fez pedir que não contasse a Simone. Maurício fez cara de dúvida para punir a moça, mas em seguida, confirmou que nada diria. A cena descrita demonstra

a infantilidade das atitudes daquele rapaz que se valia de uma informação para torturar Michele, simplesmente por ela ter escolhido a companhia de outro.

No capítulo *05 de abril*, Maurício estava de saída quando observou Michele recebendo dois funcionários negros que faziam a entrega de cestas de açai. Maurício decidiu se esconder e observar, por não ser ela uma funcionária destinada a receber tais mercadorias. Os homens deixaram os produtos onde ela indicou no depósito e a agarraram violentando-a. Maurício assistiu a tudo sem interferir e depois ainda foi até os homens e entregou-lhes umas moedas justificando gostar muito do produto que entregaram. Mais uma vez o protagonista é cúmplice de violência contra mulheres sem realizar qualquer intervenção e ainda remunera os agressores, provocando dúvidas quanto ao seu caráter e reais intenções, por deixar subentendido que o crime tivesse sido encomendado por ele, por termos somente as informações que o narrador decidiu contar.

Maurício retornou aos escombros de sua casa onde encontrou Sebastião Campos disposto a ajudá-lo a contratar homens para finalizar a demolição e reconstruir sua casa, em *8 de abril*. O amigo contou que Michele saía com todos os homens de Belém e isto deixou Maurício chateado porque, mais uma vez, ela tinha acreditado ter sido uma grande conquista sua. Para reduzir sua tristeza, Sebastião apresentou duas meninas que chegaram a Belém de navio e ele as tinha comprado na noite anterior. Apesar de notar que ainda tinham corpos de crianças, Maurício decidiu violentar a menina maior que gritou desesperada fazendo a menor chorar desesperada. Sebastião mandou-as se calarem e na sequência espancou a menor que defecou de tanto nervosismo. Diante de tanta violência Maurício decidiu deixar a casa de Sebastião e procurar Matilde. Neste capítulo, mais uma vez, a naturalização da violência sexual contra crianças choca o leitor pela narrativa crua, sem remorsos nem reflexões, e pela condição daquelas crianças pobres sujeitas a todo tipo de violência naquele ambiente. A inconsequência dos homens ricos daquela sociedade que compravam pessoas como mercadorias e espalhavam violência, conduzem o leitor a desacreditar que houvesse alguma possibilidade de esperança de mudança, perpetuando a desilusão naquela sociedade.

Maurício viajou para o interior em busca de mantimentos para seus familiares que estavam com as despensas vazias, no capítulo *9 de abril*. Como Vinagre estava conseguindo reestabelecer a ordem, Maurício considerou que esta viagem seria segura. Dona Eulália, que o hospedou, chorou na manhã de sua partida ao contar-lhe que ali os negócios estavam difíceis e que só conseguiam realizar trocas. A senhora perguntou se em algum momento a Corte olharia para as pequenas comunidades e Maurício afirmou que não acreditava que isto aconteceria. Ela chorou e questionou se ele não tinha nenhuma esperança, mas o jovem disse que talvez algum dia isto poderia ser diferente, mas que ele imaginava não estar mais vivo nem ser lembrado quando isto acontecesse. A desilusão do jovem em relação à política e a melhoria da situação econômica é declarada neste diálogo com essa senhora, demonstrando que a cada geração a desesperança estava aumentando.

Em *17 de abril*, uma fragata com bandeira brasileira havia ancorado na cidade, mas sem aportar, causando alvoroço na população que se dirigia apressada ao Palácio. Maurício notou um movimento incomum pela cidade quando saiu de manhã para visitar Matilde. Maurício soube que o noivo de Matilde estava doente na prisão e preparou mantimentos e galinhas para levar para ela. Ela contou que devido às fofocas da cidade, o noivo se recusou a recebê-la na prisão e ela não acreditava mais que iriam se casar. Apesar de demonstrar preocupação em levar mantimentos, Maurício não se importava com a reputação nem com o futuro dela.

No capítulo *18 de abril*, Maurício retornou à casa de Simone, depois de passar a tarde procurando alimentos pela cidade, e encontrou seus pais, a madrinha e membros das Novas Amazonas reunidos conversando sobre a fragata que estava sob o comando de Pedro Cunha, sob as ordens do presidente do Maranhão. O comandante ordenou que Vinagre entregasse o governo ao deputado com maior número de votos, mas ele se recusou por afirmar que o Grão-Pará não era subordinado ao Maranhão e que receberia somente ordens diretas de Dom Pedro II. Todos os presentes falavam ao mesmo tempo e Maurício recorda que suas memórias estavam embaralhadas para contar tudo o que foi dito e revelado naquela reunião. Apesar de afirmar adorar as mulheres, Maurício reclama das lamúrias repetidas por sua mãe

sobre o tratamento inferior dado pela Corte ao Grão-Pará, a parcimoniosa colaboração dos políticos sulistas e a ousadia do presidente do Maranhão que usurpava os papéis e até as remessas de dinheiro que a Corte enviava ao Grão-Pará. As constatações de sua mãe sobre a política são consideradas lamúrias e o jovem não se importava com o descaso político e os problemas econômicos enfrentados pela província, reforçando o que seu pai dizia sobre os jovens de sua geração: uns estavam preocupados em resolver tudo com tiros e violência, enquanto outros se preocupavam apenas com satisfações pessoais.

Maurício relembra que a cidade estava paralisada, os dois lados trocavam ofícios posicionados para um possível ataque, em *3 de junho*. Os antigos revolucionários se reuniam todas as noites para jantar na casa de Simone o que os obrigava a gastar ainda mais tempo e dinheiro na busca por comida. A preocupação de Maurício era que estas reuniões demandavam mais trabalho para ele, por ser o responsável pela compra dos alimentos. Angelim chegou para a reunião afirmando que a única opção para Vinagre seria a rendição, mas que se isto acontecesse todos seriam enforcados. Simone ponderou que a rendição poderia ser boa para a população que já estava sofrendo há tempos, porém Angelim contestou que não foram eles os responsáveis por tal sofrimento e que uma rendição a um enviado do Maranhão deixaria o Grão-Pará apequenado e com menos respeito diante do Império. Simone concordou e lembrou as falas de Batista Campos: “Uma terra que quase virou nação não podia admitir ser tratada como território colonial” (SOUZA, 2005, p. 282). Angelim destacou que era este o motivo e, por terem o povo ao seu lado, que deveriam resistir, porque a população havia soltado seus grilhões e estava sedenta por justiça, o que seria a maior vantagem para a resistência.

O capítulo *12 de junho* traz as reflexões de Maurício ao pensar que Eduardo Angelim e Antônio Vinagre estavam visitando cada casa da cidade falando sobre seus ideais gloriosos e a esperança que tinham em um futuro diferente, mas Maurício não acreditava nisso e pensava que nem eles tinham convicção de seus ideais e mesmo que fumassem e bebessem aguardente, não disfarçavam o sentimento inútil de aguardar por um “amanhecer que não

chegará mais” (SOUZA, 2005, p. 283). A desesperança de Maurício em um futuro diferente e sua apatia frente a luta dos demais representa o tom desse romance que é desenvolvido pela descrença na possibilidade de mudança, pela compreensão de que um futuro diferente não seria mais alcançado.

A bandeira encarnada dos rebeldes foi içada no mastro do Castelo, em seguida começaram os tiros contra as embarcações. Tempos depois vieram os tiros em resposta. Duas horas de combate e o forte do Castelo estava bastante destruído e as casas ao redor do rio estavam todas arruinadas e em chamas. Assim, sem resistência, Pedro Cunha avançou por terra com seus homens até a Praça das Mercês onde encontrou uma resistência armada sob o comando de Angelim. Estes homens encurralaram os enviados de Cunha que retornaram acuados aos barcos. Muitos barcos viraram e alguns tiveram que retornar a nado para a fragata. No final da tarde centenas de corpos boiavam no rio e a baía de Guajará estava tingida de vermelho.

Enquanto ocorria a batalha, Maurício se recorda de ter selado um cavalo e saído em direção ao Cacoalinho, mas no caminho viu um rosto conhecido em uma carroça de feridos que se dirigia ao hospital e decidiu segui-la. Era seu amigo de infância, João Miguel Aranha, quase desfigurado por um tiro na mandíbula. No hospital ele aguardou na entrada, junto aos demais parentes, por notícias dos feridos. Um grupo de mulheres voluntárias surgiu servindo tacacá e Maurício reconheceu Margarida entre elas. Ela se assustou e questionou se ele iria denunciá-la pelo roubo e tentativa de homicídio, mas ele percebeu que ela estava mudada e prometeu não dizer nada. Margarida contou que sua irmã tinha sido assassinada há um mês durante um programa com marinheiros e seu corpo foi encontrado no rio comido pelos peixes. Em seguida, ela fugiu de casa porque o pai as vendia/entregava por qualquer valor para homens que tanto as estupravam quanto as espancavam. Maurício decidiu mudar de assunto e perguntou sobre seu amigo que estava ferido. Diante deste relato de violência, o protagonista não esboçou reação, apenas mudando de assunto, demonstrando indiferença quanto ao destino que as mulheres pobres tinham naquela sociedade, pois ele mesmo tinha o hábito de explorar, violentar e espancar essas meninas.

Margarida lhe contou que só havia dois médicos no hospital e que não tinham experiência com feridos decidindo entre os que tinham chance de sobreviver e receberiam ópio e os que eles não conseguiriam salvar e receberiam um chá que os fazia morrer em pouco tempo, sendo levados para uma vala comum no fundo do hospital onde eram enterrados. Preocupado Maurício procurou seu amigo que ainda não tinha sido medicado. O médico disse que pouco poderia fazer por ele, pois nem sutura o hospital tinha mais, então, Maurício pediu para levar o amigo para ser atendido em casa por um médico e recebeu o consentimento do médico do hospital. Margarida o acompanhou para ajudar com o ferido. A precariedade da saúde, a falta de recursos e médicos separa ainda mais os que teriam chances de sobreviver e pagar por um médico particular daqueles que seriam condenados à morte, enterrados em valas comuns.

No capítulo *13 de junho*, Maurício, com a ajuda de sua madrinha, conseguiu encontrar um médico português que fez a sutura no rosto de seu amigo. O médico afirmou que o ferimento não estava infeccionado, cicatrizaria e o paciente se recuperaria, mas ficaria com uma marca grande no rosto, para provar que participou da guerra.

Maurício relembra que apesar de sempre ter conseguido as mulheres que desejou, agora estava apaixonado por Joaquina e se via enfeitiçado e tomado por uma paixão que dominava todo o seu corpo, em *17 de junho*. Decidido a conquista-la montou uma barraca para viver no bairro, perto de sua amada, mas quase no meio da mata. Dona Elvira chamou sua atenção por não considerar aquela uma moradia digna para ninguém e ainda menos para um rapaz mimado como ele. Depois de muito insistir, a mãe da jovem explicou que não aceitaria o casamento porque ele ainda não era um homem, mas um menino mimado que sempre conseguiu o que quis e só estava rico por ter recebido uma herança que lhe trouxe estranhos pensamentos. Maurício negou e Dona Elvira afirmou que aceitar a verdade faria parte do crescimento necessário para que ele se tornasse um homem e deixasse de desprezar Bernardo que o criou.

Maurício insistiu em discutir com Dona Elvira e a ameaçou que o casamento ocorreria por bem ou por mal. Elvira o advertiu que no Cacoalinho

a riqueza dele não tinha poder e, como mãe, ela mais uma vez negaria o pedido de casamento. A mãe explicou que estavam em um momento de guerra e havia uma disputa entre ricos e pobres. Maurício não aceitou que seriam inimigos devido ao momento e afirmou que não aguardaria o fim da guerra. Dona Elvira disse que a guerra iria acabar e que as ofensas que seu povo sofreu calado seriam vingadas e, neste dia, ele poderia procurá-la novamente e refazer o pedido. Maurício a chamou de louca e saiu sem entender o que a guerra teria a ver com sua relação com Joaquina, uma linda jovem de dezesseis anos. Ele só conseguia pensar nas barbaridades e violências geradas pela guerra demonstrando toda a selvageria da humanidade. Maurício reflete que a paz nunca chegaria para seu povo, pois as feridas não seriam cauterizadas sem a aceitação dos erros que os levaram à guerra. E finaliza: “Aqui a pasmaceira será confundida com paz, com a apatia do olvido a esmagar os últimos resquícios de lucidez, os últimos fragmentos de memória dilacerados pelo ressentimento” (SOUZA, 2005, p. 300).

Nesse trecho, há a confusão entre pasmaceira e paz como sendo uma característica sempre relacionada ao povo brasileiro, pelo estereótipo de povo pacífico que apenas contempla os problemas ao seu redor. O esquecimento é retomado com a apatia que esmaga a lucidez, ou seja, o momento em que a falta de interesse e envolvimento do povo deixa que o que é necessário ser feito com lucidez, se desfaça; além da memória fragmentada sendo dilacerada pelo ressentimento. As reflexões que inicialmente estariam reservadas à negação daquele matrimônio pela mãe se expandem às demais relações sociais que se estabeleceriam naquela sociedade devastada pela guerra e tomada pelo esquecimento de alguns e pelo ressentimento de outros. A reflexão se distancia de todas as ações narradas pelo personagem que seria a personificação deste grupo marcado pela apatia, pela pasmaceira e pelo ressentimento que bloqueiam suas atitudes em relação ao próximo e revelam um egoísmo e o descaso com o bem geral.

A trajetória de Maurício que não se manifesta diante das desigualdades sociais, dos problemas econômicos, nem da violência e da exploração sofridas pelas camadas mais pobres da população se relaciona ao contexto de produção do romance em que a população assistia a tudo sem ter esperanças

de um futuro diferente que pudesse ser conquistado. Neste contexto, a busca do autor em tirar do esquecimento este período histórico em que o povo assumiu o poder e lutou por causas sociais se destaca com um olhar para um passado que poderia estimular uma nova visão para o futuro, pois a pasmaceira, a apatia, o esquecimento e o ressentimento não produziram resultados satisfatórios, devendo, assim, servir como exemplo a não ser reproduzido.

O romance é finalizado com uma nota elaborada por Amélia Vilaça, mãe de Maurício, contando que seu filho foi assassinado em 19 de julho de 1835, ao se envolver em uma briga no bairro do Cacoalinho, após ter sido acusado de tentar raptar uma moça. A mãe afirmou ter encontrado o caderno entre seus pertences e apesar da curiosidade de mãe, não teria lido. Pela nota o leitor tem conhecimento de que Maurício tentou realizar mais um de seus desejos independentemente da negativa da mãe da jovem e, como Dona Elvira já o tinha advertido, a riqueza do rapaz não pôde comprar tudo o que desejava, ao menos naquele bairro.

2.4 *O Tempo e o Vento* (1949) - *O Continente I*, Erico Verissimo

O Continente (1949) é a primeira parte da trilogia *O Tempo e o Vento*, de Erico Verissimo que é composta pelos romances *O Continente* (1949), *O retrato* (1951) e *O arquipélago* (1961). Como já esclarecido anteriormente, selecionamos a primeira parte da trilogia de Verissimo para compor o *corpus* desta tese por ser correspondente ao período narrativo do século XIX, recorte definido pelas guerras separatistas. Neste trabalho utilizamos a quarta edição da Companhia das Letras, publicada em 2013, com prefácio de Regina Zilberman que destaca que embora este romance pertença ao conjunto da trilogia, “*O Continente* tem unidade própria e pode ser lido como livro independente” (2013, p. 9). Os romances históricos que compõem a trilogia *O tempo e o Vento*, de Erico Verissimo são positivamente descritos por diferentes críticos, como Esteves: “Não há dúvida de que a obra-prima do romance histórico com traços regionais seja o imenso painel composto pela trilogia *O tempo e o vento*, do gaúcho Érico Verissimo (1905-1975), publicada entre 1949 e 1961” (ESTEVES, 2010, p. 59). Este painel que Verissimo constrói traz “mais que a história de uma comunidade, a história de uma região, a história do próprio País” (ESTEVES, 2010, p. 59).

A capa desta edição do romance traz as cores da bandeira do Rio Grande do Sul: verde, vermelha e amarela (Figura 4). No alto uma imagem dos pampas gaúchos em verde, demonstrando a vastidão de suas terras e a presença de gado. Centralizado, em amarelo, é destacado o título da trilogia e, logo abaixo a imagem em vermelho é composta por homens montados a cavalo de forma organizada, vestidos com chapéus e ponchos ou pala gaúcha, empunhando bandeiras como se estivessem preparados para o embate.

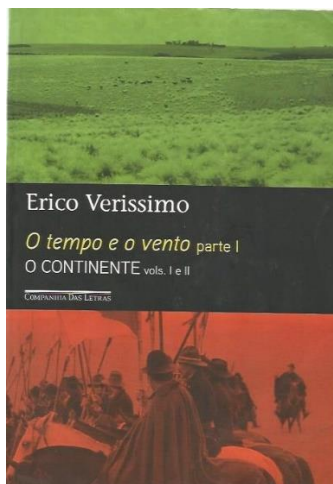


Figura 4: Capa da edição de 2013 de *O tempo e o vento* (1949), parte I, de Erico Verissimo

A epígrafe do romance é Eclesiastes I, 4-6: “Uma geração vai, e outra vem; porém a terra para sempre permanece. E nasce o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar donde nasceu. O vento vai para o sul, e faz o seu giro para o norte; continuamente vai girando o vento, e volta fazendo seus circuitos” (VERISSIMO, 2013, p. 7). A escolha da epígrafe se relaciona a estrutura da narrativa do romance de Verissimo que, de forma cíclica, vai contando a formação das famílias gaúchas e a permanência da terra, além de se relacionar à sequência e à ordem natural do passar do tempo e a presença do vento, que dão título à trilogia.

Regina Zilberman (2013) destaca que esta obra se divide em sete segmentos, com *O Sobrado* emoldurando todos os outros sendo apresentado fragmentado por corresponder à parte final da história, mas aparecendo primeiro. A narrativa de *O Sobrado* é interrompida, sendo intercalada por segmentos que aconteceram anteriormente, desde os tempos mais remotos até a atualidade.

O romance se inicia com *Sobrado I*, descrevendo a cidade de Santa Fé quieta e deserta em uma noite de lua cheia e José Lírio tentando encontrar coragem para atravessar a rua até a igreja, para revezar com seu companheiro que estava de guarda no alto da torre, sabendo que tinha um atirador no sobrado pronto para impedi-lo. José Lírio era conhecido como Tenente Liroca e recebeu a ordem de vigiar, da torre da igreja, para que ninguém saísse do

sobrado e atravessasse o quintal para buscar água. Em discurso indireto livre, há a repetição “Lírio é macho” (VERISSIMO, 2013, p. 18), frase que Liroca utilizava para tomar coragem e seguir em frente.

O sobrado pertencia a Licurgo Cambará, intendente e chefe político republicano do município, que resistia ali dentro, junto com sua família, às investidas dos federalistas. A posição do sobrado favorecia que atiradores dali dominassem a praça e as ruas ao redor, impedindo que os federalistas se declarassem “senhores de Santa Fé”. Após muita reflexão e retomada de pensamentos de coragem de antigos familiares paternos, pois ele acreditava ter herdado a falta de coragem da mãe, Liroca atravessou correndo e chegou tremendo até a torre. Depois ele foi à igreja e se lembrou de Maria Valéria que estava asilada no Sobrado. Liroca amava Maria Valéria, mas temia que não seria perdoado por estar ao lado dos inimigos. Liroca se preocupava com as mulheres e crianças que estavam ficando sem água por sua vigília que os impedia de sair no quintal para buscá-la. No entanto ele recorda que foi oferecido pelo padre que elas ficassem refugiadas na casa paroquial sob seus cuidados, mas o Cambará não aceitou afirmando que: “O lugar da minha família é no Sobrado. Daqui não sai ninguém” (VERISSIMO, 2013, p. 23). Diante da negativa, o tiroteio recomeçou.

Ao acender um cigarro de palha, Liroca relembra dos costumes das noites de inverno no Sobrado em que tomavam chimarrão com pinhão quente, café fumegante com bolo de coalhada, pé de moleque e mantinham boas conversas. Os hábitos locais são destacados, além do momento de confraternizar com os amigos que ocorreu antes da revolução se iniciar, dividindo a cidade e desfazendo amizades. Ele reflete que D.Alice já deveria estar grávida de nove meses e que o bebê poderia nascer em meio ao tiroteio, além de D.Bibiana que já estava idosa e mal deveria compreender todos aqueles tiros. Ele considerava uma barbaridade atirar contra mulheres, idosas e crianças, mas era a realidade da guerra. Os pensamentos de Liroca destacam a preocupação em participar de uma disputa contra seus amigos e ter que atirar contra aqueles que nunca se posicionaram como seus inimigos, pois a intenção daquele ataque não era de seu interesse, isto ocorria também com os demais soldados. Interesses particulares motivavam os governantes e os grandes

proprietários como Licurgo que se mantinham na revolução, mesmo perdendo pessoas próximas, para não perder prestígio e/ou poder.

Ao avistar um homem rastejando pelo quintal para tentar buscar água no poço, Liroca decidiu dar um tiro só para assustá-lo. Em resposta, um tiro saiu do sobrado e acertou o sino da torre da igreja. Dentro do sobrado, Licurgo lamentava não ter se preparado para o ataque, tendo que submeter sua família a sobreviver aos ataques com poucos mantimentos e matando a sede com as laranjas que conseguiam colher pelas janelas dos fundos da casa. Maria Valéria insistia com Licurgo que ele deveria pedir uma trégua para que o médico pudesse vir até o sobrado e atender a sua esposa que teria o filho naquela noite, mas Licurgo se negava e afirmava que assunto de guerra é “para macho” e que ela não deveria se intrometer. Licurgo conversava com o sogro que o aconselhava que as guerras passam, mas a perda de uma criança ou da esposa não. No entanto o sogro afirmou que ele era o chefe da casa e não iria interferir em sua decisão.

Toríbio e Rodrigo, filhos de Alice e Licurgo, conversavam no quarto antes de dormir sobre o nascimento de seu irmãozinho que poderia acontecer naquela noite, quando escutaram o som da cadeira de balanço de sua bisavó, D. Bibiana. Bibiana esperava em sua cadeira de balanço, enrolada em seu xale e escutando os tiros. Já não enxergava devido a uma catarata, mas reconhecia todos os integrantes do sobrado pelos sons. Ela relembra que já viu muita guerra durante a vida, tendo esperado por seu pai quando era menina, depois já jovem esperou pelo marido, anos mais tarde esperou pelo filho que também foi para a guerra. Agora, via o neto Licurgo, crescido, também participar de guerra. E, assim, ela nem tirava mais o luto por conviver com perdas seguidas pelas guerras e revoluções. Bibiana alternava momentos de lucidez e esquecimentos, quando ela imaginava ouvir a voz de seu amado capitão Rodrigo a chamar seu nome ao longe.

O segundo capítulo, *A fonte*, retorna a 1745 quando o padre Alonzo observa as terras do Continente do Rio Grande de São Pedro, que pertenciam a Portugal, inimigo da Espanha. No entanto, Alonzo sabia que, em pouco tempo, os portugueses iriam cobiçar aquelas terras dos Sete Povos, onde ele vivia em comunidade. O padre relembra as incursões dos bandeirantes

portugueses que iam empurrando os inimigos espanhóis a cada dia mais para o oeste e para o sul e trocando as cruzes que saudavam o rei da Espanha por outras saudando o rei de Portugal, D. João V, como senhor daqueles desertos. O governo português decidiu povoar o Rio Grande de São Pedro para facilitar as comunicações entre Laguna e Sacramento. Desde 1737, o padre relembra que construíram uma prisão militar para garantir a posse daquelas terras.

Padre Alonzo procurou o padre Antônio para confessar que decidiu entrar para o seminário depois de pensar em matar o marido de sua amante e ter ficado culpado por ele ter falecido antes. Para sempre se lembrar de suas tentações, o padre trazia consigo o punhal que ele utilizaria para o crime. Depois, foram juntos celebrar a missa para os índios da região. No sermão do padre há um destacado incentivo para que os índios aumentassem a produção de trigo, de erva mate e de algodão que seriam exportados para Buenos Aires. O padre destacou que quanto mais dinheiro arrecadassem mais teriam para enviar ao Rei da Espanha, para comprar mais medicamentos e instrumentos e para comprar belos itens para a igreja como castiçais, cálices e cruzes. No sermão se destaca a crítica sutil à exploração do trabalho indígena comandada pela instituição religiosa que se beneficiaria do lucro das produções, bem como o rei espanhol, ou seja, o trabalho dos índios manteria a coroa, a igreja e algumas de suas necessidades pessoais, como os medicamentos, por exemplo. Este trecho deixa claro que nem todas as sociedades organizadas pelos padres com os índios se baseava apenas na troca, mas que havia a preocupação com os lucros que manteriam também a instituição religiosa e a política, mas não os grandes proprietários de terras. Este ponto da propriedade de terras é que diferenciava o sistema e não por serem contrários ao lucro, como é citado no terceiro volume de Márcio Souza, como justificativa para que os Sete Povos das Missões tivessem sido destruídos.

Padre Alonzo relembra impressionado a capacidade que padre Antônio tinha em adaptar as histórias bíblicas de forma a prender a atenção de todos os índios, inclusive das crianças. Sua habilidade de convencimento era tão grande que ao ouvir em confissão um índio que havia espiado a esposa de outro enquanto ela se banhava nua, o padre lhe disse as palavras bíblicas com tanta ênfase que, ao retornar à aldeia, o índio furou um de seus olhos e tentou

furar o segundo, sem sucesso, tendo sido socorrido por seus companheiros. O versículo bíblico: “Se teu olho te escandalizar, arranca-o, e atira-o para longe de ti” (VERISSIMO, 2013, p. 44 e 45) foi interpretado ao pé da letra e padre Alonzo foi visitar o índio e consolá-lo que ainda seria possível ser um bom cristão e alcançar o céu. A religião imposta aos índios, sem considerar sua cultura, acabou causando danos físicos por ter sido apresentada em uma língua estrangeira que, provavelmente, o índio não dominava completamente suas figuras de linguagem. Diante do problema enfrentado, seu consolo, apresentado pelo padre, seria alcançar o céu, caso fosse um bom cristão.

O padre Alonzo observava que os índios educados na missão esculpiam imagens de santos com feições indígenas: “olhos oblíquos, zigomas salientes, lábios grossos” (VERISSIMO, 2013, p. 45). Uma das imagens que lhe chamou a atenção era a de um Menino Deus com traços indígenas e um cocar na cabeça. Esta observação comprovava que as adaptações bíblicas realizadas por padre Antônio estavam sendo absorvidas e muitos índios se identificavam com as personagens bíblicas. É possível notar a tentativa de aproximação dos personagens bíblicos com a cultura local, acrescentando características físicas semelhantes às suas e a presença de elementos indígenas como o cocar.

Alonzo destaca a ordem que regia aquela sociedade organizada que vivia de permutas e tinha um governante eleito anualmente pelos índios. O dinheiro conseguido pela exportação era usado para a compra de bens que servissem a todos, parte era enviada ao rei da Espanha como pagamento de tributos e parte era administrada pela Igreja. Assim, as pessoas dos Sete Povos viviam de forma organizada, onde todos trabalhavam e recebiam assistência, além de desenvolver habilidades musicais, de escultura, de pintura, de fundição de bronze, de tecelagem e de ourivesaria.

Alonzo relembra que a música foi a primeira linguagem utilizada pelos padres para se aproximar dos índios e, posteriormente, também para catequizá-los. Naquele momento os índios construíam os próprios instrumentos e tocavam com perfeição, inclusive óperas italianas. Os padres foram chamados para orar por uma índia que deu à luz e estava no hospital com uma forte hemorragia. Ao chegar o padre soube que era uma índia vinda do Continente do Rio Grande e que, apesar de se estado terminal, seu filho

sobreviveu. Após realizarem as orações, a índia morreu. Foram visitar o bebê e concluíram pela cor de sua pele que ele era filho de um vicentista, pois estes tinham como hábito explorar os índios e levá-los como escravos, violar as índias e abandoná-las grávidas. O padre determinou que Alonzo seria o padrinho do menino e este escolheu o nome de Pedro para batizá-lo. Depois ele se lembrou que este era o nome do homem que desejou matar antes de ingressar no seminário.

Alonzo recorda que logo após o nascimento de Pedro, houve um período de paz nas missões, apesar de espanhóis e portugueses permanecerem com suas disputas por questões de limites territoriais no Continente do Rio Grande. Alonzo refletia sobre a importância dos padres em catequizar os índios e livrá-los não apenas dos pecados, mas principalmente do trabalho escravo imposto pelos homens brancos. O padre acreditava que esta mudança seria o início de uma revolução que resultaria em uma sociedade com mais igualdade, paz e felicidade para todos. Mesmo não conseguindo precisar quanto tempo estas mudanças levariam para acontecer, ele vislumbrava com esperança esta possibilidade, pois muito já havia conseguido com o grupo dos Sete Povos. Alonzo relembra das disputas por poder devido ao acordo formado entre Portugal e Espanha que determinava que os Sete Povos das Missões fossem entregues aos portugueses e a Colônia do Sacramento aos espanhóis. O contexto de esperança descrito pelo padre, se relaciona ao contexto de produção de Erico Verissimo, que será detalhado posteriormente, em que ainda havia a expectativa de um futuro melhor, com mais igualdade para todos.

Pedro foi criado pela família do cacique D.Rafael, seguido de perto pelos cuidados de padre Alonzo. O menino aprendeu espanhol, latim, guarani e aos oito anos já sabia ler, escrever e fazer contas. Durante uma celebração do padre, Pedro ouviu a expressão “Rosa mística” e passou dias encantado com seu som, mas sem compreender exatamente o seu significado. Decidiu não perguntar o que significava ao padre e buscou compreendê-la sozinho, e, assim concluiu que a utilizaria para designar uma impressão de grande beleza ou prazer. Quando Alonzo o levou para conhecer o túmulo de sua mãe, Pedro utilizou a expressão em voz alta, ao imaginar como sua mãe deveria ter sido linda. Alonzo lhe explicou que a Rosa Mística era a Mãe de Deus. Esta cena

reforça a dificuldade de compreensão das expressões religiosas utilizadas pelos padres, pois, mesmo um garoto que tinha estudado e aprendido com os religiosos, não dominava todo o vocabulário utilizado nas celebrações.

Pedro recitava os versos de San Juan de la Cruz e tentava compreendê-los, mas aos dez anos, ainda não entendia completamente a relação da alma com Cristo e como seria este casamento. Padre Alonzo também não conseguia lhe explicar claramente. Sempre que entrava no quarto do padre, Pedro aproveitava para observar o punhal. Quando o padre não estava, Pedro o tocava e imaginava-se como um guerreiro que o utilizaria para sua defesa. Um dia o cacique trouxe Pedro até o padre Alonzo porque o garoto estava dizendo aos demais ter visto Nossa Senhora. Intrigado, Alonzo decidiu conversar com Pedro a sós. Por diversas vezes e de diferentes formas o padre o interrogou e Pedro confirmou que Nossa Senhora era a sua mãe e que ele a via todos os dias quando visitava o túmulo dela no cemitério. A princípio Alonzo acreditou ser apenas a imaginação de Pedro, mas os detalhes da visita e dos passeios que ele descrevia o deixaram em dúvida e perplexo.

Alonzo se sentia injustiçado pelo Tratado de Madri que os obrigava a deixar aquelas terras e a deslocar-se até a Colônia do Sacramento, do outro lado do rio Uruguai, sem considerar tudo o que eles tinham construído em mais de cem anos de missões. Ele lamentava pelos aldeamentos prósperos, os templos, as lavouras, as estâncias, as casas, enfim tudo o que tinham construído. Eram cerca de trinta mil índios. Seria também muito arriscado atravessar com mais de setecentas mil cabeças de gado. Tudo isto aumentava seu sentimento de injustiça, de mágoa e, mesmo que ele negasse, de ódio. Muitos padres dos dois lados enviaram cartas a seus governos explicando a impossibilidade de trocarem de lado em poucos anos e protestando pelo acordo, mas tudo foi em vão. Os índios decidiram resistir armados e enfrentar quem decidisse entrar em suas terras, com a liderança de Sepé Tiaraju. Alonzo apoiou os índios em sua resistência armada. Quando Tiaraju saiu para um embate, Pedro afirmou que ele morreria naquela batalha. Padre Alonzo ficou preocupado, pois sabia que Pedro tinha premonições que sempre se confirmavam, mas não tinha nada a ser feito.

A esperança do povo estava em Sepé Tiaraju e as lendas sobre suas vantagens nas batalhas eram contadas e recontadas aumentando sua fama. Pedro auxiliava a espalhar seus feitos. Os índios ficaram abatidos com a notícia de que Sepé havia sido preso, mas dias depois Pedro tocou o sino para contar que teve uma visão de que ele conseguira escapar. Uma semana depois, um mensageiro chegou com a mensagem que Sepé fugiu e tinha sido exatamente como na visão de Pedro. Assim, todos ficaram ainda mais impressionados com a capacidade de ambos e a esperança retornou aos índios. Novamente o sentimento que domina a narrativa é a esperança, pois havia a expectativa de que aquela sociedade permaneceria naquele lugar.

Em princípio de fevereiro de 1756, ao aproximar-se de sua cela, padre Alonzo escutou vozes e parou para observar. De longe avistou Pedro com algo que brilhava em suas mãos enquanto ele permanecia olhando para o céu. Ao se aproximar verificou que o garoto estava com seu punhal e disse que conversava com o espírito de Sepé que tinha sido assassinado e lhe contou onde seu corpo tinha sido deixado. Alonzo se impressionou com a visão de Pedro e, impactado, não conseguiu dizer mais nada. Pedro deixou a cela em silêncio. As visões e premonições de Pedro antecipam e sumarizam algumas narrativas.

Três meses depois de os Sete Povos serem destruídos, começaram a chegar os imigrantes portugueses a quem o rei prometeu terras, instrumentos agrícolas, sementes, duas vacas e uma égua para que jovens famílias ali se estabelecessem. Além dos sofrimentos e perdas de familiares durante a difícil travessia, muitos se decepcionaram ao chegar ao Continente e terem que construir casas com barro e palha e se alimentar com carne seca e farinha, enfrentando uma realidade bem diferente da prometida pelo rei. Eles descreviam que estavam vivendo como degredados. Chegaram também os migrantes vindos de Curitiba e de Laguna com a esperança de conseguirem terras e se tornarem senhores de estâncias de gado com poucos anos de trabalho. No entanto, estes tinham conhecimento de que a vida no Continente seria dura, pois teriam que enfrentar os índios, os castelhanos, além de feras e cobras. Nesta época chegaram muitas pessoas vindas de São Paulo, Laguna,

das Minas Gerais e do planalto curitibano em busca de terra e gado, que teria a posse por ordem de chegada. Muitos buscavam também ouro e prata.

O processo de imigração tinha incentivos que não foram plenamente cumpridos, mas muitas famílias também migraram com a esperança de uma nova oportunidade, além do sonho de se tornar proprietário de terras. Diferentemente da migração para a região Norte em que muitos buscavam um emprego ou fugiam da fome e da falta de terra, de acordo com os romances da tetralogia de Márcio Souza, no Sul o sonho era de se tornar um grande proprietário de terras, com grandes estâncias de gado. Os objetivos migratórios são apresentados como diferentes nos dois autores e as oportunidades encontradas em cada região também.

Chico Rodrigues se unia a homens que eram fugitivos, aventureiros e os que pouco se importavam com as leis para roubarem gados e aumentar suas estâncias. Sem se preocuparem com documentos, nem regras, iam aumentando as fronteiras do Continente com suas armas e imposições: “A fronteira marchava com eles. Eles eram a fronteira” (VERISSIMO, 2013, p. 75). A dominação pela força marca o domínio da região, após o fim das missões, demonstrando como grandes propriedades foram conquistadas fora das leis e esta possibilidade de conquistar novas terras e gado favoreceu a chegada de novos povos e a ocupação, formando os povoados nos vales e nas margens dos rios.

Aos cinquenta anos, Chico Rodrigues viu uma bela moça ruiva, filha de portugueses e decidiu montar uma casa e ter filhos com ela. Ele a tirou da casa de seus pais e a levou para uma nova casa, requereu sesmária, decidiu fincar raízes e se tornar estancieiro. Ao ver uma árvore na beira da estrada decidiu mudar seu nome e, assim, passou a se chamar Chico Cambará. Desta forma enviesada temos conhecimento da origem da família Cambará.

O terceiro segmento do romance, *O Sobrado II*, retoma a narrativa do sobrado, em 25 de junho de 1895, quando Rodrigo acordou com um grito da mãe em trabalho de parto e começou a chorar. Toríbio pediu para ele parar, pois aquilo era normal, mas Rodrigo afirmou sentir pena do sofrimento da mãe e tapou os ouvidos, como o irmão lhe recomendou. Maria Valéria e a empregada se trancaram no quarto para auxiliar o parto de Alice. Todos os

homens aguardavam em silêncio no andar de baixo. Licurgo observava seu sogro, Florêncio Terra, que permaneceu imóvel sentado em seu canto. Licurgo suava frio e cada grito da esposa parecia como se agulhadas estivessem sendo fincadas em sua cabeça. O medo de que Alice morresse no parto tomou conta de Licurgo, mas ele se lembrou que sua avó Bibiana teve três filhos sem auxílio médico e, assim que nasceram, ela já estava em pé outra vez cozinhando, tirando leite das vacas e lavando roupas normalmente. Seus pensamentos serviam para aliviar a culpa por não ter pedido trégua e deixado um médico ir atender Alice. Rodrigo, filho de Alice e Licurgo, demonstrava mais solidariedade com o sofrimento da mãe do que seu pai.

Os gritos pararam e Licurgo subiu para ter notícias de Alice e de sua filha. Maria Valéria abriu o quarto e lhe contou que uma menina nasceu, mas que já estava morta. Licurgo se entristeceu ao saber que sua menina morreria, mas não quis ver a bebê. Perguntou sobre o estado de Alice e só descobriu que estava muito cansada e abatida. D. Bibiana acordou no meio da noite e chamou a todos, sem obter resposta. Ela oscilava entre não saber onde estava, tentar rezar e se lembrar de que Alice estava em trabalho de parto. Bibiana sentia por ninguém aparecer para lhe dar notícias. Ela ficava na cama ouvindo o vento bater na vidraça e se lembrava do que sua avó lhe dizia: “Noite de vento, noite dos mortos” (VERISSIMO, 2013, p. 83). O pensamento de Bibiana demonstra sua lucidez ao interpretar os sons, mesmo sem informações de seus familiares.

O quarto segmento, *Ana Terra*, conta a história da família de Ana Terra que vivia em uma estância no Continente. Ninguém da família sabia ler nem escrever, mas contavam o passar dos dias e dos meses observando a natureza: as fases da lua, as mudanças nas árvores e pelas mudanças na temperatura sabiam em qual estação estavam. Ana afirmava que sempre que acontecia algo importante em sua vida, estava ventando. E isto não tinha sido diferente quando em 1777, que ela se lembrava por ter sido o ano da expulsão dos castelhanos do Continente, enquanto Ana descia para lavar roupas no rio ela se recordava que foi quando o major Rafael Pinto Bandeira apareceu na estância com seus homens para recrutar outros para a guerra. O major disse a seu pai que ela era muito bonita, deixando-a desconcertada, porém o pai

prontamente avisou que na casa tinham três homens e três espingardas para protegê-la. Quando um dos filhos se lamentava por não os ter acompanhado para a guerra, Maneco concluiu que não haveria necessidade, pois, o major estava lutando pelas terras dele e que os filhos deveriam trabalhar para manter as suas próprias terras e não morrer em lutas de interesses alheios.

As reflexões de Maneco se relacionam a dos demais soldados, como Liroca do segmento *O Sobrado*, que não compreendia participar de uma revolução contra seus amigos para defender interesses de outros. Maneco, mesmo sem saber ler nem escrever, compreendia a forma como a sociedade estava organizada para favorecer aos que já possuíam muitos bens e propriedades e que as lutas por fronteiras não interessariam aos pequenos produtores como ele.

Ana olhava para as águas, se via refletida e pensava nas palavras do major: “moça bonita”, e se deixava distrair em seus pensamentos. Mesmo distraída, Ana percebeu que não estava só e observou um corpo estendido perto da água, assustando-a. Ana pegou uma pedra para se defender e como o homem não esboçou nenhum movimento, ela correu até a casa para avisar seu pai. Maneco e os filhos buscaram as espingardas e foram até o rio encontrar o homem. D. Henriqueta ficou refletindo que ali não tinham sossego, sempre estavam de sobreaviso com medo de serem atacados ou sofrer alguma violência, diferente de suas vidas em Sorocaba. D. Henriqueta recorda que tirando o fato de terem se mudado para o Continente depois do casamento, no restante ela compreendia o marido que trabalhava durante todo o dia e dizia que a noite era para dormir, não permitindo música e nenhuma alegria na casa, mas ela sentia por Ana que era moça e que não arrumaria um marido isolada naquela estância.

Maneco e os filhos voltaram carregando o homem ferido e pediram água para socorrê-lo, depois de o deitarem em uma das camas. Os traços do homem que misturavam características indígenas com a dos homens brancos chamavam a atenção de Ana que observava seu torso nu movendo-se ao compasso de sua respiração. Antônio esquentou uma faca e retirou o pedaço de chumbo do ombro do desconhecido. Os homens da casa conversaram e decidiram que assim que ele acordasse lhe dariam comida e pediriam para que

ele fosse embora. Ana viu o punhal em sua roupa e avisou os irmãos que rapidamente o recolheram. Ana ficou encarregada de vigiá-lo, enquanto ele não acordava, segurando uma espingarda, enquanto os homens da família voltaram para a lavoura. Caso ele acordasse, deveria chamar os irmãos e se ele tentasse se aproximar, ela deveria atirar nele para se proteger.

O homem despertou somente mais tarde quando todos estavam reunidos na casa após a refeição. Ao acordar a primeira palavra que disse foi “amigo”, para evitar qualquer ataque, pois os homens se mantinham à distância a observá-lo. Maneco quis saber o nome dele e descobriu ser Pedro Missioneiro. Mesmo desconfiado, Maneco ouviu suas histórias e Pedro leu o documento que trouxera comprovando que participou das batalhas contra os castelhanos, assinado por Pinto Bandeira. Ana afirmou não se lembrar o que fez o pai deixá-lo ficar na fazenda, mesmo após a sua recuperação, mas se lembrava que assim que estava melhor, Pedro já ia ajudá-los na lavoura e acordava antes de todos para tirar o leite das vacas e, assim, foi tornando-se útil a cada dia.

Ana recordou que no começo tinha desejado fazer mal a Pedro, pois não compreendia aquele sentimento. Ela chegou a colocar cinza em sua comida e sal em seu leite, mas ele nunca se pronunciou a respeito. Sempre que ela ia até o rio lavar roupas, pensava nele e sentia que ele a observava da casinha que construiu perto do rio. Em uma noite, Pedro apareceu na casa e pediu a permissão de Maneco para tocar flauta. Ana ficou encantada com a música e eles se olharam nos olhos pela primeira vez. Todos ficaram envolvidos pelas músicas. D. Henriqueta não se lembrava de já ter ouvido música naquela casa. Quando parou de tocar, Maneco entregou-lhe o punhal que ainda estava guardado com ele. Pedro retornou para sua casinha.

Antônio retornou do Rio Pardo contando as novidades da cidade, pois assistiu as festividades do Ano Novo de 78, as danças e festas nas ruas, as casas com assoalho e como tudo isto o encantou, principalmente uma moça que conheceu, Eulália. Maneco já o alertou que não gostaria que seus filhos se casassem com moças da cidade, pois: “Pra essas éguas da cidade não há cabresto nem palanque” (VERISSIMO, 2013, p. 102). Os filhos e a esposa tentaram convencer Maneco de que a vida na cidade poderia ser mais segura

e ter mais facilidades, mas ele se negava a aceitar e afirmava que não precisaria de nenhum luxo para viver. Maneco lembrou quando foi a Porto Alegre e observou que havia muita desigualdade entre as pessoas e que isto era agravado porque sempre os governantes entregavam mais terras aos que já tinham terras e dinheiro, pois posteriormente poderiam ajudá-los. Desta forma, a desigualdade econômica se evidenciava.

A consciência de Maneco sobre as desigualdades econômicas e como elas se intensificavam com os interesses dos governantes contrasta com o preconceito que ele demonstra pelas moças da cidade, talvez sua preocupação fosse a de não perder a mão de obra dos filhos que o auxiliavam na fazenda. O sonho de viver do que plantavam na fazenda se sobrepunha ao possível conforto e segurança de morar na cidade.

Após o almoço todos os homens foram descansar enquanto Ana e a mãe ficaram lavando a louça. Ao longe ouviam Pedro tocar sua flauta e Ana começou a sentir que seu desejo por ele se intensificava, mas ela tentou negar para si mesma e considerou que aquele sentimento surgiu por ser o único homem naquela estância além de seu pai e irmãos. Dias depois, em uma noite de lua cheia, Ana o observou e concluiu que não o odiava mais e que naquele momento sentia pena pela solidão de Pedro. Na mesma noite, avistaram um fogo ao longe que desaparecia constantemente e Pedro lhes contou que seria o boitatá. Maneco não acreditava, mas Pedro afirmava já ter visto alguns e lhes contou também a lenda da teiniaguá. Todos os familiares acompanharam interessados a história, menos Maneco que ao se deitar disse para a esposa não acreditar naquelas histórias, pois o índio era um mentiroso. As lendas enriquecem a narrativa ao apresentar aspectos culturais regionais e representam o repertório de cultura popular que os estudos e o convívio com os padres trouxeram para Pedro.

Durante o verão, Ana ficava ainda mais irritada e com o calor acabava passando noites em claro tomando água para aliviar a garganta, sem sucesso. Quando percebia, o dia amanhecia e deveria recomeçar o trabalho diário. A mãe pensava que ela deveria se casar e esta informação é apresentada em discurso indireto livre pelo narrador onisciente: “O que essa menina precisava mesmo é casar duma vez...” (VERISSIMO, 2013, p.109). Em uma tarde quente

de verão, Ana foi se deitar após lavar as louças e tomada pelo calor, escutou o vento. Decidiu ir se refrescar no rio e lá encontrou Pedro que, sem nada dizer, aproximou-se dela no rio e ficaram juntos. Os dias que se seguiram foram de vergonha e uma mistura de sentimentos de Ana. O narrador onisciente nos apresenta a dúvida de Ana: “No fim de contas, que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo? Ódio? Pena?” (VERISSIMO, 2013, p. 111). Ana se preocupava se seu pai descobrisse o que aconteceu e tentasse matar Pedro em nome de sua honra. Apesar destas preocupações, continuaram se encontrando todas as tardes de verão durante a sesta. A lista de sentimentos apresentada pelo narrador contrasta os diferentes momentos em que Ana tentou raciocinar sobre o que sentia ou mesmo mascarar a sua ligação com Pedro, mas que a paixão e o desejo se sobrepuaram ao ódio inicial.

Com a chegada do outono, enquanto Ana lavava roupas sentiu tontura e náusea e imediatamente pensou que estava grávida. Tomada pelo desespero, Ana pensou em procurar na vila alguma mulher que conhecesse ervas que provocassem aborto, mas não teve coragem de dar sequência a este pensamento. Quando sua menstruação não veio, ela teve certeza da gravidez e foi contar a Pedro. Depois de chorar, Ana propôs que os dois fugissem, mas Pedro disse que já era tarde demais, pois ele teve uma visão de sua morte. Ana propôs que ao menos ele fugisse, mas ele afirmou não ser mais possível e entregou o punhal a Ana. Novamente a visão de Pedro antecipa os acontecimentos que se sucederiam.

Ana retornou pensativa para sua casa e percebeu a aproximação de um vulto que a aguardava: era sua mãe. Henriqueta perguntou o que fariam naquele momento e Ana afirmou querer ter o filho. Diante do desespero de D. Henriqueta, Ana sugeriu: “- Mãe, e se eu tomasse um remédio para botar o filho fora?” (VERISSIMO, 2013, p.113). A mãe imediatamente afastou esta opção e propôs que contassem ao Maneco. Ana se preocupou que o pai a mataria ou mesmo os irmãos, mas Henriqueta não acreditava que o marido fizesse algo assim e que os filhos só seguiam as ordens do pai. D. Henriqueta propôs que a filha tivesse coragem e fosse contando ao pai aos poucos o que aconteceu, mas, neste momento, Maneco saiu da casa e afirmou já ter ouvido tudo o que elas conversaram. Ana se ajoelhou no chão e acabou se deitando sem forças.

Os dois irmãos saíram em silêncio, prepararam os cavalos e partiram em direção à sanga. Ana queria gritar, mas não teve forças, só ouviu o pai lhes orientar: “- Bem longe daqui...” (VERISSIMO, 2013, p. 114) e se lembrou da premonição de Pedro. D. Henriqueta entrou na casa e, em quase trinta anos, viu o marido chorando pela primeira vez.

Os irmãos voltaram quando o dia começava a clarear e jogaram uma pá no canto. Ana compreendeu tudo e quis atacá-los, mas não teve ânimo para se mexer: “Estava exausta, com um frio de morte no corpo, um vazio na cabeça. Tudo aquilo lhe parecia um pesadelo, que a lamparina e o frio da madrugada tornavam ainda mais medonho” (VERISSIMO, 2013, p. 115). O sofrimento de Ana e sua solidão no chão frio, desamparada naquele momento tão crítico, contrastam com o silêncio de todos os demais familiares que compartilhavam um chimarrão que D. Henriqueta havia preparado para eles. Desesperada imaginando que Pedro estava enterrado embaixo de uma árvore ao longe, como um cachorro doente, e que seus irmãos eram assassinos e nunca mais Ana poderia olhar para eles da mesma forma, ela pensou em se matar com o punhal. A ideia de ter o ventre transpassado pela lâmina a assustou e a fez pensar em seu filho. Este pensamento lhe trouxe uma nova alegria e seus desejos se modificaram, mas o medo de que seu filho crescesse ali e se tornasse igual a seu pai e seus irmãos e permanecesse em silêncio a assustou. Ainda mais porque seu filho não teria pai e poderia voltar-se contra ela. Ana se viu novamente tomada pelo frio e pelo desespero.

Assim que os homens foram para a lavoura, D. Henriqueta se aproximou da filha e acariciou desajeitadamente seus cabelos. A descrição do gesto confirma que o carinho não era um hábito naquela família, mas a mãe tentou passar-lhe algum conforto ao dizer que talvez os filhos só tenham mandado Pedro ir embora. Ana não acreditava nesta possibilidade e pensava em ir embora para o Rio Pardo, porém D. Henriqueta pediu que a filha tivesse coragem e que deveria seguir sua vida ali, pois “Teu pai diz que pra ele tu está morta. Mas eu sou ainda sua mãe. Teu lugar é aqui.” (VERISSIMO, 2013, p. 116). O apoio da mãe que, apesar de silenciada constantemente, se manifestou favorável à filha, demonstrando sororidade, força, coragem e determinação para continuarem seus caminhos. As palavras da mãe incentivaram Ana a

continuar com os trabalhos de casa, elas se levantaram e ambas seguiram com suas obrigações cotidianas.

Apesar de renegada pelo pai e pelos irmãos, Ana contou com o apoio da mãe e seguiu firme naquela terra, sem abandonar seus afazeres. Como já citado anteriormente, esta cena se relaciona à gestação que Anne-Marie, personagem do segundo volume da tetralogia de Márcio Souza, também decidiu manter após o assassinato de Pedro, seu marido. Enquanto Pedro Missioneiro foi assassinado em nome da honra de Ana Terra, Pedro Barata teve a morte causada por opositores políticos. Por motivos diferentes, as duas mulheres sofreram com o assassinato do pai do filho que esperavam, mas resistiram com a ajuda de outras mulheres e continuaram suas vidas e suas lutas diárias. Ainda assim, Pedro Missioneiro soube que seria pai antes de ser assassinado, mas Pedro Barata não teve sequer esta esperança de imaginar a sequência de sua geração com o surgimento de uma nova vida.

Os homens permaneceram em silêncio e sem olhar para Ana Terra durante os meses que se seguiram. Ana continuava firme em seus trabalhos e, quando estava triste, se animava com a movimentação do bebê que lhe enchia de esperança. Assim que Ana começou a sentir as dores do parto, os homens da casa pegaram o cavalo e saíram. Retornaram no outro dia e D. Henriqueta, que fez o parto e cortou o cordão umbilical com sua velha tesoura de podar, contou ao marido que nasceu um menino, mas nenhum deles quis sequer ver a criança. Horácio perguntou murmurando para a mãe se Ana estava bem e ouviu D. Henriqueta contar orgulhosa que a filha estava bem e amamentando o recém-nascido. Três dias depois do parto e Ana já estava carregando os cestos de roupas para lavar no rio, mas agora com a companhia de seu filho. No rio, Ana se lembrava de Pedro e cantava músicas de sua infância para o bebê, o que tornavam estes momentos de lavar roupas mais alegres.

D. Henriqueta sugeriu que Maneco levasse o menino até o Rio Pardo para ser batizado, mas Maneco disse que não arrastaria seu nome no barro, pois todos perguntariam do pai do menino. Ana ouviu tudo de forma serena e decidiu aguardar que um padre passasse pela estância e realizasse o batizado, mas ela estava conformada caso isto não acontecesse. Os irmãos já tinham voltado a falar com Ana, mas o pai ainda não. D. Henriqueta tinha esperança

de que isto mudasse com o crescimento do neto. Sempre que algum viajante passava pela estância e perguntava sobre o pai da criança, a avó prontamente respondia que sua filha era viúva e que o marido havia morrido de doença há alguns meses. D. Henriqueta não apenas apoiava a filha, mas a protegia dos julgamentos externos, além de proteger os outros filhos, com a versão da morte por doença.

Maneco foi ao Rio Pardo e regressou com três escravos negros para ajudá-los na estância. Contrariado porque o pai só permitiu que Antônio marcasse o casamento para depois de um ano, ele alfinetou a irmã: “- Vê agora se vai dormir também com um desses negros!” (VERISSIMO, 2013, p. 119). Ana prontamente respondeu, depois de muito tempo remoendo aquela palavra: “- Assassino!” (VERISSIMO, 2013, p. 119). Antônio partiu para bater na irmã, mas a mãe o impediu. Ana gritou que os irmãos eram covardes e que o atacaram em vantagem e deveriam estar na cadeia, mas foram interrompidos pelo choro de Pedrinho e Ana saiu para amamentá-lo. Depois de meses silenciada, Ana conseguiu expor seu pensamento em relação ao irmão, mas a obrigação em cuidar de seu filho se sobrepôs à discussão com Antônio.

No ano de 81, Horácio se casou com uma moça e foram viver em Rio Pardo, trazendo desgosto ao Maneco. No entanto, Antônio se casou no mesmo ano com Eulália e a levou para viverem em uma casa que construíram na estância. Em 86, quando Pedrinho completou oito anos, nasceu Rosa, filha de Antônio e Eulália e D. Henriqueta usou a mesma tesoura do parto de Pedrinho para cortar o cordão umbilical dela. Tempos depois, Ana se recorda que a mãe sentiu uma forte dor na barriga, se deitou e quando Antônio foi subir no cavalo para buscar ajuda, soube que a D. Henriqueta já estava morta. Ana não ficou triste, pois pensava que assim a mãe poderia descansar e deixaria de ser escrava. Ela e a cunhada prepararam a mortalha de D. Henriqueta e a velaram em casa sobre a mesa. Ela se lembrava do rosto tranquilo da mãe e pensava: “Podia haver outra vida depois da morte, mas também podia não haver. Se houvesse, estava certa que d. Henriqueta iria para o céu; se não houvesse, tudo ali ainda estava bem, porque sua mãe ia descansar para sempre” (VERISSIMO, 2013, p. 122). Ana demonstrou uma alegria por ver a morte como uma libertação para a sua mãe que viveu como uma criada, sempre servindo o

marido e os filhos. Ela não sentia pena de seu pai, pois imaginava que a perda de sua mãe o faria sentir falta de ter a quem dar ordens e o servir, talvez, assim, valorizasse D. Henriqueta.

Em uma noite, Pedrinho acordou Ana para perguntar sobre um barulho que escutou e os dois observaram ser o som da roca de fiar de D. Henriqueta. Ana tentou acalmar Pedrinho dizendo que a avó morreu e ele deveria dormir, pois poderia ser apenas o som do vento. No entanto, em outras madrugadas, Ana escutou o mesmo som e teve certeza que era da roca: “Por fim convenceu-se de que era mesmo a mãe que vinha fiar na calada da noite. Nem mesmo na morte a infeliz se livrara de sua sina de trabalhar, trabalhar, trabalhar...” (VERISSIMO, 2013, p. 123). A alegria de Ana durante o enterro de sua mãe, por acreditar que a morte a libertaria, se dissipou ao concluir que, mesmo morta, a sua sina de trabalho permaneceu, confirmando que aquela mulher não tivera o merecido descanso nem após sua morte ou que sua rotina de trabalho estava tão enraizada em seu ser, devido às cobranças e imposições sociais, que ela permaneceu trabalhando.

No ano de 89, Maneco realizou o grande sonho de sua vida ao comprar trigo para plantar. Toda a família ajudou na lavoura, inclusive Pedrinho que já estava com quase doze anos. Começaram a semear quando as primeiras chuvas de inverno pararam, deveria ser começo de julho. Algumas semanas depois, Pedro entrou em casa com a notícia de que as plantinhas tinham brotado e todos saíram para ver. Pedro cuidava todos os dias delas. Um dia, ao retornar da sanga, Ana viu Maneco e Pedro conversando sobre o trigo, como bons amigos. Ela entrou em casa sem dizer nada. Assim que as espigas apareceram, sempre que dava alguma geada, cada um pegava uma ponta da corda e passava por elas para retirar o gelo. Meses depois, Maneco concluiu que o trigo estava maduro para ser colhido e todos foram ajudar. Maneco assobiava enquanto realizava o trabalho e isto chamou a atenção de Ana. D. Henriqueta não teve a alegria de ver o marido e o neto juntos, conversando, mas seu desejo se realizou anos mais tarde, mudando inclusive as atitudes de Maneco que passou a assobiar enquanto trabalhavam.

Um tropeiro trouxe a notícia de que bandoleiros estavam saqueando as estâncias vizinhas e que deveriam estar precavidos. Todos se posicionaram e

por dias se revezavam a observar qualquer aproximação. Como nada diferente aconteceu, acabaram retomando a rotina. Ana observou como o filho estava parecendo fisicamente com o pai. Um dia ele viu o punhal e o pediu para a mãe que autorizou que ficasse com ele. Ele fazia vários desenhos nas árvores e a Ana recordava das habilidades do pai de Pedrinho.

Dias depois, um dos homens avistou que os castelhanos se aproximavam e mandou que as mulheres se escondessem. Eulália ficou desesperada e Ana a conduziu para o mato. No meio do caminho pediu para Pedro levar a tia e a prima até o esconderijo e só sair quando a ouvisse chamar. Ana decidiu retornar à casa porque sabia que os castelhanos encontrariam roupas femininas e as procurariam no mato, mas se ela estivesse na casa, poderiam acreditar que era a única mulher e a cunhada e as crianças se salvariam. Os homens ficaram preocupados, mas aceitaram que ela ficasse com eles. Os castelhanos chegaram até a casa atirando e destruindo tudo. Ana permaneceu em oração. A casa foi invadida, os homens assassinados e os castelhanos lhe perguntavam onde o dinheiro estava escondido. Ana não conseguiu nem responder e foi estuprada por todos os castelhanos, chegando a perder os sentidos de tanta dor.

A violência sofrida pela família era o que D.Henriqueta tanto temia por viverem isolados naquela estância. A coragem de Ana em resistir à invasão e sobreviver às violências e ao estupro coletivo demonstram sua garra e sua decisão forte de enfrentar, lutar e defender as crianças e sua cunhada, mesmo colocando a própria vida em risco.

Ana voltou a si no outro dia com a claridade do sol em seus olhos e, ainda com muitas dores, viu seu pai, o irmão e os escravos caídos no chão cobertos de sangue. Ana sentia uma vontade de tomar banho e ao mesmo tempo de morrer. Não sabia o que fazer, mas se lembrou de Pedrinho e foi chorando ao encontro dele. Desesperada e sem forças tentou caminhar o mais rápido que pode, apesar de temer o que poderia encontrar. Depois de muito gritar, avistou seu filho escondido na mata. Depois viu a cunhada e a sobrinha e ficaram a se olhar em silêncio, apesar de Ana desejar contar-lhe tudo o que passara. Voltaram para casa e enterraram os mortos. Somente à noite, Eulália conseguiu chorar. Ana ficou lembrando que o pai enterrou as economias antes

dos castelhanos chegarem e conseguiu recuperá-las. Não tinham nada para comer, eles tinham levado tudo da casa. Teriam que ir para algum lugar. Ana pensou em procurar Horácio no Rio Pardo, mas temeu que o irmão sentisse vergonha dela. Teria que pensar em outra opção. O filho dormiu em seu colo e ela passou a noite pensando em qual rumo tomariam.

De manhã, Ana ouviu o mugido da Mimosa e correu para tirar leite para as crianças. Mimosa tinha conseguido fugir dos castelhanos e, por isto, Ana a considerava valente. Depois fizeram cruzeiros para as sepulturas e Ana recolheu o que sobrou na estância: a roca, a tesoura de sua mãe, o crucifixo, algumas roupas e pratos e montou uma trouxa. Conversou com a cunhada que teriam que procurar outro lugar para viver e, apesar das preocupações de Eulália, Ana sentia que nada poderia ser pior do que tudo que ela já vivera. No dia seguinte passaram duas carretas com famílias pela estância, e Ana lhes contou o que aconteceu. O condutor informou que iriam subir a serra, pois o estancieiro Ricardo Amaral queria construir um povoado e elas pensaram em acompanhá-los. O homem se preocupou por ser uma viagem difícil que duraria ao menos dois meses, mas elas aceitaram o desafio e se propuseram a pagar pelo transporte. Por não achar justo deixá-las abandonadas no descampado, ele aceitou levá-las. Mimosa também os acompanhou.

A viagem era difícil e em muitos momentos as mulheres e crianças tinham que descer para ajudar a empurrar o transporte, principalmente na serra. Uma das crianças morreu durante o trajeto e, por mais que Ana tivesse tentado salvá-la, a enterraram no meio do caminho. Mimosa também não resistiu, estava a cada dia mais magra e fraca, depois não mais a viram seguindo o grupo. Eulália chorava todas as noites e Ana pensava em fazer-lhe carinhos, mas não tinha coragem. Mesmo em meio a tantas dificuldades, Ana queria viver, ver seu filho crescer e tinha esperança de uma nova vida. Quando precisaram cruzar o rio Jacuí, Ana se juntou aos homens para cortar árvores e construir uma balsa. Eulália ficou com as outras mulheres cuidando da comida. Dias depois conseguiram cruzar o rio e souberam que já estavam em terras do Amaral. Mais três dias e chegaram ao alto de uma coxilha verde onde havia cinco ranchos de taipa. Enfim, tinham chegado, anunciou o Marciano Bezerra.

A senhora mais velha considerou o lugar uma tapera para tantos meses de viagem e trabalho. Ana apenas pensou o mesmo.

Ana ouvia muitas histórias sobre o coronel Amaral, inclusive que foi ele quem matou o Sepé Tiaraju e ouviu que quando perguntado, Amaral não negava nem confirmava, mantendo acesa a lenda sobre seus feitos e conquistas de terras. Havia muita história sobre seu passado, mas o que se sabia era que ele era um grande e respeitável estancieiro que tinha boas relações com o governo, que sempre que precisava de homens para guerras, o procurava. Diziam que tinha guerreado contra os castelhanos e, mesmo baleado, continuou lutando. Por ter participado de muitas batalhas foi recebendo cada vez mais terras e condecorações por seus serviços. Como havia um limite máximo para as terras de três léguas de sesmarias, Amaral recebeu as demais em nome de sua esposa, filhos e netos que ainda nem tinham nascido. Mais uma vez há uma crítica à forma como muitos estancieiros burlavam as regras para conseguir propriedades imensas e vantagens do governo, produzindo enormes fortunas que serviriam para gerações que sequer tinham sido geradas.

Ricardo Amaral destacava o trabalho com a criação, por considerar ser um trabalho digno para homens. Afirmava não gostar de comércio, pois um homem deveria lidar com a enxada, a lança, a espada, a espingarda e a pistola. Todos sabiam que ele afirmava certas regras, mas que não as cumpria, sendo considerado um mulherengo e de ter filhos fora do casamento. Ricardo estava em casa contando como foi sua reunião com o governador e que este lhe pediu para marcar os gados, como todos os demais estancieiros estavam fazendo. Amaral se antecipou e pediu mais terras para que pudesse proteger as fronteiras do Continente. O governador prometeu que iria analisar seu pedido e Amaral contava para impressionar sua esposa, filho, nora e capataz.

Ana se lembra de que quando viu Amaral pela primeira vez, ela já tinha ouvido muitas histórias a seu respeito, e o viu montado em um alazão, com a cabeça erguida e um ar de monarca. As pessoas ao redor permaneceram com os olhares baixos e os chapéus nas mãos, em sinal de respeito. Amaral não era apenas o comandante militar, mas fazia também a função de juiz de paz e de conselheiro. Quando Bezerra apresentou Ana para Amaral, ele a considerou

uma moça linda, fazendo-a lembrar-se da fala de Rafael Pinto Bandeira. Em seguida ele afirmou que iriam mesmo precisar de pessoas naquelas terras. Ao ser questionada sobre o pai do menino, Ana disse que morreu em uma das guerras. Pedro comentou com a mãe como considerou Amaral um senhor bonito. A mãe acrescentou que ele sabia ler e escrever e sonhou em, um dia, enviar seu filho à escola. Talvez quando Santa Fé se tornasse um povoado, ali poderiam ter aulas.

Com a ajuda dos vizinhos, construíram um rancho com paredes de taipa e teto de capim. Ana, Eulália e as crianças dormiam no chão, sobre uma esteira feita de palha. De móvel só tinham a roca e Ana dormia sempre ao lado da tesoura que pertenceu à sua mãe. Um dia soube que uma mulher estava em trabalho de parto e a ajudou, usando em seguida a tesoura para cortar o cordão. Com o tempo, muitas mulheres a chamavam para os partos e Ana ganhou fama com sua tesoura. Ana lembrava orgulhosa das crianças que ajudou a nascer. Depois de muitos anos as memórias estavam embaralhadas, mas ela se lembrava dos muitos invernos difíceis que enfrentaram e como ela achava que o tempo custava a passar nesta época do ano: “O vento minuano às vezes parecia prender a noite e afugentar o dia que tentava nascer. Tudo era mais comprido, mais triste e mais custoso no inverno” (VERISSIMO, 2013, p. 143). Ana dá continuidade ao trabalho de parteira, assim como sua mãe fazia, mas o amplia auxiliando as demais mulheres da vila. Esta matriarca vai contribuindo com a chegada de novas crianças que construiriam aquela região. Diferentemente dos romances da tetralogia de Márcio Souza em que há poucos nascimentos, em Verissimo há a renovação constante da vida e da esperança. As diferentes propostas de projeto de cada autor justificam estas escolhas, confirmando a renovação e a construção daquela sociedade em Verissimo e a estagnação e o desmantelamento da sociedade em Souza.

Ana se espantou ao notar que Pedro estava mais alto que ela e já tinha barba, era um homem feito. O que mais a espantava era que, apesar de ser fisicamente igual ao pai, possuía o gênio do avô. Ana achava graça em saber que duas características tão diferentes estavam agora em um mesmo corpo. Quando viu um índio coroadado aproximar-se da cama onde Pedro dormia para atacá-lo, Ana pegou a espingarda e o matou. Isto a deixava muito triste, pois

se orgulhava em ter trazido à vida tantas crianças e não gostaria de ter matado ninguém. A miscigenação se apresenta desde a origem de Pedro Missioneiro, filho de índia e branco, e se repete com Pedrinho que herdou as características físicas do pai.

Ana via os dias se repetirem, às vezes era chamada para realizar partos, às vezes ia a enterros, pois o ciclo da vida permanecia igual naquele lugar. E, assim, Ana se observava no espelho que ganhou de Pedro, notava os fios brancos surgindo em sua cabeça e percebia os olhos tristes de sua mãe. Lembrou-se que seu pai dizia: “Espelho é coisa do diabo” (VERISSIMO, 2013, p. 144). Ana acabou concordando com seu pai. A repetição dos dias se estendia à repetição da vida da mãe, mantendo o ciclo e a fazendo enxergar em seus olhos a mesma tristeza que via nos da mãe. A sina das mulheres da família se repetia e a continuidade dava sequência à manutenção daquela sociedade.

Dias depois de Pedro Terra anunciar seu noivado com Arminda Melo, chegaram os boatos de guerra, trazendo grande preocupação a Ana. Amaral pediu que Marciano comesse a recrutar os homens e Ana se negou a entregar seu filho ao recrutamento, apesar de ouvir de Marciano que eram regras do governo e, portanto, obrigatório a todos. Enquanto as demais mulheres estavam em suas casas com olhos vermelhos, Ana pediu um cavalo emprestado e foi conversar com Amaral. Ana foi pedir que seu filho não fosse recrutado, mas Amaral não cedeu. Apesar de aborrecida e contrariada por ter que aceitar a ida de seu filho, Ana se despediu dele e notou que estava ventando. Ana se diferenciava das demais mulheres que sofriam caladas em suas casas, pois tomou a palavra para lutar pelo que acreditava ser injusto enfrentando Amaral. Apesar de não ter alcançado seu objetivo, Ana quebrou o silêncio imposto às mulheres e tentou argumentar para livrar seu filho do recrutamento.

Ana novamente se pôs a esperar. Esperava que os dias passassem para que seu filho regressasse da guerra. Sem notícias, as mulheres continuavam com os trabalhos diários. Eulália apareceu para lhe contar que iria morar com um viúvo que não foi à guerra por ter dois dedos decepados, sendo considerado inválido. A cunhada justificou que quando um padre passasse por Santa Fé,

iriam se casar, mas Ana a confortou que o mais importante era ter um companheiro para cuidar de Rosinha. Com a saída de Eulália, Ana se viu sozinha em casa. Para passar as horas, ficava fiando na roca e se viu muitas vezes falando sozinha, chegando a se considerar caduca. No entanto, como muitos homens foram para a guerra deixando suas mulheres grávidas, Ana continuou a ser chamada para ajudar nos partos. Quando olhava para a criança só conseguia pensar se o pai ainda estaria vivo na guerra. Novamente surge o apoio entre as mulheres quando Ana consola a cunhada viúva e a incentiva a retomar sua vida e a viver um relacionamento amoroso sem a bênção religiosa, preocupando-se mais com o futuro e a criação de sua sobrinha do que com a moral ou imposições sociais. Além disso, Ana se preocupava com as crianças que nasciam enquanto os pais estavam na guerra, pois muitas não chegariam a conhecê-los, mas o ciclo da vida se manteria com outras mães que, assim como ela, criariam sozinhas seus filhos ou como Eulália e formariam uma nova família.

Em uma noite, um mensageiro trouxe a notícia de que os combatentes haviam conquistado os campos até o rio Uruguai. Ana Terra não entedia porque tanta guerra se somente os estancieiros aumentavam as suas estâncias, as mulheres continuavam esperando e os soldados morriam ou ficavam aleijados. No começo do verão um mensageiro trouxe a notícia da morte do coronel Ricardo e que em três meses os soldados sobreviventes regressariam a Santa Fé. A guerra durou aproximadamente um ano e souberam que entre vinte e vinte e cinco homens sobreviveram. Ana acreditava que seu filho estaria vivo. Chico Amaral retornou com ar de derrota, apesar de ter vencido a guerra, e junto a outros homens feridos e mutilados reencontraram suas famílias. Ana chorou ao ver seu filho regressar. Pedro estava magro e abatido com a barba crescida que o deixava parecendo Maneco Terra. Todos os homens contavam as proezas dos combates, mas Pedro Terra permanecia calado. Meses depois chegaram boatos de que os castelhanos preparavam um novo ataque. No entanto notícias da Europa afirmavam que Portugal e Espanha estavam em paz e que no Continente tudo continuaria como estava. Os sofrimentos da guerra deixaram o jovem Pedro mais parecido com o avô tanto fisicamente quanto pela personalidade por estar mais calado.

Em 1803, um padre passou pelo agrupamento, realizou casamentos e batizados, inclusive o de Pedro Terra e Arminda. O padre das Missões convenceu Chico Amaral a mandar erguer uma capela em Santa Fé. Chico Amaral comentava sobre a reunião com o governador que se queixou do abandono enfrentado pelo Continente, pois nada podia fazer sem consultar o Rio. O governador reclamou que tudo ali ficava muito demorado e difícil. Chico Amaral retornou com a notícia de que o governador aprovou a edificação de um novo povoado. Amaral mandou construir sua casa em frente à igreja e outras casas ao lado para alugar. A população de Santa Fé ia aumentando. Em 1804 nasceu Juvenal, filho de Pedro e Arminda. Ana auxiliou no parto e usou sua tesoura para cortar o cordão umbilical do neto. Ana ficava em casa fiando e cuidando de Juvenal, enquanto Pedro buscava madeira no mato para construir uma nova casa e Arminda ia lavar roupas no arroio. A criança tornava os dias de Ana mais alegres e enquanto fiava, ela cantava cantigas para o menino.

O número de casas aumentava e, no inverno de 1806, Ana ajudou a fazer o parto de sua segunda neta, Bibiana. Ao perceber que era uma menina, Ana refletiu com tristeza que seria mais uma escrava. Este pensamento se justificava por Ana acreditar que assim como as demais mulheres da família, ela enfrentaria as dificuldades dos trabalhos domésticos, as imposições feitas pelos homens e a angústia de esperá-los retornarem das guerras, repetindo a vida que a avó já conhecia. Quando Bibiana tinha 3 anos chegaram notícias de que a rainha e o príncipe regente tinham fugido de Portugal para o Rio. Muitas pessoas acreditavam que esta mudança traria melhorias para todos.

Chico Amaral se queixava que não houve mudanças ao elevarem o Rio Grande a capitania, pois eles continuavam dependendo das ordens do Rio. Pedro procurou Chico Amaral para arrendar alguns alqueires de terra e conseguiu, contando com o trabalho de sua mãe e esposa para preparar a terra para plantar trigo. Depois de seis meses colheram o trigo e Pedro conseguiu um bom dinheiro para continuar a colheita, terminar sua casa e criar galinhas e porcos. Nesta época chegaram mais rumores de uma nova guerra. Ana considerava que a guerra ocorria sempre por falta de serviço dos governantes: “Se esse homem tivesse de trabalhar como a gente, de sol a sol, não ia se

lembrar de invadir terra alheia” (VERISSIMO, 2013, p. 154). As mulheres se reuniram na igreja para rezar e pedir que não houvesse outra guerra, mas Chico Amaral apareceu para um novo recrutamento. Outra vez os homens partiram para a guerra e as mulheres se puseram a esperar por seu retorno. A reflexão de Ana sobre as decisões dos governantes estarem relacionadas à falta de trabalho, apresenta a denúncia do trabalho e esforço constantes da população mais humilde para manter suas terras em oposição à tranquilidade das decisões tomadas longe do sol, do trabalho pesado e da realidade dos soldados nas guerras.

Muitas famílias chegaram à região, como os imigrantes alemães e outros vindos da Pomerânia, da Baixa Saxônia, da Vestfália, da Renânia, do Palatinado, e de Hesse. O local se enchia de sons de machados, serrotes, martelos e vozes estrangeiras. Os imigrantes afirmavam não terem recebido tudo o que o governo lhes prometeu, mas que a terra produzia comida em abundância. Com o trabalho dos imigrantes, a colônia então tomava jeito de vila. Veio então a guerra com os castelhanos e muitos alemães se voluntariaram para o combate. Foi nesta guerra que Rodrigo Cambará recebeu uma medalha por suas incursões e foi promovido a capitão.

Dentre as muitas famílias que chegaram é apresentada a de João Caré que chegou ao Rio Pardo com sua família - depois de ter sido expulso da terra onde construiu irregularmente sua casa - sem ter onde morar nem do que viver. Caré vendeu sua filha de quinze anos a um comerciante por dois patações e uma manta de charque. Devido à pobreza e à situação econômica do Rio Pardo após a última guerra, a garota se tornou prostituta, carregando no ventre um filho que não teria pai e, tempos depois, já esperava o segundo filho, aumentando a linhagem dos Caré. A pobreza que levou à venda da filha de João Caré, entregue à prostituição, se assemelha à realidade também denunciada por Márcio Souza no terceiro volume das *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro*, em que muitas jovens são vendidas ou exploradas por seus pais. De forma diferente, em Verissimo essa jovem tem filhos e vai dar sequência ao povoamento da região, em Souza há somente o destaque à violência e à exploração que servia apenas para que as famílias não morressem de fome, aprofundando a realidade dramática enfrentada por essas meninas.

No quinto segmento, *O Sobrado III*, a narrativa é retomada com a data de 25 de junho de 1895, quando Licurgo subiu à água-furtada para espiar a praça, mas não observou nenhum movimento, o que gerou um certo estranhamento, no entanto, ele supôs que se tivesse acontecido algo novo, alguém viria avisá-lo. Licurgo desceu para a casa com a sensação de que muita coisa mudou ali, a começar pelo número de pessoas, pois sua filha Aurora tinha nascido morta. Na cozinha Licurgo observava o corpo de sua filha dentro de uma caixa de marmelada e desejava que ela tivesse ao menos um caixão, pois assim estava parecendo “filha de pobre” (VERISSIMO, 2013, p. 162). Maria Valéria comenta que teriam que enterrar a criança e sugeriu o porão, enquanto estavam sitiados, para posteriormente levarem o corpo ao cemitério. A origem humilde de Ana Terra que trabalhava na lavoura e tinha uma vida simples se opõe a do neto de Bibiana que já tinha bens e o sobrado e não gostaria que sua filha fosse enterrada como pobre, demonstrando que aquela família tinha conquistado uma posição social diferente em que, durante a revolução, eram os que tomavam as decisões políticas.

Maria Valéria insistiu que Licurgo pedisse uma trégua para que um médico pudesse atender Alice que estava com febre alta e Tinoco que deveria ter a perna amputada. Tantas exigências deixaram Licurgo incomodado, fazendo-o afirmar que as coisas aconteciam desta forma na guerra e que: “A vida duma pessoa não é tão importante assim. Há coisas mais sérias” (VERISSIMO, 2013, p. 163). Prontamente Maria Valéria o advertiu que o seu orgulho estava acima da vida das pessoas, fazendo-o gritar com ela que a casa era dele e ali era ele quem mandava, pois: “Como chefe político tenho deveres que uma mulher não pode compreender” (VERISSIMO, 2013, p. 163). Por não ter mais argumentos para persuadir Maria Valéria, Licurgo decidiu gritar e impor sua autoridade, mas, independente destas atitudes, Valéria insistia que por mais que ela não compreendesse os deveres políticos, ela sabia que mais pessoas iriam morrer devido à teimosia de Licurgo. Nessa conversa se observa que, mesmo após muitas gerações, a palavra e a decisão continuavam com os homens, mas as mulheres permaneciam em sua luta para evitar os abusos e desmandos dos homens que governavam, inclusive tentando reduzir os

excessos cometidos dentro da família em nome do orgulho e do posicionamento político.

Um dos homens que Licurgo mandou buscar água no poço retornou baleado. O ferimento era superficial, mas pingou sangue dentro do balde de água. Estavam novamente sem água para beber e quase sem mantimentos. Toríbio e Rodrigo se aproximaram da cozinha curiosos para conhecer a irmãzinha que acabou de nascer. Toríbio queria tirar a toalha que a cobria para ver seu rosto, mas o irmão o impediu. Depois de terem coragem para ver o rosto da irmã, os dois a cobriram e saíram para brincar de revolução: sendo um representante dos maragatos e o outro republicano, mas houve um impasse em qual seria o maragato e, assim, decidiram mudar para francês e prussiano, como estudaram nos livros. A rapidez com que os garotos se esqueceram da morte da irmã e partiram para as brincadeiras se relacionava ao contexto da revolução em que a morte era uma constante. Além disso a escolha dos personagens também é significativa, pois, como membros da elite e filhos do chefe político, não desejavam representar aos maragatos¹² nem em brincadeiras.

No meio da tarde, Licurgo desceu sozinho no porão e enterrou a criança. Em seguida, Alice acordou e perguntou sobre a filha. A princípio a irmã disse que a menina estaria dormindo, mas Alice afirmou que tinha conhecimento que ela nasceu morta, pois há dias não se mexia em seu ventre. Licurgo confessou que a menina nasceu morta e Alice insistiu em vê-la. Ele contou que ela já estava enterrada deixando Alice ainda mais triste e preocupada, chorando em sua cama. Quando Bibiana recebeu a notícia de que a menina nasceu morta, pensou e afirmou que: “Essa foi feliz...” (VERISSIMO, 2013, p. 169). Laurinda estranhou a fala, mas Bibiana justificou:

- Morreu em boa hora. Essa não tem de trabalhar, sofrer, casar, criar filhos, e ficar esperando quando os filhos vão pra guerra. Primeiro precisam da gente, mamam nos nossos peitos, mijam no nosso colo. Depois crescem, se casam e tratam a gente como um caco velho. (VERISSIMO, 2013, p. 169).

¹² Maragato era o nome dado aos sulistas que iniciaram a Revolução Federalista no Rio Grande do Sul em 1893, em protesto a política exercida pelo governo federal. Os maragatos utilizavam um lenço vermelho no pescoço, simbolizando sua oposição.

Bibiana fez um resumo de como ela via a própria vida, que seria a representação da dura vida das mulheres que nasciam para o trabalho e para o sofrimento de criar os filhos e, mais tarde, esperá-los regressar das guerras, sem saber em quais condições, ainda mais tendo conhecimento que aquelas guerras pouco acrescentariam na vida das populações mais humildes, ou mesmo das mulheres da elite, como D.Alice que perdeu a filha por um parto realizado sem auxílio durante o cerco ao sobrado, por ser casada com um político. O descaso com o tratamento das mulheres/mães com filhos crescidos e casados, também é denunciado em sua fala, pois ela estava há horas aguardando notícias de sua bisneta, chamou por todos os parentes e só recebeu informações por uma das empregadas que, no meio da tarde, foi levar uns biscoitos velhos para ela. Diante da realidade que Bibiana viveu e observava das mulheres da vila, ela considerava uma felicidade para a bisneta ter nascido morta, pois não teria que enfrentar a dura vida que, como dizia sua avó Ana Terra, nascer menina era como nascer escrava.

O sexto segmento, *Um certo capitão Rodrigo*, apresenta a chegada de Rodrigo Cambará, em outubro de 1828, à vila de Santa Fé, montado em seu cavalo, com um lenço encarnado em seu pescoço, sua viola e um olhar de gavião que irritava a alguns e fascinava a outros. Rodrigo chegou provocando os homens da vila, dizendo: “– Buenas e me espalho! Nos pequenos dou de prancha e nos grandes dou de talho!” (VERISSIMO, 2013, p. 170). Sua fala incomodou Juvenal Terra que o enfrentou e o desafiou, mas Rodrigo recuou dizendo que eram apenas palavras e que não iria mais lutar, chamando Juvenal para apertar sua mão e beber com ele. Juvenal aceitou e tomaram cachaça juntos. Contaram sobre suas ocupações e Rodrigo disse que pretendia passar a vida em Santa Fé, mas Juvenal o alertou que poderia não ser muito tempo pelo jeito atrevido de Rodrigo. Rodrigo perguntou sobre as moças da vila e Juvenal já o advertiu que as moças ali ou “tinham dono” ou eram de família e queriam se casar, devendo o capitão ter cuidado ou desistir de permanecer ali. O termo utilizado por Juvenal para descrever as moças comprometidas como sendo propriedade dos homens que seriam seus “donos”, representa a maneira como as mulheres eram tratadas naquela sociedade, o que se relaciona

diretamente a todo o sofrimento e imposições por elas vivenciados e relatados pela avó do personagem, Ana Terra, e pelas demais personagens femininas.

Juvenal pensou em deixar Rodrigo sozinho na mesa, mas sentia uma curiosidade imensa sobre aquele homem e decidiu ficar e conhecê-lo melhor. Rodrigo lhe contou sobre as guerras das quais participou e Juvenal lhe disse que seu pai, Pedro Terra também participou da mesma batalha, mas Rodrigo não se lembrava dele pelo nome. Rodrigo lhe disse que sempre que tinha guerra contra o governo ele participava, pois: “Governo é governo e sempre é divertido ser contra” (VERISSIMO, 2013, p. 176). Rodrigo envolvia a todos com suas histórias e Juvenal teve que admitir que até a voz dele era agradável de se ouvir. Juvenal afirmou nunca ter estado em uma guerra e Rodrigo afirmou que deveria ter estado, ainda mais por já ter vinte e cinco anos. Sobre a independência, Rodrigo afirmou que o Rio Grande teve que aceitar a situação, mas que ele ainda queria matar alguns portugueses. Rodrigo lhe contou que gastou em Porto Alegre tudo o que ele tinha ganhado com a criação de gado e Juvenal refletiu que havia pessoas que não se preocupavam mesmo com o amanhã, por não terem família, nem obrigações. Rodrigo ponderou que pela localização do Continente, sempre estaria participando de alguma guerra ou revolução, fosse contra Montevideú, ou Buenos Aires.

Rodrigo recitava versos e contava sobre as experiências de guerra que tivera. Juvenal sabia que tinha que voltar ao trabalho, mas acompanhava tudo atento. Rodrigo afirmou que se sentia como um peixe fora da água em tempos de paz, pois gostava mesmo era da guerra e não sabia o que faria, talvez ficasse em Santa Fé. Nicolau, dono do bar, ofereceu um quarto para hospedar Rodrigo que prontamente aceitou. À noite, Rodrigo tocava e cantava quando Pedro Terra voltava da missa e, só de ouvir a voz de Rodrigo, sentiu uma antipatia por ele. A descrição de Rodrigo contrasta com a dos homens da família Terra, por ser falador, alegre, cantar e envolver a todos com suas histórias, mas não se envolver com o trabalho cotidiano, não se preocupar com o futuro, nem permanecer em um mesmo lugar.

No dia de Finados, Pedro foi com sua esposa e filha ao cemitério visitar o túmulo de Ana Terra. Como era costume na época, só havia a inscrição do nome e a frase: “Descansa em paz”, porque não tinham o hábito de registrar

datas. As pessoas costumavam associar a passagem de tempo a marcos como um forte inverno ou antes ou depois da invasão de gafanhotos, por exemplo. Muitos homens sabiam os anos em que ocorreram as guerras e as utilizavam como marcadores temporais. Pedro se lembrava de que sua mãe lhe pediu, durante um dos enterros que acompanharam, que ela fosse enterrada ali, embaixo do cedro, e recordava que ela mesma tinha enterrado o pai e o irmão com as próprias mãos. Ana ainda fez mais uma promessa ao filho, que nunca mais voltaria depois de morta a trabalhar na roca, como sua mãe fazia: “– Mas o hábito tem muita força. O melhor mesmo é vosmecê também enterrar a roca junto comigo. Assim eu livro a Bibiana da sina de trabalhar nela” (VERISSIMO, 2013, p. 183). A preocupação de Ana para que sua neta não seguisse a mesma sina das mulheres da família de não pararem de fiar, nem depois de mortas, é intrigante e demonstra o desejo da avó de que Bibiana pudesse ter um destino diferente. Pedro refletia na vida sofrida que sua mãe teve e não desejava que sua filha também tivesse que trabalhar como uma escrava para conseguir seu sustento, mas não gostaria que ela ficasse deitada, dormindo o dia todo ou passeando, como ele considerava ser a vida de “mulheres sem serventia”. Assim como Ana Terra, Pedro desejava um destino diferente para Bibiana, mas as obrigações sociais relacionadas ao trabalho a ser desenvolvido por mulheres se mantinha.

Todos no povoado ficavam impressionados por Bibiana não aceitar as declarações do herdeiro do velho Amaral que se dizia apaixonado por ela, pois ele era o melhor partido da cidade e ela era uma moça muito bonita. As pessoas não entendiam como ela, não sendo rica, não aceitaria se casar com o pretendente mais rico da cidade. Pedro não compreendia a negativa da filha, pois considerava Bento Amaral um bom partido, mas sabia que a filha era teimosa e não insistia. Às vezes, Pedro ficava observando Bibiana e sua mãe bordando e reconhecia gestos da avó, Ana. Ele se lembrava de que as duas passavam o dia juntas e a avó ensinava muitas coisas a ela e que Bibiana repetia com frequência frases que eram ditas por Ana, como “Noite de vento, noite dos mortos”, por exemplo. Além disto, Ana passou para a neta uma desconfiança dos homens e ela os olhava sempre desconfiada, nunca aceitava aproximações, apesar de sua aparência meiga e delicada, era uma moça

geniosa e forte. Pedro se lembra de que sempre apareciam pretendentes para sua mãe, quando chegaram em Santa Fé, mas ela nunca permitiu qualquer aproximação e isto o fazia imaginar como deveria ter sido a relação de seus pais para que Ana fosse tão desconfiada de homens. Pedro pensava que era por influência da avó que Bibiana tinha tamanha aversão ao casamento. O desconhecimento da história de sua mãe e toda a violência por ela sofrida faziam com que Pedro imaginasse que não teria sido fácil, mas não sabia exatamente tudo o que ela tinha passado.

Bibiana chorava ao relembrar sua avó, as duas eram confidentes e a jovem adorava escutar as histórias que Ana lhe contava. Com a mãe, o diálogo era menos aberto e o pai lhe inspirava um respeito que não favorecia conversas. Em frente ao túmulo, Bibiana percebeu que um homem diferente a observava e sentiu-se envergonhada por também estar olhando para ele, buscou seus pais e os avistou ao longe, correndo em sua direção. Esta atitude despertou ainda mais o interesse de Rodrigo que se aproximou de Pedro e perguntou sobre uma das sepulturas. Pedro cortou rapidamente a conversa, mas Rodrigo insistiu e percebendo semelhanças com Juvenal, que conheceu no dia anterior, perguntou se eram parentes, descobrindo que Pedro era o pai de seu novo amigo. Rodrigo insistia em manter um diálogo, as duas mulheres se afastaram e Pedro tentava não dar sequência àquela conversa. Rodrigo insistiu em pedir um conselho ao Pedro sobre o que seria melhor investir naquela região, gado ou lavoura, mas ouviu que o melhor era pegar seu cavalo e ir embora de Santa Fé. Rodrigo pensou em enfrentá-lo, mas tinha interesse na moça e se controlou. Sentiu que todos o queriam fora dali e isto só aumentava a sua vontade de permanecer, contrariando a todos.

Pedro voltou bem triste do cemitério, pois sentia muita falta do apoio e dos conselhos de sua mãe. Ele sempre se recordava das conversas com Ana e pensava na vida que ela teve. Isto tudo o fazia refletir que deveria existir um Deus acima de tudo, mas às vezes ele pensava diferente: “Pedro se convenciu de que o céu e o inferno estão aqui embaixo mesmo, neste mundo velho e triste, que no fim de contas é mais inferno que céu” (VERISSIMO, 2013, p. 190). Pedro também se preocupava por Bibiana já estar com vinte e dois anos e ainda não ter se casado, pois se algo acontecesse a ele, Juvenal não teria

como sustentar as duas casas e sua esposa não era uma mulher muito decidida. Pedro desejava que Bibiana se casasse com um rapaz decente e que se mudassem para Porto Alegre ou Viamão, onde estariam mais seguros, mais distantes da fronteira. Em Santa Fé, a todo tempo temiam por alguma invasão ou guerra. Pedro ouviu que no Rio de Janeiro a vida era diferente, mais agradável e com mais conforto, mas ele não desejava isto para si, pois considerava que trabalho para homem era pegar na enxada e não usar água de cheiro. Este pensamento reforçava os estereótipos relacionados aos homens de cada região, sendo os do Sul mais preocupados com o trabalho pesado enquanto os do Rio com a vaidade e os cuidados com a aparência. Esta relação reforça a ideia que os que trabalhavam, lutavam e iam para as guerras estavam no Sul enquanto os do Rio só se preocupavam com os trabalhos burocráticos, pois a administração era realizada na Corte, e em encaminhar demandas como a de impostos e soldados para a guerra.

Quanto ao governo, Pedro não gostava e sentia um certo ódio, até mesmo pela palavra, por considerar que eram eles quem faziam as leis que beneficiavam a eles próprios. Ele não achava justo que sempre que preciso o governo requisitasse impostos, gado, homens, mantimentos e até dinheiro para financiar suas guerras e depois nada retornasse ao povo. Pedro se lembrou de que antes detestavam tudo que era português devido ao governo, mas que naquele momento tinham D. Pedro I, que não deixava de ser português. Enquanto Pedro estava perdido em seus pensamentos, Bibiana tentava bordar, mas só pensava naquele homem bonito que ela viu no cemitério e já sonhava em fazer o enxoval para se casar com ele. Bibiana tentava imaginar o que a avó acharia daquele homem, pois foi o primeiro por quem ela se interessou, porém percebia que seu pai não gostou dele e temia pela violência com que o pai bateu os chicotes nos cavalos depois da conversa com Rodrigo. Isto a fez se lembrar da avó que costumava dizer que certos assuntos “eram ‘coisa de homem’”. Guerra era coisa de homem; carreira, briga, jogo e bebida eram coisas de homem. O melhor que as mulheres tinham a fazer era desistir de compreendê-los. Desistir e continuar obedecendo e esperando...” (VERISSIMO, 2013, p. 193). Apesar desta recomendação de obediência, Bibiana mantinha sua opinião e não aceitou o pedido de casamento de Bento

Amaral e ainda não tinha desistido de ter um casamento com quem ela se apaixonasse.

Pedro estava preocupado com suas lavouras, pois enfrentava dois problemas: a ferrugem, que destruiu a primeira plantação, e o governo que fixou o preço do trigo e comprou toda a sua produção da segunda lavoura. Pedro pensava que era impossível lutar contra estas duas pestes ao mesmo tempo. Com as pestes e depois a seca de 1820, só sobreviveram os que criavam gado e Pedro teve que devolver as terras aos Amarais por não conseguir continuar pagando o arrendamento. Mas ele continuou com a olaria. Seus pensamentos foram interrompidos pela cantoria de Rodrigo do outro lado da rua, o que gerou grande incômodo aos pais de Bibiana por ter alguém cantando no dia de Finados. Pedro olhou na janela e reconheceu o homem com quem conversou no cemitério e estava na venda de Nicolau. Mas a jovem se viu em uma mistura de sentimentos porque também considerava que os mortos mereciam respeito, mas a voz daquele homem era tão morna e clara que a encantava. O padre apareceu e chamou Rodrigo para uma conversa. Nesta conversa o padre comentou sobre a história da figueira, mas como Rodrigo não compreendeu e o pressionou, ele disse que gostaria que ele parasse de tocar e cantar no dia de Finados. Rodrigo disse que diante daquele pedido, ele pararia, mas se fosse uma ordem, ele brigaria. Rodrigo chega já desobedecendo os costumes locais e desrespeitando as regras, mas Bibiana mantém seu interesse por ele, retomando o conselho da avó de não tentar entender as atitudes dos homens.

Em seguida, o padre continuou a dizer que para o mundo seguir em ordem era necessário que as regras fossem respeitadas e, após um longo sermão, Rodrigo perguntou quem mandava na cidade e o vigário lhe disse que era Ricardo Amaral Neto. Rodrigo compreendeu que o padre se aproximou a mando do Amaral, que deveria ser quem construiu a igreja e deu a casa ao padre e todo o suporte necessário, ele conhecia esta prática de outras vilas. Rodrigo acreditava que padres sempre estavam presentes em momentos ruins ou em desastres como enterro, extrema-unção ou casamentos. Mas, naquele momento, ele aceitaria se casar com Bibiana para poder ficar com ela. O padre o aconselhou a deixar a cidade na manhã seguinte, deixando Rodrigo bem contrariado. Os dois conversaram por um longo período e Rodrigo afirmou que

queria se casar com Bibiana e não iria arrumar confusão em Santa Fé. Acabou convencendo o padre a arrumar um horário para que ele pedisse pessoalmente ao Amaral a permissão para morar ali. De volta ao seu quarto, Rodrigo chamou por Nicolau e descobriu que ele tinha saído para caçar. Rodrigo decidiu pedir para que sua mulher lhe preparasse algo para comer e quando ela atravessou o corredor, sem dizer nada, Rodrigo a levou para seu quarto. Este comportamento de Rodrigo nos remete ao de Maurício, narrador de *Revolta*, de Márcio Souza, que também é um jovem impulsivo, conquistador de mulheres, mas que decide se casar com a moça da vila, cujos pais são avessos à desordem.

No dia seguinte, Rodrigo foi com o padre conversar com Ricardo Amaral e já começaram discutindo, com Amaral lhe entregando uma espada para duelarem. Rodrigo se negou e tentou argumentar com Amaral, mas o dono da cidade continuou o orientando a ir embora dali por conhecer homens como ele e perceber a sua fanfarronice. Decidido a convencê-lo para não ter que se afastar de Bibiana, Rodrigo apresentou os documentos de seus comandantes de guerra que o elogiavam e destacavam suas condutas de heroísmo, dedicação e disciplina, além da medalha da Ordem dos Militares, mas Amaral leu tudo e não julgou ser o suficiente. Rodrigo empenhou sua palavra que não criaria problemas e seria um cidadão de bem, mas Ricardo continuou negando a permanência. Ao perceber que seus argumentos não estavam funcionando, Rodrigo pegou seu chapéu e pediu permissão para sair da sala. Ricardo autorizou que ele andasse pela cidade, mas não ficasse, e Rodrigo saiu afirmando que ficaria.

Rodrigo ficou e foi conquistando a todos da vila, menos Pedro Terra. Ricardo foi passar o resto do verão em uma estância e nada aconteceu com Rodrigo. O capitão envolvia a todos com jogos, como rodas de truco, de que até o padre Lara participava. Todos o admiravam e ressaltavam sua característica de saber perder nos jogos, sem arrumar brigas nem confusões. Rodrigo tentou por semanas se aproximar de Bibiana, mas não teve sucesso. Às vezes a esperava no final da missa e a via passar junto ao pai e a mãe, sem ao menos levantar o olhar. Rodrigo pediu a ajuda do padre para se aproximar de Bibiana, mas este o informou que o correto seria conversar com o pai da

moça. Rodrigo propôs a Juvenal que formassem uma sociedade em que a Terra buscaria produtos em Rio Pardo para Rodrigo montar uma venda mais diversificada na cidade. Juvenal decidiu pensar na proposta da sociedade e Rodrigo lhe contou que queria casar com sua irmã. Juvenal perguntou sobre o posicionamento de seu pai e de sua irmã, mas Rodrigo explicou que não conseguiu falar com eles. Juvenal o aconselhou a esperar o momento certo.

Rodrigo começou a ficar cada dia mais triste por não poder se aproximar de Bibiana e, quando o pai a enviou para passar férias na estância de um amigo, o capitão parou de cantar e passava os dias remoendo as saudades dela. Agora tinha certeza do que sentia por ela e que estava decidido a se casar. Rodrigo tinha certeza de que estava enfeitiçado por Bibiana Terra. Em janeiro, a prima de Pedro Terra ia se casar com um rapaz de Porto Alegre e a cidade toda estava envolvida na festa. O noivo vinha do litoral, era filho de açorianos, rapaz pacato e que, ao se confessar com o padre, demonstrou ser o oposto de Rodrigo Cambará, por ser religioso e calmo. Apesar disto, padre Lara refletiu que preferia a simpatia do Cambará. O padre observava as misturas que ocorriam entre as famílias em Santa Fé e ficava imaginando como seria aquela população depois de uns cem anos, quando já estaria estabelecida a mescla do sangue de alemães, portugueses, negros e índios. A diversidade presente naquela sociedade é destacada pelo padre que apresenta como estava sendo formada aquela região com pessoas de diferentes origens.

Depois do casamento houve um jantar e baile na casa de Joca Rodrigues e toda a cidade foi até lá. Rodrigo via de longe Bibiana, que estava sentada ao lado de Bento Amaral. Mesmo assim, Rodrigo decidiu que iria falar com a moça naquela noite. Rodrigo não tirava os olhos de Bibiana e em certo momento seus olhares se cruzaram e ele sentiu que ela o amava e teve a certeza que a tinha conquistado para sempre. Depois ele percebeu que o pai da moça o observava e o cumprimentou, mas a saudação se perdeu em meio aos brindes dos presentes.

Depois do jantar, afastaram os bancos e mesas e começou o baile. Rodrigo via de longe Bibiana dançando com Bento. Depois de algumas danças, Rodrigo decidiu se aproximar e chamá-la para dançar. Bibiana não respondeu e Bento afirmou que ela já tinha par, Rodrigo insistiu e começou

uma discussão. Pedro retirou sua filha pelo braço enquanto os dois discutiam e Rodrigo recebeu um tapa no rosto, sendo agarrado em seguida pelos capangas do Amaral, para que ele não revidasse em seu patrão. Juvenal afirmou que seria impossível resolverem sem violência, mas que não seria uma luta honesta, pois Bento tinha muitos capangas que iriam assassinar Rodrigo antes que ele conseguisse deixar suas terras. Cansado de tantos abusos cometidos pela família Amaral, Juvenal decidiu confrontar Bento de outros assassinatos que seus capangas cometeram a seu mando, além dos campos roubados de pequenos produtores. Bento foi surpreendido pelas acusações inesperadas e nada respondeu. Juvenal traz à tona os crimes cometidos pelo Amaral como uma forma de expor a conduta irregular do jovem rico que era considerado um bom partido na cidade em contraste com Rodrigo em que as atitudes livres eram condenadas.

Marcaram o duelo para trás do cemitério, mas Juvenal fez Bento prometer que não daria ordens para seus capangas o ajudarem nem matarem Rodrigo caso ele o ferisse. Constrangido pelos olhares de todos os presentes, Bento prometeu e deixou o padre como testemunha de sua palavra de honra. Quando soltaram Rodrigo, ele se dirigiu ao padre e entregou sua arma, pois o duelo seria de adagas, e avisou que tinha uma guaiaca guardada em seu quarto e que se ele morresse metade do dinheiro era para Juvenal e a outra metade para a igreja. Rodrigo foi para seu quarto se preparar para o duelo e encontrou Paula, esposa de Nicolau. Decidiu tomá-la em seus braços pensando que era Bibiana. Depois montou em seu cavalo e partiu ao encontro de Bento. Juvenal ditou as regras e os dois se dirigiram para o duelo.

Ao se preparar, Rodrigo pensava que se o matasse não poderia permanecer em Santa Fé e perderia Bibiana, mas se fosse morto, tudo estaria acabado. Durante a disputa, Rodrigo conseguiu tirar a adaga da mão de Bento, mas parou para que ele a recuperasse, pois ele não atacaria um homem desarmado. A luta continuou e Rodrigo o dominou e começou a escrever a letra “R” em seu rosto. Bento cuspiu-lhe no rosto e Rodrigo continuou seu serviço entre xingamentos. Só faltava a perninha da letra, quando Bento conseguiu se afastar.

O padre na cidade pensava sobre as cobranças que receberia por não ter ido avisar o pai de Bento sobre o duelo. Juvenal se sentia bem por ter falado tudo o que pensava e tinha mantido calado por tantos anos. Bibiana estava em sua cama chorando, imaginando o desfecho de uma briga por sua causa. Fez orações e pedidos para que ambos sobrevivessem, mas não queria que Rodrigo fosse embora de Santa Fé. Bibiana imaginava que se a sua avó estivesse viva, lhe daria bons conselhos e a consolaria. Quando ouviram um cavalo retornar, todos se questionavam quem era. Era Bento Amaral que com um lenço no rosto lhes avisou para irem buscar o corpo. Ao chegar, notaram que Rodrigo estava ferido a bala, mas ainda respirava. A notícia da traição de Amaral que levou uma arma de fogo ao duelo de adagas se espalhou. Rodrigo estava muito mal, pois teve o pulmão atravessado pela bala. Juvenal guardou a camisa que Rodrigo usava, pois estava chamuscada pela pólvora, comprovando que o ataque foi com um tiro à queima roupa, provavelmente enquanto lutavam. A população considerava aquela atitude indigna de um homem honrado. Para contrastar a atitude indigna de Bento, há o momento em que Rodrigo espera que ele recupere sua adaga para dar prosseguimento ao duelo. Este duelo revela o caráter de cada um e a hombridade em seguir as regras a que haviam se submetido.

Muitas pessoas foram visitar Rodrigo e fazer rezas e usar todo tipo de crença popular que pudesse salvá-lo. No quinto dia espalhou-se a notícia de que sua morte se aproximava e o padre foi chamado para dar a extrema-unção. Como Rodrigo estava muito fraco para falar, padre Lara combinou que ele respondesse piscando e, assim, estabeleceram uma comunicação. Ao ser questionado se havia se arrependido de todos os seus pecados, Rodrigo respondeu que não. O padre lhe explicou toda a situação e que se ele morresse tendo se arrependido poderia ir para o céu, mas ele permanecia negando. Após inúmeras tentativas o padre observou que ele conseguiu fazer uma figa com a mão e sorria. Rodrigo definitivamente não se arrependera de seus pecados.

Depois da visita do padre, Rodrigo começou a melhorar e a notícia se espalhou pela cidade. Um pouco mais de um mês depois do duelo, Rodrigo já deixava a cama e começava a dar alguns passos. O amigo Juvenal lhe preparou um mate e começaram a conversar sobre o punhal que Juvenal

carregava e que lhe contou ser um presente que recebeu de sua avó. Depois Juvenal quis saber por que o padre estava chateado com Rodrigo e ele lhe contou sobre a extrema-unção e que se negou a se arrepender de seus pecados por não ser religioso. Rodrigo pensava que se morresse, manteria sua palavra e se houvesse algo além, arcaria com os castigos, mas se vivesse seria lembrado por ter se entregado por medo da morte a uma religião que a vida toda ele se negou a aceitar. Juvenal concordou com o amigo, mas quis saber se ele pensou em tudo isto naquele momento e ouviu uma resposta negativa, apenas que Rodrigo queria ver a cara do padre quando ele fizesse a figa. A irreverência de Rodrigo e a manutenção de seus princípios conquista a todos e envolve seu amigo Juvenal.

Dias depois, os Amarais estavam de volta à cidade e Juvenal lembrava que, ao cruzar com Bento, este o cumprimentou. Rodrigo quis saber como tinha ficado a letra em seu rosto, mas Juvenal não tinha visto. Depois o coronel Amaral chamou Rodrigo para conversar, justificando pelo padre que a atitude do filho tinha sido errada e que não era digna de um homem de bem e de coragem. O recado do padre era para que Rodrigo esquecesse o duelo e não buscasse revanche. Rodrigo confirmou e pediu que o padre conversasse com Pedro Terra sobre seu pedido de casamento.

O padre foi conversar com Pedro sobre o casamento e acabou contando que a moça gostava dele, mesmo este sendo um segredo de confissão. Pedro chamou Bibiana e a questionou sobre seus sentimentos. Ela confirmou que gostava de Rodrigo, apesar de saber que o pai não aprovaria tal casamento. Pedro perguntou se ela se casaria mesmo sabendo que ele poderia ir embora a qualquer momento ou trocá-la por outra mulher e ela confirmou que, apesar dos riscos, se casaria. Diante de tais respostas, o pai aceitou conversar com Rodrigo sobre o casamento. Pedro afirmou que depois não queria ver a Bibiana voltando para sua casa triste por ter descoberto que o marido não prestava, mas a filha já antecipou que não reclamaria de nada. As respostas decididas de Bibiana fizeram o padre se lembrar do jeito de sua avó, Ana. Mais uma vez a comparação entre as duas se evidencia e retoma a ideia de que Bibiana representava uma continuidade da personalidade e ideias de sua avó.

No Natal de 1829, Rodrigo e Bibiana se casaram. Pedro estava vestido de luto. Depois do casamento, eles foram morar em uma casa de madeira que Rodrigo e Juvenal construíram no começo da vila, tendo a venda na parte da frente. Após o casamento, Bibiana estava feliz e realizava os trabalhos domésticos ouvindo encantada a voz do marido que trabalhava na venda e estava sempre alegre, falando alto, além de gostar da casa cheia e sempre convidar amigos para almoços ou jantares. Bibiana concluiu que ele era o oposto de seu pai, que vivia sempre calado e era tímido em gestos. Talvez por isto não se misturassem como água e azeite. As demonstrações de carinho de Rodrigo com Bibiana a preocupavam, pois ela se lembrava de que o pai sempre dizia que muita liberdade e diversão não eram para pessoas direitas, então sempre que Rodrigo a pegava no colo para beijá-la, ela gostava, mas olhava para as janelas e portas da casa para ver se ninguém os estava vendo e, principalmente, se o seu pai não estava vindo os visitar. Mesmo já estando casada havia a preocupação de Bibiana com o julgamento alheio, pois sua educação tinha sido pautada em “não cair na boca do povo”, então ela sempre temia os comentários alheios.

Bibiana se recordava de um dia que o marido a estava beijando quando seus pais chegaram para visitá-los. Era impossível se esquecer da cara de vergonha de seu pai ao dar meia-volta sem ao menos cumprimentá-los. Ao avistar a aproximação dos vultos pela rua, Bibiana tentou se desvencilhar dos braços do marido, mas este a abraçou e continuou os beijos. Ao notar a saída dos sogros, Rodrigo gargalhava, mas Bibiana sentia vergonha. Apesar de pensar várias vezes em pedir que o marido fosse mais comedido e discreto, Bibiana não conseguia dizer e se sentia feliz em seus braços, mesmo desconfiando que aquele amor não duraria muito, pois tinha aprendido com seu pai que aquele tipo de vida com risos e diversão não era correta. Até mesmo nos momentos felizes, Bibiana se preocupava e temia ao imaginar dias diferentes daqueles.

Com a chegada do outono, Bibiana, que esperava o primeiro filho, observava as mudanças que a gravidez provocava em seu corpo e em sua rotina. Apesar de Rodrigo estar feliz por aguardar a chegada de seu filho, ele também notava as mudanças no corpo de Bibiana e começou a se interessar

por outras mulheres. Bibiana percebeu e, às vezes, chorava escondida com medo do dia de seu parto. Sua mãe tentava acalmá-la mostrando a tesoura que a avó usou para cortar os cordões de tantas crianças, mas isto a deixava ainda mais nervosa por notá-la negra e enferrujada. Juvenal iria ao Rio Pardo buscar mais mercadorias e Rodrigo pediu para ir em seu lugar. A viagem duraria de dois a três meses e, diante de tanta insistência, o cunhado concordou com a troca, pois imaginou que ele quisesse um período longe dali e poderia procurar por prostitutas, o que era difícil encontrar em Santa Fé.

Ao se despedir de Rodrigo, Bibiana teve a sensação de que não o veria mais. Todos na cidade pensavam o mesmo. Ela temia que o marido sofresse algum acidente na estrada ou arrumasse confusão em Rio Pardo e fosse assassinado. No período em que viajou, Juvenal ficou tomando conta da venda e Bibiana observava o jeito calmo com que o irmão atendia aos clientes, diferente de Rodrigo. À noite, Bibiana ia pernoitar na casa de seus pais e aproveitava para fiar roupas para o bebê. Ela ficava constrangida pelos olhares do pai que considerava aquela criança “fruto de um mau passo”, como se sua relação fosse ilegítima. Sempre que alguém ia visitar seus pais, perguntavam de Rodrigo, mas ela não tinha notícias e muitos demonstravam não acreditar que ele retornaria à Santa Fé. Muitas colegas foram contar que Bento havia retornado à cidade com sua esposa e que o filho que Bibiana esperava poderia ser de Bento e ela teria uma vida bem diferente. Bibiana se irritava, pois sentia orgulho de ter um filho do capitão Rodrigo e não se imaginaria casada com nenhum outro. Depois de tantas cobranças, ao retornar para sua casa, Bibiana chorava abraçada à farda de Rodrigo. Os movimentos do bebê a deixavam alegre e ela imaginava como seu filho seria parecido ao pai e sonhava que sua avó o pegaria no colo. Estes pensamentos a faziam chorar de saudades de sua avó e de Rodrigo.

Já tinha passado o tempo previsto para o retorno de Rodrigo e Bibiana estava cada vez mais pesada, mas continuava a fiar e se lembrava da fala de sua avó: “o destino das mulheres da família era fiar, chorar e esperar” (VERISSIMO, 2013, p. 249). E, assim, ela passava os dias, até que Rodrigo retornou e foi recebido com alegria pelos amigos, mas sua primeira atitude foi entrar na casa e encher Bibiana de beijos. Com o retorno do marido, a alegria

de Bibiana é descrita pelo narrador onisciente desta forma: “sentira uma onda de calor tomar-lhe conta do corpo. Era como se ela voltasse à vida depois de estar morta e fechada num túmulo: era como se o sol se abrisse de repente depois duma temporada longa de chuva e céu nublado” (VERISSIMO, 2013, p. 249). A alegria era tanta que Bibiana não conseguia responder nada que o marido lhe perguntava e ainda sentia o bebê mexendo em seu ventre. Naquele momento Bibiana desejou a morte, por temer que no futuro toda aquela felicidade acabasse.

O filho de Bibiana e Rodrigo nasceu no dia de Finados, deixando a mãe chateada pela data, mas Rodrigo a consolou lembrando que foi também em um dia de Finados que eles se conheceram. Ao ver o sogro, Rodrigo contou feliz que nasceu “mais um Cambará macho”, mas Pedro nada respondeu apenas olhava triste para a tesoura de sua mãe sobre a mesa. Rodrigo pensou em batizar a criança com o nome de Bento, em homenagem a Bento Gonçalves, mas lembrou de Bento Amaral, mudando sua escolha para Bolívar. Bibiana não gostou do nome, mas para ela “o desejo do marido era uma ordem”, contradizendo a determinação que ela demonstrava quando contrariada em outras situações. Juvenal e Maruca foram os padrinhos de Bolívar. Rodrigo estava muito feliz em ter um filho, mas se inquietava com a demora que levaria até que a criança pudesse ser ensinada por ele a montar e manejar a pistola e a espada.

O padre percebia a inquietação de Rodrigo e se preocupava por ter sido quem conversou com os pais de Bibiana sobre o casamento. Então, o padre conversava com ele sobre as coisas do mundo e Rodrigo contava o que mudaria nele: primeiro ele acabaria com a necessidade de trabalhar, depois mudaria a forma como os bebês nasciam, por ter considerado um sofrimento exagerado o que Bibiana passou, em seguida acabaria com a escravidão e dividiria as terras entre todos igualmente, peão, índio ou negro, e, por último, deixaria o mundo menor para que pudesse ser atravessado a cavalo. O padre considerou que seria um mundo esquisito, pois Rodrigo também desejava que houvesse somente uma língua para todos e que as pessoas morressem em desastres e não de velhice. Chamou a atenção do padre o fato de muitos o considerarem egoísta, mas ele se preocupava com o sofrimento da esposa e

as desigualdades de terras. Sobre a política, Rodrigo pensava que todos tinham que lutar para conseguir o mundo que desejavam, mas refletia que alguns resultados de batalhas não eram como o esperado: “– Nas tropas os oficiais portugueses mandam mais que os brasileiros. No fundo a independência não mudou nada” (VERISSIMO, 2013, p. 253). Rodrigo observava que as desigualdades entre portugueses e brasileiros permaneceu, mesmo após a independência, e acreditava que ainda havia muito a ser conquistado para alcançar a igualdade.

Rodrigo questionou o padre sobre o posicionamento da igreja em estar ao lado do governo e nem sempre proteger o povo, mas padre Lara negou afirmando que se preocupava com os empregados e intercedia por eles, mesmo diante do Amaral. Rodrigo contestou se os negros não seriam igualmente filhos de Deus e o padre concordou, sendo questionado por quais motivos a Igreja não se opunha à escravidão, ao que o padre justificou: “- Os escravos nesta província são muito mais bem tratados que em qualquer outra parte do Brasil! Eu queria que vosmecê visse como os senhores de engenho tratam os negros lá no Norte” (VERISSIMO, 2013, p. 254). Rodrigo continuou seu questionamento por não considerar esta uma resposta satisfatória. O posicionamento do padre em comparar o tratamento dado aos escravos no Sul em oposição aos do Norte também é realizada de modo inverso nos romances de Márcio Souza. Cada autor tenta justificar a exploração daquela mão-de-obra pelo bom tratamento realizado em suas regiões. Provavelmente a distância impediria que essas informações fossem confrontadas naquele período, mantendo a justificativa. Ainda assim, Rodrigo complementou que seus pensamentos não tinham motivações religiosas:

- Nada disso, padre! Sou contra a escravidão só por uma coisa. É que não gosto de ver homem rebaixado por homem. Nós os Cambarás temos uma lei: nunca batemos em mulher nem em homem fraco; nem nunca usamos arma contra homem desarmado, mesmo que ele seja forte. Quando vejo um negro que baixa a cabeça quando gritam com ele, ou quando vejo um escravo surrado, o sangue me ferve. Depois que vi certos negros brigando no nosso exército contra os castelhanos... Barbaridade!... se eles não são homens, então não sei quem é... (VERISSIMO, 2013, p. 255).

O posicionamento do capitão Rodrigo ao apresentar seus princípios familiares que norteavam sua conduta, demonstram a honestidade com que ele observou a atuação dos negros nas batalhas e sua capacidade de julgá-los como iguais e desejar que os outros poderes, como a Igreja, se posicionassem contra os abusos e reconhecessem a igualdade entre os homens, independentemente da cor de sua pele. Rodrigo apresentou um posicionamento engajado e coerente, em relação aos negros, para um homem que participou em tantas batalhas durante o século XIX. Ao se despedir o padre contou que muitos acreditavam que a Igreja se mantinha durante tantos séculos por algo divino, pois mudavam-se os reis e ela permanecia, mas ele sabia que era porque os sacerdotes eram realistas. Rodrigo perguntou se ser realista era estar sempre ao lado do rei, porém o padre explicou: “- Não. Um realista é um homem que nunca dá murro em ponta de faca. Deixa que os outros deem... Boa noite, capitão, durma bem” (VERISSIMO, 2013, p. 256). A explicação do padre deixa claro que os sacerdotes não tomariam frente em disputas contrárias ao governo para que pudessem sobreviver, mas que deixaria que outros o fizessem por eles.

Ao retornar à casa, Rodrigo encontrou Bibiana trocando as fraldas de Bolívar e ficou brincando de fazer cócegas nele, apesar de a mãe ter pedido que ele não o fizesse. Rodrigo afirmou que seu filho fará muito sucesso com as mulheres e que ele queria estar vivo para ver e arrumar mulheres para ele. Bibiana acreditava que Rodrigo não estava pensando em arrumá-las somente para o filho, mas não dizia nada. Rodrigo afirmou não ver a hora em que ele estivesse adulto para acompanhá-lo pelo mundo, deixando Bibiana aflita ao imaginar que teria dois homens para esperar. Rodrigo pensava em como a sua vida parado atrás de um balcão estava deixando-o enferrujado e de como ele sentia faltar de lutar e se movimentar, mas tinha feito uma escolha de permanecer em Santa Fé. Ao se deitar, Bibiana comentou que não queria ter somente um filho e imaginava que uma menina faria companhia para ela. O capitão concordou que deveriam ter mais um filho. O desejo de Bibiana por uma menina surge da possibilidade em ter uma companheira, alguém que no futuro poderia fazer companhia enquanto esperariam pelos homens da família.

Um ano depois e o padre realizava o batizado de Anita, filha de Bibiana e Rodrigo. Pedro Terra não foi à celebração por estar a cada dia mais descontente ao ouvir que o genro tomava uma dose de cachaça para cada uma que vendia e que gastava muito dinheiro com rinha de galo e com uma jovem moça, filha de uma índia, que a prostituía em troca de dinheiro. Pedro ficou aguardando o dia em que Bibiana apareceria em sua casa para se queixar do marido, como ele já tinha previsto. Imaginava que a filha teria um filho por ano e, quando já tivesse muitos filhos, o marido iria embora. Bibiana sentiu a ausência do pai, mas se ocupava com o trabalho que aumentava em casa e a alegria de ver sua menina com os olhos azuis como os do pai. Rodrigo dava mais atenção ao Bolívar e afirmava que estaria sempre de olhos abertos com as aproximações dos rapazes por ter uma menina em casa. Rodrigo queria que Bolívar aprendesse a falar direito para que ele o ensinasse a xingar, pois “um homem deve saber dizer nomes feios. Dizer nomes é coisa que alivia a alma” (VERISSIMO, 2013, p. 258). A distinção entre a educação dos filhos é evidente e só não se diferenciava quando choravam à noite e Rodrigo gritava e resmungava para que parassem, deixando Bibiana acalmá-los sozinha. Em uma noite, como demoraram a se acalmar, Rodrigo foi dormir no quintal, embaixo de uma árvore.

Os trabalhos domésticos e a criação dos filhos tomavam todo o tempo de Bibiana, pois Rodrigo não a auxiliava em nada. Ela chegou a pensar em ter uma criada, mas quando uma moça bonita se ofereceu para trabalhar, Bibiana afirmou não precisar, prevendo o que iria acontecer em sua casa. Conseguiu uma velha índia para ajudá-la com a comida e o restante Bibiana continuou fazendo tudo sozinha. Rodrigo ia à casa de Chico Pinto e ficava por horas jogando, bebendo e fumando. Quando Juvenal viajava, Bibiana ainda cuidava sozinha da venda, pois Rodrigo chegava às vezes com o dia amanhecendo, embriagado e dormia até o meio-dia. Juvenal a alertou que Rodrigo estava gastando mais e trabalhando menos, mas ela nada comentava. Pedro passou a tratar melhor a filha e ela sabia que era por pena. Muitas pessoas vinham contar da amásia de Rodrigo, mas ela negava, mesmo sabendo que ele dividia as noites entre a sua casa e a de Honorina. Bibiana sabia que o marido gostava de mulheres e que arrumaria outra quando se cansasse de Honorina. Ela não

se incomodava contanto que ele não fosse embora e continuasse sendo seu marido. Ela pensava enquanto fiava. A resignação de Bibiana em aceitar todas as dificuldades que a vida lhe apresentava, além do marido com amantes, jogos, bebidas e cigarro, comprovam a sua teimosia e persistência em fazer com que aquele relacionamento permanecesse, mascarando todos os sofrimentos.

Apesar de muitas pessoas contarem os erros e problemas causados por Rodrigo, Bibiana gostava de destacar o lado bom de seu marido que sempre ajudava as pessoas, era contra as injustiças e defendia a quem precisasse, mesmo que fosse um desconhecido. Ela se lembrava de que ele viu um homem apanhando de outros dois e tomou partido para defender aquele que estava em desvantagem. Outra vez socorreu um animal que era espancado por um índio. Sempre que surgia a oportunidade, ajudava aos pobres. Alguns o viam como desordeiro, mas Bibiana resumia seus sentimentos em uma frase: “É meu marido e eu gosto dele” (VERISSIMO, 2013, p. 260).

Em 1833, chegaram à Santa Fé duas carroças com imigrantes alemães. Para muitos habitantes era uma novidade ver pessoas de pele tão clara, olhos azuis ou esverdeados e cabelos loiros ou ruivos. Muitas pessoas saíram de suas casas para conhecê-los e a manhã de fevereiro parecia dia de festa com quermesse, pois muitos se reuniram na frente da igreja para ver os imigrantes que chegaram. Os chefes das famílias Kunz e Shultz se dirigiram à casa de Ricardo Amaral, enquanto as mulheres permaneceram nas carroças com as crianças. Algumas pessoas tentaram conversar com elas, mas nenhuma delas falava a língua portuguesa. Um deles iria montar uma selaria na cidade e o outro pretendia plantar batatas, milho, feijão e linho. Alguns ficaram admirados com a beleza de Helga Kunz, uma jovem de vinte anos, outros se divertiram ao notar a semelhança entre os cinco filhos e as duas filhas de Hans Schutz com idades entre oito e dezoito anos.

O padre começou a pensar se seriam protestantes e pensava que o governo deveria determinar a religião aos imigrantes para evitar que outras igrejas se estabelecessem nos povoados. O padre saía à noite para caminhar pela cidade, enquanto o sono não surgia e, por este hábito, o chamavam de lobisomem. Ao caminhar o padre recordava as lendas que eram contadas na

região, como a teiniaguá, o Negrinho do Pastoreio, o São Sepé, dentre outras que já haviam sido descritas anteriormente no capítulo *Ana Terra*. Ao passar pela casa de Chico Pinto, ele viu a luz acesa, verificou que Rodrigo estava ali jogando e sentiu pena de Bibiana. O padre retornou pensando nas coisas que suas andanças facilitavam a ele ver, ouvir e pensar. Em seguida o padre adormeceu ao realizar suas orações.

Rodrigo refletia atrás do balcão que a decisão de ter uma venda e ficar preso ali foi a maior estupidez de sua vida. Ele ficava observando os campos ao longe e imaginando se seria capaz de se resignar a passar toda a sua vida em Santa Fé, ficando velho e asmático atrás de um balcão a pesar cereais e vender cachaça. Um homem apareceu para fazer compras e Rodrigo o espantou por achar que um capitão condecorado não mereceria estar reduzido a entregar mercadorias naquela venda e, assim, fechou-a e foi até o fundo preparar seu cavalo. Bibiana perguntou para onde ele iria, mas ele disse que não sabia e partiu. Rodrigo sentiu-se feliz ao sentir o vento em seu rosto, depois de cavalgar avistou o rio e decidiu banhar-se ali. Ficou por um tempo relaxando na água e pensando na alemã, filha de Kunz, em seus braços. Sentou-se sob a cachoeira e sentiu a liberdade de estar nu no meio da mata tomando um banho relaxante. Lembrou que era pai de dois filhos e tinha uma venda, quase tinha se esquecido daquela prisão, mas não queria se preocupar com nada naquele momento. Ficou ouvindo os sons dos pássaros. Depois comeu uns sete-capotes no mato e se dirigiu ao rancho da Paraguaia para encontrar Honorina. Passou a tarde com ela e retornou à Santa Fé no fim do dia. Sentindo-se um egoísta e com saudades dos filhos, decidiu que mudaria de vida. Pensou em desfazer a sociedade com Juvenal e começar a criar gado para ter mais liberdade.

Rodrigo se lembrou de ter visto a família de alemães indo trabalhar na terra antes do sol nascer, quando ele voltava certo dia do rancho de Honorina. Outro dia os encontrou ainda trabalhando com o sol se pondo e refletiu se valeria a pena tanto esforço para conseguir juntar algum dinheiro. Sentiu vontade de chorar e pensou: “alemoada do diabo” (VERISSIMO, 2013, p. 268) e, seguiu seu caminho. A família alemã que se dedicava ao trabalho continuamente irritava Rodrigo, pois ele não estava interessado em trabalhar

para conquistar algo, seu desejo era viver de aventuras, com as emoções da guerra, mas não com a rotina cotidiana de um trabalhador comum. Seus desejos contrastavam com a vida de casado e isto o incomodava igualmente.

A população de Santa Fé estava animada com a notícia de que seria elevada à vila no ano seguinte, em 1834. As notícias da Corte também eram discutidas e a confusão pela abdicação de D. Pedro I e o fato de o príncipe ainda ser uma criança para assumir o trono, deixavam as coisas incertas. A população se dividia entre os que eram favoráveis à maioria do príncipe e os que apoiavam que uma junta de homens de bem governasse até que ele chegasse à maioria. Muitos tinham esperança de melhorias e mudanças, mas nada ocorreu até então. As acusações contra Bento Gonçalves estar confabulando com os castelhanos se esclareceram e ele retornou com mais honras e privilégios, junto com a promessa de seus correligionários do Partido Liberal, de que o próximo governador seria Fernandes Braga, nascido na Província. A cidade se dividia entre liberais e restauradores. O coronel Amaral ora pendia para um lado, ora para o outro. Os restauradores chamavam os liberais de “farroupilha” ou “pé de cabra”; enquanto os liberais eram chamados de “galegos”, “retrógrados” ou “caramurus”. O padre acreditava que estas brigas resultariam em uma guerra civil. Rodrigo torcia para que houvesse uma guerra.

Todos em Santa Fé observavam como as casas dos alemães eram diferentes, tinham cortinas e flores nas janelas além de um lindo jardim na sua frente. Também chamou a atenção a primeira Páscoa que celebraram em 1833, quando os pais pintaram as cascas dos ovos com cores amarela, azul, vermelha e verde e chamavam de “ovos de coelho”. Um vizinho explicou às crianças alemãs que coelho não botava ovos e todos riram. No Natal decoravam árvores e não presépios. Aos poucos todos iam conhecendo as diferenças culturais e aprendendo uns com os outros. No Ano Novo todos celebraram a elevação de Santa Fé à vila e seu desmembramento do município de Cachoeira. Agora teriam um serviço regular de correio entre Santa Fé, Rio Pardo e São Borja. Bibiana ficou em casa cuidando dos filhos, enquanto Rodrigo foi para a festança de Ano Novo. Ela pensava que seria bom para que ele se distraísse e ficasse longe de Honorina. Durante a festa chamaram o

capitão para tocar, mas ele não apareceu. O padre ficou preocupado sem saber onde Rodrigo estava. Rodrigo tinha levado Helga para perto do cemitério e ficou com a moça, mesmo sem entender nenhuma palavra do que ela dizia. Naquele momento ele se sentia feliz e realizado.

Alguém viu o capitão sair da festa em seu cavalo levando a filha do alemão, conhecido como Serigote, e a notícia se espalhou pela cidade chegando até Bibiana e Pedro Terra. O padre Lara pensava que, por ela ser protestante, ele não poderia chamá-la ao confessionário. Bento Amaral se preocupou em ter que chamar Rodrigo e repreendê-lo. Pedro disse à pessoa que veio lhe contar que não queria saber, pois para ele aquele homem não existia, mas ficou muito abalado em pensar na filha com uma criança no colo, outra agarrada em sua saia e mais uma em seu ventre. Pensava quando ela era uma menina alegre e sentia uma grande tristeza por seu casamento, mas não comentava nada com ninguém, nem com sua própria esposa. Bibiana se preocupou com a informação da jovem, pois pensava que Rodrigo poderia se sentir enfeitiçado e abandoná-la. Bibiana continuava a fiar, tentando achar uma solução para aquela situação, mas não conseguia pensar em nada, apenas em chorar.

Rodrigo tentou aproximar-se novamente de Helga, mas ela passou a evitá-lo. A ideia de alternar uma noite com cada mulher deixava Rodrigo motivado a reencontrá-la, mas a alemã se esquivava. Em pouco tempo chegou a notícia de que o noivo de Helga estava vindo de São Leopoldo buscá-la para se casarem. Ele também era alemão e o casamento seria na colônia onde ele morava. O noivo chegou à cidade e a levou em seu cavalo. Toda a população comentava estranhando os costumes estrangeiros e julgando que “estrangeiro é bicho-sem-vergonha” (VERISSIMO, 2013, p. 273). Naquela noite, Rodrigo se embriagou e continuou assim nas noites que se seguiram a partida de Helga. Ele arrumava brigas, maltratava os filhos e aumentou suas apostas nos jogos.

No inverno de 1834, Anita adoeceu e apesar de tentarem todos os chás que conheciam e terem recorrido às benzedadeiras, realizado simpatias e promessas, a menina continuava definhando. Em uma noite de geada e chuva forte, Anita piorou subitamente e Bibiana recebeu a visita de sua mãe para ajudá-la, mas logo a avó perguntou de Rodrigo e Bibiana não sabia o que

responder. Como a menina piorava rapidamente, as duas decidiram chamar Rodrigo e a cozinheira foi encarregada de levar o recado até ele, que jogava na casa de Chico Pinto. Rodrigo falou que já iria para a casa, mas se esqueceu e continuou a jogar e a beber. Rodrigo estava vencendo e pensava que poderia pagar a todos seus credores e ir para a guerra que se aproximava, quando chegou o seu vizinho para lhe avisar novamente que sua filha estava muito mal e Bibiana o chamava. Um dos jogadores questionou se não seria melhor que ele fosse ver o que acontecia em sua casa, mas Rodrigo disse que não era curandeiro ao que foi retrucado que era o pai, mas ele mandou que o homem cuidasse de sua própria vida.

O vento soprava forte e Rodrigo começou a se sentir mal pela bebida, mas não parou de beber. Começou a perder no jogo, mas continuou a jogar. Eram quatro horas da madrugada e os homens queriam parar de jogar, mas Rodrigo ainda queria recuperar seu dinheiro. Com o silêncio, ele se lembrou da frase de que sua filha estava mal, e pensou sobre a filha:

Pois que esteja. Mulher não faz falta no mundo. Que morra! As mulheres são falsas. Helga Kunz é uma cadela. Que morra! Não sou curandeiro. Melhor é não ver nada. Não tem mais remédio. É questão de horas. Não me adianta nada ir. Não gosto de choro. Um dia a guerra vem. Tudo se resolve. A guerra e o tempo. Remédio para tudo. (VERISSIMO, 2013, p. 276).

Os pensamentos de Rodrigo assustam o leitor por ele ser visto por Bibiana como um homem sempre disposto a ajudar aos outros, mas quando ela precisou, ele se negou a ir. A comparação entre sua filha e Helga não justifica o descaso com que ele tratou os diversos recados que recebeu enquanto jogava. Seus pensamentos estavam confusos devido ao excesso de álcool, mas ele poderia ter ido para casa horas antes. Rodrigo ainda jogou mais uma partida e perdeu até o que não tinha levado. Todos decidiram parar de jogar e ele teve que ir embora, cambaleando na chuva. Ao se aproximar da casa viu uma luz por debaixo da porta e se lembrou de que sua filha estava doente e entrou preocupado pensando que não era nenhum monstro e estava apenas envolvido com o vício do jogo. Ele se sentia mal, pois seria capaz de dar “um braço, uma perna, um olho para salvar a vida dos filhos, da mulher, de

qualquer amigo” (VERISSIMO, 2013, p. 276). Ao se aproximar do berço viu que a menina estava coberta por um lençol até a cabeça. Bibiana chorava baixinho na cama, sendo consolada por sua mãe. O padre lhe contou que Anita tinha morrido há mais de uma hora. Rodrigo reclamou que não o mandaram avisar e começou a soluçar e chorar desatadamente com as mãos no rosto.

Em agosto, Bibiana se preparava para ter seu terceiro filho quando a mãe a visitou com o recado do Pedro Terra de que se ela quisesse voltar para a casa dos pais, seria bem recebida. Bibiana agradeceu, mas recusou e disse que permaneceria ali. Ela não queria abandonar Rodrigo e percebia que ele tinha mudado desde a morte de Anita e, portanto, Bibiana não guardava rancor. Rodrigo agora permanecia em casa e não bebia nem jogava mais. O capitão ficou todo o tempo do parto ao lado de Bibiana temendo que a morte de Anita a tivesse abalado, mas o parto foi tranquilo e nasceu mais uma menina que se chamaria Leonor. A rotina dos trabalhos e a roca ajudavam Bibiana a se esquecer dos momentos tristes.

O padre aproveitava as noites para ler os jornais antigos de Porto Alegre que os colegas lhe enviavam. Assim, ele soube que o governador se tornou autoritário, retrógrado e vingativo e mandou prender muitos inimigos políticos. Há pouco tempo houve um tumulto nas ruas de Porto Alegre porque o povo apoiou a Constituinte do Rio, que era de caráter liberal, o juiz de direito tomou o arsenal de guerra e o povo prendeu o brigadeiro Carneiro de Fontoura, entregando-o ao juiz municipal. O padre pensava: “Quando o povo perde o sentido de disciplina e de ordem, quando começa a desrespeitar a autoridade, então é porque o desastre está iminente...” (VERISSIMO, 2013, p. 278). O padre não conseguia retomar as suas orações pensando no que poderia acontecer nos próximos meses.

Juvenal retornou do Rio Pardo no verão de 1835 com notícias que todos esperavam, mas que ele contava de maneira tranquila, que a guerra estava próxima. Ele viu os portugueses desfilarem com a representação de um Judas escrito “brasileiro” e quando um escravo se manifestou contra, foi alvejado em plena luz do dia. Juvenal conversou com muitos charqueadores que estavam descontentes com os altos impostos cobrados pelo governo. Escutou sobre tumultos no Rio Grande e ameaças de revolta em Viamão. Os comerciantes

reclamavam dos tributos porque mais parecia que o Rio Grande era uma colônia e não uma província do Brasil. Todos reclamavam que tudo era remetido ao Rio e demorava muito para terem respostas. Os impostos eram altos, mas não recebiam melhorias para a região e o sentimento geral era de que os continentinos só eram lembrados quando havia guerras com os castelhanos, mas com seu término, sequer os empréstimos eram devolvidos. Todos ali acreditavam que seus impostos eram usados para bancar os luxos da Corte e ninguém aceitava isto.

Durante uma reunião na Câmara Municipal, todos se uniram para votar uma proclamação que jurasse fidelidade ao governo, mas Pedro Terra se opôs e tentou se explicar, sendo interrompido por Ricardo Amaral. Todos os presentes apoiaram o voto de Amaral, menos Pedro Terra, e ao tentar sair, o coronel Amaral mandou prender Pedro. A notícia da prisão se espalhava pela cidade e diziam que Juvenal e Rodrigo também seriam presos. Juvenal foi até a casa da irmã avisar seu cunhado, mas este já tinha partido em seu cavalo na noite anterior. Juvenal decidiu ficar, mas se sentiu aliviado pela partida de Rodrigo. Bibiana pensou o que seria de sua família, pois imaginava que Rodrigo tivesse ido participar da revolução, apoiando Bento Gonçalves. Chegaram notícias em outubro de que a revolução tinha começado e Bento Gonçalves tomou Porto Alegre. O presidente da província fugiu para o Rio Grande e o chefe farroupilha convocou o vice-presidente para assumir o cargo.

Com Rodrigo distante, o padre ia mais vezes visitar Bibiana buscando consolá-la. Pedro tinha sido liberto com a condição de não se afastar do povoado e Juvenal também foi proibido de ir fazer negócios no Rio Pardo. Muitos habitantes tinham sido recrutados para servir como soldados, inclusive o alemão Schultz. O padre leu que muitos sacerdotes estavam envolvidos na revolução e se assustou por apoiarem um líder maçom. O padre imaginava como aquela história seria contada com o passar dos anos e pensava se Bento Gonçalves seria lembrado. Em seus pensamentos, há uma crítica à história e à tradição oral:

As pessoas dificilmente contavam as coisas direito. Mentiam por vício, por prazer ou então alteravam os fatos por causa de suas paixões. Cenas da vida cotidiana que se tinham passado sob o seu nariz, ali mesmo na praça de Santa Fé, eram depois

relatadas na venda do Nicolau de uma maneira completamente diferente. Como era então que a gente podia ter confiança na história? Passou-lhe, então, pela mente a lembrança que tinha para a Igreja Católica a tradição oral... Ora, estava claro que com a igreja, que era divina, a coisa era diferente. Mas seria mesmo diferente? Essa dúvida era indigna dum sacerdote. Que Deus lhe perdoasse a heresia! Mas agora Bibiana lhe estava dizendo alguma coisa... (VERISSIMO, 2013, p. 285).

As reflexões do padre sobre a história recaem sobre a igreja e ele contesta a veracidade de todas as histórias contadas, pois sempre poderia haver alguma intenção modificando a versão contada. Apesar de não ter o compromisso com a história, o romance histórico chega para recontar literariamente o passado, trazendo, muitas vezes, diferentes pontos de vista. Chegou o ano de 1836 e as notícias da guerra eram desencontradas. Bibiana ainda esperava por notícias de Rodrigo e tinha esperança de que o marido regressaria vivo da guerra. No final de abril chegaram notícias de que Santa Fé seria atacada pelas Forças Revolucionárias. Moradores da ala leste se refugiaram nas casas da ala oeste, após a praça, onde estariam mais distantes dos primeiros ataques. Sabia-se que os farroupilhas iriam acertar as contas com Amaral. Bibiana permaneceu em casa, mas o irmão foi buscá-la e como ela se negou a sair, para esperar Rodrigo em sua casa, Juvenal levou as crianças. Apesar de saber que seria perigoso, não conseguiu mudar a opinião de Bibiana.

Coronel Amaral mandou prender Pedro e Juvenal Terra temendo que eles se aliassem aos farroupilhas. O tiroteio começou e Bibiana permaneceu rezando e pedindo que Deus lhe permitisse ver o marido só mais uma vez. Depois de muitas horas rezando, esperando, temendo e sofrendo, ela escutou seu nome e reconheceu a voz de Rodrigo. Ele entrou em casa e a beijou, em seguida perguntou dos filhos. Conversaram rapidamente e Rodrigo se despediu beijando-a e dizendo que teria que tomar o casarão do Amaral. Antes de invadir o casarão, Rodrigo foi falar com o padre para verificar que ele não estaria lá dentro durante o ataque. O ataque ao casarão começou e o padre tentava rezar ouvindo os tiros. Na manhã seguinte ouviu um homem o chamar e contar que o casarão estava tomado, mas que Rodrigo faleceu com uma bala

no peito. O padre deveria levar a notícia à Bibiana. O homem contou que o coronel Amaral morreu lutando, mas que o filho tinha fugido.

Quase toda a população foi ao enterro do capitão Rodrigo. Juvenal e Pedro ajudaram a levar o caixão. Muitos comentavam que o enterro de Rodrigo reuniu mais pessoas que o do Amaral. Pedro se lembrou de que os soldados dos Amarais, por serem pobres, foram enterrados sem caixão, nem identificação e ninguém nem foi avisar as famílias. Pedro teve vontade de chorar. No dia de Finados, Bibiana foi com os filhos visitar o túmulo de Rodrigo. Ela vestia luto e conversava com o marido por pensamento. Apesar de não conseguir chorar, estava mais tranquila. Bibiana ouviu de uns que os farrapos desejavam separar a província do resto do Brasil e de outros que só queriam a liberdade, por não aceitarem serem humilhados pela Corte. Para Bibiana isto não importava, pois, seu marido estava morto e nada nem ninguém mudaria isto. Para Bibiana o que importava era que, como ela pressentia, o capitão Rodrigo voltou para casa. O posicionamento de Bibiana destaca o sofrimento das mulheres diante das perdas de familiares para a guerra em que as motivações que provocaram as batalhas se tornavam menores e até irrelevantes.

A narrativa de dona Picucha Terra Fagundes, que perdeu sete filhos durante os dez anos da Guerra Farroupilha, reforça a força das mulheres que ficaram esperando os filhos regressarem das batalhas, trabalhando sozinhas e sobrevivendo por terem entregado tudo o que tinham, desde cavalos a mantimentos, inclusive seus filhos, para sustentar a guerra. Deste relato foi retirada a segunda epígrafe escolhida por Márcio Souza para o romance *Revolta* (2005), que descreve as consequências da guerra e como muitas pessoas ainda passavam necessidades e os campos estavam desertos e as mulheres de luto (VERISSIMO, 2013, p. 303). A epígrafe do romance *Desordem* (2001) também foi extraída do relato de dona Picucha sobre como o tempo demorava para passar quando havia guerra (VERISSIMO, 2013, p. 300).

O sétimo segmento, *O Sobrado IV*, traz a noite do dia 25 de junho de 1895, quando Licurgo mandou queimar algumas cadeiras velhas e prateleiras da despensa por não ter mais madeira para o fogo. Naquele inverno, os

homens desejavam que ocorressem mais conflitos para que pudessem se esquentar. O sobrado é personificado nesta descrição, como se pudesse expressar sentimentos: “O minuano sacode as vidraças que tremem: é como se, sentindo frio, o Sobrado estivesse a bater dentes” (VERISSIMO, 2013, p. 305). Eles escutam o balanço da cadeira de dona Bibiana e ficam fazendo versos para passar o tempo. A mulata Laurinda conta histórias de Pedro Malasartes antes de Rodrigo e Toríbio dormirem. Os meninos sentem o estômago doer de fome, mas tentam dormir. Maria Valéria se lembra de como Alice sofreu ao saber que o filho de Ismália era de Licurgo, mas como todos da família Terra, sofria calada. Naquela noite, Alice começou a gritar dizendo que escutou os ratos atacarem sua filha enterrada no porão. Licurgo apenas respondeu irritado que aquele som era do vento.

A narrativa presente no *Continente I* destaca a vida de diferentes personagens no contexto das guerras, em especial as batalhas para a determinação da fronteira e a Guerra Farroupilha. A presença de mulheres fortes que resistem a violência e esperam por seus maridos e filhos, mantendo sozinhas as casas enquanto eles lutam pelos campos também é ressaltada. As divergências entre os interesses particulares e os gerais, apresentadas pelos contrastes entre os governantes e os pequenos proprietários de terra, por exemplo, aparecem em diferentes momentos da narrativa que denuncia a exploração da mão de obra e os abusos de poder. A origem das famílias e suas trajetórias diante de dificuldades, desigualdades e guerras colaboram para compor o cenário da região Sul em que a população permanece lutando por melhores oportunidades e mantém a esperança de um país melhor.

3 Século XIX no Brasil: Conflitos e Contrastes

Os romances históricos analisados apresentam narrativas ficcionais situadas no século XIX, período que compreende as mudanças políticas que desencadearam a independência da Coroa Portuguesa e a unificação das províncias ao Reino Unido do Brasil.

Márcio Souza reflete sobre o impacto da Cabanagem para a Amazônia a partir de um questionamento feito pelo escritor manauara Milton Hatoum:

MILTON HATOUM: A tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* tem no seu cerne a Cabanagem, uma revolta popular pouco explorada pela ficção. O que significou, para a Amazônia, a derrota dos cabanos depois de 20 anos de guerra civil?

Márcio Sousa: Eu acho que o significado é mais amplo; atinge o país. Nós tínhamos ali, em luta, dois modelos: um, o do Vice-Reino do Brasil, depois Império do Brasil, que era uma sociedade monárquica, escravocrata, de grandes proprietários e com uma economia agroindustrial de exportação; e o outro modelo era o Grão-Pará, que tinha como proposta um país republicano, democrata, com uma economia baseada nos pequenos proprietários agrícolas e na indústria, especialmente a de manufatura de borracha. O choque era irreconciliável. A derrota dos cabanos, a derrota do Grão-Pará, tem um efeito para a formação do Brasil comparável ao que seria uma vitória do Sul na Guerra de Secessão americana. A derrota do Grão-Pará foi a derrota do Brasil moderno; se o Sul – escravocrata, latifundiário – tivesse vencido, os Estados Unidos estariam igual ao Brasil. Ou seja, com a derrota dos cabanos, o Brasil é que saiu derrotado. (SOUZA, 2005b, p. 44)

A análise realizada pelo escritor reforça seu posicionamento sobre os acontecimentos históricos e a necessidade de se repensar a importância da Cabanagem e quais aspectos políticos, econômicos e sociais diferenciavam estes locais ao Norte e ao Sul do país.

Para melhor compreender este período histórico do Brasil que foi retratado nos romances históricos analisados, retomaremos um pouco da história que culminou na Guerra dos Farrapos (1835 – 1845) e na Guerra dos Cabanos (1835 – 1840).

Com a Carta Régia de 20 de agosto de 1772, o Marquês de Pombal decidiu subdividir o Estado do Grão-Pará e Maranhão em dois. A divisão

consistia no Estado do Grão-Pará e Rio Negro, com sede em Belém, e o Estado do Maranhão e Piauí, sediado em São Luís. Mesmo com esta divisão, ambos continuariam a receber ordens diretamente de Lisboa (PONTES FILHO, 2000, p. 94).

Mesmo após a independência do Brasil de Portugal, em 1822, que elevou à condição de província as antigas capitanias, o Amazonas (Capitania do São José do Rio Negro) continuou sem governo próprio, sendo submetido ao comando do Pará. Em 1823, O Estado do Grão-Pará aderiu ao Estado Nacional Brasileiro e desvinculou-se de Portugal. Diante desta situação política e das adversidades sociais e econômicas enfrentadas pela população, culminou em 1835 com a Revolta dos Cabanos ou Cabanagem, que foi considerada a maior e mais popular rebelião ocorrida na história da Amazônia (PONTES FILHO, 2000, p. 98).

A Guerra dos Cabanos, também chamada de Cabanagem, ocorreu na província do Grão-Pará e Rio Negro, entre os anos de 1835 e 1840. Esta guerra conseguiu unir amplos setores sociais como camponeses, escravos foragidos, índios, mestiços, trabalhadores independentes e parte da elite local. Os mais pobres eram maioria e os mais dedicados à rebelião por serem violentamente explorados pelas autoridades governamentais, além de viverem em estado de quase absoluta miséria. Eles eram chamados de cabanos por morarem em cabanas simples cobertas por palha à beira dos rios. O termo cabano também é utilizado para designar o chapéu de palha utilizado pela população mais humilde na Amazônia (RICCI, 2007, p. 6).

Grande parte da população da província desejava a volta de D. Pedro e não reconhecia o governo regencial, o que acabou gerando, após a abdicação do imperador, manifestações contrárias às interferências do Rio de Janeiro na administração local. Muitos lutavam contra o mercantilismo secular, eram anticolonialistas e buscavam um patriotismo, uma identidade própria. Em 1832, um levante armado impediu a posse de um governador nomeado pela regência e reivindicou a expulsão dos portugueses, responsabilizados pela miséria reinante. Em 1833, o novo governador, Bernardo Lobo de Souza, administrou a província de forma rígida, perseguindo e deportando os revoltosos. Com tais

atitudes, o clima de tensão intensificou-se na região incentivando novas manifestações.

Em 1835, as lideranças populares, chamados de cabanos, invadiram Belém e executaram o governador. Dentre os líderes destacaram-se os irmãos Vinagre, o Eduardo Angelim, o cônego Batista Campos e o Félix Antonio Malcher, que mais tarde se tornaria governador. Félix se tornou governador com o apoio de D. Pedro II e da população. D. Pedro II autorizou que o Grão-Pará tivesse um governador local, considerado “brasileiro”, até a maioria do regente. Apesar do apoio inicial, Malcher tomou atitudes consideradas radicais, afastando a elite que passou a temer a força que as camadas mais pobres da população vinham adquirindo, pois isto poderia ameaçar os interesses econômicos dos mais abastados. Receosa, a elite decidiu apoiar as forças opressoras e os conflitos internos enfraqueceram o governo.

Em janeiro de 1835, Félix Malcher foi empossado e jurou perante a Câmara que prestaria serviços à causa brasileira, mas, em seguida, apoiado pela aristocracia rural, pediu paz ao povo e para que trocassem suas armas pelas ferramentas agrícolas. Além disso, demitiu todos os funcionários públicos e contratou outros de sua confiança, com salários maiores, mandando apreender todo o armamento da Marinha, mesmo esta sendo uma medida inconstitucional. Os cabanos sentiram-se traídos por Malcher e o executaram.

O governo central enviou o almirante inglês Taylor para retomar o território e reprimir os cabanos. Taylor obteve uma vitória inicial, mas Eduardo Angelim comandou o exército cabano e retomou a capital, proclamou a República e separou a Província do Pará do Império do Brasil.

Angelim era popular e seu governo era considerado revolucionário, trazendo grande esperança à população mais pobre. Mais uma vez a decepção surgiu, pois, ao assumir o governo, Angelim tomou medidas controversas como a decretação de morte a surra e o fuzilamento de negros, escravos, homens livres e índios acusados de terem cometido crimes contra inocentes (RICCI, 2007, p. 21). Angelim, com o apoio da igreja católica ajudou muitos comerciantes e legalista a fugir de Belém. Em 1836, durante uma forte tempestade, Eduardo fugira de Belém pela baía de Guajará, passando pelas embarcações imperiais sem ser percebido.

Após sucessivos ataques das tropas imperiais, a resistência dos cabanos, já enfraquecida, sucumbiu em 1840. Chegou ao fim, assim, a Guerra dos Cabanos, acabando com os sonhos do povo de ter um governo democrático e revolucionário. A Cabanagem é considerada um momento revolucionário do período colonial por ser o único em que as camadas populares conseguiram chegar ao poder de uma província e governar, mesmo que por um curto período. Estima-se que nesta época a população provincial era de cem mil habitantes e que durante a Cabanagem o número de mortos foi superior a trinta mil (MOTA, 1997, p. 394).

No outro extremo, a Revolta dos Farrapos ou Farroupilha ocorreu entre os anos de 1835 e 1845 na região do Rio Grande do Sul. A elite gaúcha se rebelou contra uma medida alfandegária que reduziria os impostos de produtos da região do Prata, que eram similares aos comercializados pelo sul. O governo alegava que a população do Sudeste considerava abusivo o preço dos produtos do Sul. Eram chamados de farrapos aqueles que eram contrários e se rebelavam contra o governo imperial.

Os grandes estancieiros desejavam uma maior autonomia para o território, mas pretendiam manter os vínculos com o Império. A população mais pobre sonhava em ter melhores condições de vida em uma república e, por isso, se uniram ao movimento (MOTA, 1997, p. 395).

Em 1836, Bento Gonçalves, rico estancieiro, liderou tropas para depor o governador Antônio Rodrigues Fernandes Braga, nomeado pelo poder regencial. Os farrapos ocuparam Porto Alegre e proclamaram a República Rio-Grandense ou República de Piratini. Neste momento o movimento passa a ter um caráter mais separatista.

Até 1840 ocorreram muitas batalhas em que os farrapos saíram vitoriosos. Deste período se destaca a derrota que sofreram na batalha da Ilha do Fanfa, em outubro de 1836, quando se cogitava apenas o nome de Bento Gonçalves para presidente da república Rio-Grandense.

O período correspondente ao intervalo entre os anos de 1840 e 1842 é considerado de declínio, pois as divergências entre os líderes do movimento se intensificaram. De acordo com o pesquisador José Plínio Guimarães Fachel, havia uma divisão entre dois grupos: sendo o primeiro chamado de “maioria”

que “além de interesses pessoais de suas lideranças, discutia a abolição da escravatura, desejava a forma de governo republicana e uma interação latino-americana” e o segundo, a “minoría” que “desejava melhorias pessoais dentro do próprio sistema, sem grandes preocupações com o modelo político e econômico” (FACHEL, 2002, p. 124). Bento Gonçalves fazia parte do primeiro grupo.

As tropas imperiais, comandadas por Luís Alves de Lima e Silva, o futuro Duque de Caxias, detiveram o movimento em 1845. Para conseguir esta conquista, ele soube explorar, com diplomacia, as divergências entre os estancieiros mais radicais, os moderados e outros líderes farroupilhas, isolando os mais radicais e “garantindo uma tarifa de importação de 25% sobre o charque da região do Prata” (MOTA, 1997, p. 395). Além disto, Luís Alves apelou ao patriotismo dos insurretos e os convenceu que os inimigos dos sulistas eram os presidentes do Uruguai e da Argentina (FAGUNDES, 1983, p. 324-326). Luís Alves Lima e Silva foi aclamado como “O pacificador”, acrescentando o título de Conde de Caxias à presidência da Província Rio-Grandense (DORNELES, 2010, p. 4).

3.1. As mulheres na guerra: *Ana Terra* e Simone/Ane-Marie

- Isto não é negócio de mulher. É de macho.

[...]

- Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei – continua Maria Valéria. – Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, como quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra.

(VERISSIMO, 2013, p. 26 e 27)

Erico Verissimo escreve *Ana Terra* - um dos capítulos de *O Continente I* – em que uma personagem feminina e forte enfrenta as dificuldades durante o período de início do estabelecimento de estâncias por migrantes e imigrantes no Continente de São Pedro, região hoje correspondente ao Estado do Rio Grande do Sul.

O episódio intitulado *Ana Terra* apresenta uma família composta pela mãe (Henriqueta), pai (Maneco), uma filha (Ana Terra) e dois filhos (Horácio e Antônio) que saem de Sorocaba – interior do Estado de São Paulo – para viver nas terras ao sul do continente, como sonhava o avô paterno de Ana Terra.

Todos os membros da família de Ana Terra eram analfabetos, viviam do trabalho braçal na fazenda. Em oposição aos seus familiares, tem-se o personagem Pedro Missioneiro (índio mestiço com quem Ana se relaciona) que sabia ler, escrever e tocar flauta – demonstrando uma cultura diferente adquirida pela educação recebida dos padres jesuítas. Tanto a mãe quanto a filha sonhavam em morar em uma cidade grande, pois acreditavam em uma vida melhor distante das dificuldades e perigos do isolamento que enfrentavam naquele sítio afastado. Em relação ao comportamento, observa-se que os afazeres domésticos eram obrigação das mulheres da casa e que a regra geral era de que a mulher deveria manter-se em silêncio.

A esperança de uma possível mudança de cidade se daria através do casamento e isto era o que motivava Ana Terra, mesmo já tendo uma idade

avançada para casar-se – considerando os costumes daquela época em que as mulheres se casavam bem jovens, antes dos dezoito anos:

Tinha vinte e cinco anos e ainda esperava casar. Não que sentisse muita falta de homem, mas acontecia que casando poderia ao menos ter alguma esperança de sair daquele cafundó, ir morar no Rio Pardo, em Viamão ou até mesmo voltar para a capitania de São Paulo, onde nascera. Ali na estância a vida era triste e dura. (VERISSIMO, 2005, p. 8)

A expectativa de que o casamento poderia resultar em uma mudança de cidade era a esperança para a moça, por representar a possibilidade de deixar a vida “dura e triste” daquele lugar ermo e distante, de difícil acesso designado negativamente como “cafundó”. O narrador apresenta o fato de que o casamento não seria pelo desejo em relação ao homem, mas sim pelo que ele poderia lhe proporcionar, como uma vida fora da estância da família.

Ana era a primeira a levantar-se pela manhã, a realizar todos os afazeres domésticos sem a participação dos irmãos, trabalhar na lavoura para ajudar a família, sem ter a liberdade de se expressar verbalmente diante do pai e dos irmãos. Vivendo neste contexto opressor, “sentir muita falta de homem” não seria – a princípio – um desejo esperado por esta personagem.

Em oposição à “vida dura e triste” no Sul há a apresentação da “vida alegre e cheia de gente” no Norte - vale ressaltar que Sorocaba é considerada neste trecho como Norte em relação à posição em que se encontra a personagem no Sul do país:

Ana Terra fez alto, depôs o cesto no chão e suspirou. O vento impelia as palmas dos coqueiros na mesma direção em que esvoaçavam seus cabelos. Para que lado ficava Sorocaba? Os olhos da moça voltaram-se para o norte. Lá, sim, a vida era alegre, havia muitas casas, muita gente, e festas, igrejas e lojas... (VERISSIMO, 2005, p. 9)

Esta oposição é marcada pelo contraste do isolamento naquele ambiente rural no Sul em relação ao espaço urbano de Sorocaba com casas, igrejas, lojas e mais pessoas reunidas, festas e alegrias. É clara a idealização do local de nascimento diante das dificuldades enfrentadas na vida no campo em meio a saques e violências.

A rotina de trabalho é apresentada como a faina diária, ou seja, aquele trabalho árduo e repetitivo realizado em grupo, neste caso pela família. A dureza do trabalho serviria para distrair dos medos e aflições de estar vivendo naquele lugar distante:

Não havia outro remédio – achava ela – senão trabalhar para esquecer o medo, a tristeza, a aflição... Acordava e pulava da cama, mal raiava o dia. Ia aquecer a água para o chimarrão dos homens, depois começava a faina diária: ajudar a mãe na cozinha, fazer pão, cuidar dos bichos do quintal, lavar a roupa. Por ocasião da colheita ia com o resto da família para a lavoura e lá ficava mourejando de sol a sol. (VERISSIMO, 2005, p. 8 e 9)

O hábito de tomar chimarrão já aparece como parte da rotina dos Terra e os afazeres domésticos eram exclusivos das mulheres da casa enquanto o restante da família trabalhava na lavoura e, após os serviços domésticos, ainda os ajudavam no campo.

O sofrimento das mulheres não era expressado e mesmo o choro era reservado ao silêncio e ao isolamento como observado nesta atitude da mãe: “Às vezes, quando estava sozinha, chorava, mas na frente do marido vivia de cabeça baixa e raramente abria a boca” (VERISSIMO, 2005, p. 9). A submissão ao marido se mostra pela cabeça baixa e pela falta de comunicação, raramente falava. Nesse contexto, utilizando uma expressão de Rosiska de Oliveira, predominava para as mulheres o “decreto de silêncio” (1991, p. 28), por terem a voz silenciada inclusive nos espaços privados, como o lar.

Em oposição à descrição sucinta da mãe, o pai é descrito também como um homem de poucas palavras, mas seu temperamento e personalidade são mais bem explicitados:

Maneco Terra era um homem que falava pouco e trabalhava demais. Severo e sério, exigia dos outros muito respeito e obediência, e não admitia que ninguém em casa discutisse com ele. ‘Terra tem só uma palavra’, costumava dizer. E era verdade. Quando ele dava a sua palavra, cumpria, custasse o que custasse. (VERISSIMO, 2005, p. 12)

Fica claro que a exigência de obediência se aplicava inclusive à sua esposa D. Henriqueta que não poderia discutir com ele e provavelmente por isto expressasse suas tristezas apenas quando estava sozinha.

Este silêncio pode ser notado nas ações de Ana que sequer cantarolava perto dos irmãos e do pai, como se as cantigas não combinassem com a austeridade paterna:

Ergueu-se, caminhou para o lugar onde estava o cesto, tirou as roupas para fora, ajoelhou-se, apanhou o sabão preto e começou a lavá-las. Enquanto fazia isso cantava. Eram cantigas que aprendera ainda em Sorocaba. Só cantava quando estava sozinha. Às vezes, perto da mãe, podia cantarolar. Mas na presença do pai e dos irmãos tinha vergonha. Não se lembrava de jamais ter ouvido o pai cantar ou mesmo assobiar. (VERISSIMO, 2005, p. 11 e 12)

Até mesmo a demonstração de felicidade ao cantarolar ou assobiar para se distrair estavam reservadas para quando estivesse sozinha, nunca na frente dos homens da família, mas havia uma intimidade um pouco maior com a mãe que lhe permitia tal gesto.

O vento dá nome à trilogia, mas também acompanha a personagem Ana Terra em vários momentos importantes como se naquelas planícies os sons do vento se personificassem e antecipassem que algo estaria por acontecer: “‘Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando’, costumava dizer Ana Terra” (VERISSIMO, 2005, p. 7). Além de o vento ser uma característica do clima da região Sul, também indica este caráter passageiro do tempo, pois o vento “passa”:

Ana Terra guardava a lembrança daquele dia como quem entesoura uma joia. Estava claro que ventava também na manhã em que o major Pinto Bandeira e seus homens passaram pela estância, a caminho do forte de Santa Tecla, onde iam atacar o inimigo. (VERISSIMO, 2005, p. 10)

A passagem do major Pinto Bandeira marca o momento em que ele se referiu a Ana como moça bonita e isto despertou nela um olhar positivo sobre si mesma. O flerte realizado pelo major e o interesse demonstrado em frente ao seu pai despertaram o posicionamento de defensor no patriarca que buscou dissolver tais comentários do militar afirmando que a casa possuía três homens

armados para defendê-la. Este episódio antecipa a “proteção da honra” que se concretizaria com o assassinato de Pedro Missioneiro quando a família descobriu a gravidez de Ana.

D. Henriqueta experimentou o mesmo sonho da filha de ter uma vida diferente com o casamento, no entanto, a mudança para a estância não era o que ela sonhou e a esperança de permanecer em São Paulo após o seu matrimônio não se concretizou, trazendo-lhe sofrimentos e desesperanças:

D. Henriqueta olhava desconsolada para a velha roca que estava ali no rancho, em cima do estrado. Era uma lembrança de sua avó portuguesa e talvez a única recordação de sua mocidade feliz. Casara com Maneco na esperança de ficar para sempre vivendo em São Paulo. Mas acontecera que o avô de Maneco fora um dos muitos bandeirantes que haviam trilhado a estrada da serra Geral e entrado nos campos do Continente, visitando muitas vezes a Colônia do Sacramento. Quando voltava para casa, tantas maravilhas contava aos filhos sobre aqueles campos do sul, que Maneco crescera com a mania de vir um dia para o Rio Grande de São Pedro criar gado e plantar. (VERISSIMO, 2005, p. 14)

Os sentimentos de estar naquela estância no Sul ,não somente a tristeza por estar longe de sua terra natal e das possibilidades de encontrar outras pessoas e um bom casamento para a filha, mas principalmente pelo pavor de estar exposta aos ladrões, estupradores e toda a violência às quais principalmente as mulheres estão sujeitas em períodos de guerras, a faziam pensar: “D. Henriqueta sacudia a cabeça devagarinho. Aquilo não era vida! Viviam com o coração na mão. [...] Tinha saudade de Sorocaba, de sua casa, de seu povo. Lá pelo menos não vivia com o pavor na alma” (VERISSIMO, 2005, p. 13). Novamente observa-se o contraponto entre Sorocaba tranquila junto com aqueles que ela considerava como “seu povo” em oposição ao pavor tão grande que era sentido em sua alma por viver em sobreaviso naquele lugar. Esta diferença fica clara neste fragmento:

Ouvia contar histórias horríveis de mulheres que tinham sido roubadas e levadas como escravas pelos índios coroados, que acabavam obrigando-as a se casarem com algum membro da tribo. Contavam-lhe também casos tenebrosos de moças que eram violentadas por bandoleiros. Seria mil vezes preferível viver como pobre em qualquer canto de São Paulo a ter uma

estância, gado e lavoura ali naquele fundão do Rio Grande de São Pedro. (VERISSIMO, 2005, p. 13)

A violência sofrida pelas mulheres leva a matriarca a temer estar ali e a não encontrar vantagens em ter uma fazenda naquele lugar afastado em que estavam sujeitas a serem violentadas por bandoleiros ou sequestradas pelos indígenas. O desejo do marido de ter terras no Rio Grande se sobrepõe aos riscos de deixar mulher e filha em um sítio mais vulnerável. O espaço rural acaba influenciando a família e nota-se que a terra vai se entranhando nos Terra:

E, quanto mais o tempo passava, mais o marido e os filhos iam ficando como bichos naquela lida braba – carneando gado, curando bicheira, laçando, domando, virando terra, plantando, colhendo e de vez em quando brigando de espingarda na mão contra índios, feras e bandidos. Parecia que a terra ia se entranhando não só na pele como também na alma deles. (VERISSIMO, 2005, p. 14)

Todo este contexto envolvendo o espaço e a família dos Terra aumenta as preocupações de D. Henriqueta quanto ao futuro da filha:

Que ia ser de Ana, uma moça, metida naquele cafundó? Como é que ia arranjar marido? Nem ao Rio Pardo o Maneco consentia que ela fosse. Dizia que mulher era para ficar em casa, pois moça solta dá o que falar.

D. Henriqueta respeitava o marido, nunca ousava contrariá-lo. A verdade era que, afora aquela coisa de terem vindo para o Rio Grande e umas certas casmurrices, não tinha queixa dele. Maneco era um homem direito, um homem de bem, e nunca a tratara com brutalidade. Seco, calado e opiniático – isso ele era. Mas quem é que pode fugir ao gênio que Deus lhe deu? (VERISSIMO, 2005, p. 14)

Mais uma vez a questão do machismo se apresenta no posicionamento de Maneco que impedia a filha de ir até a cidade para não “dar o que falar”, no entanto, os filhos solteiros podiam acompanhá-lo. O comportamento casmurro, seco e calado do marido é justificado como sendo “gênio” e não escolhas de comportamento feitas por ele, sendo desta forma aceitável pela esposa porque ele não teria como mudá-los. Este ponto de vista apresentado pelo narrador busca justificar e atenuar as atitudes deste homem que não poderia sequer ser contrariado pela esposa – tal atitude seria considerada uma ousadia – mas que

deveria ser considerado um homem de bem por ela, seguindo os padrões daquela época.

O preconceito em relação às moças da cidade se mostra quando Antônio, um dos filhos de Maneco, se interessa por Ana, uma moça de Rio Pardo:

- Pra essas moças da cidade não há cabresto nem palanque. Não queria que os filhos casassem com moça da vila, dessas que não gostam de campo e só pensam em festas, roupas e enfeites. (VERISSIMO, 2005, p. 31)

As moças deveriam somente pensar em coisas de campo e viver ali isoladas para serem adequadas na visão preconceituosa de Maneco. Além disso, a expressão de que para elas “não há cabresto nem palanque¹³” nos remete a intenção masculina em dominar/controlar esta mulher como a um animal e que, ao escolher uma jovem da cidade, seria de mais difícil controle, na visão de Maneco.

Erico Verissimo é discreto no emprego de vocabulário regional na caracterização da fala, evitando assim a caricatura. Alguns exemplos de aproveitamento do linguajar local, na representação literária são os empregos da forma “mui”, de influência hispânica, para o advérbio “muito”, como observado nesta resposta de Pedro Missioneiro e a expressão gaúcha “parar rodeio” utilizada por Antônio, que significa reunir o gado em um determinado lugar: “– Amanhã vamos parar rodeio, Pedro – disse-lhe Antônio.

- Mui lindo – respondeu o índio” (VERISSIMO, 2005, p. 36).

Ainda sobre a linguagem de Pedro, o narrador esclarece:

No seu português misturado com espanhol, Pedro contou que fugira da redução quando ainda muito menino e que depois crescera nos acampamentos militares dum lado e doutro do rio Uruguai; ultimamente acompanhara os soldados da Coroa de Portugal em suas andanças de guerra; também fizera parte das forças de Rafael Pinto Bandeira e fora dos primeiros a escalar o forte castelhano de San Martinho... (VERISSIMO, 2005, p. 19)

¹³ Palanque é um termo regional utilizado nos Estados de São Paulo e do Rio Grande do Sul para designar o poste ou esteio de cerca em que se amarra o potro para domar, encilhar ou tratar de bicheira.

Estes esclarecimentos feitos pelo narrador favorecem a compreensão do leitor ao reduzir a mistura que era a linguagem utilizada por Pedro que mescla o português com o espanhol por ter vivido nos dois lados da fronteira.

A narrativa pendular, utilizada por Erico Verissimo de acordo com Sandra Pesavento (2001), aproxima e distancia: masculino e feminino; destino e liberdade; mudança e permanência; Civilização/cultura e barbárie/natureza (PESAVENTO, 2001, p. 47). Esta dualidade se dá no encontro entre o índio (Pedro Missioneiro) e a moça branca (Ana Terra) – casal que representa o mito das origens supostamente invertidos, pois Pedro apresenta características atribuídas à civilização/cultura como a sensibilidade, a cultura, o conhecimento musical (flauta), saber ler e escrever e conhecer o latim e ter conhecimento religioso. Estas características se opõem às de Ana, que representaria a barbárie/natureza: demonstra impulso sexual, prazer físico e não era alfabetizada (PESAVENTO, 2001, p. 47).

As desigualdades sociais são apresentadas de forma crítica quando Maneco percebe as diferenças de tratamento recebido por nobres, militares ou religiosos em oposição ao restante da população:

Maneco recordava sua última visita a Porto Alegre, onde fora comprar ferramentas, pouco antes de vir estabelecer-se ali na estância. Achara tudo uma porcaria. Lá só valia quem tinha um título, um posto militar ou então quem vestia batina. Esses viviam à tripa forra. O resto, o povinho, andava mal de barriga, de roupa e de tudo. (VERISSIMO, 2005, p. 32)

A crítica à desigualdade social já presente em Porto Alegre antes de que a família se estabelecesse na estância é destacada pelo adjetivo “porcaria” que caracteriza o sentimento negativo em relação a esta diferença de tratamento entre as pessoas. Não somente a diferença em relação à posição/cargo na sociedade, mas a divisão de terras de forma desigual, privilegiando a poucos, criando grandes latifúndios e aumentando a estratificação social neste novo território, além da dependência política:

Maneco ouvira muitas histórias. Pelo que contavam, todo o Continente ia sendo aos poucos dividido em sesmarias. Isso seria muito bom se houvesse justiça e decência. Mas não havia. Em vez de muitos homens ganharem sesmarias pequenas, poucos homens ganhavam campos demais, tanta terra que a

vista nem alcançava. Tinham lhe explicado que o governo fazia tudo que os grandes estancieiros pediam porque precisava deles. (VERISSIMO, 2005, p. 32)

Erico Verissimo utiliza o narrador em terceira pessoa, onisciente e crítico que apresenta os problemas naquela sociedade em formação e critica os favorecimentos aos grandes proprietários de terra e a injustiça, como neste exemplo:

[...] E, como recompensa de seus serviços, esses senhores de grandes sesmarias ganhavam às vezes títulos de nobreza, privilégios, terras, terras e mais terras. Era claro que, quando havia uma questão entre esses graúdos e um pobre-diabo, era sempre o ricoço quem tinha razão. (VERISSIMO, 2005, p. 32)

Novamente surge a crítica em relação à desigual divisão de terras que criava, aumentava e mantinha a distância entre aqueles que possuíam grandes latifúndios acompanhados por títulos de nobreza e privilégios e os outros pertencentes à população comum que além de não ganhar vantagens materiais eram prejudicados nas decisões jurídicas e/ou de outra ordem. Esta crítica mostra como foi sendo estabelecida a imensa desigualdade econômica ainda presente neste país.

Ana Terra escolhe o nome de Pedro para seu filho e o narrador apresenta as impressões desta mãe sobre a mistura de características do pai e do avô observadas no filho como uma ironia do destino:

Ficara espantada ao notar que o filho estava mais alto do que ela. Mas espanto maior ainda lhe causara a descoberta que aos poucos fizera de que, embora fosse a imagem viva do pai, o rapaz tinha herdado o gênio do avô: era calado, reconcentrado e teimoso. Engraçado! Maneco Terra e o homem que ele mandara matar agora se encontravam no corpo de Pedrinho. (VERISSIMO, 2005, p. 84)

Em relação às críticas presentes no romance, Antonio Candido, em entrevista a Sandra Pesavento, afirma que sua geração conheceu o Rio Grande do Sul pela ficção de Erico Verissimo:

A técnica narrativa nos fascinou e nós percebemos que ali estava um escritor que sabia ver a sociedade com os olhos retos, descrevendo sem complacência as classes dominantes e

manifestando grande solidariedade em relação aos fracos e oprimidos. (CANDIDO, 2001, p. 13)

Com sua produção literária de ficção, Erico Verissimo se posicionou, denunciou a realidade, propôs sínteses e interpretações históricas, mas o fez dentro da melhor tradição de romance realista, aquela que vê na literatura uma possibilidade de debate (ZALLA, 2016, p. 479).

Em meio ao caos e à guerra, Ana Terra é um elemento de continuidade, pois é forte e sobrevive aos episódios de assassinato do pai de seu filho, ao estupro coletivo, ao extermínio de seus familiares e ainda, de certa forma, luta contra o destino.

O emblemático nome de família – Terra - se materializa na função que exerce na trajetória da família; ela é a raiz que assegura a continuidade, a estabilidade e a ordem num mundo caótico (PESAVENTO, 2001, p. 47).

A questão da terra, as divisões, lutas e conflitos gerados por sua posse, bem como as desigualdades abismais - socioeconômicas, principalmente - são apresentadas com destaque em *Ana Terra*:

Ana Terra sacudiu a cabeça lentamente, mas sem compreender. Para que tanto campo? Para que tanta guerra? Os homens se matavam e os campos ficavam desertos. Os meninos cresciam, faziam-se homens e iam para outras guerras. Os estancieiros aumentavam suas estâncias. As mulheres continuavam esperando. Os soldados morriam ou ficavam aleijados. Voltou a cabeça na direção dos Sete Povos e seu olhar perdeu-se vago, sobre as coxilhas. (VERISSIMO, 2013, p. 148)

Este trecho resume as ideias sobre o favorecimento dos grandes estancieiros com a guerra em oposição ao sofrimento e prejuízos – lesões físicas, amputações ou mesmo a morte - sofridos pela população trabalhadora. Esta reflexão se repete quando Ana vai pedir a dispensa de seu filho de servir na guerra e justifica que este jovem estava prestes a se casar. Diante da negativa:

Ana Terra sentiu uma revolta crescer-lhe no peito. Teve ganas de dizer que não tinha criado o filho para morrer na guerra nem para ficar aleijado brigando com os castelhanos. Guerra era bom para homens como o coronel Amaral e outros figurões que ganhavam como recompensa de seus serviços medalhas e

terras, ao passo que os pobres soldados às vezes nem o soldo recebiam. Quis gritar todas essas coisas mas não gritou. A presença do homem – aquelas botas pretas, grandes e horríveis! – a acovardava. Fez meia-volta e se foi em silêncio. (VERISSIMO, 2013, p. 146)

Novamente o narrador onisciente apresenta a crítica em relação à guerra que estava ligada aos interesses daqueles já possuíam grandes terras e poder, mas que o ônus recairia nos ombros das famílias mais simples que perdiam seus filhos, maridos e pais para a guerra. O silêncio emblemático que domina Ana Terra – apesar da coragem inicial em enfrentar o Coronel e pedir a dispensa para seu filho – destaca-se pelo poder imposto pelas botas pretas de cano alto usadas pelo militar. O sapato impunha respeito e autoridade e ao olhar para baixo, ao falar com ele, Ana apenas visualiza as botas e se lembra de que seu filho, quando menino, lhe contou sentir medo daquelas “botas que pareciam um ‘bicho preto’” (VERISSIMO, 2013, p. 146).

As botas pretas e de cano longo até o joelho remetem ao poder daquele militar que preparava as armas ao conversar com aquela mãe. A imponência das botas já havia impressionado o garoto Pedro quando conheceu Ricardo Amaral e os sapatos o fascinaram antes de causar medo: “Pedro olhava fascinado para as grandes botas do estancieiro e para as chilenas de prata que lampejavam ao sol” (VERISSIMO, 2013, p. 142). A desigualdade de poder começa pelo destaque às botas indicando que o olhar de seus interlocutores ficava por vezes restrito à altura de seu joelho, demonstrando uma submissão. Esta submissão se confirma visto que mesmo refletindo/pensando sobre os interesses pessoais do coronel em levar seu filho para aquela guerra, Ana Terra não gritou e nem ao menos falou tudo o que pensava diante dele.

No romance *Desordem* (2001), de Márcio Souza, a narrativa é da francesa Anne-Marie que foi para Caiena acompanhando seu pai, mas foi levada ao Grão-Pará após a invasão de Caiena e seu pai ter sido preso. Em uma irônica nota introdutória há a explicação de que os nomes do primeiro volume haviam sido alterados e Anne-Marie era chamada de Simone enquanto Pedro Barata corresponde ao Fernando - protagonista de *Lealdade* (1997).

Anne-Marie inicia seu texto justificando as razões que a levaram a escrever e buscando a compreensão de seus possíveis leitores. Este recurso de

dialogar com seus interlocutores garante uma maior aproximação e empatia pelo que seria narrado:

Assim, que fique desde já muito claro que não me debruço sobre este relato com o desejo de me expor com vaidade, de me intrometer na História, de me destacar indevidamente perante fatos que o tempo vai soterrar. Se de algum modo estarei presente ou se discorrerei sobre meus atos, que os leitores – se os houver – não tomem isto como soberba, apenas como uma informação perfunctória e necessária sobre a autora destas lembranças. É provável também que esta volta ao passado seja fruto de uma certa insatisfação com a já crescente indiferença do presente. (SOUZA, 2001a, p. 30)

Neste trecho observamos também a mesma preocupação de que os acontecimentos não fossem deixados de lado, “soterrados”. Esta preocupação já foi declarada pelo escritor do romance - citadas anteriormente neste trabalho – e reaparece no relato da personagem. A justificativa de que a insatisfação com a indiferença do presente a fez olhar para o passado nos remete ao contexto de produção do autor que busca retomar um passado de lutas que poderiam modificar o presente.

Diferentemente da personagem Ana Terra, de Erico Verissimo, que mantém sua firme ligação com a família, a terra e suas origens, Anne-Marie assim se descreve: “Eu era uma mulher sem raízes, meus amigos pensavam estar fincados no chão” (SOUZA, 2001a, p. 31). Anne-Marie é vista e se vê como uma mulher mais livre, mas sozinha em meio àquelas revoluções: “Eu não possuía ninguém, minha família sumira na voragem da agonia da revolução, as famílias de meus amigos viviam no Grão-Pará desde o século anterior, construindo pelo trabalho uma nova nação, conforme o ideal do novo mundo” (SOUZA, 2001a, p. 31).

O posicionamento desta narradora em relação à anexação do território do Grão-Pará ao Império brasileiro também é negativo e descrito como “desastre”, ao retomar como ela e seus amigos – Angelim, Bernardo, João Batista e Pedro – eram tratados, Anne-Marie descreve: “Éramos todos perseguidos pelas lembranças de rebeldia e pelo desastre da anexação do Grão-Pará ao Império do Brasil” (SOUZA, 2001a, p. 31).

O relacionamento - que para a narradora do segundo volume seria de amizade com Pedro/Fernando, narrador-protagonista do primeiro volume –

aproxima-os em relação aos ideais de independência política e econômica da região, bem como pela frustração por seus sonhos não terem se concretizado. Esta aproximação fica evidente quando ela recorda seus momentos de juventude:

Apesar de tudo isto, não podíamos deixar de lembrar daqueles tempos de outrora, porque menos desapontadores; tempos de violência, mas de esperança, tempos de tumulto, mas de audácia. Quando ainda não sofríamos a certeza da derrota e esta frustração que nos asfixiará até o nosso último minuto. (SOUZA, 2001a, p. 32)

O tom de frustração demonstra como esta mulher não somente observava os pensamentos e as decisões sendo tomadas pelos homens, mas tinha um ideal que compartilhava com seus amigos e lutava por eles, não apenas esperava que os homens agissem e trouxessem notícias das lutas que enfrentaram.

Ao recordar os momentos de sua infância em Paris, no bairro *Montmartre* – bairro parisiense conhecido por ser a escolha de muitos artistas que vivem/viveram na capital francesa – Anne-Marie relembra a invasão austríaca na batalha contra Napoleão e o que se destaca são os horrores da guerra: “[...] a retirada se transformava numa vitória e Napoleão garantia o controle dos caminhos de Paris e a reconquista da Itália. Para a menina, a vitória significaria apenas mais soldados feridos e mortos, mais sangue e gemidos de dor” (SOUZA, 2001a, p. 40).

Ao descrever os fatos vivenciados em sua infância, Anne opta pelo distanciamento de narrar este trecho em terceira pessoa, com a *visão por detrás*, de acordo com Pouillon (1974), apresentando os seus sentimentos, as suas memórias, como se os retomassem em uma cena. Há outros trechos em que a narração destas memórias da infância é apresentada com a oscilação entre a narradora em primeira e a em terceira pessoa que mostram a sequência de acontecimentos que marcaram esta menina que já vivenciou a guerra desde pequena no bairro francês:

Minha infância é o evolir das colunas de fumo das cidades saqueadas e incendiadas, dos crepúsculos após as batalhas em que os corpos ainda estão no lugar em que caíram. Essa menina

magra, de olhos grandes, sempre secos de lágrimas e meio fixos pelo excesso de estímulos violentos, vai crescer rapidamente, mais do que gostaria, porque infância não viceja na guerra. (SOUZA, 2001a, p. 40)

Não apenas a infância de Anne-Marie foi marcada pela guerra, em sua adolescência ela deixou seu bairro em Paris quando seu pai decidiu dedicar-se ao Corso como médico:

Cresci no meio de feridos e mutilados, por entre as barracas dos hospitais de campanha no meio de pensos e talas, sangrias e amputações. Em 1807, embarcamos para Guiana. No ano seguinte, os portugueses atacaram Caiena e ocuparam a cidade. Eu estava com 17 anos, mas já era uma mulher, fui obrigada, mais uma vez, a me defender frente a um novo tempo de dor e morte.

Ao me conhecer, Pedro Barata pensava que eu era bem mais velha, e, de fato, o era em espírito. (SOUZA, 2001a, p. 42 e 43)

A narradora descreve as experiências de vida que experimentou e que a princípio pareceriam apenas negativas, mas que a amadureceram precocemente. Esta observação de que Pedro tinha pensado que ela era mais velha se relaciona ao fato de que ao conhecê-la ele ainda não tinha experiências de vida que lhe proporcionassem um amadurecimento, como o contato direto com a violência e o assassinato de pessoas próximas, diferentemente dela.

Ao deixar Belém e por conseguinte Pedro, Anne-Marie relembra que seu desejo por liberdade era maior que seus sentimentos de suposta paixão pelo paraense. As reflexões sobre o que este relacionamento acrescentaria para sua vida a fazem desistir de Pedro, demonstrando que seus interesses pessoais deveriam ser valorizados, independentemente de estar grávida:

Grávida, eu havia escondido tudo dele, mas pensava nele com compaixão e afeto. Pedro era um homem solitário, que não sabia o que era afeto. Nossa relação era carnal e nesse ponto não posso me maldizer. Por isso mesmo, que preço teria eu de pagar à carne e que frutos eu colheria desta relação? As minhas aspirações, o meu voto de ser livre e a minha decisão de dominar o meu destino estavam em perigo. Minha vida corria o risco de ser envenenada para sempre por essa submissão aos instintos, aos apelos do desejo e à sofreguidão dos sentidos. [...] Ficar em Belém seria dar o golpe de misericórdia nos meus próprios sonhos. (SOUZA, 2001a, p. 55)

Anne-Marie revela neste fragmento a sua decisão em deixar Belém e Pedro e regressar à Europa em busca de seus sonhos. Uma mulher forte, independente e decidida a buscar seus sonhos, mesmo quando ela poderia ter escolhido ficar com Pedro, sem necessitar arriscar-se em uma longa viagem de navio. Esta decisão de partir a aproxima de Ana Terra, personagem de Erico Verissimo, que deixa a fazenda de sua família, após ser destruída por saqueadores e tenta uma vida em uma nova cidade com seu filho e cunhada. Ambas partem para reconstruir suas vidas, mas enquanto Ana Terra se mantém na capitania de São Pedro, Anne-Marie abandona a colônia para retornar à Europa. A escolha de Anne-Marie é fugir de seus impulsos e desejos sexuais, diferente de Ana que escolheu vivenciá-los, mas que após a morte de Pedro, também renuncia a ter outro relacionamento.

Um elemento a ser destacado é o contexto de produção dos romances, pois Ana Terra, escrito na metade do século XX, ainda traz uma personagem feminina, não alfabetizada, que tenta se posicionar e se expressar verbalmente, mas recua diante de autoridades, apesar de reconhecer as desigualdades sociais e considerá-las injustas. Já a personagem Anne-Marie, do romance produzido no início do século XXI, apresenta-se mais engajada politicamente, participa de uma sociedade organizada por mulheres (Novas Amazonas) que reivindicam seus direitos, mesmo diante de autoridades jurídicas, demonstrando que não apenas notam as desigualdades, mas lutam ativamente para reduzi-las. O momento da enunciação desses autores modifica a construção das personagens femininas e suas atuações na revolução, enquanto as mulheres de Verissimo esperam por seus pais, maridos e filhos que foram para a guerra, na esperança de que retornem bem, as mulheres de Souza participam, organizam reuniões, levam armas e discutem suas ideias e estudos, sofrendo igualmente com a desilusão pela não realização da independência política daquele território.

Essa diferença de contextos, que marca a relação do feminino e do masculino, é apontada por Rosiska Darcy de Oliveira, em *Elogio da diferença* (1991), em que se destaca a “inconformidade de gerações de mulheres que, nos últimos vinte anos, recusaram o decreto de ausência e de silêncio que as excluía do político, desafiaram a condenação social e pisaram, ainda que com passo incerto, os territórios do Masculino” (OLIVEIRA, 1991, p. 28) [Afirmção relacionada ao período de 1970 a 1990]. Dessa forma, Ana ainda se encontrava

excluída da política e vivenciava esse “decreto de silêncio” que tolhia suas manifestações, mas Anne-Marie já desafiava a exclusão e se engajava na conscientização e estudos com suas companheiras, bem como na luta por seus ideais. Anne-Marie buscava expor suas ideias e inclusive contestar o uso de mão de obra escravizada por um idealista como Batista Campos.

As mudanças sociais externas aos romances, influenciaram os autores na composição de suas personagens que, quando comparadas, podem representar as modificações que a voz feminina conquistou neste período. De acordo com Rosiska:

Se nos primeiros tempos do feminismo as mulheres exercitavam-se na lógica do Masculino como numa língua estrangeira para melhor se fazerem entender no espaço público e ainda assim encontravam resistências e incompreensões que lhes pareciam injustas e excludentes, hoje muda o tom no acidentado diálogo homem/mulher (OLIVEIRA, 1991, p. 28).

O tom se modificou neste diálogo ao longo dos anos e isso é caracterizado por essas personagens que, a princípio, utilizavam a “lógica do masculino” para se expressar, ainda demonstrando estarem oprimidas pela posição social. Ana ainda era a mulher analfabeta, mantida em casa sob os cuidados do pai e dos irmãos, sem muita oportunidade para se expressar. Anne-Marie era uma mulher letrada, conhecia filósofos e poetas, e dialogava com os homens de diferentes ideologias, ampliando seu repertório. Anne compartilhava seus conhecimentos com as demais integrantes da Sociedade das Novas Amazonas, demonstrando uma grande diferença de comportamento. Em nossa comparação, utilizamos novamente as palavras de Rosiska para descrever essa evolução: “A voz feminina evoluiu da modesta ambição de se fazer simplesmente ouvir no espaço público para, bem mais contundente e infinitamente mais subversiva, lá tentar dizer uma nova Razão, a Razão do Feminino” (OLIVEIRA, 1991, p. 28).

Em *Desordem* (2001), Anne-Marie admite que o filho que ela esperava quando embarcou para Europa era de Pedro e não de Jean-Pierre, como ela dissera ao se despedir do protagonista do primeiro volume, no porto em Belém. Após dar à luz ao menino, filho de Pedro, Anne-Marie e Jean-Pierre enfrentam uma tormenta que parte o navio ao meio e eles naufragam. A francesa relembra

o desespero de enfrentar aquelas grandes ondas com o filho recém-nascido em seus braços:

Eu segurava a criança com força em meus braços e a impressão que ficou no fundo de minha mente foi a presença de duas enormes ondas que se levantaram lentamente, como duas tenazes, e se fecharam, a retorcer o barco até que este se partisse em dois. (SOUZA, 2001a, p. 78 e 79)

Além de enfrentar o naufrágio com um recém-nascido, a falta de mantimentos e de instrumentos que o ajudassem a se localizar, Anne-Marie observou depois de quatro dias que seu filho tinha parado de chorar. A confirmação da morte do bebê só ocorreu no oitavo dia do naufrágio que correspondia ao tempo de vida do recém-nascido: “Meu filho não resistiu aos rigores da chuva e do vento gelado. Morreu na noite do oitavo dia, poucas horas antes de sermos resgatados por uma fragata espanhola” (SOUZA, 2001a, p. 97).

Em meio a tantas perdas, sofrimentos e dificuldades para sobreviver, a narradora esclarece sua superficial falta de expressão diante da perda do filho e retoma as reflexões sobre o fim de seu relacionamento com Pedro:

Minha alma estava de luto mas não o demonstrava, o cansaço e as dores que alquebravam meu corpo impediam que os sentimentos de perda aflorassem. E em minha mente pesava uma terrível constatação, a de que minha separação de Pedro tinha sido bem mais profunda, cortara até mesmo a memória viva que seria o nosso filho, agora no fundo do mar em sua mortalha de linóleo. (SOUZA, 2001a, p. 98)

Após oito anos morando na França, Pedro vai buscar Anne-Marie e retornam ao Grão-Pará onde se casam em 1830. A narrativa de Anne-Marie se realiza pelo olhar de estrangeira, tomado pela ideia pré-estabelecida de que o calor favorece a liberdade sexual, devido à maior exposição dos corpos em oposição à quantidade de roupas que as pessoas utilizavam na Europa:

A própria maneira de vestir, com trajes pesados confeccionados em tecidos grossos, os espartilhos e a crinolina, tudo contribuía para que o corpo ficasse escondido e se transformasse em território perigoso. Mas aqui no Pará, o calor talvez fosse a primeira força libertadora dos corpos, e não apenas o feminino. (SOUZA, 2001a, p. 117)

A diferença no vestiário, neste momento, apesar de reforçar o estereótipo de liberação sexual relacionada a quantidade de roupas, já se apresenta com a referência ao espaço utilizando apenas o nome do lugar e não mais os adjetivos depreciativos que Anne-Marie utilizava em sua primeira estadia no Grão-Pará. Cabe destacar ainda que, na observação da narradora, não eram somente as mulheres que se vestiam com poucas roupas e de tecidos mais leves, mas também os homens.

Anne-Marie, após o casamento com Pedro, aceitou com menos repulsa a vida no Grão-Pará e fez parte da Sociedade das Novas Amazonas e as ajudou em suas lutas, chegando a receber a medalha de ouro com a inscrição “Da Pátria Ilustre Defensora” por seus feitos. Devido ao contexto de guerra, Anne-Marie explica como era esta Sociedade:

As sessões ocorriam durante a tarde e não me lembro de termos debatido questões que não fossem políticas. Embora os estatutos afirmassem que a sociedade tinha como fim a educação das mulheres para as lides domésticas, jamais ouvi alguém falar sobre bordados ou culinária. Mas um livro com os evangelhos estava sempre aberto durante as sessões, e sobre suas páginas se colocavam um arco e várias flechas. (SOUZA, 2001a, p. 120)

A organização da Sociedade das Novas Amazonas demonstrava o engajamento das mulheres nas questões políticas, apesar de disfarçada sobre temas domésticos. A imagem do evangelho com o arco e flechas contrasta a calmaria das orações com o enfrentamento com o uso das armas, demonstrando que esse engajamento feminino na política estaria baseado em ideias, mas também em ações. A aceitação de uma estrangeira como defensora da “pátria” nesta Sociedade simboliza a mistura que comporia a nação brasileira.

Após o assassinato de Pedro Barata por homens encapuzados, Anne é salva pelas mulheres da Sociedade das Novas Amazonas que a levam a uma casa à beira do rio Guamá, pois sabiam do risco que corria tanto por ser estrangeira quanto por seu posicionamento político e o de seu marido, contrários ao governo, pois: “[...] o governo provincial estava mandando prender como suspeitos todos os estrangeiros” (SOUZA, 2001a, p. 181).

Enfrentando mais um momento de luto, agora pela perda do marido, Anne recebeu a ajuda das mulheres da Sociedade que aproveitaram seus

conhecimentos para ampliar o das demais, além de ajudá-la a superar a dor com atividades produtivas: “Mais tarde, quando meu sentimento de perda começou a ser dominado pelo tempo, ela mandou-me compilar textos de grandes filósofos para leituras nas sessões das Novas Amazonas e organizar as atas da Sociedade” (SOUZA, 2001a, p. 182 e 183).

A preocupação em realizar leituras de grandes filósofos demonstra o embasamento das ideias defendidas pela Sociedade que não era apenas um movimento focado em ações, mas também no desenvolvimento intelectual das participantes.

3.2 Questões de gênero e preconceitos

Já no início de *O Continente I*, em *O Sobrado I*, na primeira página do romance, o personagem José Lírio, também chamado de Tenente Liroca, é apresentado como um homem que tenta disfarçar seu medo em meio à revolução - tiros e perigo. Seu empenho é escancarado pelo narrador onisciente que além de mostrar sua covardia, tece comentários sobre a origem de tal sentimento: “Era preciso cumprir a ordem. Licurgo não queria que ninguém percebesse que ele hesitava, que era um covarde. Sim, covarde. Podia enganar os outros, mas não conseguia iludir-se a si mesmo” (VERISSIMO, 2013, p. 17).

Neste momento Licurgo hesitava em atravessar até a igreja para trocar de lugar com seu companheiro que fazia a vigia do alto da torre. O medo é descrito como algo visceral que toma conta de todo seu corpo, [...] “amolecendo-lhe as pernas, os braços, a vontade. Medo é doença; medo é febre” (VERISSIMO, 2013, p. 17).

Este sentimento seria esperado e comum para um homem que tivesse que atravessar um trajeto tendo conhecimento que havia um atirador inimigo posicionado para evitar que ele tivesse êxito, mas o narrador destaca que este medo seria herdado da família materna em oposição aos corajosos homens da família paterna:

Donde lhe vinha tanto medo? Decerto do sangue da mãe, pois as gentes do lado paterno eram corajosas. O avô de Liroca fora um bravo em 35. O pai lhe morrera naquela mesma revolução, havia pouco mais dum ano tombara estripado numa carga de lança, mas lutando até o último momento. (VERISSIMO, 2013, p. 17 e 18)

A visão machista de que o sentimento de medo teria sido “herdado” da mãe reforça o estereótipo do homem gaúcho valente e que morre lutando, mesmo diante de um perigo eminente, enfrenta-o com destemor. É evidente que as mulheres que ficavam em casa à espera de seus maridos, filhos ou irmãos não tiveram vangloriadas suas batalhas, sofrimentos e lutas cotidianos por este trecho, no entanto, há outros que detalharemos a seguir que não reforçam esta ideia de fragilidade herdada da mãe.

Durante o período em que o sobrado ficou sitiado e a esposa de Licurgo entrou em trabalho de parto, Maria Valéria contestou Licurgo sobre a necessidade de pedir trégua e solicitar a presença de um médico, mas o homem se negou afirmando que o assunto de guerra quem dominava e, portanto tomava as decisões, era o homem da casa, mas Maria Valéria completou:

-Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei – continua Maria Valéria. - Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor de estômago, como quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra. (VERISSIMO, 2013, p. 27)

O posicionamento firme de Maria Valéria frente à intransigência de seu primo Licurgo, demonstra que apesar de sofrerem caladas em muitos momentos, elas tinham voz para cobrar pelo direito ao atendimento que poderia salvar a vida de D.Alice e da criança que estava por nascer. A fala de Maria Valéria representa a posição daquelas mulheres que, apesar de estarem caladas há tempos, estavam sofrendo e enfrentando a resistência ao Sobrado, a fome e a sede junto com os homens, além de cuidarem das crianças e da casa.

Pontos de vista que hoje seriam considerados preconceituosos e machistas permeiam muitos momentos da narrativa que apresenta um período histórico em que tais pensamentos eram ditos publicamente sem censura. O rebaixamento das mulheres e negros diante da atribuição de atividades é destacado neste trecho em que o Coronel Amaral afirma:

– Criação é que é trabalho para homem. Lavoura é coisa de portugueses.
Falava com certo desdém dos açorianos que vira em Rio Pardo, Porto Alegre e Viamão, com suas barbichas engraçadas, seus olhos azuis e sua fala esquisita. Para Ricardo, trabalho manual era para mulher ou para negro. Um homem bem macho devia saber manejar a espada, a lança, a espingarda e a pistola, entender de criação e ser bom cavaleiro. (VERISSIMO, 2013, p. 139)

O narrador considera um “desdém” a forma como o coronel se referia aos açorianos, mas cabe destacar que o personagem expressa considerações

discriminatórias e que visam rebaixar as características diferentes das suas descrevendo-as como engraçadas e até mesmo esquisitas. Há uma gradação deste rebaixamento que considera “homem” somente aquele que trabalha com a criação de animais, seguido pelo trabalho na agricultura reservado aos portugueses e os trabalhos manuais às mulheres e aos negros. Além desta visão extremamente preconceituosa, racista e machista apresentada pelo personagem Ricardo Amaral há também um “manual” para que alguém pudesse ser considerado “Um homem bem macho” (VERISSIMO, 2013, p. 139) de acordo com este falastrão.

Ricardo Amaral costumava usar frases de efeito que eram repetidas pela população na estância de Santa Fé e arredores. Alguns exemplos destas afirmações: “Homem direito tem um pelo só.” “Cavalo bom e homem valente a gente só conhece na chegada.” “Quem faz o cavalo é o dono.” “Mulher, arma e cavalo de andar, nada de emprestar” (VERISSIMO, 2013, p. 139 e 140). Estas frases demonstram os pensamentos em relação à valentia e à honra masculinas e rebaixam a mulher à condição de objeto pessoal como a arma e à posição de um animal, como o cavalo.

Esta característica de comunicar-se com frases prontas e/ou ditos populares não se restringia ao uso com os trabalhadores da estância, mas também era utilizado diante de autoridades como o Governador:

Quando um dia o governador José Marcelino de Figueiredo lhe mandou um ofício, que Ricardo considerou ofensivo, sua resposta foi pronta, lacônica e altiva; apenas um bilhete com estas palavras: ‘Sou potro que não aguenta carona dura de ninguém’. (VERISSIMO, 2013, p. 139)

O personagem mantém esta postura firme e não-controlável mesmo diante do governador, ou seja, é apresentado como alguém que não se deixa dobrar e que ataca o outro independentemente de cargo ou posição política. Apesar de todas estas características, é este o homem com que Ana Terra vai conversar para pedir que seu filho não fosse enviado à guerra, demonstrando sua garra e valentia, ou mesmo teimosia, diante de um personagem como este.

A visão preconceituosa de Anne-Marie em relação aos hábitos de Pedro é retratada em várias passagens, como nesta, em que ela o compara sutilmente ao francês Jean-Pierre: “Jean-Pierre para mim foi a salvação, e festejei seus

gestos, sua maneira de abraçar, de pegar os talheres, de ajeitar o colarinho alto e arrumar o chapéu na cabeça” (SOUZA, 2001a, p. 55). O modo de agir de Jean-Pierre é “festejado” e o francês já observou em seguida que o relacionamento da francesa com o paraense não estava bem, expondo o quanto as diferenças culturais a afetavam.

A descrição física de Pedro e sua forma de se vestir são igualmente inferiorizadas por Anne-Marie: “O corpo musculoso e pesado de Pedro não ajudava, ainda mais que tinha o pescoço curto onde as gravatas e os lenços pareciam crescer e avançar em direção ao nariz” (SOUZA, 2001a, p. 100). A observação do pescoço curto de Pedro se opõe ao colarinho alto de Jean-Pierre que Anne-Marie valorizava.

Apesar de ressaltar as diferenças físicas e comportamentais entre eles, a francesa destaca que não amava Jean-Pierre: “Sabíamos que não nos amávamos, que nossa amizade às vezes nos levava àquela zona iluminada dos desejos, nada mais” (SOUZA, 2001a, p. 99).

O preconceito de Anne-Marie também aparece ao descrever os migrantes que chegavam do Maranhão: “A onda de gente miserável que chegava em busca de novos horizontes ao Pará era um dos legados da Independência” (SOUZA, 2001a, p. 71). A crítica ao legado da independência se justifica porque ela também acreditava que o Grão-Pará seria melhor se fosse um território independente das colônias do sul. Além de descrevê-los como miseráveis, a francesa continua:

Eram pessoas rudes, analfabetas, de mãos calosas, vindas das brenhas da serra do Penitente, sul do Maranhão. Tinham chegado com as levas de imigrantes que se viam tangidas para o norte com a anexação do Grão-Pará ao Império do Brasil. (SOUZA, 2001a, p. 71)

A descrição da francesa em relação aos migrantes que chegavam ao Grão-Pará se opõe à valorização com que ela descreve Jean-Pierre, por exemplo. Mesmo afirmando ter visto e vivido os horrores da guerra e amadurecido com esta experiência, a visão preconceituosa em relação àquelas pessoas que trabalhavam na terra não demonstra o amadurecimento de sua forma de enxergar o outro.

Dentre as mulheres que se destacam nestes romances, vale ressaltar Bibiana, neta de Ana Terra que luta para manter a família unida, preservando o que já se iniciara com sua avó. Como indica Regina Zilberman, "Bibiana duplica a avó não apenas por se assemelhar a ela, mas por portar seu nome em duplicata: também é Ana e Ana duas (bi) vezes" (ZILBERMAN, 1986, p. 84).

Enquanto em alguns trechos selecionados no romance de Erico Verissimo se observa um rebaixamento das mulheres em relação aos homens, em Márcio Souza há o rebaixamento do colono pela francesa Anne-Marie. As comparações demonstram diferentes posicionamentos culturais, influenciados pelo espaço, pelo contexto de produção dos autores e, provavelmente, pela origem destes personagens.

3.3 Conflitos e contrastes

As memórias narradas por Fernando, em *Lealdade* (1997), se assemelham aos romances históricos tradicionais que apresentam supostos manuscritos que deram origem à narração, mas neste caso eram cadernos:

Sentado na popa da canoa olhava para minha única bagagem, meus últimos pertences: um saco de sarapilha onde levava minha farda de coronel, minha pistola, uns cadernos onde assentava algumas impressões de foro íntimo, pólvora e algumas balas. (SOUZA, 1997, p. 14 e 15)

O conteúdo dos cadernos não poderia ser descoberto, logo, isto já causa uma maior curiosidade em seu leitor em descobri-lo. Há um tom de desafio, de busca pela sobrevivência deste homem com seus manuscritos que o condenariam à morte. Estes cadernos são comparados ao exemplar da Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão¹⁴, o que valoriza ainda mais seu conteúdo e instiga o leitor a conhecer este assunto e relacioná-lo aos ideais da Revolução Francesa – que são posteriormente retomados no romance:

Eu sabia que tinha de remar, de me apressar. Logo o movimento dos grandes barcos ia começar, e eu podia ser capturado. Se isto acontecesse, seria um homem morto. Segundo o arbítrio do governador da Província do Pará, da mesma forma que num tempo não muito distante possuir um exemplar da Declaração dos Direitos do Homem significava receber a pena capital, sem apelação, teria o mesmo destino se fosse flagrado com os cadernos que levava comigo. Talvez fosse por isso que, ao olhar o rio e respirar fundo, pensava naquela imensidão de água como um refúgio... (SOUZA, 1997, p. 15)

A referência ao documento da Revolução Francesa demonstra que Fernando, neste momento, já havia se apropriado dos conhecimentos que o cônego Batista Campos lhe passou e tinha consciência dos riscos de reivindicar direitos no contexto daquela província. A natureza neste trecho é novamente apresentada como um “refúgio”, como uma opção de salvar-se, proteger-se.

¹⁴ A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão foi elaborada em 1789. Documento relacionado à Revolução Francesa.

Neste contexto de exaltação da natureza, a mata é apresentada como criada pela "soberba divina" algo que se relaciona ao conceito da Floresta Amazônica como de paraíso terrenal:

Mas eu era inocente até então. Fora preciso estar ali no meio do rio, remando contra o forte banzeiro, para compreender tudo. Para me dar conta de que não haveria retorno, que teria de viver até o fim sob aquele céu azul carregado daquela manhã, escondido nas matas tão imensas e misteriosas que pareciam ter sido criadas pela soberba divina. E fora necessário ir tão longe para finalmente entender, que ironia! Ali, por entre o banzeiro, onde a todo momento o hálito da mata vinha disputar-me a solidão, algumas vezes transfigurado na poalha de areia levantada pelos redemoinhos e abrigado pelos relentos minerais daquela manhã invernososa, começava a descobrir que verdadeiramente mantinha pouco controle sobre o meu próprio destino. Não era por assim dizer, responsável por tudo o que se passara. Tudo seria esquecido, nada seria lembrado. Nada. O sangue derramado, as feridas, as dores, as vidas que se perderam. Toda a culpa seria lançada sobre aquelas paragens, elas seriam levadas a julgamento, seriam consideradas um deserto hostil e condenadas, mas seríamos nós a pagar a pena. (SOUZA, 1997, p. 15 e 16)

Novamente neste trecho se observa o ressentimento e a tristeza pelo esquecimento do que se passou naquele lugar e um ponto de vista deslocado e atualizado, como se este narrador fosse capaz de prever um futuro – ou seria este um ponto de vista explícito do autor?

O narrador já antecipa o que viria a acontecer, mas não apenas isto, há um claro destaque para o esquecimento de toda a história, e a repetição de que nada seria lembrado aumenta a angústia diante dos fatos narrados e se mistura ao sentimento tão fortemente declarado pelo autor. Fica claro que o protagonista não teria vidência nem vivência suficientes para tais afirmações e o uso da primeira pessoa do plural (nós) o aproxima daquela população sofrida e condenada a pagar pelas decisões do passado.

O julgamento daquelas terras como “deserto hostil” demonstra a preocupação com o preconceito em relação à região em que, segundo o protagonista, as pessoas não puderam decidir sobre seus destinos e foram vencidas em suas lutas por um território independente e, mesmo assim tiveram suas histórias esmaecidas, apagadas e deixadas de lado, por isso a necessidade de sobreviver, continuar remando, buscar refúgio e contar esta história.

A visão do protagonista oscila entre a daquele que quer resgatar a história de lutas e um outro que apresenta um ponto de vista preconceituoso da região. Estes diferentes pontos de vista são apresentados com um distanciamento marcado pelos pronomes utilizados – quando é positivo observa-se a aproximação com o uso de “aqui” e “esta”, mas quando são negativos, observa-se a escolha por “aquela” como neste trecho:

No entanto, que terra era aquela? O que é que se materializava ao pronunciarmos as palavras Grão-Pará? E, dito assim, assaltava-me apenas a presença do rio, da selva, do céu imenso e estrelado nas noites frias de dezembro. Mas naquela manhã incerta e de vento no rio Tocantins, a capital, Belém, estava distante, com seus fedores, sua gente de olhos oblíquos e esfarrapada e seus senhores portugueses como mendigos solenes derrotados pelos trópicos. E vinha-me a visão da baía de Guajará, da silhueta urbana imponente, horizonte de casario e torres entre mangueiras. Santa Maria de Belém do Grão-Pará e seus campanários subindo como agulhas, seus palácios de linhas italianas, o seu forte de pedras caiadas de branco." (SOUZA, 1997, p. 16)

Há um contraste entre a natureza (rios, selva, mangueiras) e a arquitetura (palácios, torres, campanários) ao estilo europeu. O cheiro da cidade é destacado como “fedores” juntamente com a população “esfarrapada” e “como mendigos” formando um panorama negativo e deprimente daquele cenário que se opunha entre uma “silhueta urbana imponente” e uma população “esfarrapada” e vencida. O distanciamento se dá também ao dizer “sua gente de olhos oblíquos” como se o narrador realmente não se identificasse com “aquela” cidade.

O protagonista apresenta a população como possuindo uma cultura miscigenada, marcada por uma religião que mistura diferentes crenças mascaradas de catolicismo e ainda neste trecho o distanciamento permanece:

Três cores de peles, raças distintas. E sob o disfarce do catolicismo dominante, superstições antigas, feitiçarias poderosas, mandingas e puçangas; e os sedutores falares, sons do fundo da floresta virgem e das savanas africanas, todos juntos a formar uma cacofonia misteriosa; e nas águas barrentas do cais, escunas, veleiros de três mastros e as milhares de vigilengas com suas velas latinas. Havia uma tristeza não muito evidente naquela cidade, as gentes pareciam alegres, falavam alto, cantavam aos berros, bebiam e dançavam na menor

oportunidade. Mas nem mesmo os corpos suados conseguiam esconder a melancolia. Uma alegria agônica estava na superfície, e somente a sofisticação retórica do nheengatu era capaz de oferecer alguma distinção em tão cambiante atmosfera psicológica. (SOUZA, 1997. p. 16)

A mistura de sons que compõem o falar em Belém é mostrada como sendo formada pela população indígena (“sons do fundo da floresta virgem”), a africana (“das savanas africanas”) e a europeia (que se apresentam “sob o disfarce do catolicismo dominante”). Esta mistura representa a diversidade cultural da região em que a superfície se apresenta pela religião católica e sua língua imposta, mas que é formada por muitas outras influências de diferentes origens que enriquecem e complementam a cultura local.

O narrador reconhece que somente o nheengatu – língua indígena da família Tupi, falada em parte da Amazônia – seria capaz de expressar tal sentimento vivenciado pela população. Este fato descreve como este sentimento era tão local que somente nesta língua teríamos uma distinção para ele.

Um dos conflitos vivenciados pelo escritor Erico Verissimo, com a publicação de *O resto é silêncio* (1943), é por ele comentado durante entrevista com Rosa Freire d’Aguiar para a Revista Manchete em 1973:

É verdade que *O resto é silêncio* causou um escândalo ainda maior do que o de *Caminhos Cruzados*, não só porque aquele romance cortava mais fundo mas também – e talvez principalmente – porque um padre jesuíta escreveu numa revista um artigo contra o livro e contra a minha pessoa, chegando a pedir claramente ao presidente da República que mandasse queimar meus livros e me expulsasse do país. Sofríamos então o Estado Novo e naquele tempo tínhamos a impressão de que a Igreja Católica estava inteira do lado de Vargas. Decidi processar o autor do citado artigo, o que foi feito. Foi apenas um gesto de caráter político. Todos os que desaprovaram a ditadura de Vargas aproveitaram a brecha e ficaram do meu lado. Tive comigo também centenas de amigos que não desejavam a volta (nem mesmo em ridícula paródia) da Inquisição. O artigo do padre era uma obra prima de estultice. Do outro lado estava a alta burguesia, católica, com raras exceções. O padre foi absolvido, como eu esperava e desejava. Parecia um bom velho que achava mesmo que eu estava corrompendo a mocidade. (REVISTA Manchete, 04 ago.1973)

Erico explica seu posicionamento e suas intenções ao processar o padre por calúnias e esclarece a divisão que este artigo de Fritzl causou na sociedade gaúcha – o artigo e sua repercussão na Imprensa já foi detalhado no primeiro capítulo, em *Erico Verissimo e a Imprensa*, despertando discussões políticas, sociais e morais na década de 1940.

Sobre a missão política do romancista, Erico Verissimo retoma uma cena de seus doze anos, quando seu pai - dono de uma farmácia com sala de operações - o chamou para auxiliar um médico, segurando uma lâmpada elétrica, durante a realização de uma cirurgia em um homem que foi violentamente ferido pela polícia local. O homem tinha extensos ferimentos no abdômen, um dos polegares decepado, o rosto com um talho de navalha que ia dos lábios até a orelha e o couro cabeludo descolado a golpes de espada:

Nauseado, continuei segurando a lâmpada até o fim. O homem foi salvo... Bom. Acho que a missão política do romancista é esta, de fazer luz sobre as injustiças sociais, mostrar a crueldade ou desonestidade dos governantes, denunciar as atrocidades e jamais desertar o seu posto. Se não possui uma poderosa lâmpada elétrica, que use o seu lampião, um candeeiro, um toco de vela... (*Revista Manchete*, 04 ago.1973)

Apesar dos conflitos que seus textos o fizeram enfrentar, Erico mantém a convicção de que sua missão como romancista seria iluminar as injustiças sociais e denunciar os abusos. Isto ele cumpriu em sua obra, sem desertar.

Um contraste que se evidencia na narrativa de Anne-Marie, de *Desordem* (2001), de Márcio Souza, sobre o Grão-Pará é a questão das mercadorias produzidas e manufaturadas que antes eram exportadas para o mundo e na década de 1850 já não rendiam o mesmo para a região, segundo Anne por decisões do Império do Brasil:

Duas ou três décadas atrás, estariam passando pelo porto de Belém as grandes partidas de anil, de café, de algodão e açúcar. Bojudas nave comerciais de dois mastros estariam a carregar os manufaturados de borracha, produtos cuja diversidade e fama corriam o mundo. Uma infinidade de produtos extraídos da selva era acomodada nessas embarcações, ou até mesmo em minúsculos e petulantes veleiros de um mastro que corriam mundo. Quão diferente de hoje, quando o café se transferiu para as terras roxas de São Paulo, o algodão para as plagas nordestinas e aqui não se produz mais absolutamente nada

nenhum dos tradicionais artefatos de borracha. Os produtos da selva já não valem tanto quanto antes, e não mais se fazem fortunas da noite para o dia. Segundo histórias que passavam de boca em boca, o Império do Brasil queria o Grão-Pará de joelhos, como um mendigo sentado num baú de ouro. (SOUZA, 2001a, p. 34)

A imagem do mendigo sentado no baú de ouro a suplicar auxílio ao governo é emblemática por denunciar as riquezas naturais que a região possuía (no momento da narração), mas não eram mais exploradas, além das possibilidades de cultivo que foram incentivadas em outras regiões, desfavorecendo o comércio e a exportação pelo porto de Belém.

A violência empregada pelos soldados do governo da Província é descrita como uma ação aprendida dos portugueses: “Manter os opositores na ponta do relho, amordaçados, não era nenhuma novidade no Pará. O governo imperial só tinha aperfeiçoado as maldades que os portugueses haviam praticado nos últimos dois séculos e meio” (SOUZA, 2001a, p. 66). A violência empregada é apresentada como relacionada à origem, ou seja, à colonização portuguesa que ocorreu de forma impositiva e violenta. Novamente há a retomada à origem europeia.

As desigualdades sociais denunciadas pelo narrador em *O Continente I*, de Erico Verissimo, também são realizadas em *Desordem*, de Márcio Souza, ao comentar o discurso do presidente do Grão-Pará, Lobo de Souza, diante de seu conselho sobre os problemas que seu exército enfrentava por recrutar apenas os jovens pobres:

O problema do recrutamento militar sempre fora resolvido com o aproveitamento dos jovens pobres e dos criminosos. Nos discursos patrióticos, os conselheiros sabiam tecer loas aos soldados e ao dever de defender o Império, mas, na hora de dar seus próprios filhos, mudavam de conversa, usavam do dinheiro e da influência. Certos homens de bem chegavam a pagar um bom preço por cabeça de chefes de famílias numerosas e desprivilegiadas, livrando seus próprios rebentos e apresentando-se como benfeitores das boas causas patrióticas. (SOUZA, 2001a, p. 233)

A compra de outros homens para que fossem lutar no serviço militar no lugar dos filhos dos ricos era uma denúncia da desigualdade enfrentada por

estas famílias que viviam em condições econômicas precárias e ainda viam a vida de seus familiares ser precificada.

O contraste ideológico entre as gerações aparece em *Revolta* (2005), de Márcio Souza, pois o protagonista Maurício, diferentemente de seus pais, decide manter-se afastado da revolução, como afirma: “Não gosto deste tipo de agitação, sou bem diferente de meu pai” (SOUZA, 2005a, p. 39). Não apenas Maurício decidiu não participar do movimento político, mas estabeleceu um distanciamento entre a população armada (negros e tapuias) que dominava a cidade de Belém e a população branca: “As ruas estão cheias de tapuias e escravos, uma multidão bêbada, armada e insolente, que amedronta as gentes de feição clara” (SOUZA, 2005a, p. 39).

O uso abusivo de álcool pelos cabanos é destacado novamente, além da descrição negativa em relação às vestimentas utilizadas: “Patrulhas de gente esfarrapada, bebendo aguardente diretamente da botija e armada, ocupavam quase todas as esquinas” (SOUZA, 2005a, p. 41). A presença ostensiva dos cabanos buscava garantir o domínio da cidade. Maurício apresenta um olhar distanciado dos participantes da Cabanagem, até mesmo de seus familiares, descrevendo a população armada como bêbada, desqualificando o movimento – de forma oposta aos pontos de vista apresentados pelos narradores dos dois volumes que o precederam.

Os espaços influenciam o personagem de *Lealdade* (1997), de Márcio Souza, e o fazem refletir sobre a sua identidade, embora Fernando sempre se sinta como um exilado – ainda que por escolha, pois ao viver em Lisboa a decisão e o desejo de estar em outro território eram dele. O sentimento de não-identificação surge em relação ao outro porque ele busca identificar-se com os europeus, o que lhe é negado por eles, e só encontra apoio nos paraenses quando decide lutar contra a dominação portuguesa.

Fernando sempre tinha o poder de escolha em relação ao espaço em que vivia e, mesmo assim, não se identificava com este lugar. Quando conseguiu um território independente tanto de Portugal quanto do Império do Brasil surgiu uma identificação com o local, mas ele teve de lidar com a negação da francesa por quem se apaixonou e, conforme descobriu depois, realizou um aborto, nas palavras de Simone, para não “ter um filho nativo desta merda de terra” (SOUZA, 1997, p. 127).

Simone afirmou ainda durante uma discussão com Fernando: “- Eu não sou portuguesa, entendes? Eu venho de um país civilizado. Como poderia ter um filho dessa merda de terra? Como? Como?” (SOUZA, 1997, p. 127). Há uma valorização da cultura/civilização francesa em relação à portuguesa, e Fernando é levado a pensar sobre suas origens e como isso impossibilitou inclusive que ele pudesse ter um descendente, ainda mais que nascesse em território paraense, como ele.

A reflexão em relação à sua terra o fez identificar-se com os índios, tratando-os como seus companheiros e pensando em como eles também seriam, no futuro, exilados naquela terra:

E olhei com novos olhos os dois jovens índios, meus companheiros. Sim, meus companheiros. Porque eles também logo serão exilados e estrangeiros nesta terra que já foi o reino de sua raça. Os índios em breve estarão aqui tão deslocados quanto todos nós e já não haverá mais do que a beleza do desespero. (SOUZA, 1997, p. 190)

Todas as suas atitudes modificam-se com o enfrentamento em relação ao espaço, e isso configura o livro como um romance de formação, segundo Bakhtin (2003), por apresentar a trajetória de transformação do herói. (MESQUITA, 2009, p. 91).

As oportunidades de o herói comparar-se com o “outro” favorecem análises sobre sua própria personalidade e o levam a modificar seu sentimento de exilado na colônia para aquele que poderia ser um político e conquistar um território independente. Mas, em seguida, a decepção pela incorporação do Grão-Pará ao Reino Unido do Brasil deixa nele o sentimento de frustração pela não realização completa do local idealizado.

Emprestando o conceito de Antonio Candido (1970) que estabelece a dialética entre ordem e desordem como um aspecto geral da sociedade brasileira, o aplicamos no contexto de pouco desenvolvimento institucional e social, durante o período do país como colônia, apresentado nos romances selecionados nesta tese. A fragilidade das instituições, tanto políticas como religiosas, no contexto brasileiro do século XIX, é destacada principalmente na tetralogia de Márcio Souza, com uma forma inacabada em que a instabilidade econômica e governamental transparece na arquitetura do romance.

Esta dialética da ordem e desordem conduz o romance *Lealdade* (1997), de Márcio Souza, em que o protagonista como um militar segue a ordem de servir fielmente à coroa portuguesa, porém, depois já luta pela independência de sua terra natal, promovendo a desordem e contestando os poderes já estabelecidos. Ainda como militar, Fernando mantém o pai de sua amada preso, seguindo a ordem, mas facilita a entrada da filha do prisioneiro e mordomias para ele, descumprindo a ordem e a lei para favorecer a aproximação da mulher por quem ele se apaixonou. Ou seja, mesmo seguindo a ordem de acatar a lei e manter o homem preso, havia a desordem pelas vantagens e favorecimentos que a moça recebia como visitas diárias ao pai, mesmo fora dos horários estabelecidos, e a entrega diária de refeições produzidas pelos familiares do preso. Estas vantagens serviriam para que o protagonista se aproximasse da jovem e mantivesse contato diário com ela, devido a estas visitas permitidas, descumprindo as regras e as leis. Apesar de seguir a carreira militar que exigia a ordem, a disciplina e a aplicação das leis, o personagem Vilaça se envolvia em brigas por uma prostituta, cometia desmandos e abusava de seu cargo para promover a violência, como a punição abusiva de cortar a mão de um índio pelo roubo de uma galinha para que sua mãe se alimentasse.

Esta dialética também se aplica à instituição religiosa, representada pelo cônego Batista Campos, que além de ser um representante religioso era um intelectual que apreciava boas leituras e a divulgação de seus conhecimentos, bem como o auxílio à população mais carente com aulas de alfabetização que favoreceriam a redução da exploração da mão-de-obra e do trabalho e para que compreendessem a importância de conhecer os valores a serem pagos e o custo de suas produções. Em oposição a esta busca pela ordem na sociedade, o cônego utilizava drogas lícitas e ilícitas de forma exagerada e, mantinha relações sexuais com prostitutas, descumprindo a ordem religiosa do celibato. Há uma dessacralização da figura do religioso que, apesar de auxiliar a população em muitos aspectos sociais, além de trazer conhecimentos iluministas aos letrados, seguia por caminhos de drogas e prostituição, que corresponderiam à desordem na sociedade.

O romance *Desordem* (2001), de Márcio Souza, traz a narrativa do ponto de vista feminino, da mulher do protagonista do primeiro volume, já apresentando uma possível oposição ou contraste ao que foi anteriormente narrado. Ao

apresentar uma mulher narrando a guerra, não se observa mais aquela espectadora que aguarda em seu lar o regresso de seu marido e filhos que estavam na batalha, mas uma mulher que desde jovem ajudava o pai médico a cuidar de feridos e, quando adulta participou da Sociedade das Novas Amazonas e se apresentou para entregar as armas recuperadas ao governo. A protagonista, Anne-Marie, não apenas subverteu a ordem ao não esperar em casa, mas lutou por seus ideais e discutiu textos políticos e filosóficos com suas companheiras para que juntas buscassem melhores opções de governo para o local em que viviam.

A ordem da mulher que casa e tem filhos é quebrada por Anne-Marie que decidiu realizar um aborto do bebê que ela esperava de Pedro, por não desejar que seu filho nascesse naquela colônia e que fosse fruto de um relacionamento com o homem que mantinha seu pai preso e destruiu a cidade em que moravam durante uma invasão militar. O relacionamento entre os dois, apesar da desordem inicial pelas vantagens que Pedro tinha ao ser militar e manter o sogro preso, conseguiu após oito anos, reestabelecer-se com um casamento tradicional religioso celebrado pelo cônego Batista Campos. No entanto, a desordem permaneceu em relação à geração de descendentes, pois a segunda gravidez de Anne-Marie foi apresentada a Pedro como tendo outro homem como pai e, durante uma viagem de Belém a Paris, a criança morreu após o nascimento no mar e um naufrágio durante a travessia. A desordem permaneceu quando Pedro foi assassinado sem ter conhecimento de que sua esposa Anne estivesse grávida. Na terceira gestação, apesar do assassinato do pai, Anne decidiu ter o bebê que nasceu na colônia, em meio ao caos e dificuldades do governo para manter a ordem na cidade.

No romance *Revolta* (2005), de Márcio Souza, a ordem se mantém pela Sociedade das Novas Amazonas, em que as mulheres lutam por melhorias sociais, acompanhadas dos pais do protagonista que tentam fazer com que aquele jovem compreenda a situação em que vivem. Já a desordem está nos atos de violência, principalmente sexuais, cometidas pelo protagonista que explora mulheres, jovens e crianças vulneráveis no contexto de guerra e desigualdades sociais, importando-se apenas com a realização de seus desejos pessoais. A vida desregrada de Maurício se opõe a princípio à moralidade e à ordem defendidas por seus pais que demonstram uma consciência e

responsabilidades sociais desenvolvidas, no entanto, esta ordem aparente é contestada pela paternidade de Maurício. O jovem desconfia que sua mãe traiu seu pai com seu padrinho, devido aos rumores e à semelhança física entre eles, mas isto não é confirmado, permanecendo a dúvida e ampliando a desordem social e o caos naquela sociedade devastada por tantos anos de conflitos e desmandos governamentais.

3.4 Da periferia para o centro: o romance histórico resgatando o século XIX na região Norte brasileira

Márcio Souza (1946 -), escritor amazonense, produziu a tetralogia *Crônicas do Grão-Pará e Rio Negro* buscando retomar a história da região Norte do Brasil no século XIX com destaque para a Cabanagem – guerra separatista, ocorrida entre 1835 e 1840, que buscava a independência deste território.

No primeiro volume da tetralogia, *Lealdade*, publicado em 1997, Márcio Souza apresenta um narrador-protagonista, Fernando, com uma identidade oscilante, que já maduro, narra como um militar desiludido que já amargou muitas derrotas em sua trajetória tanto profissional como pessoal. Fernando é um personagem que condensa a frustração e a desilusão após anos de lutas, conquistas, sonhos e algumas realizações. O protagonista escreve suas memórias depois do fim do governo cabano e tem seus relatos como algo a ser escondido e não publicado, pois ali havia descrito crimes de guerra que o levariam a ser condenado. Fernando representa a elite que se envergonha de suas origens, de sua história e do rumo que seu território está tomando.

A lealdade é questionada em diferentes momentos de sua vida e Fernando se posiciona ora como alguém extremamente ligado ao seu passado, valorizando Portugal como um súdito real, ora como um paraense que busca um reconhecimento local e um verdadeiro distanciamento das colônias do sul.

Márcio Souza afirma em diversas entrevistas que um de seus objetivos era recontar o que aconteceu no Grão-Pará neste período de forma a resgatar fatos da história que são deixados de lado em estudos escolares da História do Brasil do século XIX. Durante entrevista concedida no lançamento do segundo volume da tetralogia (2001), publicada no site da Editora Record, Souza reafirma a preocupação com o esquecimento deste período histórico e suas pesquisas para retomá-lo:

Busquei responder uma determinada pergunta que me acompanhou durante muito tempo: o que realmente aconteceu na região amazônica durante o século XIX? Há uma espécie de amnésia histórica. Nesta região, este período se (*sic*) erroneamente se confunde com o Ciclo da Borracha, que só ocorreu num período muito curto do final daquele século. Tecnicamente a exploração moderna da borracha pertence ao século XX. Observando essa confusão histórica, percebe-se que o século XIX não existiu, visto que não tem história. De fato,

durante muito tempo foi difícil responder essa pergunta, até porque havia muito pouco material disponível. Praticamente não se encontravam documentos do período. Mas há uns cinco anos o arquivo público do Pará sofreu uma reforma e transformou-se em um centro de pesquisas importante. Este arquivo guarda os documentos de um projeto de país que não deu certo. A pergunta começou então a ser respondida não só a partir do contato com a documentação que se encontra no Pará, mas também com a pesquisa de documento que se encontram no Museu Britânico e na Biblioteca Nacional de Paris. (SOUZA, 2001b)

Neste trecho é evidente a preocupação de Márcio Souza em criar um romance histórico que retomasse um questionamento pessoal, mas que tivesse interesse nacional. A dificuldade em encontrar fontes para a elaboração de seu romance cria uma expectativa e curiosidade em seus leitores – desta forma é possível observar que esta entrevista concedida à editora de seus livros cumpre o papel também de divulgar e promover a temática de forma a ampliar o interesse pelo tema e aumentar, consequentemente, a venda dos livros.

Cabe destacar que o período histórico narrado bem como a luta separatista e o período do governo independente na região Norte – Grão-Pará e Rio Negro – não são comumente abordados em aulas regulares de História do Brasil em escolas do Ensino Fundamental e Médio, sendo que em um levantamento inicial em livros didáticos de História do Brasil fornecidos pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) para as escolas públicas em 2014 não havia nenhuma citação ao período da Cabanagem (1835-1840). Desta forma, há não somente uma amnésia em relação aos fatos ocorridos neste período naquela região, mas principalmente um desconhecimento.

Neste ambiente, a escolha do romance histórico favorece a recriação literária a partir de fatos históricos que são elementos base para o enredo. Como afirma o pesquisador Jerome de Groot sobre o trabalho dos romancistas em “*The Historical Novel*”: “Os romancistas históricos recolhem os ossos da ‘história’, alguns fatos, alguma atmosfera, algum vocabulário, alguma evidência, e tecem uma história dentro das lacunas”¹⁵ (DE GROOT, 2009, p. 9 - 10) [tradução nossa].

¹⁵ “Historical novelists take the bare bones of ‘history’, some facts, some atmosphere, some vocabulary, some evidence, and weave a story within the gaps” (DE GROOT, 2009, p. 9 - 10).

O contexto histórico da Cabanagem e a narrativa de um personagem comum - ou seja, sem um referencial histórico - favorecem o desenvolvimento do primeiro volume destes romances históricos da tetralogia de Márcio Souza em que as lacunas históricas (“*gaps*”) são muitas para o público em geral. Jerome de Groot analisa esta questão de fatos desconhecidos da história atraírem ainda mais leitores, fato que aumentaria inclusive o interesse comercial:

O elemento educacional da ficção histórica significa que o leitor se aproxima querendo aprender mais sobre algo desconhecido. Isto pode ser, como Lukács, argumenta, o motivo do romance histórico demonstrar a história como um processo, algo que pode falar para qualquer nação e gerar uma sensação de potencial revolucionário independentemente do conteúdo. E, finalmente, a alienação inata da ficção histórica serve para sugerir que ter qualquer consciência prévia tem pouca consequência”¹⁶ (DE GROOT, 2009, p. 97). [*tradução nossa*]

A curiosidade pelo desconhecido e a apresentação da história como um processo tem atraído leitores para este romance publicado há quase vinte anos; como afirmou Forster sobre o público das artes (Cinema, teatro) em geral: “Estes só ficam despertados pelo ‘E depois?’ ‘E depois?’. Tudo o que oferecem é a curiosidade” (2004, p. 108). A temática da guerra, os conflitos deste homem simples e suscetível aos mais variados acontecimentos bem como todo o mistério e a curiosidade que envolvem a Floresta Amazônica mantêm leitores, conquistam novos e muitos ainda aguardam o último volume da tetralogia, ainda não publicado – apesar de o escritor afirmar que esteja pronto desde 2007.

O conteúdo histórico ser totalmente desconhecido da grande maioria dos leitores deste romance não inviabiliza a leitura por não exigir sequer uma consciência prévia sobre o conteúdo e este senso revolucionário citado por De Groot (2009, p. 97) inspira leitores a acompanhar estas memórias históricas ficcionais.

¹⁶ “The educational element of historical fiction means that the reader approaches wishing to learn more about something unknown. It might be that, as Lukács, argues, the motif of the historical novel is its demonstration of history as a process, something which might speak to any nation and engender a sense of revolutionary potential irrespective of content. And finally, the innate alienness of historical fiction serves to suggest that having any prior awareness is of little consequence. (DE GROOT, 2009, p. 97)

3.5 O centro e a periferia

Os romances selecionados apresentam uma temática definida por suas relações entre centro e periferia. A questão principal é que estes textos narram guerras separatistas em regiões distantes do centro de decisões na época (Rio De Janeiro), e por serem províncias localizadas em dois extremos (Norte e Sul) das colônias portuguesas podendo ser consideradas periféricas.

Neste contexto de relações entre centro e periferia no período imperial brasileiro, Balán (1974) busca explicitar da seguinte forma:

O arranjo político imperial, gradativamente sedimentado, expressava relações peculiares do 'centro' e 'periferia'. A classe senhorial, em suas parcelas mais conscientes e politicamente articuladas, como o coloca V. N. Leal, esposando tese de Hermes Lima, se dá conta de que, "num país como o nosso de características geográficas e econômicas tão diversificadas, se as províncias fossem dotadas de amplos poderes, poderia suceder que em algumas delas o trabalho livre pudesse por termo à escravidão". E "como não seria possível a coexistência, no mesmo país, desses dois regimes de trabalho antagônicos, os escravocratas, que dominavam o cenário político nacional, não podiam deixar de recorrer à centralização para resguardar, em todo o Império, a continuação da escravatura. A centralização, dizem os historiadores, salvou a unidade nacional. Também salvou a unidade do trabalho escravo. (LIMA, 1945, citado em NUNES LEAL, 1948; BALAN, 1974, p. 33)

Desta forma, a questão econômica - manutenção da escravidão – favoreceu a manutenção desta unidade nacional, apesar de toda a diversidade em seu vasto território. Desta forma, a república do Grão-Pará se assemelha a dos Sete Povos das Missões por apresentarem características econômicas diferenciadas do restante do país, com o emprego de trabalho livre em oposição à escravidão utilizada nas demais regiões. Estas diferenças levaram ao desejo dos governantes em destruir estes regimes e anexar estes territórios ao Brasil, garantindo a unidade nacional, citada por Balán (1974).

Balán complementa ainda que o máximo de descentralização ficava restrito às províncias e que se a autonomia dos municípios fosse ampliada poderia estimular os anseios das camadas inferiores da população, promovendo uma atividade política mais intensa. Como isto não era interessante aos governantes:

Dúvida houvesse quanto a essas possibilidades, o período da regência as demonstrara à saciedade, pela irrupção ameaçadora não só de descontentamentos regionais das camadas proprietárias, mas também, das reivindicações populares. Os municípios e as províncias deviam estar muito bem atrelados ao centro, onde em conjunção com os interesses da burocracia imperial, os interesses agrários se representavam, sendo defendidos no fundamental mas subjugados no accidental. O accidental eram as veleidades autonomistas e de fortalecimento dos poderes locais, através das eleições, tributação, força policial e administração própria.” (BALÁN, 1974, p. 35)

Estes descontentamentos regionais citados por Balán são representados pelas guerras separatistas desenvolvidas nos romances históricos deste *corpus*, como a Farroupilha e a Cabanagem, que buscaram uma independência para estas regiões como um desejo de diferentes camadas da população.

A divisão entre centro e periferia definida por questões econômicas e políticas é explicada pelo arranjo do federalismo para proteger aos interesses regionais como os de São Paulo e Minas Gerais no início da experiência republicana:

Resumidamente, esse arranjo reconhecia a hegemonia nacional de alguns Estados, principalmente São Paulo e Minas Gerais, garantindo-lhes o controle da máquina do governo federal. Com isso, concentrava-se poder para permitir políticas difíceis, se não impossíveis, no federalismo pleno, quais sejam as de ordem fiscal e monetária, as relativas aos compromissos financeiros externos e as de amparo à lavoura cafeeira. Criavam-se, acima dos interesses locais e regionais, interesses nacionais que eram, em grande parte, os interesses da região economicamente dinâmica do país, e os mecanismos políticos de efetivá-los. A política do centro expressava, pois, os interesses dos Estados hegemônicos. (BALÁN, 1974 p. 39)

É evidente que esta relação não se dava de forma unilateral, pois a mesma não se sustentaria e para que tal manutenção se desse, ocorriam os “acordos” ou “arranjos”:

Como é frequente nos arranjos do poder político sobre um território, ao se definirem centro e periferia, o pacto político da República Velha mantinha em atraso vastas regiões, enquanto deixava ou fazia com que outras progredissem. Nas regiões atrasadas ou em decadência, a dominação tradicional era

mantida, apoiada pelo centro, em troca da manutenção da ordem interna e do apoio eleitoral. (BALÁN, 1974 p. 39)

Esta divisão econômica entre centro e periferia parece estar relacionada ao que o narrador de *Lealdade* (1997) descreve como aquela região ser condenada por algo mesmo sem ter culpa e a impotência da população diante de decisões superiores: “Toda a culpa seria lançada sobre aquelas paragens, elas seriam levadas a julgamento, seriam consideradas um deserto hostil e condenadas, mas seríamos nós a pagar a pena” (SOUZA, 1997, p. 16). Neste fragmento destaca-se o peso deste tipo de acordo que recai sobre os ombros da população mais simples.

Esta reflexão está relacionada também às considerações que Maneco Terra faz sobre a sua decisão de não enviar os filhos para morrer na guerra que era para defender os interesses dos grandes latifundiários e políticos e não do trabalhador comum:

– O major é um patriota, meu pai. Ele precisa de soldados para botar pra fora os castelhanos.
O velho ergueu a cabeça e encarou o filho:
- Patriota? Ele está mas é defendendo as estâncias que tem. O que quer é retomar suas terras que os castelhanos invadiram. Pátria é a casa da gente. (VERISSIMO, 2005, p. 11)

O pensamento do homem do campo que naquela região periférica refletia sobre os interesses das guerras demonstra que mesmo em regiões afastadas o povo tinha consciência dos desmandos e interesses particulares envolvidos em muitas batalhas. Neste contexto, Maneco valorizava a sua própria casa, pois sabia que não poderia contar que outro o fizesse. A “pátria” é defendida como um interesse pessoal, da mesma forma que os políticos e grandes latifundiários defendiam primeiramente os seus interesses pessoais e depois o que conviesse ao interesse “nacional”. Pedro Terra também se incomodava com os altos impostos cobrados pela Corte e a falta de retorno de melhorias para a região. A percepção de que a administração centralizada favorecia algumas regiões em detrimento de outras aparece nas falas dos personagens dos dois romancistas estudados.

Ao tratar de teoria, cultura e sociedade, Mike Featherstone (1994) traça um panorama com diferentes teóricos sobre a questão do nacional e apresenta dois pontos de vista sobre este aspecto:

Um tipo de nacionalismo identifica a comunidade nacional com o centro político do Estado-nação, outros com a periferia contra o centro (ou, pelo menos, contra as práticas de exclusão deste último); a maior diversidade do segundo tipo deve-se a uma maior escolha entre as orientações defensivas e ofensivas”¹⁷ (FEATHERSTONE, 1994, p. 212). [tradução nossa]

Estes dois tipos de orientações sobre o nacionalismo nos remetem a que os escritores pesquisados optaram pelo segundo tipo, em que o ponto de vista periférico é trazido à tona de forma a reduzir as práticas e ações centrais que deixaram estas histórias excluídas ou mal/pouco contadas. Ambos decidem apresentar as histórias de suas regiões periféricas em momentos em que buscaram uma independência da administração centralizada para ter a possibilidade de garantir as peculiaridades regionais e favorecer o desenvolvimento local.

A pesquisadora Candace Slater, em seu livro *Entangled Edens: Visions of Amazon* (2002), apresenta as lendas, narrativas e mitos ligados à Amazônia como o *El Dorado*, a Floresta Virgem, O encontro das águas, o Encantado, o Inferno Verde e o Paraíso. Destaco neste trabalho a presença das águas e sua relação com a população local. Slater, após analisar as narrativas regionais relacionadas com a água, afirma:

Há razões materiais óbvias para que a água, em seu relacionamento em constante mudança com a terra, deva desempenhar um papel essencial em várias dessas narrativas. Os rios têm sido a vida desta "terra das águas". São eles que continuam a conectar estabelecimentos humanos distantes envolvidos por uma floresta muitas vezes inspiradora do medo, que renovam os solos ricos das margens dos rios através de inundações anuais, e eles que definem parcialmente o

¹⁷ "One kind of nationalism identifies the national community with the political centre of the nation-state, another sides with the periphery against the centre (or at the very least, against exclusionary practices of the later); the greater diversity of the second type is due to a wider range of choice between defensive and offensive orientations" (FEATHERSTONE, 1994, p. 212).

movimento humano criando ilhas ou sumariamente retirando pedaços de terra " ¹⁸ (SLATER, 2002, p. 184). [tradução nossa]

A água tem forte presença nas narrativas amazônicas e isto é observado nos romances históricos de Márcio Souza que compõem a tetralogia estudada. É claro que a água é relacionada à manutenção da vida humana em diferentes contextos, mas na Floresta Amazônica ela é responsável pela ligação pluvial entre as populações ribeirinhas reduzindo os perigos dos deslocamentos dentro da mata. O movimento das águas com suas inundações, que favorecem o enriquecimento dos solos, proporciona novas paisagens e inspira narrativas.

Já na primeira frase do primeiro capítulo do romance *Lealdade* o espaço é apresentado com a descrição de que “O rio estava encrespado pelo vento” (SOUZA, 1997, p. 14); em diversas passagens o protagonista cita as águas quando retorna a Belém para descrever o hábito como “o delicioso costume das pessoas se banharem no rio sem nenhuma cerimônia” (SOUZA, 1997, p. 51) e quando reflete sobre o que pensaria ao dizer “Grão-Pará” a primeira citação foi a “presença do rio” (SOUZA, 1997, p. 16), ao fugir pelo rio Tocantins suas reflexões se dão por “estar ali no meio do rio, remando contra o banzeiro” (SOUZA, 1997, p. 16). Há a personificação do rio como uma frágil testemunha dos acontecimentos, pois “o rio seria a única testemunha, e esqueceria, porque jamais se detém.” (SOUZA, 1997, p. 30)

O rio influencia a culinária local e a mistura entre os peixes locais e os temperos portugueses é destacada pelo gosto do padrinho de Fernando, Doutor Bento, pelos peixes. Com destaque para os peixes do Rio Negro, como o tambaqui e o jaraqui:

Ele mesmo os preparava, com um refinamento que unia a tradição milenar dos avoengos aos temperos portugueses.
- Nossa civilização será assim – ele dizia. - A feliz junção entre duas cozinhas deliciosas. (SOUZA, 1997, p. 134)

¹⁸ “There are obvious material reasons why water, in its ever-changing relationship to the land, should play an essential role in a number of these narratives. Rivers have long been the lifetime of this “land of the waters”. It is they that continue to connect far-flung human settlements hemmed in by an often fear-inspiring forest, they that renew the rich soils of the riverbanks through yearly flooding, and they that partially define human movement by creating islands or summarily carting off whole chunks of land” (SLATER, 2002, p. 184).

Mais uma vez um personagem busca prever como seus gestos iriam influenciar a cultura local. Nesta constatação de Bento fica evidente a forma como alguns hábitos culinários foram se desenvolvendo a partir das junções de tradições do colonizado às do colonizador.

As misturas que caracterizam a culinária local são destacadas também ao descrever as bancas de comidas vendidas nas ruas de Belém em 1817: "Cheiro de peixe frito, de miúdos no azeite, uma poética alimentar portuguesa que se misturava com banana verde frita, pupunha cozida e vinho de açaí, sabores da selva" (SOUZA, 1997, p. 148). Neste trecho que retrata a presença de comidas de diferentes origens, há a valorização da cozinha portuguesa com o uso do termo "poética" da mesma forma que no exemplo anterior foi utilizado o termo "refinamento" para descrever o uso de temperos portugueses em peixes amazônicos. O ponto de vista do protagonista também estabelece uma relação de superioridade ou refinamento e poesia aos hábitos alimentares portugueses em oposição aos "sabores da selva" que mesmo considerada deliciosa nas palavras do padrinho, recebe a descrição de ser uma tradição familiar milenar, simplesmente herdada, sem outras adjetivações que a destacassem.

Frente ao exposto, observa-se que as regiões periféricas representadas nos textos literários apresentam, em alguns momentos, características semelhantes como o emprego do trabalho livre e o desejo de uma administração local dos recursos e tributos por observarem a falta de clareza em seu uso quando enviados à Corte, para a administração central. A insatisfação geral se diferencia nas escolhas da forma literária de cada autor, pois Erico Verissimo arquiteta e realiza um amplo panorama de formação da região Sul inspirada pela esperança na possibilidade de mudanças, enquanto Márcio Souza planeja e executa seu projeto que apresenta visões fragmentadas sobre uma espécie de possibilidade gorada em que a desilusão e a amargura pelo fracasso da independência desacreditam em possibilidades de mudanças, demonstrando a apatia generalizada. Enquanto diversos personagens ao longo da narrativa de Verissimo afirmavam ter esperança e expectativa de um futuro mais igualitário e com justiça, na de Souza é a frustração que domina os narradores que já demonstram o desânimo pela não realização e, pior, pelo esquecimento daquele período de lutas.

Os contextos de produção diferentes, sendo um em meados do século XX e o outro em seu final e início do século XXI, com diferentes perspectivas sociopolíticas no Brasil, determinaram o sentimento que dominou as narrativas que poderiam ser relacionados com esperança *versus* apatia. Os dois autores apresentam as lutas sociais e as tentativas em alcançar justiça social e equilíbrio econômico, além de retirar do esquecimento episódios importantes da história do país. As mulheres se posicionam, são críticas, lutam para divulgar ideias ou defender familiares, enfrentam autoridades, mesmo quando deixadas à margem do poder de decisões, buscam outros caminhos para se expressar – como com a Sociedade das Novas Amazonas. Tanto as lutas como os romances buscavam retirar do isolamento e/ou esquecimento estas regiões periféricas e trazê-las para novas discussões e, talvez, para inspirar mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda no século XXI, observamos tentativas separatistas no território sul do país. Em julho de 2016, houve uma tentativa de realizar um plebiscito informal no mesmo dia das eleições municipais e com urnas próximas aos locais regulares de votação, organizado por moradores voluntários da região Sul que defendem o lema “O Sul é o meu país”. Esta notícia foi veiculada por redes sociais, além da imprensa regional, chegando a ganhar repercussão em mídias nacionais como a *Folha de S. Paulo* (edição de 25 jul. 2016). Inicialmente, o promotor entrevistado informou que a votação não teria legalidade, mas seria permitida. Para ter força legal deveria passar pelo Congresso Nacional e seguir as Leis Eleitorais brasileiras.

No dia seguinte, o TRE/SC proibiu que fosse realizado este plebiscito porque tentar desmembrar parte do território brasileiro é considerado crime com pena de prisão (4 a 12 anos) como descrito a seguir: “O crime citado pelo TRE está previsto na lei 7.170, no artigo 11. A punição para quem apenas “incitar” a separação é um pouco mais leve: de um a quatro anos, conforme o artigo 23 da mesma lei” (*Folha de S. Paulo*, 26 jul. 2016). Neste contexto é possível observar que algumas ideias defendidas no período da Farroupilha, mesmo sendo proibidas pela Lei, continuam presentes em nossa sociedade.

A narrativa de decepções, desenganos e desânimo quanto ao futuro acompanha a trajetória do protagonista do romance *Lealdade* (1997), Fernando, que apresenta suas reflexões quanto ao que esperava para aquela terra:

Queríamos que ela fosse uma Europa, uma Europa de olhos oblíquos, um arremedo de farrapos e pragas, preguiça e luxo. O horizonte do rio não podia ser maior que nossas convenções sociais, nossas roupas e porcelanas, onde os índios, o beiju e os músculos de bronze não seriam mais que uma gentil manifestação de uma bela lembrança a se esgarçar. O resultado é que acabamos nos comprazendo com o drama grotesco de todos os exilados, sempre abandonados num porto, esperando a hora de partir. (SOUZA, 1997, p. 190)

O sonho de que aquela terra fosse um arremedo de Europa já traduz o sentimento de inferioridade em relação ao Velho Mundo. O estereótipo de terra de preguiçosos aparece em meio à enumeração de culturas importadas como

as convenções sociais, as roupas e as porcelanas em oposição às culturas locais dos índios, do beiju e dos músculos de bronze.

A realidade vista como uma população que está ali vivendo como um exilado e não como alguém que deseja permanecer e fazer daquela terra a sua nação, corrobora com a noção de que naquela terra não havia um comprometimento geral com o local, pois muitos estavam ali apenas esperando pelo momento de partir, como se naquele lugar não pudessem construir nada.

Este sentimento de abandono destacado pelo narrador se relaciona à não identificação com a terra. Esta falta de identificação e a desvalorização das características locais prejudicam a construção e o desenvolvimento de uma identidade para o local. Por mais que o protagonista tenha evoluído seus pensamentos quanto à terra em que nasceu, absorvido hábitos e costumes locais, se identificado com as lutas por uma independência e pela possibilidade de um futuro diferente para o Grão-Pará há em muitos momentos uma comparação com a Europa que continua mostrando o que é local de forma desvalorizada, inferior.

A localização da cidade de Belém, além de possuir um porto que favorecia a chegada e a partida de embarcações de/para diferentes regiões do mundo, promovia um intercâmbio cultural maior do que se comparássemos a uma cidade distante do mar, como a fictícia Santa Fé, de Erico Verissimo. É claro que a facilidade de acesso ao mar facilitava o contato com pessoas vindas de diferentes locais e alimentava o desejo na população de também buscar conhecer, estudar ou viver em novos lugares. O isolamento de uma cidade sem porto no século XIX seria maior, favorecendo sua relação com a terra, fixando mais as famílias naquele lugar, contrastando com a Belém daquele período em que, para muitos, era uma cidade de passagem, onde os laços não seriam fixados.

Erico Verissimo se propõe a elaborar um panorama histórico e cultural da região sul do Brasil e o realiza com maestria, apresentando uma narrativa que se volta ao passado e o descreve encantando e envolvendo o leitor na história destas famílias que acompanham a constituição e o povoamento da região com a chegada de imigrantes europeus, como os alemães e os italianos, os conflitos com os castelhanos e as relações de comércio com as demais regiões, sem

perder a crítica às desigualdades econômicas e sociais que já se evidenciavam naquele período e permanecem até a finalização da trilogia.

Márcio Souza, ao olhar para a história esquecida de sua região e o reconhecimento que Erico Verissimo conseguiu para o Sul, também se propõe a elaborar um panorama histórico e cultural sobre o Norte do país. O projeto que começou a ser publicado há mais de vinte anos, em 1997, apresenta uma proposta diferente por utilizar um narrador-personagem diferente em cada volume – que retomam e contam outras versões para os fatos – dificultando o acompanhamento dos acontecimentos vivenciados pelos protagonistas. As críticas aparecem mais dirigidas ao processo de anexação do território ao Império do Brasil e menos às desigualdades econômicas e sociais, provavelmente pelos narradores pertencerem/participarem à/da elite local. A opção pelos narradores-protagonistas limita o ponto de vista a que o leitor tem acesso, além de se apresentar uma narrativa tomada pelo ressentimento, amargura e decepções pelo processo político enfrentado e seu resultado em suas vidas pessoais.

Os dois projetos foram realizados de forma diferente e têm propostas opostas – um apresenta a construção e formação de uma região e de uma família, enquanto o outro propõe a desconstrução e o desfazimento de uma região e a não formação de uma família. Neste âmbito destaca-se o contexto de produção destes romances que são elaborados com cinco décadas de distanciamento em situações históricas brasileiras diferentes. Erico escreveu sua trilogia nos anos de 1940 e 1950, quando o Brasil estava na chamada Era Vargas, e havia a preocupação com os aspectos sociais e esperanças de modificações políticas. Já Márcio escreveu no final de 1990 e início dos anos 2000, quando o país já estava em uma democracia, chamado de período de “perturbadora acomodação” (ANTUNES, 2015, p. 28) por Benedito Antunes, o que influenciou a narrativa fragmentada e marcada pela desilusão.

As diferentes escolhas narrativas, bem como o contexto de produção, influenciaram nos resultados obtidos, mas Erico Verissimo cumpriu plenamente o seu panorama da região sul do Brasil sendo, ainda atualmente, lido e inspirando versões de sucesso para o cinema e televisão, enquanto Márcio teve somente o primeiro volume premiado pela crítica e ainda não finalizou sua tetralogia - tendo o último volume anunciado desde 2005, mas ainda não

publicado – garantindo com os três volumes já publicados, visões fragmentadas da história da região, demonstrando o contexto caótico que envolve a narrativa.

O contexto de produção dos romances deste *corpus* apresenta-se como determinante para as diferentes escolhas dos autores, pois as publicações de Erico Verissimo ocorreram antes de 1964, período brasileiro em que ainda havia a esperança e a ilusão de um possível sucesso a partir de lutas pelas transformações sociais, diferentemente das publicações de Márcio Souza que ocorreram num contexto em que restaram poucas ilusões quanto à luta pela transformação social, apresentando uma narração contaminada pelo rescaldo do insucesso (ANTUNES, 2015). Este contexto de desilusão domina todos os volumes da tetralogia até agora conhecidos de Márcio tendo seus diferentes narradores tomados pelo ressentimento, pela tristeza e a amargura pela não-realização de um país possível. Os romances parecem demonstrar que, apesar de todas as lutas pelos ideais, sofrimentos para alcançar seus objetivos e esperanças depositadas, todos já tinham consciência antecipada de que seria em vão. O sofrimento é por algo que poderia ter sido, mas não foi e todos pareciam saber/prever que nunca chegaria a ser. É a desilusão diante de uma realidade não desejada. Esta desilusão se opõe ao período de Verissimo em que ainda havia a ilusão de que seria possível ter um país diferente e que as lutas pelas causas sociais poderiam almejar o tão desejado sucesso.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. A posição do narrador no romance contemporâneo. In: **Nota de Literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. Duas Cidades; Ed. 34. São Paulo. 2003.

A ÉPOCA. Uma Revista de Cultura. Caxias do Sul – RS, 23 fev. 1941.

A ÉPOCA. Para você, Leitora. Caxias do Sul – RS, 16 abr. 1943.

ANTUNES, Benedito. Romance e Política no Brasil. In: VAZQUEZ, Raquel Bello; SAMARTIM, Roberto; FEIJÓ, Elias J. Torres; BRITO-SEMEDO, Manuel. (Org.). **Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Brasileiras**. 1ed. Santiago de Compostela: Associação Internacional de Lusitanistas, 2015, v. 1, p. 25-33.

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BALÁN, Jorge. **Centro e periferia no desenvolvimento brasileiro**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1974.

BARTHES, Roland. El Discurso de la História. In: _____. **Estructuralismo y literatura**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1972.

BHABHA, Homi. **Nation and Narration**. Oxon: Routledge, 1990.

BOOTH, Wayne C. **La retórica de la ficción** [The rhetoric of fiction]. Barcelona: Bosch Casa Editorial, 1974.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um Sargento de Milícias. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67- 89.

CHIARELLO, Antonio. Érico Veríssimo, plagiário. **O Momento**. Caxias do Sul – RS, ed. 343, 09 Out.1939.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro, 09 ago. 1940.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro. 11 dez. 1949.

CORREIO da Manhã. Rio de Janeiro. 23 set. 1949.

CORREIO da Manhã. Vida Literária. Rio de Janeiro. 01 jan. 1950.

CORREIO da Manhã. Um 'eixo intelectual' Porto Alegre-Recife. 03 dez. 1940.

DE GROOT, Jerome. **The historical Novel**. 1st ed. (The new critical idiom). London and New York: Routledge Taylor& Francis Group, 2009.

DORNELLES, Laura de Leão. Guerra Farroupilha: considerações acerca das tensões internas, reivindicações e ganhos reais do decênio revoltoso. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, vol. 2 N° 4, dez. 2010.

ESTEVES, Antônio R. **O romance histórico brasileiro contemporâneo** (1975 – 2000). São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FACHEL, José Plínio Guimarães. **Revolução Farroupilha**. Pelotas: Ed. da UFPEL, 2002.

FAGUNDES, Morivalde Calvet. **História da Revolução Farroupilha**. 3^a. Ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1984.

FEATHERSTONE, Mike. *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*. London: Sage Publication, 1994.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.

FONSECA, Mário. **A Época**. Caxias do Sul – RS, ed. 230, 03 mai. 1943.

FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance** [Aspects of the Novel]. Trad. Sergio Alcides. São Paulo: Globo, 2004.

GOMES, Márcia Letícia. **“Como nuvens que jamais seriam chuvas”**: A história, a escrita literária e a memória da Cabanagem nas Crônicas do Grão-Pará e Rio de Negro de Márcio Souza. Tese de Doutorado. Rio Grande/RS: FURG, 2017.

HARDMAN, Francisco Foot. Revolta. Na Planície do esquecimento: a grande falha Amazônica. In: SOUZA, Márcio. **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 19. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2005b.

HOLLANDA, Chico Buarque de. **Estorvo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

HUTCHEON, Linda. O alcance pragmático da paródia. In: _____. **Uma teoria da paródia** [A theory of parody]. Ensinaamentos das formas de Arte do século XX. Trad. Teresa Louro Pérez. Lisboa: Ed.70,1989.

JORNAL do Brasil. Um gaúcho sem esporas. Rio de Janeiro, 21 dez.1968.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto**. Rio: Livraria Forense, 1948.

LEFEBVE, Maurice-Jean. **Estrutura do discurso da poesia e da narrativa**. Coimbra: Livraria Almedina, 1975.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. São Paulo: Ática, 2000.

LIMA, Hermes. **Notas à Vida Brasileira**. São Paulo, 1945.

LIMA, Simone de Souza. **A literatura da Amazônia em foco**: ficção e história na obra de Márcio Souza. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2001.

LINS, Álvaro. Ensaaios portugueses. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 14 set. 1940.

LINS, Álvaro. Crítica Literária – Ficção. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 08 mai. 1943.

LINS, Álvaro. Crítica Literária – Romances. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 04 jan. 1941.

LOUSADA, Wilson. Problemas do romance brasileiro. **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 08 jul. de 1945.

LUBBOCK, Percy. **A técnica da ficção**. São Paulo: Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

MENTON, Seymour. **La nueva novela de la América Latina: 1979-1992**. México: FCE, 1993.

MESQUITA, Maria Cláudia de. **Literatura e História: uma leitura de Lealdade (1997)**, de Márcio Souza. Dissertação de Mestrado. Assis: FCL - UNESP, 2009.

MONTEIRO, Lorena Madruga. **O resto não é silêncio: Polêmica e polarização do campo intelectual em Porto Alegre nos anos de 1940**. Perspectivas: São Paulo, v. 40, p. 121-143, jul./dez. 2011.

MOTA, Myriam Becho. **História: das cavernas ao terceiro milênio: volume único**/ Myriam Becho Mota, Patrícia Ramos Braick. São Paulo: Moderna, 1997.

NASSAR, Raduan. **Um copo de cólera**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de. **Elogio da diferença**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

O MOMENTO. Caxias do Sul (RS), ed. 429, 02 Jun.1941.

O MOMENTO. Caxias do Sul (RS), ed. 294, 24 out.1938.

O MOMENTO. Caxias do Sul (RS), ed. 149, 26 dez.1935.

O MOMENTO. Ecos de um incidente literário. Caxias do Sul – RS, ed. 610, 09 dez. 1944.

PERUFFO, Italino. Imaginação. **O Momento.** Caxias do Sul – RS, 17 mar. 1945.

PERUFFO, Italino. Reflexões sobre a arte do romance. **O Momento.** Caxias do Sul – RS, ed. 778, 13 mar. 1948.

PERUFFO, Italino. Reflexões sobre a arte do romance. **O Momento.** Caxias do Sul – RS, ed. 779, 20 mar. 1948.

PERUFFO, Italino. Reflexões sobre a arte do romance. **O Momento.** Caxias do Sul – RS, ed. 780, 27 mar. 1948.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; LEENHARDT, Jacques; LEITE, Lúcia Chiappini M.; AGUIAR, Flávio. **Érico Veríssimo: o romance da história.** Texto e entrevista inéditos de Antonio Candido de Mello Souza. São Paulo: Nova Alexandria, 2001.

PINTO, Neide Gondim de Freitas. **A representação da conquista da Amazônia em Simá, Beiradão e Galvez, Imperador do Acre.** Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: PUC, 1982.

PONTES FILHO, Raimundo Pereira. **Estudos de história do Amazonas.** Manaus: Valer, 2000.

POUILLON, Jean. **O tempo no romance**. Trad. Heloysa de Lima Dantas. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1974.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

REIS Jr., Sérgio. *A respeito de “O Tempo e o Vento”*. Semana Literária. **Revista da Semana**. Rio de Janeiro, ed. 0015, 15 abr. 1950.

REVISTA da Semana. *Fora do Prelo*. Rio de Janeiro, ed. 0037, 16 set. 1950, p. 13.

REVISTA da Semana. *Pequenas Notas*. Rio de Janeiro, Ed. 0014, 08 abr. 1950, p. 15.

REVISTA da Semana. Rio de Janeiro, Ed. 006, 11 fev. 1950, p. 15.

REVISTA Manchete. Erico Verissimo: um solo de clarineta. [Rosa Freire d’Aguiar]. Rio de Janeiro, 04 ago.1973.

REVISTA Realidade. Um escritor diante do espelho. São Paulo, nov. 1966.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. In: **Tempo**. 11 (22): 5-30, 2007.

SLATER, Candace. **Entangled Edens: Visions of Amazon**. London: University of California Press, 2002.

SOUZA, Márcio. **Lealdade**. São Paulo: Marco Zero, 1997.

SOUZA, Márcio. **Desordem**. São Paulo: Record, 2001a.

SOUZA, Márcio. **Revolta**. São Paulo: Record, 2005a.

SOUZA, Márcio. **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 19. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2005b.

SOUZA, Márcio Souza - Entrevista: [S.I.], 2001b. Disponível em: <http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=1425&id_entrevista=120>. Acessado em: 30 nov. 2017.

SOUZA, Márcio. **Discurso de posse na Academia Amazonense de Letras**, 2004. Disponível em: <http://www.marciosouza.com.br/coluna/DISCURSO_DE_POSSE.doc>. Acessado em: 20 jul. 2018.

SPERBE, Paula. Tribunal proíbe plebiscito informal em SC para separar região sul do país. São Paulo, **Folha de S. Paulo**. 26 jul. 2017. Poder.

SPERBE, Paula. Grupo organiza plebiscito informal para separar o Sul do resto do país. São Paulo, **Folha de S. Paulo**. 25 jul. 2017. Poder.

THIERION, Brigitte Cavagnal. **Regards sur l'Amazonie Fiction Histoire Identité dans l'oeuvre de Márcio Souza**. Tese de Doutorado. França: Université Rennes 2, 2010.

VERISSIMO, Erico. **Ana Terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

VERISSIMO, Erico. **O resto é silêncio**. Porto Alegre: Globo, 1943.

VERISSIMO, *Erico*. **Caminhos Cruzados**. *Porto Alegre: Globo, 1934*.

VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**, parte I, O Continente 1 / O Continente 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

VERISSIMO, *Erico*. **Olhai os Lírios do Campo**. *Porto Alegre: Globo, 1938*.

VERISSIMO, Erico. **Cadernos de Literatura Brasileira**, n. 16. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2003.

WISKER, Gina. **Key Concepts in Postcolonial Literature**. New York: Palgrave Macmillan. 2007.

ZALLA, Jocelito. Os homens-fronteira: problemas históricos e soluções ficcionais em Erico Verissimo. Campinas-SP, **Remate de males** (36.2): pp. 461-479, jun./dez. 2016.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1980.

ZILBERMAN, Regina. O Tempo e o Vento: história, mito, literatura. **Letras de Hoje** (PUC/RS) set. 1986.

ZILBERMAN, Regina. Um romance para todos os tempos. Prefácio. In: VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento**, parte I, O Continente 1 / O Continente 2. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.